

ALICE A. BAILEY



DE BELÉM AO CALVÁRIO



ALICE A. BAILEY

DE BELÉM AO CALVÁRIO

As Iniciações de Jesus

Editado para:
LUCIS PUBLISHING COMPANY NEWYORK

Copyright 1965 © por Lucis Trust
Primeira edição, 1937
Terceira edição, 1968 (revista)
Quarta edição, 1972 (brochura)
Primeira edição em português, 1976, da edição de 1972

Tradução autorizada, por membros da FUNDAÇÃO CULTURAL- AVATAR, com sede em Niterói, Rio de Janeiro, BRASIL

Dedicado a
M. VICTOR FOX

Como afetuoso reconhecimento por seu companheirismo no serviço prestado e por seu compreensivo coração.

CONTEÚDO

A grande invocação	04
Prefácio	05
<i>Capítulo I</i>	
Notas preliminares sobre a iniciação	07
<i>Capítulo II</i>	
A primeira iniciação - O nascimento em Belém	25
<i>Capítulo III</i>	
A segunda iniciação - O Batismo no Jordão	57
<i>Capítulo IV</i>	
A terceira iniciação: A transfiguração sobre uma alta montanha	85
<i>Capítulo V</i>	
A quarta iniciação: A crucificação	108
<i>Capítulo VI</i>	
A quinta iniciação: A Ressurreição e Ascensão	141
<i>Capítulo VII</i>	
Nosso objetivo imediato: A fundação do Reino	156

A GRANDE INVOCAÇÃO

Do ponto de Luz na Mente de Deus
Flua luz às mentes dos homens;
Desça a Luz à Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
Flua amor aos corações dos homens;
Volte Cristo à Terra.

Do centro onde a vontade de Deus é conhecida,
Guie o propósito as pequenas vontades dos homens;
O propósito que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que chamamos raça dos homens,
Cumpra-se o Plano de Amor e Luz
E mure-se a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano na Terra.

"A Invocação ou Oração acima não pertence a nenhuma pessoa ou grupo, mas a toda a Humanidade. A beleza e a força desta Invocação repousam em sua simplicidade e em sua expressão de certas verdades centrais que todos os homens, inata e normalmente, aceitam a verdade da existência de uma Inteligência básica a Quem nós vagamente damos o nome de Deus; a verdade que por trás de toda aparência exterior, o poder motivador do universo é o Amor; a verdade que uma grande Individualidade veio à terra, chamada pelos cristãos, o Cristo, e encarnou aquele amor de modo a que o pudéssemos compreender; a verdade que tanto o amor como a inteligência são efeitos do que é chamada a Vontade de Deus; e, finalmente, a verdade auto-evidente que somente através da própria humanidade pode o Plano Divino realizar-se."

Alice A. Bailey

PREFÁCIO

Este livro é dado à luz com o ardente desejo de que seus efeitos sejam inteiramente construtivos e levem a uma maior profundidade a nossa crença em Cristo, assim como a um mais amplo reconhecimento da obra que veio iniciar. Muitos anos de trabalho, como evangelista e como mestre no campo dos princípios cristãos, em difícil período, no qual tive que encarar o problema de minha própria relação com o Cristo e com o cristianismo, levaram-me a dois reconhecimentos, definidamente claros e precisos: primeiro, o da realidade da Individualidade de Cristo e da Sua Missão; e segundo, o reconhecimento de que o desenvolvimento da Consciência e da Natureza Crísticas, tanto no homem como indivíduo, como na humanidade como um todo, contém em si a solução de nossos problemas mundiais. De todo o coração, reporto-me às palavras de Arthur Weigall:¹

1 - *The Paganism in Our Christianity*, pág. 16.

"Todavia, o Jesus da história, diverso do Jesus da teologia, continua sendo "o caminho, a verdade e a vida"; e estou convencido de que, se nos concentrarmos na figura histórica de Nosso Senhor e nos Seus ensinamentos, somente isto bastaria para inspirar, neste século XX, a veemente adesão e a prestação de serviço que, em séculos anteriores, o homem comum demonstrava, mediante a exposição dos dogmas teológicos, a ameaça do Inferno e a celebração de complicados ritos e cerimônias".

O reino de Deus se acha, atualmente, em processo de rápida formação, como todos aqueles que possuem uma visão do futuro e uma conscientização da beleza e da divindade do homem, rapidamente emergentes, podem testemunhar. Estamos passando por um período de transição entre a antiga e a nova eras, e a verdadeira missão do Cristo, tão profunda e frequentemente empanada pelas disputas e implicações teológicas, encerra em si a revelação futura. O desenvolvimento da humanidade assegura o reconhecimento do Cristo e de Sua obra e de Sua consciente participação no reino de Deus.

A evocação consciente da vida do Cristo no coração humano e nossa rápida integração no reino de Deus, são as tarefas imediatas que nos esperam, corporificando a nossa responsabilidade, oportunidade e destino.

Para terminar, desejo agradecer aos senhores Wilham Cummings e Alan Murray, pela ajuda voluntária e inteligente que me prestaram, possibilitando o lançamento deste livro.

De Belém ao Calvário

De todos os que buscaram meu berço em Belém,
escutando uma vez e seguindo uma estrela,
Quantos me acompanharam ao Calvário?
Estava longe, em demasia.

A glória envolvia o menino da manjedoura,
e também a esperança dos homens que lutavam pelo perdido.
Mas essa esperança colmada, lhes chegou através de minha coroa de espinhos
E através de minha cruz.

A verdade foi minha espada e a dor meu apoio,
que conferi àqueles que continuaram minha senda.
Um jumento ajaezado foi o corcel,
que escolhi para cavalgar.

Assim passou a glória de Belém,
e os dons dos Reis e dos Magos do Oriente;
assim passaram as multidões e apenas doze
estiveram no festim.

De humilde pão servido no aposento do alto
onde a triste taça passou de mão em mão,
como prova de meu amor por toda a humanidade na terra

Quando em Getsêmani orei em solidão,
rogando se apartasse o cálice mais amargo,
não puderam comigo velar uma hora sequer
até à Alvorada!

Muitos buscaram meu berço em Belém,
escutando uma voz e seguindo uma estrela,
porém, apenas Simão me seguiu até ao Calvário.
Estava longe, em demasia.

H. Le Gallienne

Reproduzido com a permissão de
The Neto York Times e do Autor.

CAPÍTULO I

NOTAS PRELIMINARES SOBRE A INICIAÇÃO

PENSAMENTO CHAVE

"Existe um desejo humano por Deus; mas há, também, um desejo divino pelo homem. Deus é a ideia suprema, a suprema preocupação e o supremo desejo do homem. O homem é a ideia suprema, a preocupação e o desejo supremos de Deus. O problema de Deus é um problema humano. O problema do homem é um problema Divino O homem é a contraparte de Deus e o Seu bem-amado, de quem espera a reciprocidade de amor. O homem é a outra pessoa do Divino mistério. Deus necessita do homem. Sua vontade é não somente que Ele exista, mas que existam também o homem, o Amante e amado".

Wrestlers with Christ,
por Karl Pfleger, pág. 236

1

Estamos no limiar de uma nova era religiosa. As atuais tendências espirituais vão-se definindo, cada vez mais. Os corações dos homens nunca estiveram mais abertos que agora, à impressão espiritual, e a porta de comunicação para o próprio centro da realidade está franqueada, de par em par. Entretanto, este significativo desabrochar tende, paralelamente, à direção contrária, e as filosofias materialistas, assim como as doutrinas negativistas, prevalecem, mais e mais. Para muitos, toda a questão da validade da religião cristã está, ainda, por se definir. Sustenta-se que o cristianismo fracassou e que o homem não necessita do relato do Evangelho, com suas implicações de divindade e seu apelo ao serviço e ao sacrifício.

Será o Evangelho historicamente verdadeiro? Trata-se de uma narrativa mística de excepcional beleza e real valor educativo que, não obstante, carece de importância vital para os homens e mulheres inteligentes, tão orgulhosos, em nossos dias, de seus poderes de raciocínio, de sua independência em relação aos antigos impedimentos mentais e às velhas e poeirentas tradições? No tocante à perfeição do caráter de Cristo, não existe restrição alguma. Os inimigos do cristianismo admitem Sua excepcionalidade, Sua básica profundidade, Sua compreensão dos corações dos homens. Reconhecem o elevado alcance de Suas ideias e as apoiam em suas próprias filosofias. Os desenvolvimentos que o Carpinteiro de Nazaré provocou na trama da vida humana, Seus ideais sociais e econômicos, aliados à beleza da civilização que se poderia fundar sobre os ensinamentos éticos contidos no Sermão da Montanha, são destacados, com frequência, por muitos que se negam a reconhecer Sua missão como expressão da divindade. Do ponto de vista racional, a questão da autenticidade histórica de Sua vida permanece, ainda, sem solução,

conquanto o Seu ensinamento sobre a Paternidade de Deus e a irmandade do homem, esteja corroborado pelas mentalidades mais proeminentes da raça. Os que podem transitar no mundo das ideias, da fé e da experiência viva, dão testemunho de Sua divindade e da nossa possível aproximação a Ele. Este depoimento é, porém, apressada e frequentemente considerado como místico, fútil e carente de provas. A crença individual, de resto, não é de valor para ninguém, exceto para o próprio crente ou, no que tende a acrescentar o testemunho, até assumir proporções tais que, com o tempo, se converta em uma prova. Estribar-se em um "tipo de crença" pode indicar uma experiência vivente, mas também pode constituir, de outra parte, uma espécie de auto-hipnose ou uma "via de escape" para as dificuldades e os problemas da vida cotidiana. O esforço por compreender, por adquirir experiência, por experimentar e expressar o que se conhece e crê é, não raro, demasiadamente difícil para a maioria, e esta então se apoia em uma crença baseada no testemunho daqueles que inspirem confiança, como a forma mais fácil de sair do impasse.

O problema da religião e o do cristianismo ortodoxo não são uma e a mesma coisa. Grande parte da descrença e da crítica que nos circundam, como também a negação do que admitimos como verdades, se fundamenta no fato de que a religião foi substituída por um credo e a doutrina ocupou o lugar da experiência viva. A experiência viva é a nota chave deste livro.

Talvez, outra razão por que a humanidade atualmente creia tão pouco ou duvide tão lamentavelmente do que se crê, seja o fato de haverem os teólogos tentado tirar o cristianismo do lugar que ocupa no esquema das coisas e passado por alto sobre a sua posição, na ampla continuidade da revelação divina. Esforçaram-se por acentuar sua excepcionalidade, considerando-a por inteiro como uma isolada e independente expressão da religião espiritual. Com isso, destroem o cenário, abalam seus fundamentos e tornam difícil para a mente humana que se desenvolve continuamente, aceitar sua apresentação. Não obstante, Santo Agostinho nos diz que "a denominada religião cristã existiu entre os antigos e nunca deixou de existir, desde o começo da raça humana até o aparecimento do Cristo, época em que a verdadeira religião, que já existia, começou a chamar-se cristianismo".¹ A Sabedoria que expressa relação com Deus; as indicações do roteiro que guiam nossos errantes passos de retorno ao lar do Pai e os ensinamentos que trazem a revelação, têm sido sempre os mesmos, através das idades e idênticos aos que o Cristo transmitiu. Este corpo de verdades internas e esta riqueza de conhecimentos divinos sempre existiram, desde tempos imemoriais. Tal é a verdade que o Cristo revelou, porém Ele fez mais, Ele revelou em Si mesmo, e através da história de Sua vida, o que estes conhecimentos e sabedoria poderiam fazer pelo homem. Demonstrou, ademais, a total expressão da divindade em Si próprio e depois instou Seus discípulos a fazerem o mesmo.

1 - Citado por N. Kingsland, em *Religion in the light of Teosophy*.

Na continuidade da revelação, o Cristianismo entra em seu ciclo de expressão sob a mesma lei divina que rege toda manifestação - a Lei do Aparecimento Cíclico. Esta revelação passa pelas fases de todas as manifestações da forma, ou aparências e, em seguida, do crescimento e desenvolvimento e, finalmente (quando o ciclo se aproxima de seu termo), da cristalização, com uma gradativa e constante ênfase posta sobre a letra e a forma, até que a morte desta mesma forma se torne inevitável e oportuna. Entretanto, o espírito continua a viver e a assumir novas formas. O Espírito do Cristo é imortal e, assim

como Ele vive eternamente, o que Ele encarnou para demonstrar esta eternidade também deve perdurar. A célula no útero; a etapa do pequenino; o desenvolvimento da criança até converter-se em homem - a tudo isto Ele Se submeteu, passando por todos os processos que configuram o destino de cada filho de Deus. Devido a esta submissão e porque "aprendeu a obediência por aquilo que padeceu"²; confiou-se em que Deus por Ele fosse revelado ao homem e (se assim se pode dizer) também revelado a Deus o divino no homem. Pois os Evangelhos demonstram que o Cristo proclamava, continuamente, este reconhecimento do Pai.

2 - Hebreus, 5:8.

A longa continuidade da revelação é nossa mais preciosa herança e nela a religião do Cristo se deve encaixar, como o faz. Deus nunca ficou sem testemunho e jamais ficará. Com frequência esquecemos o lugar que o cristianismo ocupa como realização do passado e como degrau para o futuro, sendo esta, talvez, a razão por que se fale de um cristianismo fracassado e se espere por essa revelação espiritual que nos parece tão necessária. A não ser que seja dada ênfase a esta continuidade e ao lugar que nela ocupa a fé cristã, pode a revelação chegar a não ser reconhecida.

"Diz-se que todo país da antiguidade considerado possuidor de uma civilização, dispunha de uma Doutrina Esotérica, um sistema denominado SABEDORIA, e aqueles que se dedicavam ao Seu prosseguimento eram chamados, primeiramente, de eruditos, ou sábios... Pitágoras denominou a este sistema... Gnose, ou Conhecimento das coisas existentes. De acordo com a nobre designação de SABEDORIA, os antigos mestres, os sábios da Índia, os magos da Pérsia e da Babilônia, os videntes e profetas de Israel, os hierofantes do Egito e da Arábia, bem como os filósofos da Grécia e do Ocidente, abarcaram todo o conhecimento que consideravam como essencialmente divino; classificando parte como esotérico e o restante como externo".³

3 - *The Secret Doctrine*, de H. P. Blavatsky, vol. III pág. 55.

Conhecemos muito sobre o ensinamento exotérico. O cristianismo ortodoxo e teológico se fundamenta nele, assim como todas as formulações ortodoxas das grandes religiões; entretanto, quando se despreza a instrução sobre a sabedoria interna e se ignora o aspecto esotérico, desaparecem o espírito e a experiência prática viva. Ocupamo-nos dos detalhes de forma externa da fé e nos esquecemos, lamentavelmente, do significado interno, que proporciona vida e salvação ao indivíduo e à humanidade. Batalhamos arduamente pelo não essencial das interpretações tradicionais, e não ensinamos o segredo e a técnica da vida cristã. Repisamos, insistentemente, sobre os aspectos doutrinários e dogmáticos, deificando a letra, enquanto a alma do homem clamava, todo o tempo, pelo espírito de vida, oculto sob a letra. Apaixonamo-nos pelos aspectos históricos da narração evangélica, pelo elemento tempo, pela exatidão verbal das numerosas traduções; não percebemos, porém, a verdadeira magnificência da realização do Cristo e o significativo ensinamento que encerra para o homem e para a humanidade. O drama de Sua vida e Sua aplicação prática às vidas de Seus seguidores se perderam de vista na indevida importância dada a certas frases que se Lhe atribuem, enquanto que o que expressou em Sua vida, e as relações que repisou e considerou implícitas em Sua revelação, foram totalmente ignoradas.

Defendemos o Cristo histórico e, na luta, perdemos de vista a Sua mensagem de amor

a todos os seres. Os fanáticos discutem sobre Suas palavras e esquecem que *foi* "o Verbo feito carne". Discutimos a respeito da Conceção Imaculada do Cristo, e olvidamos a verdade que a Encarnação se propõe a ensinar-nos. Evelyn Underhill assinala, em sua valiosa obra *Mysticism*, que "a Encarnação, que para o cristianismo popular é sinônimo do nascimento histórico e da vida terrena do Cristo, para o místico é, não somente isso, mas também um processo perpétuo, cósmico e pessoal".

Os estudiosos dedicam sua vida a provar que toda a história consiste, unicamente, em um mito. Dever-se-ia levar em conta, no entanto, que o mito é uma crença sintetizada e um conhecimento do passado, transmitido com o fim de guiar-nos e estabelecer os fundamentos de uma revelação mais nova, formando os degraus que conduzem à verdade seguinte. Um mito é uma verdade provada e válida, que serve de ponto para transpor o abismo entre o conhecimento adquirido no passado e a verdade formulada no presente, com infinitas e divinas possibilidades para o futuro. Os antigos mitos e mistérios proporcionam uma correlativa apresentação da mensagem divina, tal como surgiu de Deus, em resposta às necessidades do homem, através das idades. A verdade de uma era converte-se no mito da seguinte, porém sua significação e realidade permanecem intocáveis, requerendo, apenas, uma nova interpretação no presente.

Assim é que somos livres para escolher e rejeitar; devemos, entretanto, exercer a escolha com os olhos abertos pela sagacidade e pela sabedoria, que são o sinal característico daqueles que penetraram, consideravelmente, no caminho de retorno. Há vida, verdade e vigor na história do Evangelho que está por ser por nós de novo aplicada. Há dinâmica e divindade na mensagem de Jesus.

Para nós, o Cristianismo é, atualmente, uma religião culminante. Ele é a maior das últimas revelações divinas. Boa parte dele, desde sua origem, há dois mil anos, acabou por ser considerada como um mito, e os claros delineamentos da história se obscureceram, a ponto de serem frequentemente considerados simbólicos. Entretanto, por trás do mito e do símbolo se encontra a realidade - uma verdade essencial, dramática e prática.

O símbolo e a forma exterior monopolizaram nossa atenção, enquanto o significado permanece obscurecido, sem afetar suficientemente, as nossas vidas. Em nossa míope análise da letra, perdemos a significação própria da Palavra. Devemos penetrar no âmago do símbolo até atingir o que ele encarna, e apartar nossa atenção do mundo das formas externas, fixando-a no das realidades internas. Keyserling refere-se a isto, nas seguintes palavras:

"O processo de transferir os níveis da letra para o significado interno, nas atitudes espirituais, pode ser explicado, de modo claro, por uma simples proposição. *Consiste em "ver através" do fenômeno.* Todo fenômeno vivente é, em última análise, um símbolo; pois a essência da vida é o significado. Mas todo símbolo, que é a máxima expressão de um estado de consciência, revela, em si, outra expressão mais profunda e, assim, indefinidamente, até a eternidade; porque todas as coisas, ante o sentido vinculador da vida, estão conectadas internamente e suas profundidades têm suas raízes em Deus.

"Por conseguinte, nenhuma forma espiritual pode ser considerada como a máxima expressão; todo significado, quando nele se penetra se converte, automaticamente, em uma mera expressão da letra de outro mais profundo, tomando, daí, o antigo fenômeno, um novo e diferente significado. Assim é que, as religiões católica, protestante, católica

grega, islâmica e budista, podem, em princípio, continuar sendo o que foram, no plano desta vida e, não obstante, significar algo totalmente novo”.⁴

4 - *The Recovery of Truth*, por Hermann Keyserling, págs. 91-92.

A única desculpa para o aparecimento deste livro é que ele constitui uma tentativa, no sentido de penetrar nesse significado mais profundo que subjaz nos grandes acontecimentos da vida do Cristo e para infundir renovada vida e interesse na debilitada aspiração do cristão. Se se puder demonstrar que a história revelada nos Evangelhos é aplicável, não apenas ao Personagem divino Que viveu durante algum tempo entre os homens, mas que também possui um significado e significação prática para o homem civilizado de nossos dias, ter-se-á, então, alcançado algum resultado e prestado algum serviço e ajuda. Devido à nossa evolução mais avançada e à capacidade de nos expressarmos através de estados de consciência mais finamente desenvolvidos, talvez possamos hoje captar o ensinamento com uma visão mais clara e aplicar de forma mais sábia a lição aprendida. Este grande *Mito* nos pertence, termo aliás que devemos empregar em seu verdadeiro e correto significado, desde que sejamos para isso suficientemente corajosos. *Um mito pode-se transformar em um fato na experiência de um indivíduo, porque é um fato que se pode provar.* Nós nos apoiamos nos mitos, mas devemos procurar interpretá-los à luz do momento presente. Pela experimentação auto-iniciada podemos provar sua validade; através da experiência podemos estabelecê-los como forças que regulam nossas vidas; e, por sua expressão, demonstrar aos demais a verdade que encerra. Este é o tema do presente livro, que se refere, todo ele, aos fatos narrados no Evangelho, esse quádruplo interligado mito que transmite a revelação da divindade, na Pessoa de Jesus Cristo - uma verdade eterna, tanto em seu sentido cósmico e histórico, como em sua aplicação prática para o indivíduo. O mito se divide em cinco grandes episódios, a saber:

1. O Nascimento, em Belém.
2. O Batismo, no Jordão.
3. A Transfiguração, no Monte Carmelo.
4. A Crucificação, no Gólgota.
5. A Ressurreição e a Ascensão.

A nossa tarefa consiste em desvendar seu significado e reinterpretá-los, em termos modernos.

A história do homem alcançou um ponto de crise e de culminação, devido à influência da Cristandade. Como membro da família humana, o homem chegou a um nível de integração desconhecido no passado, exceto no caso de uma seleta minoria em cada país. O homem, no dizer dos psicólogos, é um conjunto de organismos físicos, de força vital, de estados psíquicos ou condicionamentos emocionais e de reações mentais ou de pensamento. O homem está preparado para que se lhe indique sua seguinte transição, ou desenvolvimento. Ele espera que isto se realize e está alerta para agir no momento oportuno. A porta de comunicação para um mundo de dimensões e consciência superiores está aberta, de par em par. O caminho para o reino de Deus está nitidamente demarcado. Muitos entraram neste reino, no passado, e despertaram e se encontraram em um plano de existência e compreensão que, para a maioria, é um mistério impenetrável. A glória do momento presente reside em que milhares de seres humanos já se acham preparados e (se lhes dá a necessária instrução) podem ser iniciados nos mistérios de Deus. Um novo

desabrochar da consciência é hoje possível. Uma nova meta surgiu e rege as intenções de muitos. Como raça, estamos definidamente encaminhados para novas experiências, para um novo conhecimento e para um mundo mais profundo de valores. O que ocorre no plano externo de experiência é sinal de um acontecimento correlato em um mundo mais sutil de significados. Para isto nos devemos preparar.

Vimos que a revelação cristã unificou em si mesma os ensinamentos do passado. Isto o próprio Cristo indicou quando disse: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir"⁵. Ele encarnou todo o passado e revelou ao homem suas mais altas possibilidades. As palavras do dr. Berdyaev, em *Liberdade e o Espírito*, lançam mais luz sobre o tema:

5 - Mateus, 5:17.

"A revelação cristã é universal, e toda a analogia que com ela existe em outras religiões é, simplesmente, uma parte dessa revelação. O cristianismo não é uma religião da mesma ordem que as outras. Como disse Schleier-Macher, é a religião das religiões. Que importância tem se dentro do cristianismo, que se supõe ser tão diferente das outras crenças, não existe nada de original, fora da vinda do Cristo e de Sua Personalidade; não é precisamente sobre isto que se cumpre a esperança de todas as religiões?"⁶

6 - *Freedom and the Spirit*, por Nicholas Berdyaev, págs. 88, 89

Cada prolongado período de tempo e cada ciclo mundial - pela amorosa bondade de Deus - terão sua religião das religiões, que sintetize todas as revelações anteriores e indique a esperança futura. A atual expectativa do mundo demonstra que estamos à beira de uma nova revelação, a qual de modo algum negará nossa divina herança espiritual, senão que à maravilha do tempo passado agregará uma clara visão do futuro, expressando aquele algo divino até agora não revelado. Por conseguinte, é possível que a compreensão de alguns dos significados mais profundos da história do Evangelho permita ao buscador moderno captar uma síntese mais ampla do tema.

Algumas dessas implicações mais profundas foram tratadas em uma obra publicada há muitos anos sob o título *The Crises of the Christ*, escrita por um veterano cristão, o Dr. Campbell Morgan. Tomando os cinco episódios principais da vida do Salvador, em torno dos quais toda a narrativa do Evangelho é erigida, ele os aplicou de forma geral e extensa, disseminando a compreensão de que o Cristo não só passou por essas dramáticas experiências, como também nos deixou o definido comando de "seguir Seus passos"⁷. Não será admissível que esses grandes fatos verificados na experiência do Cristo - esses cinco aspectos personalizados do mito universal - venham a ter para nós, como indivíduos, um interesse além do histórico e do meramente pessoal? Não haverá possibilidade de que encarnem alguma experiência e alguma empresa iniciática, mediante a qual poderão muitos cristãos experimentarem de pronto e, assim, obedecerem ao Seu mandamento, de entrar na vida nova? Acaso não devemos todos nascer de novo, ser batizados em Espírito e transfigurados no cimo da montanha da experiência viva? Porventura não está a maioria com a crucificação pela frente, a mesma que nos conduz à ressurreição e à ascensão? E não teríamos nós interpretado essas palavras em uma acepção muito restrita, com uma implicação demasiadamente sentimental e comum, ao passo que podem indicar àqueles que estão preparados, um caminho especial e um modo mais rápido de seguir os passos do Filho de Deus? Este é um dos pontos que nos concernem e que este livro tratará de

desenvolver. Se se puder descobrir este significado mais profundo; se o drama do Evangelho puder chegar a ser, de alguma maneira peculiar, o drama das almas que já estão preparadas, então poderemos ver a ressurreição das essencialidades do cristianismo e a revivificação da forma que se vai cristalizando com tanta rapidez.

7 - I, Pedro, 2:21.

2

Interessa lembrar que outros ensinamentos, além dos transmitidos pelo cristianismo, deram ênfase a estas cinco importantes crises que, quando se deseja, devem ocorrer na vida dos seres humanos que se ocupam com sua essencial divindade. Tanto os ensinamentos hindus quanto a crença budista destacaram-nas como crises evolutivas, das quais, em última instância, não poderemos escapar; e uma correta compreensão da inter-relação existente entre estas grandes religiões mundiais pode trazer, com o tempo, um melhor entendimento a respeito de todas elas. A religião de Buda, embora precedendo a do Cristo, expressa as mesmas verdades básicas, porém as estabelece em termos diferentes que podem, no entanto, ajudar-nos a alcançar uma interpretação mais ampla do cristianismo.

"O budismo e o cristianismo derivam, respectivamente, de dois inspirados momentos da história: a vida do Buda e a vida do Cristo. O Buda deu Sua doutrina para iluminar o mundo; Cristo deu Sua própria vida. Cumpre aos cristãos discernirem a doutrina. Talvez, a parte mais valiosa da doutrina do Buda seja, em última análise, a interpretação de Sua vida"⁸.

8 - *Religion in the Making*, de A. N. Whitehead, pág. 55.

Igualmente, os ensinamentos de Lao podem servir ao mesmo propósito. A religião deve vir a ser um compêndio extraído de muitas fontes e formado por muitas verdades. É lícito, entretanto, pensar que se na atualidade devêssemos escolher *uma* crença, poderíamos eleger o cristianismo, por esta razão específica: o problema central da vida é nos apossarmos de nossa divindade e manifestá-la. Na vida do Cristo temos o exemplo e a demonstração mais completa e perfeita, e acabada de uma divindade vivida, de maneira bem sucedida, na terra, e vivida - como todos nós devemos fazê-lo - não no recolhimento, mas no meio das tormentas e das tensões.

Expoentes de todos os credos hoje se reúnem para tratar da possibilidade de encontrarem uma plataforma de tal universalidade e verdade, que todos os homens possam unir-se em torno dela, e na qual se possa basear a futura religião mundial. Ela talvez possa ser encontrada numa interpretação e compreensão mais clara daqueles cinco relevantes episódios e em sua relação excepcional e sobretudo prática, não só para com o indivíduo, senão para com toda a humanidade. Este conhecimento nos ligará mais estreitamente ao passado, introduzindo-nos na verdade que existia, e assinalando a nossa meta e dever imediatos que, devidamente compreendidos, permitir-nos-ão viver de maneira mais divina e servir de forma mais adequada, fazendo com que a vontade de Deus frutifique na terra. O importante é o seu significado interno e a nossa relação individual com eles.

A compreensão da unidade e, por vezes, da uniformidade do ensinamento difundido

no Oriente e no Ocidente, nos proporciona valiosa aquisição para o enriquecimento de nossa consciência. Por exemplo, o quarto acontecimento da vida de Cristo - a crucificação, encontra paralelo na quarta iniciação do ensinamento oriental, denominada a Grande Renúncia. Há uma iniciação chamada, na terminologia budista, de "a entrada na corrente" e há na vida de Jesus, um episódio que designamos como o "batismo do Jordão". A história do nascimento do Cristo em Belém tem paralelo em, praticamente, cada detalhe da vida dos mensageiros de Deus precedentes. Esses fatos comprovados deveriam, obviamente, evocar em nós o reconhecimento de que, conquanto haja muitos mensageiros, existe uma só Mensagem; mas este reconhecimento não deve, de forma alguma, negar a tarefa própria e única do Cristo, nem a função singular que veio cumprir.

Também é interessante ter em mente que estas duas destacadas Individualidades - o Buda e o Cristo - imprimiram Seu selo em ambos os hemisférios - sendo o Buda o Instrutor do Oriente e o Cristo o Salvador do Ocidente. Quaisquer que sejam as nossas conclusões pessoais a respeito de Suas relações com o Pai nos Céus ou entre Si, este fato subsiste além de toda controvérsia: Revelaram a divindade às suas respectivas civilizações e, conjuntamente, trabalharam para o benefício final da raça humana, de maneira extremamente significativa. Seus dois sistemas são interdependentes e o Buda preparou o mundo para receber a mensagem e a missão do Cristo.

Ambos encarnaram em Si mesmos certos princípios cósmicos e, por Suas obras e sacrifícios, disseminaram certos poderes divinos através da humanidade, irradiando-os sobre ela. A tarefa realizada pelo Buda e a mensagem que transmitiu, estimularam a inteligência para alcançar a sabedoria, sendo esta um princípio cósmico e uma potência divina. Em síntese, isto é o que Buda encarnou.

Todavia, o amor chegou ao mundo por intermédio do Cristo, que, com Seu trabalho, transmutou a emoção em Amor. Como "Deus é Amor", a compreensão de que o Cristo revelou o Amor de Deus torna clara a magnitude da tarefa que empreendeu - missão que transcende os poderes de qualquer instrutor ou mensageiro que o procederam. Quando o Buda recebeu a iluminação, "deixou entrar" uma onda de luz sobre a vida humana e sobre os nossos problemas mundiais, e esta inteligente compreensão das causas da angústia do mundo Ele procurou formular nas Quatro Nobres Verdades. Estas são, como se sabe:

1. Que a existência no universo fenomênico é inseparável do sofrimento e da tristeza;
2. Que a causa do sofrimento é o desejo de viver no mundo dos fenômenos;
3. Que o cessar do sofrimento se alcança anulando todo o desejo da existência neste Universo de fenômenos;
4. Que o meio para se obter a cessação do sofrimento é percorrer o Nobre Caminho Octuplo em que se expressam a crença reta, a intenção reta, a palavra reta, a ação reta, o viver reto, o esforço reto, o pensar reto, a concentração reta.

O Buda proporcionou uma estrutura de verdade, de dogma e de doutrina que capacitou muitos milhares de indivíduos, através dos séculos, a verem a luz. Hoje, o Cristo e Seus discípulos se ocupam (como vêm fazendo há dois mil anos) com a mesma tarefa de levar a iluminação e a salvação a todos os homens; a ilusão do mundo recebeu severos golpes, e as mentes dos seres humanos estão alcançando, *en masse*, uma crescente clareza de pensamento. Por conseguinte, mediante a mensagem do Buda o homem pode, pela primeira vez, conhecer a causa de seu eterno descontentamento, de seu constante

desagrado e insatisfação, e de sua incessante nostalgia. O homem pode aprender do Buda que a forma de libertar-se se acha no desapego, no desapaixonamento e na discriminação. Estes são os primeiros passos, no caminho para o Cristo.

Mediante a mensagem do Cristo, surgiram três conceitos gerais, na consciência racial:

Primeiro, que o indivíduo, como tal, tem o seu valor próprio. A doutrina oriental do renascimento tendeu, de um modo geral, a negar esta verdade. Havia tempo suficiente para o aperfeiçoamento do indivíduo; a oportunidade voltaria a oferecer-se indefinidamente; o processo evolutivo cumpriria sua tarefa. A humanidade poderia seguir à deriva, como um todo, com a maré, porque, finalmente, tudo se arranjará. Daí provém a atitude generalizada no Oriente, que menospreza o valor real do indivíduo. Cristo, porém, veio e deu ênfase à ação do indivíduo, dizendo: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras"⁹.

9 - Mateus, 5:16.

Em segundo lugar, ofereceu-se a oportunidade a toda a raça humana de dar um enorme passo adiante, e transpor o "novo nascimento" ou receber a primeira iniciação. No próximo capítulo trataremos deste tema.

O terceiro conceito ensinado pelo Cristo continha a técnica da nova era, a qual deveria ser aplicada quando a salvação individual e o novo nascimento fossem corretamente compreendidos. Estava contido na mensagem ou no mandamento: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo". O esforço individual, a oportunidade grupal e a identificação recíproca constituíram a mensagem do Cristo.

10 - Mateus, 19: 19.

No ensinamento do Buda encontram-se as três maneiras pelas quais se pode transmutar a natureza inferior e prepará-la para ser uma expressão consciente da divindade. Mediante o *desapego*, o homem aprende a apartar a sua consciência e interesse das coisas dos sentidos e ficar surdo aos chamados da natureza inferior. O desapego impõe ao homem um novo ritmo. Mediante a lição do *desapaixonamento*, ele se torna imune ao sofrimento próprio da natureza inferior, na medida em que desliga seu interesse das coisas secundárias e do não essencial e o centra nas realidades superiores. Mediante a prática da *discriminação*, a mente aprende a selecionar o bom, o belo e o verdadeiro. Estes três procedimentos, levando a uma mudança de atitude em relação à vida e à realidade, quando levados a efeito sensatamente, proporcionam a regra da sabedoria e preparam o discípulo para a vida crística.

Após esse ensinamento transmitido à raça humana, segue-se o trabalho do Cristo para com a humanidade, dando como resultado a compreensão do valor do indivíduo e seus esforços auto-iniciados, no sentido de alcançar a libertação e a iluminação, tendo como objetivo final o amor e o bem grupais. Aprendemos a aperfeiçoar-nos, de acordo com o mandamento de Cristo "sede vós, pois, perfeitos"¹¹, a fim de poder contribuir com alguma coisa em benefício do grupo e para servir ao Cristo, com perfeição. Daí essa realidade espiritual, de que falava São Paulo, "Cristo em vós, esperança é de glória"¹², que se libera no homem e pode manifestar-se em toda a sua plenitude. Quando um número suficiente de pessoas haja captado este ideal, a inteira família humana poderá postar-se, pela primeira vez, frente ao portal que leva à Senda da Luz, e a vida crística florescerá no reino humano. Então se desvanecerá a personalidade, obscurecida pela glória da alma que, como

o sol nascente, dissipa as trevas, revela a situação da vida e ilumina a natureza inferior. Consequentemente, chega-se à atividade grupal, e o eu, como em geral é concebido, se desvanece. Isto já está ocorrendo. O resultado final da tarefa do Cristo está representado em Suas próprias palavras, encontradas no Evangelho de São João, capítulo 17, e seria de valor lê-las.

11 - Mateus, 5:48.

12 - Colossenses, 1:27.

Individualidade, Iniciação e Identificação - eis os termos em que se pode expressar a mensagem de Cristo. Isto foi por Ele resumido quando na terra, nas palavras: "Eu e o Pai somos um"¹³. *Essa grandiosa Individualidade, o Cristo, pelo processo das cinco grandes Iniciações, mostrou-nos as etapas e método, pelos quais se pode chegar à identificação com Deus.* Este parágrafo proporciona a nota fundamental de todo o Evangelho, e constitui o tema deste livro.

13 - João, 10:30.

A inter-relação entre o trabalho do passado e do presente, tal como foi estabelecido pelo grande Instrutor do Oriente e pelo Salvador do Ocidente, pode-se expressar da forma seguinte:

O Buda	O Método	Desapego Desapaixonamento Discriminação
O Cristo	O Resultado	Individualismo Iniciação Identificação

Cristo viveu Sua vida na pequena, porém significativa faixa de terra a que denominamos Palestina - a Terra Santa. Veio provar-nos a possibilidade da realização individual. Surgiu (como parece terem surgido todos os Instrutores no transcurso das idades) do Oriente e trabalhou nessa região que se ergue como uma ponte entre os hemisférios oriental e ocidental, separando duas civilizações sobremodo distintas. Os pensadores modernos fariam bem em recordar que o cristianismo é uma religião que serve de ponte, e nisto reside sua grande importância. O cristianismo é a religião daquele período de transição que vincula a era da existência individualista, autoconsciente, a um futuro mundo unificado, de consciência grupal. É, de forma relevante, uma religião de separações, que demonstra ao homem sua dualidade estabelecendo as bases para que realize o esforço necessário, no sentido de conquistar sua unidade ou unificação. A conscientização desta dualidade é uma etapa imprescindível no desenvolvimento do homem, e o propósito do cristianismo tem sido revelar esta característica; assim como, assinalar a luta entre o homem inferior e o superior; entre o homem carnal e o espiritual, unidos em uma só pessoa, afirmando a necessidade de que o homem inferior seja salvo pelo homem superior. Isto disse São Paulo, em termos que nos são tão familiares: "...para criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, assim fazendo a paz; e reconciliar ambos com Deus em um só corpo, matando com ela a inimizade"¹⁴. Tal foi a divina missão do Cristo, e esta é a lição do

relato do Evangelho. Por conseguinte, Cristo não somente unificou em Si mesmo "a lei e os profetas" do passado, como também nos transmitiu uma verdade, que poderia lançar uma ponte sobre o abismo existente entre a crença e a filosofia do Oriente e o nosso materialismo e conquistas científicas ocidentais, sendo, ambos, expressões divinas da realidade. Ao mesmo tempo, o Cristo demonstrou aos seres humanos a perfeição da tarefa que cada homem podia realizar dentro de si mesmo, unindo essa essencial dualidade constituída por sua natureza e produzindo a unificação do humano com o divino, tarefa em prol de cuja realização devem trabalhar todas as religiões. Cada um de nós deve "criar de dois um novo homem, fazendo, assim, a paz", porque paz é unidade e síntese.

14 - Efésios, 2: 15, 16, Leitura Marginal.

Entretanto, a lição e a mensagem que o Cristo trouxe ao homem, como indivíduo, também o fez para as nações, apresentando-lhes a esperança de uma futura unidade e paz mundiais; Ele veio no começo da era astronômica denominada "era de Piscis", porque, durante esse período de dois mil anos, aproximadamente, nosso sol passa pelo signo zodiacal de Piscis, ou Peixes. Daí, as frequentes referências aos peixes, e o aparecimento do símbolo do peixe na literatura cristã, incluindo o Novo Testamento. Esta era de Peixes recai entre a anterior dispensação judaica (os dois mil anos em que o sol passou pelo signo de Áries, o Carneiro) e a era de Aquário, na qual o nosso sol está agora começando a transitar. Estes são fatos astronômicos, porém aqui não vou tratar de conclusões astrológicas. No período em que o sol estava em Áries, encontramos frequentes alusões ao carneiro, ou seja, a vítima propiciatória, nos ensinamentos do Antigo Testamento e na celebração da festividade da Páscoa. Na era cristã, empregamos a simbologia do peixe, até o ponto de comer pescado na sexta-feira Santa. O símbolo da era de Aquário, segundo se estabelece em todos os antigos zodíacos, apresenta um homem conduzindo um cântaro de água. A mensagem desta era é de unidade, comunhão e nosso relacionamento como irmãos, porque todos somos filhos do mesmo Pai. A esta era se referiu o Cristo, nas instruções que deu a Seus discípulos, quando os enviou à cidade, dizendo-lhes: "Eis que, quando tiverdes entrado na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar"¹⁵. Assim o fizeram e, mais tarde, se realizou nesta casa a grande e sagrada festa da comunhão. Refere-se, sem lugar a dúvidas, a um período futuro, em que se entrará na casa zodiacal chamada "o portador de água", onde todos nos sentaremos à mesma mesa e tomaremos uma recíproca comunhão. A dispensação cristã ocorre entre os dois grandes ciclos mundiais e, assim como o Cristo consumou, em Si mesmo, a mensagem do passado e deu o ensinamento para o presente, também assinalou esse futuro de unidade e compreensão, que constitui a nossa meta inevitável. Estamos, hoje, ao final da era pisciana e já entramos no período da unidade aquariana, que Ele nos antecipou. O "aposto superior" é um símbolo do alto ponto de realização em direção ao qual marchamos como raça, aceleradamente. Algum dia, celebrar-se-á a grande Cerimônia da Comunhão, da qual é um prenúncio todo e qualquer ritual de comunhão. Estamos entrando, lentamente, neste novo signo. Durante mais de dois mil anos, suas potências e forças atuarão sobre a raça e estabelecerão os novos tipos, fomentarão as novas expansões de consciência e conduzirão o homem a uma realização prática da fraternidade.

15 - Lucas, 22: 7, 10.

É interessante observar como as energias que atuaram sobre o nosso planeta quando

o sol estava em Áries, o Carneiro, produziram na simbologia religiosa a influência da cabra ou do carneiro, e como, em nossa atual era de Piseis, os Peixes, essas influências matizaram nossa simbologia cristã, a ponto de o peixe ocupar lugar preponderante no Novo Testamento e em nossa simbologia escatológica. Os novos raios, energias e influências entrantes devem, com toda a segurança, estar destinados a produzir iguais efeitos, não somente no campo dos fenômenos físicos, como também no mundo dos valores espirituais. Os átomos do cérebro humano estão "despertando", como nunca, e os milhões de células que, segundo se diz, estão inativas e adormecidos nele, podem se; postas em atividade, produzindo essa percepção intuitiva que permitira o reconhecimento da futura revelação espiritual.

Hoje, o mundo está se reorientando para novas influências, e, devido aos processos de reajuste, torna-se inevitável um caos temporário. O cristianismo não será substituído, mas transcendido. Seu trabalho preparatório será realizado com êxito e o Cristo nos dará, outra vez, a próxima revelação da divindade. Se o que agora sabemos de Deus é tudo o que se pode chegar a saber, a divindade de Deus seria, então, algo limitada. Quem nos pode dizer qual será a nova formulação da verdade? Todavia a luz está penetrando, gradativamente, nos corações e nas mentes dos homens e, na claridade desta luminosa radiação, eles visualizarão as novas verdades, obtendo um novo enunciado da sabedoria antiga. Mediante a lente da mente iluminada, o homem verá, de pronto, aspectos da divindade até aqui ignorados. Não existem, porventura, qualidades e características da natureza divina que tenham permanecido até hoje inteiramente desconhecidas e que são ainda irreconhecíveis? Não deve haver revelações de Deus, sem precedente algum, para as quais não temos sequer palavras ou meios de expressão adequados? Os antigos mistérios que, dentro em breve, serão restaurados, devem voltar a ser interpretados à luz do cristianismo, readaptando-se de modo a satisfazer as modernas necessidades, porque agora já podemos penetrar no Lugar Sagrado, como homens e mulheres inteligentes e não como crianças meramente espectadoras de histórias e acontecimentos dramáticos nos quais, como indivíduos, não tomamos parte, conscientemente. O Cristo desempenhou, para nós, o drama das cinco iniciações, instando-nos a seguir Seus passos. A era passada nos preparou para isto e, agora, podemos entrar, inteligentemente, no reino de Deus, pelo processo da iniciação. O fato de que o Cristo *histórico* haja existido e caminhado sobre a terra, é a garantia da nossa própria divindade e do nosso êxito final. O fato da existência do Cristo mítico, que aparece sucessivamente, através das idades, prova que Deus nunca permaneceu sem testemunho, existindo sempre os que alcançaram a realização. O fato, do Cristo cósmico, manifestado com o anelo de lograr a perfeição, em todos os reinos da natureza, prova a realidade de Deus e é a nossa eterna esperança. A humanidade se encontra ante os portais da iniciação.

3

Sempre existiram templos, mistérios e lugares sagrados onde o verdadeiro aspirante podia encontrar o que buscava, assim como a necessária instrução sobre o caminho que deveria seguir. Disse um velho profeta:

"...e haverá ali um alto caminho, um caminho que se chamará o Caminho Santo; o

imundo não passará por ele, mas será para aqueles: os caminantes, mesmo os loucos, não errarão"¹⁶.

16 - Isaías, 35:8, Leitura Marginal.

É um caminho que vai de fora para dentro. Revela, passo a passo, a vida oculta em cada forma e símbolo. Prescreve ao aspirante certas tarefas que o levam à compreensão, produzindo uma integração e sabedoria que devem preencher as necessidades mais prementes. O aspirante passa da etapa da busca para aquela que os tibetanos chamam de "o conhecimento reto". Nesse caminho, a visão e a esperança cedem lugar à conscientização. Recebe-se uma iniciação após outra, cada uma levando o iniciado a um ponto mais próximo da meta da total unidade. Aqueles que porfiaram, sofreram e realizaram esta caminhada, no passado, formam uma longa cadeia que se estende, desde o passado mais remoto até os nossos dias, pois os iniciados permanecem conosco e a porta permanece ainda aberta, de par em par. Por intermédio deste escalonamento de realizações, os homens são elevados, degrau a degrau, pela longa escada que vai da terra ao céu, para, finalmente, se postarem ante o Iniciador e descobrir, nesse transcendente momento, que é o Próprio Cristo Que lhes dá as boas-vindas - o Amigo familiar Que os havendo preparado com o exemplo e o preceito, agora os leva à presença de Deus. Tal tem sido a experiência uniforme por que passaram os buscadores, ao longo do tempo. Rebelando-se, no Oriente, contra a roda do renascimento, com seu constante e renovado sofrimento, associado à dor; ou rebelando-se no Ocidente, contra a aparente e monstruosa injustiça de uma vida dolorosa que o cristão a si próprio atribui, os homens por isso mesmo se têm voltado para o próprio íntimo a fim de descobrir a luz, a paz e a libertação, tão ardentemente desejadas.

O Cristo nos dá um quadro definido de todo o processo na própria história de Sua vida, construída sobre as iniciações maiores que constituem nossa herança universal e a gloriosa (e para muitos) oportunidade imediata. Estas iniciações são:

1. O Nascimento em Belém, para o qual Cristo chamou Nicodemos, dizendo: "o que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus".¹⁷

17 - João, 3:3.

2. O Batismo no Jordão. Este é o batismo a que se referia João, o Batista, acrescentando que o Batismo do Espírito Santo e do fogo dever-nos-ia ser administrado pelo Cristo.¹⁸

18 - Mateus, 5:48.

3. A Transfiguração. Ali, pela primeira vez, a perfeição é demonstrada e a divina possibilidade de sua realização é comunicada aos discípulos. Surge o mandamento: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus".¹⁹

19 - Mateus, 5:48.

4. A Crucificação. No Oriente, é designada como a Grande Renúncia, com sua lição do sacrifício e seu chamamento à morte da natureza inferior. Esta era a lição que S. Paulo conhecia e o objetivo pelo qual lutava. "Cada dia morro", dizia, porque só na prática de sobrepor-se à morte de cada dia, pode-se enfrentar e resistir à Morte final.²⁰

20 - I Coríntios, 15:31.

5. A Ressurreição e Ascensão, o triunfo final, que capacita o iniciado a enunciar e saber o significado das palavras: "Onde está, ó morte, teu aguilhão? Onde está, ó sepulcro, tua vitória?"²¹

Tais são os cinco grandes e dramáticos acontecimentos dos mistérios. Tais são as iniciações, pelas quais todos os homens deverão passar, algum dia. A humanidade se encontra, hoje, na senda probacionária. O caminho da purificação é percorrido pelas massas e estamos em processo de purificar-nos do mal e do materialismo. Quando este processo for concluído, muitos estarão preparados para receber a primeira das iniciações e passar pelo novo Nascimento. Os discípulos do mundo estão se preparando para a segunda iniciação - O Batismo e, para isto, devem purificar a natureza emocional de desejos, dedicando-a à vida da alma. Os iniciados do mundo enfrentam a iniciação da Transfiguração. O controle da mente e a correta orientação para o domínio da alma, com a completa transmutação da personalidade integrada, é o que os espera.

Espalham-se, hoje, muitas estultices a respeito das iniciações, existindo no mundo muitas pessoas convencidas de que são iniciadas. Esquecem-se de que iniciado algum assim se proclama, ou fala de si mesmo. Aqueles que se jactam de ser iniciados, o negam ao fazê-lo. Ensina-se aos iniciados e discípulos a serem inclusivos em seus pensamentos, e não separatistas em suas atitudes. Nunca se apartam do restante da humanidade para afirmar sua condição e assim se colocarem por suas próprias mãos sobre um pedestal. Tampouco os requisitos a cumprir, tais como se estabelecem em muitos livros esotéricos, são tão simples como se apresentam. Por sua leitura, poder-se-ia crer que, desde o momento em que o aspirante adquira certo grau de tolerância, bondade, devoção, simpatia, idealismo, paciência, perseverança, haja preenchido as principais condições. Estas coisas, em realidade, são as essencialidades primordiais; a essas qualidades, porém, devem-se juntar uma compreensão inteligente e um desenvolvimento mental que levem a uma sã e esclarecida colaboração com os planos atinentes à humanidade. O que requer é o equilíbrio da mente e do coração e o intelecto deve ter seu complemento e expressão no amor e através do amor. Isto exige uma redefinição extremamente cuidadosa. O Amor, o sentimento e a devoção se confundem, frequentemente. O amor puro é um atributo da alma e é tudo inclusivo, e é no amor puro que reside, precisamente, a nossa relação com Deus e com os nossos semelhantes. "Porque o amor de Deus é mais amplo que a mente do homem, e o coração do Eterno é maravilhosamente bondoso", diz um antigo hino, e assim se expressa esse amor, que é o atributo da Deidade e, também, o atributo oculto de todo filho de Deus. O sentimento é emocional e inconstante; a devoção pode ser fanática e cruel; porém o amor une e amalgama, compreende e interpreta, sintetizando toda forma de expressão, todas as causas e todas as raças, em um ardente coração de amor, que não sabe de separações, nem de divisões, nem de desarmonias. A realização desta divina expressão em nossa vida cotidiana, exige o máximo do que existe em nós. Ser um iniciado importa em utilizar todo o poder de cada um dos aspectos de nossa natureza. Não é, de modo algum, tarefa fácil. Enfrentar as provas inevitáveis, com que fatalmente nos defrontaremos ao palmilhar a senda que Cristo percorreu, requer excepcional valor. Para colaborar com o Plano de Deus, sábia e sensatamente, e fundir a nossa pequena vontade com a Vontade divina, é preciso pôr em atividade não somente o mais profundo amor de nosso coração, como também as mais agudas decisões da mente.

A iniciação deve ser encarada como uma grande experimentação. Houve época, talvez, quando se instituiu este processo de desenvolvimento, em que foi possível restabelecer na

terra certos processos internos, conhecidos, à época, só de uns poucos. Na ocasião, o aspecto interno pode ser apresentado em forma simbólica para instrução dos "pequenos", aquela instrução que, mais tarde, pode ser abertamente ministrada e expressa para nós, na terra, pelo filho de Deus, o Cristo. A iniciação é um processo vivo através do qual todos os que se disciplinam devidamente e cumprem voluntariamente o preceito, podem passar, observados e ajudados por esse grupo de iniciados e conhecedores que são os guias da raça, conhecidos por diversos e variados nomes, em diferentes partes do mundo e em distintas épocas. No Ocidente, Eles são chamados pelo nome de Cristo e Sua Igreja, ou designados pelo epíteto de Irmãos Maiores da Humanidade. A iniciação é, pois, uma realidade e não uma formosa visão, facilmente conquistada, como querem tantos livros esotéricos e ocultistas. A iniciação não é um processo alcançado por aquele que ingresse em certas organizações, e que só pode ser compreendido quando se entra a fazer parte de tais grupos. A iniciação nada tem a ver com sociedades, escolas esotéricas ou organizações. Tudo o que estas podem fazer é ensinar ao aspirante certas "regras do caminho", fundamentais e bem difundidas, deixando a seu cargo compreendê-las ou não, na medida do seu interesse e grau de desenvolvimento, de modo a poder atravessar o portal, se seu equipamento e destino o permitirem. Os Instrutores da raça e o Cristo, o "Instrutor e Mestre de todos os Mestres tanto dos anjos como homens", não se interessam por essas organizações, mais do que por qualquer outro movimento no mundo, que se proponha a transmitir iluminação e verdade aos homens. Os iniciados do mundo se encontram em toda nação, igreja ou grupo onde haja homens de boa vontade, atuantes e ativos, e nos lugares em que se preste serviço de caráter mundial. Os assim chamados grupos esotéricos modernos não são os guardiães dos ensinamentos relativos à iniciação, nem é prerrogativa sua preparar o indivíduo para este desenvolvimento. A melhor instrução pode, quando muito, preparar os homens para a etapa do processo evolutivo denominado *discipulado*. A razão por que, lamentavelmente, isto é assim, e o motivo pelo qual a iniciação parece tão distante dos membros da maioria dos grupos que afirmam possuir visão e experiência interna dos processos iniciáticos, reside no fato de que esses grupos não têm posto a necessária ênfase na iluminação mental, que clareie, efetivamente, o caminho que conduz ao Portal de acesso ao "Lugar Secreto do Altíssimo". Em vez disso, fizeram finca-pé na devoção pessoal aos Mestres de Sabedoria e aos condutores de sua própria organização; deram ênfase ao ensino autoritário e a certas regras de vida, não dando impulso fundamental de apoio à ainda vacilante voz da alma. O caminho em direção ao lugar da iniciação e ao Centro onde o Cristo se encontra, é o caminho da alma, aquele caminho solitário do desenvolvimento próprio, do desaparecimento de si mesmo, e da autodisciplina. É o caminho da iluminação mental e da percepção intuitiva.

A iniciação é a revelação do amor - o segundo grande aspecto da divindade, que se expressa na sabedoria. Esta expressão se manifesta em toda sua plenitude na vida do Cristo. Ele nos revelou, por inteiro, a natureza do amor essencial e nos disse que amássemos. Demonstrou o que é a divindade e, logo, determinou que vivêssemos divinamente. O Novo Testamento apresenta de três maneiras - cada vez mais progressivas, em sua definição da experiência correspondente - esta vida de desenvolvimento do vibrante amor divino, cada uma nos dando a sequência da revelação do Cristo no coração humano. Temos, antes de tudo, a expressão: "Cristo em vós, esperança é glória".²² Esta é a

etapa que precede e segue o novo nascimento, o Nascimento em Belém, etapa para a qual se dirigem as massas, de maneira lenta mas constante, constituindo, hoje, o objetivo imediato da maioria dos aspirantes do mundo. Em segundo lugar, temos a etapa chamada a do homem maduro em Cristo, com que se indica uma experiência ampliada da vida divina e um desenvolvimento mais profundo da consciência crística, no ser humano. Os discípulos do mundo estão agora orientados para este objetivo. Logo temos a meta da consecução a que se refere São Paulo, nos seguintes termos: "até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo".²³

22 - Colossenses, 1: 27.

23 - Efésios, 4: 13.

A iniciação é, portanto, uma série gradual e realizada de expansões de consciência; uma crescente e constante percepção da divindade e de todas as suas implicações. Muitos dos pseudo-iniciados dos dias de hoje creem haver alcançado este estado porque algum guia esotérico ou vidente psíquico assim lho disse; no entanto, em seu foro Íntimo, eles nada sabem do processo mediante o qual poderão passar (como o ensinou a maçonaria) por essa porta misteriosa, entre os dois grandes pilares, em sua busca da luz; eles não têm um conhecimento consciente daquele programa autoiniciado que deve ser seguido, em plena vigília, o qual deve ser simultaneamente conscientizado pela alma divina imanente, pela mente e pelo cérebro do homem, na vida física. Estas expansões de consciência revelam ao homem, progressivamente, a qualidade de sua natureza superior e inferior; esta conscientização é assinalada por São Paulo, tendo sido ele um dos primeiros iniciados que preencheram esta condição, sob a dispensação cristã. Leiamos o que disse acerca desta revelação da dualidade nele caracterizada:

"E eu sei que em mim, (isto é, na minha carne), não mora bem algum, pois o querer está em mim; mas não consigo realizar o bem.

"Porque, não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço.

"Porque, segundo o homem interior, eu me deleito na lei de Deus;

"mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento e que me prende debaixo da lei do pecado, que está nos meus membros.

"Miserável de mim! Quem me livrará do corpo desta morte?

"Graças dou a Deus por Jesus Cristo, Senhor nosso".²⁴

24 - Romanos, 7:18,25.

Unicamente por meio da revelação do Cristo interno em cada ser humano pode realizar-se esta unificação. Só mediante o novo nascimento, o batismo do espírito e do fogo, e também pela transfiguração da natureza, pode-se encontrar a libertação e chegar-se à chegar-se a unidade com Deus. Só por intermédio do sacrifício da humanidade, que é a essência da crucificação, pode-se alcançar a ressurreição.

O que é verdade para o indivíduo o será, finalmente, para toda a família humana. O plano para a humanidade diz respeito ao desenvolvimento *consciente* do homem. Na medida em que o gênero humano cresce em conhecimento e sabedoria e que as civilizações vêm e vão, cada uma trazendo sua lição e seu elevado ponto de consecução, os homens, como grupo, se aproximam do portal que conduz à vida. Todo descobrimento moderno todo estudo e conhecimento psicológico; toda atividade grupal e toda conquista

científica, assim como todo verdadeiro conhecimento ocultista são de natureza espiritual e servem de ajuda a essa expansão de consciência que converterá o gênero humano no grande Iniciado. Quando os seres humanos puderem alcançar, em uma grande síntese, a necessidade de entrar de modo mais definido, no mundo dos verdadeiros significados e valores, então os mistérios serão universalmente conhecidos. Ver-se-ão os novos valores, e as novas técnicas e métodos de vida desenvolver-se-ão como resultado dessa percepção. Há sinais de que isto já esteja ocorrendo, que a destruição que ocorre à nossa volta e a derrubada das antigas instituições - políticas, religiosas e sociais - sejam preparatórias para este acontecimento. Estamos caminhando para chegar "àquilo que está dentro", e muitas vozes assim o proclamam, nos dias atuais.

Estamos na senda da transição (poder-se-ia denominá-la de Caminho do Discipulado?), que nos levará para uma nova dimensão, para o mundo interno da realidade e da correta energia. É um mundo no qual somente o corpo espiritual pode atuar e unicamente o olho do espírito pode ver. Não o percebem aqueles que ainda não tenham despertado sua visão interna, e cuja intuição permanece adormecida. Quando o corpo espiritual começa a organizar-se e a crescer, e quando os olhos da sabedoria paulatinamente se abrem e se preparam para ver, então, realmente, se terão os indícios de que o Cristo, latente em cada filho de Deus, está começando a guiar o homem para o mundo do ser espiritual, do verdadeiro significado e dos valores essenciais. Este mundo é o reino de Deus, o mundo das almas que, quando se manifesta, constitui essa expressão da vida divina a que chamamos o quinto reino da natureza. Mas este reino não pode ser percebido por todos. É mediante o processo da iniciação que este mundo nos é revelado.

Antes de poder receber a iniciação, deve-se captar o significado das ideias que acabam de ser expostas, pressupondo-se, necessariamente, certos grandes desenvolvimentos. Estes requisitos podem ser vistos atuando na vida de cada discípulo da atualidade e para os que têm olhos de ver, promovendo efetivas mudanças na raça.

A aspiração é um requisito fundamental, tanto para o indivíduo como para a raça. Hoje, a humanidade aspira a grandes alturas, e tal aspiração é responsável pelos grandes movimentos nacionais que se verificam em tantos países. Ao mesmo tempo, os discípulos individuais estão, novamente, se esforçando para alcançar a iluminação, impulsionados pelo desejo de satisfazer às necessidades do mundo. O egoísmo espiritual, que foi uma característica dos aspirantes do passado, deve ser transcendido e transmutado em amor ao próximo, e em "participação nas aflições do Cristo".²⁵ Deve-se perder de vista o eu, no serviço, este mesmo serviço que está se convertendo, rapidamente, na nota-chave da época e em um dos incentivos do esforço racial. Enfrentar o desastre e sofrer dolorosas experiências sempre foi a sina do discípulo individual. Está se tornando óbvio que o discípulo mundial, a própria humanidade, considera-se, agora, digna de tal prova. Esta universalidade das dificuldades, em todos os setores da vida humana, sem excluir grupo algum, indica que a humanidade inteira está se preparando para a iniciação. Existe um propósito subjacente em tudo o que ocorre. As dores de parto do Cristo, dentro da raça, já começaram e o Cristo nascerá na "Casa do Pão" (que é o significado da palavra Belém). As implicações das atuais dores e sofrimento mundiais são tão evidentes que se tornam desnecessárias maiores explicações. Há um propósito que subsiste em todos os acontecimentos mundiais, na atualidade, e há uma justa recompensa no final da jornada.

Algum dia, mais depressa de que muitos creem, abrir-se-ão, amplamente, ante o sofredor discipulado mundial, os portais da iniciação (como se abriram, no passado, para o indivíduo) e a humanidade entrará em um novo Reino, permanecendo diante daquela misteriosa Presença, Cuja luz e sabedoria brilharam diante do mundo por intermédio da Pessoa do Cristo e Cuja voz se ouviu em cada uma das cinco crises pelas quais Cristo passou. Então o gênero humano penetrará no mundo das causas e do conhecimento. Habitaremos o mundo interno da realidade e a aparência externa da vida física será conhecida como somente simbólica das condições e acontecimentos internos. Ocasão em que começaremos a trabalhar e a viver como os iniciados nos mistérios e as nossas vidas serão reguladas segundo os ditames do reino da realidade, onde o Cristo e Seus Discípulos de todos os tempos (a Igreja invisível) guiam e controlam os acontecimentos humanos.

25 - Filipenses, 3:10.

A meta a que Eles têm em vista e o fim para que trabalham foram sintetizados em um comentário referente a uma antiga escritura tibetana. O texto é o seguinte:

"Todo o belo e todo o bem, assim como o que promove a erradicação da dor e da ignorância na terra, devem devorar-se à Grande Consumação. Então, quando os Senhores da Compaixão hajam civilizado, espiritualmente, a terra, e feito dela um Céu, revelar-se-á aos Peregrinos a Senda Infinita, que leva até o coração do universo. O homem já não será homem; haverá transcendido sua natureza e, impessoal, contudo conscientemente, em unidade com todos os Seres Iluminados, ajudará a cumprir a Lei da Evolução Superior, da qual o *Nirvana* só é o começo".²⁶

26 - *Tibetan Yogas and Secret Doctrine*, de W.Y.Evans - Wentz, pág. 12.

Tal é a nossa meta, o nosso glorioso objetivo. Como avançar rumo à sua coroação? Qual o primeiro passo que devemos dar? Nas palavras de um poeta desconhecido:

"Quando puderes ver
através da aparência externa,
as causas que iniciam todos os efeitos;
quando puderes sentir o amor de Deus,
no cáldo afluxo da luz do sol,
envolvendo a terra inteira,
então saibas que estarás iniciado nos Mistérios,
que os sábios sempre consideraram de maior valor".

CAPÍTULO II

A PRIMEIRA INICIAÇÃO: O NASCIMENTO EM BELÉM

PENSAMENTO CHAVE

"Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus."

(S. João, 3:3)

No exame das cinco iniciações maiores, procuraremos fazer três coisas. Primeiro, tentaremos compreender que o cristianismo é a flor e a frutificação das religiões do passado, sendo a última a surgir, com exceção da religião maometana. Vimos que a ênfase da religião cristã foi posta na unidade da família humana e também na missão singular do próprio Cristo. Cristo veio ensinar-nos o supremo valor do indivíduo, segundo foi claramente dito no capítulo anterior.

Poderia parecer que a ênfase posta pelos seguidores de Maomé na existência de Deus, o Supremo, o Uno e o Único, tivesse o caráter de um pronunciamento equilibrador, surgindo, como aconteceu no século XV, a fim de proteger o homem contra o esquecimento de Deus, à medida que se aproximava de sua própria divindade latente e essencial, como filho do Pai. O estudo das relações existentes entre estas diferentes crenças e a maneira como se preparam para isso e se complementam mutuamente, é de profundo interesse. Isto é sempre posto de lado pelos nossos teólogos ocidentais. O cristianismo pode manter em segredo, e assim o faz, o ensinamento sagrado, porém o herdou do passado. Pode personalizar-se, pela atuação do maior dos Mensageiros divinos, mas o caminho de cada Mensageiro já havia sido preparado de antemão, e Ele próprio tinha sido precedido por outros grandes Filhos de Deus. Sua palavra pode ser a Palavra vivificadora para a nossa civilização ocidental e encarnar a salvação que nos devia chegar, mas o Oriente dispunha de seus próprios mestres, assinalando-se que cada uma das civilizações passadas em nosso planeta teve seu Representante divino. Ao considerar, pois, a mensagem do cristianismo e sua contribuição excepcional, não olvidamos o passado, porque se o fizermos, jamais chegaremos a compreender a nossa própria fé.

Em segundo lugar, pensemos em termos de totalidade e nos conscientizemos de que as grandes expansões de consciência, a que nos referiremos constantemente, tem paralelos universais. Alguns destes desenvolvimentos raciais encontram-se na história do passado racial; outros se acham no futuro e um se acha no presente imediato. Na medida em que o equipamento físico e mecânico do homem se aperfeiçoa, a fim de enfrentar a expansão de sua consciência, ele é gradualmente levado a uma maior experiência da Imanência divina, a uma melhor percepção da divina Transcendência e a registrar, com crescente e iluminado entendimento; a revelação que lhe é progressivamente apresentada para o desenvolvimento de sua educação e de sua cultura.

Estamos, agora, à beira do nascimento do Cristo racial e, das trevas do útero da matéria, o Cristo-Menino pode entrar na luz do reino de Deus. Espera-nos outra crise, e o Cristo já preparou a raça para isso porque, quando nasceu em Belém, não ocorreu,

simplesmente, o nascimento de outro Instrutor e Mensageiro divino, mas o aparecimento de uma Individualidade Que, não somente sintetizou em Si mesma as realizações passadas do gênero humano, senão Que foi, também, o precursor do futuro, encarnando em Si próprio tudo o que era possível à humanidade realizar. O aparecimento do Cristo, na caverna de Belém, marcou a inauguração da possibilidade de um novo ciclo de desenvolvimento espiritual tanto para a espécie humana como para o indivíduo. ¹

Finalmente, consideraremos esses desenvolvimentos do ponto de vista do indivíduo e estudaremos aqueles episódios relatados nos Evangelhos, os quais dizem respeito, Vitalmente, ao ser humano individual que, chegando ao Final do longo e fatigante caminho da evolução, está preparado para representar, novamente, o mesmo drama, em sua própria experiência. Ele tem a oportunidade de passar da etapa do novo nascimento à da ressurreição final, pelo escarpado caminho do Monte Gólgota. No mais recôndito de seu ser, deve aprender o sentido das palavras do Cristo: "Necessário vos é nascer de novo".² Também deve expressar a morte em vida, o que constitui a destacada mensagem de São Paulo."³

2 - João, 3:7.

3 - 1 Coríntios, 15:31.

Cada um de nós deve comprovar isto por si mesmo, mais cedo ou mais tarde, porque "viver uma experiência religiosa é a única maneira válida de chegar à compreensão dos dogmas".⁴ Só seguindo o exemplo dos que já tenham realizado, aprenderemos o significado da realização. Unicamente vivendo de maneira divina, poderemos expressar a divindade oculta em nós. Isto envolve uma auto-aplicação prática, que contém sua própria recompensa; de começo, porém, deve-se levá-la avante, cegamente.

4 - Pavel Flovsky, citado em *The Recovery of Truth*, por Hermann Keyserling, pág. 80.

A história da humanidade é, portanto, a história desta busca individual da expressão e luz divinas e da realização final do novo nascimento, que libera o homem para a prestação do serviço no reino de Deus. Através das idades, indivíduos de toda parte passaram por essas cinco expansões de consciência e entraram em uma vida mais profunda de serviço mais fecundo e pleno. Gradualmente, seu sentido de divindade cresceu e sua percepção da Vida divina, Imanente na natureza, os levou ao reconhecimento da correlativa verdade de Deus transcendente. Deus no indivíduo, e Deus em Cristo. Deus em todas as formas e Deus, a vida animadora do cosmo; e, contudo, um Deus que, conscientemente, anima tanto um universo como alenta um homem, bem como o mais diminuto átomo da substância. A evolução deste reconhecimento da divindade no homem foi lenta e gradual; porém, em certas etapas da história racial (como na história do homem individual), houve momentos críticos e surgiram crises que foram transcendidas, cada definida iniciação proporcionando à raça uma compreensão mais ampla. Hoje, o gênero humano está sendo preparado para essa transição e para uma nova focalização da consciência em uma dimensão superior, em um campo de experiência mais opulento. A humanidade está preparada para subir outro degrau, na escada evolutiva. Encontrando-nos frente a uma situação tão particular e com uma experiência tão sem paralelo, não nos deve surpreender a atual situação caótica. Assustamo-nos ante a possibilidade de darmos outro passo adiante; estamos, no entanto, preparados para outra iniciação, a ponto de ampliar nosso horizonte e transpor uma porta aberta que nos leva a um aposento mais amplo. Tudo que ocorre, no momento, não indica

fracasso, nem confusão insensível, nem cego transtorno. É, antes, um processo de destruição temporária, para uma mais perfeita reconstrução, constituindo a analogia, na vida racial, das provas e tentativas, que sempre chegam ao discípulo que se prepara para a iniciação. Visando a isto, o cristianismo preparou um considerável número de seres humanos. A nova interpretação e a próxima revelação são iminentes.

Esta revitalização futura da natureza interna e essencial da humanidade, com a consequente reorganização dos assuntos mundiais e da vida humana, pressentem-na e esperam-na os pensadores da raça, isolando, constantemente, a atual oportunidade. A expectativa na raça assume grandes proporções. Nas palavras de um antigo aforismo mexicano, "Sempre haverá. no centro uma nova Palavra". Toda forma tem seu centro positivo de vida. Todo organismo esta construído em torno de um núcleo central de força. Há um centro, em nosso universo, do qual surgiu a Palavra que trouxe a existência nosso sistema solar organizado tal como é hoje e, nele, o planeta em que vivemos, com suas miríades de formas de vida.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

"Ele estava no princípio com Deus.

"Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

"Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

"Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu".⁵

5 - João, 1:1, 2, 3, 4, 10.

O que é verdade em relação ao Todo, também o é em relação à parte. Cada civilização, como expressão da consciência humana, tem seu Verbo, sua Palavra. Faz dois mil anos, um Verbo se "fez carne" por nós e em torno desse centro dinâmico de vida espiritual gravita o nosso mundo ocidental. No que concerne aos resultados, pouco importa que aceitemos ou duvidemos deste fato, pois, como disse o Dr. Albert Schweitzer:

"O fundamento histórico do cristianismo, tal como o racionalismo, o liberalismo e a teologia moderna o consideram, já não existe; o que não significa, entretanto, que o cristianismo haja perdido seu fundamento histórico. O trabalho que a teologia histórica acreditou devesse realizar e agora vê desabar, no instante próximo de seu término, é somente uma camada externa, como de terracota, do verdadeiro fundamento histórico indestrutível que independe de qualquer conhecimento e comprovação histórica, visto que, simplesmente porque está ali, subsiste.

"Jesus representa algo para nosso mundo, porque uma poderosa corrente de influência espiritual surgiu d'Ele e penetrou, também, em nossa era. Este fato não pode ser negado nem confirmado pelo conhecimento histórico".⁶

6 - The Mystery of the Kingdom of God, por Albert Schweitzer, págs. 28, 29.

A Palavra sempre foi emitida para permitir à raça ver e reconhecer o próximo passo a dar. Cristo fez que o homem a ouvisse no passado, e o mesmo Cristo fará que o homem possa ouvi-la, novamente. Algum dia, como todos os maçons sabem, estas Palavras, pronunciadas periodicamente, serão substituídas por uma PALAVRA, conhecida por eles como "a Palavra Perdida". Quando, finalmente, se enuncie essa Palavra, a humanidade poderá ascender ao mais alto píncaro da realização humana. A divindade oculta brilhará, então, em toda a sua glória, por meio da raça. Provavelmente, já teremos alcançado o ápice da conquista material. Agora, nos chega a oportunidade para que o Eu sutil divino se

manifeste, por intermédio da experiência do que chamamos "o novo nascimento" e que o cristianismo sempre ensinou. O efeito de tudo o que está agora ocorrendo na terra é trazer à tona o que está oculto no coração humano, revelando, diante de nossos olhos, a nova visão. Poderemos então passar pelo portal da Nova Era, para um mundo que será caracterizado por uma compreensão mais profunda das realidades vitais e uma apreciação mais real e mais elevada dos valores. A Palavra deve ser emitida, novamente a partir do centro - o Centro nos Céus, e o centro em todo coração humano. Cada alma individual deve ouvi-la por si mesma. Cada um de nós tem que passar por essa experiência em que sabemos que somos o "Verbo feito carne"; e até que a experiência de Belém faça parte de nossa consciência individual, como almas, isto permanecerá como mito. Ela pode converter-se em uma realidade - a mais estupenda realidade, na experiência da alma.

Não posso deter-me para definir a palavra "alma". Um extrato de uma obra do *Dr. B. Bosanquet*⁷ expressa a ideia, em termos que a vinculam as implicações cósmicas. Uma alma isolada é impossível, disse o autor:

7 - *The Value and Destiny of the Individual*, por B. Bosanquet, pág. 129.

"A Alma - emprego o termo em seu sentido mais geral para assinalar o centro de experiência que, como um microcosmo, adquiriu, ou está adquirindo, um caráter próprio e uma persistência relativa - não deve ser comparada, por um lado, a um agente independente de exteriorização constitutiva e, de outra parte, como representante da vida do absoluto. Nossa ideia foi, desde o princípio... *que a alma é certa porção da exteriorização, que "adquire vida" ao centralizar-se na mente.* Quando falamos da alma, como vontade que modela as circunstâncias de maneira criativa, temos outra expressão do microcosmo, incluindo o centro cujas circunstâncias o envolvem, remodelando-se e reformando a si mesmo. Por outra parte, é um fio ou fibra da vida absoluta..., uma corrente, ou onda, dentro dela, de longitude, intensidade e separatividade variáveis, da grande massa líquida na qual se move". (o grifo é da autora, A. A. Bailey)

O que esta alma é, quando se revela e manifesta (ainda que através das limitações da carne), o Cristo o expressou de forma clara. O que é parcial em nós é completo n'Ele, um fato, em toda a sua expressão. O Cristo nos uniu a Si, por meio de Sua humanidade aperfeiçoada; uniu-nos a Deus por meio de Sua divindade expressada.

Dois pensamentos devem ser tidos em conta, por todos nós, no momento atual, se não quisermos submergir-nos no aparente caos mundial, perdendo, assim, nossa perspectiva. Um deles é que *cada época proporciona* com a experiência individual, não obstante conservar, em toda sua beleza, *sua própria saída*. Isto é o que quis dizer Cristo, quando expressou: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".⁸ Ele sabia que sintetizava, em Si mesmo, a alma do passado e o espírito do futuro. E o que é certo, em relação ao Cristo, o é, igualmente, a respeito de Seu ensinamento. O cristianismo abarca o passado e inclui os melhores elementos religiosos.

8 - João, 14:6.

A alma do homem se acha ante os portais da revelação e ele deve aprender que esta revelação virá aperfeiçoada, através do mesmo homem. Browning expressa isto, nestes bem conhecidos versos:

"Mora ele, assim, em tudo,

Desde o rudimentar começo da vida até finalizar

No homem - a consumação deste esquema
Do Ser, a finalização desta esfera
De vida: cujos atributos foram disseminados
Por onde quer que seja, sobre o mundo visível,
Almejam ser combinados, ínfimos fragmentos
Destinados a unir-se em algum maravilhoso todo,
Qualidades imperfeitas espalhadas por toda criação,
Sugerindo uma criatura ainda incriada,
Alguns pontos, onde todos esses raios dispersos podem unir-se,
Convergingo nas faculdades do homem.

.....
Quando toda a raça for perfeita,
Quer dizer, como homem; tudo que foi destinado ao gênero humano,
E, pelo homem produzido até agora, chegou ao seu fim:
Porém, no homem completo se inicia, novamente,
Uma tendência para Deus. As predições auguraram
A Aproximação do Homem; no eu do homem surgem
Augustas antecipações, símbolos, tipos
De tênue esplendor, sempre existentes
Nesse eterno círculo perseguido pela vida.
Pois os homens começam a cruzar os limites da sua natureza,
Descobrendo novas esperanças e obrigações que,
rapidamente, suplantam
Suas próprias alegrias e pesares; chegam a ser demasiadamente amplos
Para os estreitos credos do certo e do errado que se desvanecem
Ante a imensurável sede do bem; enquanto
A paz surge neles, mais e mais.
Estes homens se encontram mesmo agora na terra,
Serenos, em meio das criaturas semi-formadas que os rodeiam,
Que devem ser salvas por eles e unir-se a eles".⁹

9 - *Paracelsus*, por Robert Browning. (versão livre)

O Homem, o ser humano, alma encarnada, está em vésperas de dar esse passo adiante que produzirá o primeiro dos grandes desenvolvimentos, denominado "o novo nascimento". Uma vez experimentado isto, a vida do Cristo-Menino se acrescentará e o impulso estabelecido o levará avante, pelo Caminho que vai de um píncaro elevado de realização a outro, até que ele se converta em um iluminado portador de Luz e possa alumiar o caminho dos outros homens. Os iluminados sempre têm levado a raça para diante; os conhecedores, os místicos e os santos, invariavelmente, têm revelado os pináculos das possibilidades individuais e raciais.

O Caminho que vai desde o Nascimento, em Belém, até o Monte da Crucificação, é duro e difícil; porém, é percorrido em regozijo pelo Cristo e por aqueles que têm sintonizado sua consciência com a d'Ele. O gozo da vida física se transforma no gozo da compreensão e novos valores, novos desejos e um novo amor, substituem os antigos.

O Nascimento em Belém marcou o começo do longo caminho da tragédia do Salvador. Fez d'Ele "o homem de dores, experimentado em trabalhos".¹⁰ Foi o princípio do fim, assinalando Sua iniciação aos estados superiores de consciência. Isto está evidenciado no Evangelho.

10 - Isaías, 53:3.

2

Antes de nos referirmos, em forma definida, a essas grandes iniciações, seria válido abordar, ainda que sucintamente, um ou dois pontos relacionados com o assunto, como um todo. Transmite-se, no momento, tanto ensinamento especializado sem fundamento, sobre o assunto, e tão grande é o interesse geral que inspira, que se torna necessário, com urgência, pensar com clareza e chamar a atenção para certos fatores, frequentemente desprezados. Neste ponto caberia perguntar: "Quem é o iniciador? Quem poderá ser escolhido para apresentar-se perante Ele e receber a iniciação?"

Nunca é demais acentuar, com clareza, que o primeiro iniciador com que o homem se defronta é, sempre, a sua própria alma. Muitos instrutores e escolas esotéricas dirigem seus ensinamentos e seus aspirantes para algum grande Mestre, supondo-se que este os preparará para este passo, sem cuja ajuda nenhum progresso é possível. Esquecem-se, no entanto, que nem ao menos é possível a tal Mestre entrar em contato com qualquer ser humano enquanto este não haja estabelecido um claro e definido contato com sua própria alma. É no nível de percepção da própria alma que se situam aqueles que nos podem ajudar, e antes de havermos penetrado nesse nível, como indivíduos, é impossível conseguirmos um contato inteligente com aqueles que ali atuam normalmente. A iniciação está relacionada com a consciência e é simplesmente uma palavra que empregamos para expressar a transição que o homem pode estabelecer, da consciência do quarto reino - o humano, para o quinto reino, ou espiritual, o reino de Deus. Cristo veio para revelar-nos o caminho que conduz a este reino.

Esta alma iniciadora, como já vimos, é denominada de diversos modos em O *Novo Testamento* e, nas demais religiões, tem uma terminologia adequada à época e ao temperamento do aspirante. Onde o discípulo Cristão fala de que "Cristo em vós esperança é de Glória"¹¹ o discípulo oriental pode falar do Eu ou de Atman. As modernas escolas, de pensamento falam do ego, ou eu superior, homem verdadeiro, ou entidade espiritual, ao passo que no Antigo Testamento se faz referência ao "Anjo da Presença". Poder-se-ia compilar uma longa lista de sinônimos, porém, para os fins a que temos em vista, limitar-nos-emos à palavra "alma", pelo seu amplo emprego no Ocidente.

11 - Colossenses, I, 27.

A alma imortal no homem, prepara-o para a primeira iniciação porque é esta alma que se manifesta na terra como o "Cristo-Menino" e que aparece no homem. Este é o novo nascimento. O que se esteve gerando, lentamente, no homem, chega, por fim, ao nascimento e o Cristo, ou alma, nasce conscientemente. O gérmen do Cristo vivente *sempre* esteve presente, embora oculto em cada ser humano. Mas, a seu devido tempo e período, a alma infantil faz o seu aparecimento e a primeira das cinco iniciações se torna possível. A tarefa prossegue e a vida crística se desenvolve no homem, até que têm lugar a

segunda e a terceira iniciações. Nesta etapa, como muitos creem, somos iniciados por intermédio do Cristo em plena consciência vigil, o iniciado permanece ante Sua Presença e O vê, frente a frente. Browning expressa esta verdade, em seu grande poema, dizendo:

"O Saul, será

um Rosto como-o meu rosto, o de quem te recebe; a um Homem como eu
amarás e por Ele serás amado, sempre:

U'a mão como esta te abrirá os portais da nova vida!

Vê o Cristo diante de ti!"

Depois da terceira iniciação, a Transfiguração, quando a personalidade passou a ser subordinada à alma, ou o Cristo imanente, e a glória do Senhor pode brilhar através da carne, enfrentamos a suprema realização da Crucificação e da Ressurreição. Depois, foi-nos dito, esse Ser misterioso, a Quem O *Antigo Testamento* se refere como Melquizedec, ou o Ancião dos Dias, desempenhará Sua parte e nos iniciará em mistérios ainda mais elevados. Dele se disse que:

"Este Melquizedec, Rei de Belém, Sacerdote do Deus Altíssimo... era, em primeiro lugar, como Seu Nome o indica, Rei da Justiça e, além disso, Rei de Salém (isto é, Rei da Paz). Sem pai, nem mãe, ou genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida... permanece um Sacerdote para sempre".¹²

Ele é Quem recebe o iniciado e supervisiona as transições superiores de consciência, as quais constituem a recompensa das provas passadas com êxito. É Aquele, cuja "estrela brilha", quando o iniciado entra na luz.

Há, portanto, três iniciadores: primeiro, a própria alma do homem; segundo, o Cristo da História e, finalmente, o Ancião dos Dias, Aquele em Quem "vivemos, nos movemos e temos o nosso Ser".¹³

12 - Hebreus, 7:1-4.

13 - Atos, 17:28.

Estas ideias são úteis porque, através delas, compreendemos que, das cinco iniciações, três parecem ser, e em verdade o são, de suprema importância. Na vida de Cristo há episódios que representam grandes etapas de conquista, todos culminando ciclos e principiando outros novos, tais sejam, a primeira iniciação, o Nascimento; a terceira iniciação, a Transfiguração; e a quinta, a Ressurreição. Existe, na natureza, um misterioso valor, relacionado com as iniciações primeira, terceira e quinta - o começo, o ponto médio e a consumação final. Como já se disse, "são os intervalos, não somente entre a nota básica, a terceira maior e a quinta perfeita, ou os que distinguem a colcheia da semicolcheia, que nos permitem compor uma sinfonia, ou uma canção". Entre esses elevados pontos, de cujos intervalos fornece detalhes o Evangelho, continua a tarefa que torna possíveis as realizações seguintes. Neste livro consideramos, especialmente, a técnica da entrada no reino de Deus. Tal reino existe e nascer nele é tão inevitável quanto o nascimento na família humana. O procedimento segue uma sequência, desde a gestação até que, "na plenitude do tempo", nasça o Cristo-Menino; a alma começa a manifestar-se na terra e a vida do discípulo e do iniciado principia. Ele passa de etapa a etapa, até dominar todas as leis do reino espiritual. Pelo nascimento, pelo serviço e sacrifício, o iniciado se torna um cidadão desse reino e isto constitui um processo tão natural, relacionado com sua vida interna, como os processos físicos são relacionados com sua vida externa, como ser humano.

Ambos seguem juntos, porém a realidade interna vem, finalmente, à manifestação, mediante o sacrifício do humano ao divino.

O iniciado não é, simplesmente, um homem bom. O mundo está cheio de homens bons que, provavelmente, estão muito longe de ser iniciados. Tampouco, é um devoto bem intencionado. O iniciado é um homem que agregou uma sensata compreensão intelectual às qualidades básicas de uma sã devoção e caráter moral. Por meio da disciplina, coordenou sua natureza inferior - a personalidade, e por isso mesmo é "um recipiente útil para uso do dono",¹⁴ sendo esse dono sua própria alma. Ele sabe que anda em um mundo de ilusão, mas que está preparando a si mesmo, enquanto caminha à luz de sua alma, conscientizando-se de que, ao servir a seus semelhantes e ao negar a si mesmo, se torna apto para apresentar-se ante o portal da Iniciação. Nesse caminho, conhece aqueles que, como ele, estão aprendendo a ser cidadãos desse reino.

14 - Timóteo, 2:21.

Este tem sido o conhecimento, e a mensagem, de todos os verdadeiros cristãos, no transcurso dos séculos, cujo conjunto dá testemunho à realidade do reino, como, também, certifica o fato de que, aqueles que realmente o buscam, podem achá-lo e os que indagam sobre sua existência não ficarão desapontados. O caminho para o reino se acha mediante perguntas e respostas, buscando e encontrando, obedecendo à voz interna, que só se pode escutar quando todas as demais vozes silenciam.

Quando ouvimos essa voz, alcançamos a consciência das possibilidades futuras e damos o passo inicial para a primeira iniciação, que nos leva a Belém, e a descobrir e conhecer o Cristo. Encontramos Deus dentro de nós mesmos. Na caverna do coração se pode sentir o pulsar da vida divina. O homem descobre que é um, entre um vasto número de indivíduos que passaram pela mesma experiência e, mediante o processo da iniciação, ele promove o nascimento de Cristo. A "vida do menino", recém-nascido no reino de Deus, começa com as lutas e as experiências que o levarão, gradualmente, de uma iniciação a outra, até ele próprio também se realizar. Então, ele também se converte em um instrutor e numa expressão da divindade e segue as pegadas do Salvador, servindo à raça, emitindo a nota necessária e ajudando outros a alcançarem o nível por ele conseguido. A senda do serviço e a colaboração com a vontade divina se convertem no propósito de sua vida.

Nem todos os iniciados podem alcançar a altitude atingida pelo Cristo. Sua missão foi única e, também, cósmica. Para os discípulos do mundo, porém, é possível a experiência de cada uma das etapas da iluminação, segundo as descreve o Evangelho. Em consequência, ao resumir as ideias concernentes ao novo nascimento no reino, com o qual tantos se defrontam nesta época, deve-se ter em conta que:

"Na primeira grande Iniciação, o Cristo nasce no discípulo. É então que este conscientiza pela primeira vez, *em si mesmo* a afluência do amor divino e experimenta a maravilhosa mudança que o faz sentir-se uno com tudo o que vive. Este é o "Segundo Nascimento", de que se regozijam todos os seres celestiais, porque ele nasce no "Reino dos Céus", como um dos "pequeninos", como uma "criança", nomes sempre aplicados aos novos Iniciados. Tal é o significado das palavras de Jesus, as de que um homem deve tornar-se uma criança para entrar no "Reino".¹⁵

15 - Cristianismo Esotérico, de Annie Besant, págs. 53, 54, 185, 286.

A mesma autora, em outra passagem de seu livro, diz: "O segundo nascimento" é um

outro termo muito conhecido para designar a Iniciação. Na Índia, até agora se chama "duas vezes nascidos" aos pertencentes às castas superiores, e a cerimônia que os converte a esta condição é a de uma Iniciação - que nestes tempos modernos é mero engodo, não obstante representar "as figuras das coisas celestiais".¹⁶ Quando Jesus se dirige a Nicodemos, afirma que "o que não nasceu de novo não pode ver o reino de Deus" e refere-se a este nascimento como de "água e Espírito".¹⁷ Esta é a primeira iniciação, seguindo-se-lhe a "do Espírito Santo e do fogo",¹⁸ isto é, o batismo do Iniciado, em sua maturidade, já que o primeiro é o da nascimento, que lhe dá as boas-vindas como a "Criança" que entra no reino.¹⁹ Que era inteiramente familiar esta imagem entre os místicos judeus, evidencia-se na surpresa que manifesta Jesus, quando Nicodemos revela não entender a fraseologia mística de Seu Interlocutor: "És tu mestre de Israel e não sabes isto?"²⁰

16 - Hebreus, 9:23.

17 - João, 3:5.

18 - Mateus, 3:11.

19 - Mateus, 18:3.

20 - João, 3:10.

Os discípulos do mundo, desta época, enfrentam estas possíveis culminâncias de realização. Assim também se encontra o fatigado discípulo mundial, a humanidade como um todo, esgotada e aturdida, perplexa e intranquila, ainda que consciente das divinas potencialidades e dos grandes sonhos, visões e ideais que evocam uma esperança e rechaçam uma derrota, representando a garantia do êxito final. A voz de todos os Salvadores do mundo e o exemplo do Cristo indicam à humanidade o Caminho que deve trilhar. Isto nos afasta do superficial e do material, elevando-nos do mundo da irrealidade ao mundo da realidade. "O homem está farto de uma vida separada do seu centro religioso e começará a busca de um novo equilíbrio religioso, de um aprofundamento espiritual; em nenhum aspecto de sua atividade pode levar adiante de maneira superficial uma vida puramente externa"²¹ O profundo chama o profundo e, das trevas dessas profundezas, pela dor e pelo sofrimento, surgirá o Cristo-Menino, e a humanidade, como um todo, estará preparada para a grande transição que a levará ao reino de Deus.

21 - *The End Of Our Time*, de Nicholas Berdyaev, pág. 59.

O homem pode agora entrar no reino e começar a história espiritual. Até o momento presente, a história foi preparatória. Somente agora, pela primeira vez, a raça está em condições de dar o grande passo, na senda do discipulado e da purificação, que precede o caminho da iniciação. Os indivíduos surgiram da massa e ascenderam ao pináculo da realização, escalando a montanha da iniciação. Atualmente, isto é possível para a maioria. A voz dos que já a conquistaram, a clarinada dos que já se iniciaram nos mistérios do reino de Deus, possibilita o novo passo. O momento é único e urgente. O chamado é para o indivíduo, porém ressoa, também pela primeira vez na história, aos ouvidos da multidão, porque a massa está preparada para responder.

Tal é a situação atual. As vozes dos indivíduos que penetraram no reino chamam a multidão em termos claros e isto é seguro, embora para alguns a iniciação da humanidade pareça um processo lento. As antigas verdades, enunciadas pelos Instrutores e Salvadores mundiais, estão sendo re-interpretadas para satisfazer às antigas necessidades, em novos termos e em forma mais vital. Os Condutores, que moldam os espíritos dos homens, estão mantendo os portais abertos de par em par e a humanidade se verá obrigada a transpô-los,

rapidamente, se escutar o chamado; fá-lo-á inevitavelmente, porém, quer o ouça, quer não.

O nosso tema surge, pois, gradualmente, em nossa consciência. Vemos que deve ser abordado de dois ângulos principais. Antes de tudo, estudaremos essas cinco iniciações de Jesus, do ponto de vista do aspirante individual, para por de manifesto que, como filhos de Deus, podemos participar do que o Cristo realizou. Uma das coisas interessantes que se apresentarão, ao estudarmos a vida do Cristo e observarmos como o Plano divino, naquela vida, se foi registrando progressivamente, em Sua consciência, é que, a princípio, Ele mal pode perceber o que devia fazer. As ideias se foram desenvolvendo à medida que Ele crescia. Depois da primeira iniciação, o Nascimento em Belém, as palavras que dirigiu à Sua Mãe, foram "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"²² Ele sabia que se lhe havia ordenado trabalhar e servir, porém as especificações dessa tarefa somente mais tarde se aclararam em Sua mente. Simplesmente reconheceu um Plano e a esse Plano Se dedicou. Isto é o que também devem fazer os que seguem Seus passos.

22 - Lucas, 2:49.

Depois, houve a segunda iniciação, a do Batismo. Cristo chegara à idade adulta e esta consecução foi seguida, imediatamente, por uma definida e consciente repulsa ao mal. O reconhecimento do trabalho a empreender deve ser seguido pela purificação daquele que deve realizá-lo, o qual tem que demonstrar essa purificação e libertação do mal. Cristo satisfez essa dupla condição, ao triunfar sobre as três tentações. Então, somente após esta manifesta preparação, lemos²³ que se dedicou a ensinar.

23 - Lucas, 4: 14, 15.

O reconhecimento e a preparação para participar no Plano divino foram seguidos pela dedicação a esse Plano. Depois da Transfiguração Ele compreendeu, plenamente, o que tinha por diante e o definiu, claramente, a Seus discípulos, quando disse:

"...que o Filho do homem padeça muitas coisas e seja rejeitado dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia... Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me".²⁴

24 - Lucas, 9:22, 23.

Mais adiante, no mesmo capítulo, lemos que "Ele voltou seu rosto para ir "ao lugar do sofrimento e do sacrifício." Tinha finalmente compreendido que havia cumprido o que d'Ele se esperava. Cumprira o Plano; resolvera os assuntos de Seu Pai, e as "muitas coisas" empreendidas. Lemos que, ainda na Cruz, o Plano absorvia Sua atenção, e com o Seu "está consumado"²⁵. passou, pelos portais da morte, a uma gozosa ressurreição.

25 - João, 19:30.

A revelação gradual do Plano e o serviço a ele prestado, sempre acompanham o processo iniciático; o indivíduo aprende a subordinar sua vida à vontade do Pai, e a transformar-se - como fez o Cristo - no servidor dessa Vontade. O processo iniciático, em si, é só uma parte do Plano geral para a raça, e os caminhos do discipulado e da iniciação são apenas as etapas finais na Senda da Evolução. Os primeiros passos no Caminho concernem à vida e à experiência humanas; porém, as etapas finais, seguintes ao novo nascimento, referem-se ao desenvolvimento do espírito.

O que é verdade a respeito do desenvolvimento do indivíduo, corresponde, também, ao da raça. Todas essas etapas devem ser realizadas na vida racial. Os que distinguem, claramente, essa visão, podem perceber evidências deste Plano em desenvolvimento, no

constante surgimento das distintas ideias, que hoje predominam no mundo. Sem entrar em detalhes ou em extensas explicações sobre o tema, o desenvolvimento do Plano e, paralelamente, o da resposta racial, podem ser percebidos, com toda clareza, no desenvolvimento concomitante da ideia de Deus. Primeiramente, Deus foi uma longínqua Deidade antropomórfica, desconhecida e não amada, vista com temor e receio, sendo adorada como uma Divindade que se expressava mediante as forças da natureza. À medida que transcorria o tempo, este Deus distante se aproximou um pouco mais de Seu povo, tomando uma nuance mais humana, até que, na dispensação judaica, O vemos muito semelhante a nós, porém apresentando-se, ainda, como um Regente ético e iracundo, ao qual se obedecia e temia.

À proporção que o tempo transcorreu, foi-se aproximando mais e, antes do advento do cristianismo, os homens O reconheceram como o bem-amado Krishna, da fé hindu, e como o Buda. Depois chegou o Cristo para o Ocidente. Viu-se, n'Ele, o próprio Deus encarnado entre os homens. O distanciado converteu-se em próximo, e Ele, que havia sido reverenciado com temor e assombro, podia agora ser conhecido e amado. Hoje, Deus está se aproximando mais ainda e a nova era, não só reconhecerá a verdade das revelações passadas, atestando sua validade e progressiva revelação da divindade, como também a tudo isso se somará a revelação definitiva da Presença de Deus no coração humano, do Cristo nascido no homem e de cada ser humano que se manifeste, verdadeiramente, como filho de Deus.

Se considerarmos o desenvolvimento da consciência, vemos que nele aparece o mesmo Plano divino. Conquanto a raça estivesse, em sua infância, dominada pelo instinto, à medida que o tempo foi passando o intelecto começou a manifestar-se e, agora, continua a controlar os assuntos humanos, os governos e o pensamento. Do intelecto, corretamente empregado e compreendido, algo mais sutil e ainda mais revelador está evoluindo e podemos traçar, no inteligente homem moderno, o crescimento progressivo desta nova força, que se chama intuição. Essa, por sua vez, traz iluminação e, assim, o homem passa de uma glória a outra, até que o onisciente e cósmico filho de Deus possa ser visto, expressando-se através de cada filho do homem.

O mesmo desenvolvimento pode também ser observado racialmente, na transição levada a efeito nas diversas etapas que vão, desde o selvagem isolado, até a família e a tribo, seguindo-se a unificação das tribos em nações regidas por um governo central, até o momento atual, em que vivemos em um mundo que começa a responder a alguma coisa mais grandiosa que uma nação - a humanidade mesma - e a conceber sua expressão através do desenvolvimento de uma consciência internacional. Por qualquer linha onde tracemos o desenvolvimento do Plano, viemos de um passado distante, obscuro e ignorante, até a etapa atual, em que surgem valores mais reais. Começamos a vislumbrar quê é esse Plano e para onde vamos. Estamos penetrando, firmemente, em um mundo de realidades espirituais, porque "há um caminho que se inicia em cada conjunto natural de fatos e vai para cada realidade espiritual, no universo; e a natureza essencial da mente obriga, sempre, em certa medida, a percorrer este caminho..."²⁶

26 - *The Value and Destiny of the Individual*, de B. Bosanquet, pág. 111.

Neste "fim da era" o homem defronta-se com o portal da oportunidade e, como está em processo de descobrir sua própria divindade, penetrará no âmbito dos valores reais e

chegará a um melhor conhecimento de Deus. Ele enfrenta o mistério do novo nascimento e deve passar por essa experiência.

Esta divindade no homem deve nascer, tanto no indivíduo quanto na raça, e assim poderá o reino de Deus vir à existência.

3

Estas cinco iniciações têm certos pontos básicos e semelhanças, em comum, que são em si, de real significação. Existem fatores afins, em todas elas. O Caminho que conduz ao reino é universal e o próprio homem é, ao mesmo tempo, o símbolo e a realidade. O homem observa todos os mitos e símbolos do mundo; lê e conhece a história dos Salvadores do mundo e, concomitantemente, deve tratar de atualizar a mesma história e converter o mito em realidade, através de sua própria experiência pessoal; ele deve conhecer o Cristo e também segui-lo, etapa por etapa, mediante as grandes experiências do processo iniciático.

Toda iniciação é precedida por uma viagem; cada etapa e acontecimento dramático ocorrem ao finalizar o período de uma viagem. É evidente este simbolismo. "Percorrer o caminho" é um modo familiar de descrever a aproximação de um ser humano aos mistérios. É interessante observar que todo o mundo está em atividade. Empreendem-se viagens e peregrinações - processo simbólico de uma condição interna de busca e aproximação, a uma meta preestabelecida. As viagens por trem, navio, avião, são comuns. Grandes grupos emigram de um lugar a outro, segundo as possibilidades econômicas e a determinação do destino de cada um. Viajamos daqui para ali. Caminhamos, ampliando nossos horizontes.

Preparamo-nos, também, para expansões de consciência que nos permitirão viver em dois reinos ao mesmo tempo - a vida que se deve viver na terra, e a que podemos viver no reino de Deus. A humanidade está na primeira etapa de sua viagem ao místico Belém, onde deve nascer o Cristo-Menino, e a primeira iniciação é, nestes momentos, um acontecimento iminente para muitos.

"Ante cada homem se abrem
Um caminho, e caminhos e um CAMINHO.
E a alma superior ascende pelo caminho superior
E a alma inferior vai, às tontas, pelo inferior;
E entre as brumosas planícies,
As demais seguem, a esmo, daqui para ali,
Porém diante de cada homem se abre
Um Caminho superior e outro inferior.
E cada homem decide
O Caminho que sua alma seguirá".²⁷

27 - John Oxenham.

A enunciação de uma Palavra de Poder assinala uma iniciação. O iniciado a ouve, ainda que o resto do mundo não possa ouvi-la. Quando o Cristo passou por essas crises, em cada uma delas ressoou uma Voz, e o som emitido "abriu, de novo, os portais da vida". Uma porta se abre após outra, ante a solicitação do iniciado e ante a resposta do Iniciador, que

está do outro lado do portal. Veremos o que significou cada uma destas Palavras. A palavra sempre surge do centro. Repetidamente, diz-se no Novo Testamento: "quem tiver ouvidos para ouvir, ouça"²⁸ e um estudo das palavras dirigidas às sete Igrejas, no Apocalipse, lançará muita luz sobre o fator da Palavra.

28 - Matheus, 11: 15.

Grandes Palavras foram emitidas, produzindo as mudanças requeridas, e significaram para o sensitivo um poder de verdadeiro valor espiritual.

A Palavra ou som emitido para a Ásia, no passado, foi TAO, ou o Caminho. Representava o antigo Caminho que os Iniciados do extremo Oriente palmilhavam e ensinavam. Para nossa raça, a palavra é AUM, que degenerou no AMEN, de nosso vernáculo ocidental. As antigas escrituras da Índia consideram esta Palavra como indicando, peculiarmente, a divindade, o espírito de vida, o alento de Deus. Qual será a nova Palavra que "surgirá do centro", não o sabemos, pois não será enunciada até que a raça esteja preparada. Há, porém, uma Palavra comum de Poder que será posta sob a custódia de nossa raça, se estivermos à altura de nossa oportunidade e, por meio do novo nascimento, entrarmos no reino de Deus. E esta Palavra que dará vida à alma oculta no homem e o galvanizará em uma atividade espiritual renovadora. À medida que a raça cresça em sua sensibilidade, que os aspirantes do mundo, de todas as religiões, cultivem a faculdade (por meio da meditação) de ouvir a Voz que pode silenciar as demais vozes; e à medida que aprendam a registrar esse Som que apaga todos os outros, reconhecerão, como um grupo, a nova Palavra que será emitida.

Em cada iniciação de Jesus, como veremos, foi dado um Sinal; um sinal que se estampou na consciência dos não iniciados. Cada vez um símbolo, ou forma, foi visto, indicativo de uma revelação. Cristo mesmo disse que, no final dos tempos "o sinal do Filho do Homem se verá no Céu".²⁹ Assim como o Nascimento em Belém foi anunciado por um Sinal, a Estrela, também o nascimento para o qual se encaminha, pressurosamente, a raça, será anunciado por um Sinal celestial. A súplica, que se eleva do coração de todo verdadeiro aspirante à iniciação, está belamente expressa na seguinte prece:

29 - Matheus, 24:30.

"Há uma paz que transcende toda compreensão; ela mora no coração daqueles que vivem no Eterno. Há um poder que renova todas as coisas. Ele vive e se move naqueles que sabem que o Eu é uno. Que esta paz se esparja sobre nós; que o poder nos eleve, até chegarmos onde o Iniciador único é invocado, até vermos o fulgor de Sua estrela".

Depois que esse Sinal é visto e a Palavra ouvida, o passo seguinte será registrar a Visão. O iniciado pode ver o Plano e a parte que deve desempenhar nele; então sabe o que deve fazer. Desta Visão se fala como da "visão de Deus", porém se expressa para o homem em termos de vontade de Deus e da plenitude do que Deus intenta fazer. Estamos destinados a ser iniciados nos mistérios dessa vontade. A visão de Deus é a visão do Plano de Deus. Nenhum homem viu a Deus. A revelação de Deus vem pela revelação do Cristo.

"Disse Felipe: Senhor mostra-nos o Pai, e nos basta. Jesus lhe respondeu: "Tanto tempo faz que estou convosco e não me haveis conhecido, Felipe? Aquele que me viu, viu ao Pai".³⁰

30 - João, 14:3,9.

Cristo revelou em Si mesmo a vontade de Deus e deu à humanidade uma visão do

Plano de Deus para o mundo; e este Plano é a vinda do reino. Cristo era Deus e a palavra de Deus surgia d'Ele.

O homem vive pela encarnação de Deus nele. Passando pelo portal do novo nascimento, ele pode redimir a carne em que essa divindade está encerrada e pode então ajudar a redimir o mundo. Também para a raça existe a crise, a iniciação e a visão. "Onde não há visão os povos perecem!"³¹ Mas essa visão não é do Plano todo. Não é a experiência última, nem a consumação insondável. Não estamos, ainda preparados para isso. Nem o próprio Cristo proclamou a revelação final. Viu e anunciou o passo seguinte que a raça deveria dar. Os acontecimentos imediatos são pressentidos para, mais tarde, serem considerados inteligentemente; temos um momento de previsão, de predição do movimento e atividade, de dificuldade e serviço e do seguinte desenvolvimento de glória.

31 - Pr., 29: 18.

Depois da visão, como a que se seguiu à iniciação, vem um renovado ciclo de provas e dificuldades. As verdades reveladas e a revelação concorde, devem realizar-se na experiência da vida diária. Momentos de assimilação e reflexão devem seguir os de exaltação e visão. A não ser que se tenha uma experiência prática do que se sabe, este saber ficará sobre a montanha da revelação.

Por último, toda iniciação conduz a servir mais amplamente. Uma forma prática de vida espiritual deve seguir aos momentos passados no topo da montanha. O eu e suas conseqüências devem ser esquecidos ao servir ao próximo. Não há como escapar disso. Todo pináculo conquistado é seguido, invariavelmente, por um ciclo de provas. Toda nova revelação captada e apropriada deve adaptar-se às necessidades de uma vida de serviço coerente e tenaz, pois que a iniciação sempre requer provas renovadas e um acrescentado poder para servir.

4

"E aconteceu que estando eles ali, se cumpriram os dias em que havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito e o enfaixou e o reclinou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles, na estalagem".³²

32 - Lucas, 2: 6, 7.

Com essas simples palavras começa a transcendental história. Uma história de tão vastos alcances e conseqüências, que agora, precisamente, começamos a ver os resultados. Só hoje, dois mil anos depois do acontecimento, a lição da vida do Cristo está produzindo um efeito criador na imaginação dos homens. Só hoje, a fundamental lição que Cristo veio a ensinar-nos está produzindo as necessárias mudanças na capacidade de captação do homem. Agora, recentemente, nos damos conta de que a evidência histórica de Sua chegada na terra é a *história mesma*, e que existe no mundo a comprovação de duas grandes correntes de esforço ou atividade - de um lado a consciência do homem, separatista, vulgar, em desenvolvimento, e de outro, a constante aplicação da mensagem do Cristo nos fatos atuais, para sua modificação e mudança, determinando, bem mais além do que possamos conceber, o caminho que deveremos seguir. Cristo chegou na plenitude do tempo, justamente quando a humanidade se aproximava de sua maturidade, mostrando-nos em Si mesmo, e através de sua vida, o que um homem foi e podia ser.

O Filho de Deus é também o Filho do Homem! Este fato tem sido esquecido, talvez pela ênfase posta em Sua divindade. Essa divindade está ali e ninguém pode toca-la, ou ocultá-la, pois que é radiação e luz branca pura. A condição humana, porém, está também ali, como garantia de nossas oportunidades e potencialidades, assegurando a nossa fé. Mediante o poder magnético emanado das palavras do Apóstolo Bem-amado, ao descrever o Cristo que como Filho de Deus, fala em forma divina, prostramo-nos com amor e adoramos essa divindade.

Todavia, Sua condição humana é sublimada por São Lucas e São Mateus assim como Sua vida de Grande Servidor foi exaltada por São Marcos. Tem sido discutida a divindade do Cristo. Se não houvesse existido outro Evangelho que o de São João, só teríamos conhecido Sua divindade. Cristo como homem; o que fez e o que foi *como tal*, não foi considerado por este Evangelho.

Qualquer escritor moderno, responsável por uma biografia do Cristo, seria severamente criticado (da parte dos teólogos e ortodoxos), se houvesse omitido pontos tão importantes. No entanto, esses pontos, segundo a opinião do apóstolo, não foram de primordial importância. O Espírito do Cristo era para ele, o mais vital e necessário. Os outros três apóstolos proporcionaram o ambiente e outros detalhes e aparentemente muito fizeram para apresentar esses detalhes em concordância com os ensinamentos de outrora, no que diz respeito ao meio ambiente e vidas dos instrutores e salvadores do mundo passados, onde encontramos uma curiosa coincidência em acontecimentos e fatos.

Tem-se discutido sobre minúcias relacionadas com o aparecimento fenomênico do Cristo e se tem descuidado, paralelamente, da ênfase posta em três das iniciações, em Suas palavras e em que significaram. Apoiamo-nos nos acontecimentos físicos de Sua vida e nos esforçamos por provar a autenticidade histórica desses acontecimentos; no entanto, Deus mesmo, em todo momento, fala: "Escutai-O".

Outro ponto que passa frequentemente despercebido, é que ao vir à terra e encarnar em forma humana, Deus testemunhou Sua fé na divindade que existe no homem. Teve suficiente confiança nos homens e em suas reações às condições mundanas, por isso oferecia Seu Filho para demonstrar ao homem essa divindade e, assim, salvar o mundo. Nisto expressou Sua crença e Sua conduta foi ditada por essa mesma crença. Com toda reverência eu quisera dizer que a *divindade do homem garante uma expressão da divindade*. Assim atuou Deus. Dean Inge, ao escrever sobre as obras de Plotino, disse, muito apropriadamente, que "a conduta da vida repousa em um ato de fé, que começa com uma experimentação e termina com uma experiência". Estas palavras se aplicam a Deus e ao homem. Deus tem tal fé na espiritualidade inata do homem - e que é a espiritualidade senão a expressão, na forma, da divindade? - que se aventurou na grande experimentação de que resultou a experiência cristã. Fé em Cristo! Fé na humanidade! Fé na resposta do homem à experimentação! Fé em que a visão dada possa transmutar-se ou desenvolver-se em experiência! Essa foi a fé que Deus depositou na humanidade. A fé cristã, apesar do dogma e da doutrina, apesar das distorções do teólogo acadêmico e das imposições de alguns clérigos ignorantes, uniu Deus ao homem, fundidos no Cristo, e assim apresentou a verdade de que todo ser humano pode, também, ter fé para aventurar-se a experimentar e a passar pela experiência. Esta verdade vital, dramática, apresentada misticamente, mas sempre viva, quando captada pela mente e compreendida pelo coração, capacitará todo

aspirante aos Mistérios cristãos, a transpor os umbrais do novo Nascimento para a luz, caminhando, de maneira crescente, nessa luz, a partir deste momento, porque "...a senda dos justos é como a luz da aurora, que brilha mais e mais, até que o dia seja perfeito".³³ Esta é, ainda uma verdade vívida, que enriquece e matiza toda a nossa fé.

33 - Pr., 4: 18.

Nesta continuidade (base de nossa fé no amor de Deus) houve, como temos visto, muitas palavras, enviadas do Centro. Muitos Filhos de Deus, através das idades, têm dado à humanidade uma visão progressiva. e reveladora dos "cumes da possibilidade", interpretando para a humanidade o Plano de Deus, em termos adequados a cada época e temperamento. A uniformidade da história de suas vidas; o repetido aparecimento da Virgem Mãe (frequentemente uma variante do nome Maria); a semelhança dos detalhes do nascimento, tudo indica a constante e renovada promulgação de uma verdade, de modo que, por sua dramática qualidade e repetida ocorrência, Deus grava nos corações dos homens certas grandes verdades vitais para sua salvação.

Uma dessas verdades é que o amor de Deus é eterno e que Seu amor pelo Seu povo tem sido constante e inalterável. Quando o tempo esta maduro e a necessidade do povo o requer, Ele aparece para salvar as almas dos homens. Na antiga Índia, Krishna proclamou esta verdade em majestosas palavras:

"Sempre que haja um debilitamento da Lei e um crescimento a ilegalidade por toda parte, então Eu Me manifesto.

"Para a salvação dos justos e a destruição daqueles que praticam o mal; para o firme estabelecimento da Lei, Eu volto a nascer, idade após idade.

"O que percebe o Meu nascimento e age como divino, que em verdade o é..., esse esta Comigo, ó Arjuna!"³⁴

34 - *The Paganism in Our Christianity*; de Arthur Weigall, pág. 42.

Uma e outra vez, tais instrutores surgiram, manifestaram a natureza divina segundo a existência do desenvolvimento racial, enunciaram as palavras que determinaram a cultura e a civilização dos povos e seguiram seu caminho, deixando que a semente lançada germinasse e frutificasse. Na plenitude do tempo chegou? Cristo e, se a evolução tem algum significado e a humanidade, em conjunto, cresceu e desenvolveu sua consciência, a mensagem que Ele deu e a vida que viveu devem, necessariamente, sintetizar tudo que o passado produziu de melhor, completando, realizando e proclamando uma possível cultura espiritual futura que transcendera, em muito, tudo que o passado pode dar.

É curioso constatar que a maioria desses grandes Filhos de Deus nasceu em uma caverna e, em geral, de uma mãe virgem.

"No que diz respeito ao Nascimento de mãe virgem, é significativo que não haja referência a ele nas Epístolas que constituem os primitivos documentos cristãos; mas ao contrário, São Paulo fala de Jesus como sendo da linhagem de David, segundo a carne"³⁵ isto é, da estirpe de José, descendente de David. O Evangelho mais antigo, o de São Marcos, que data de entre os anos 70 e 100 D.C., não o menciona; tampouco o faz o de São João, que foi escrito antes do ano 100 D.C., O Livro da Revelação, escrito entre os anos 69 e 93 D.C. não se refere a este assunto; porém, se o Nascimento de Mãe Virgem fosse um dogma importante da fé, teria figurado, indubitavelmente, no simbolismo místico daquele trabalho.³⁶

35 - Romanos, 1: 3.

36 - *The Paganism in Our Christianity*, de Arthur Weigall, pág. 42.

Ísis era frequentemente representada de pé, sobre a Lua crescente, com doze estrelas em redor de sua cabeça. Em quase todas as igrejas católicas romanas do continente europeu, podem ser observados quadros e estátuas de Maria, "Rainha do Céu", de pé sobre a Lua crescente, e sua cabeça circundada por doze estrelas.

"É mais que casualidade, que tantas virgens mães e deusas da antiguidade tivessem o mesmo nome. A mãe de Baco era Myrra; a mãe de Hermes ou Mercúrio era Myrra ou Maia; a mãe do Salvador siamês Sommona Cadom, se chamava Maya Maria, isto é, a "Grande Maria"; a mãe de Adônis era Myrra; a mãe de Buda era Maya. Pois bem, todos esses nomes, Myrra, Maya ou Mara são iguais a Maria, a mãe do Salvador cristão. O mês de maio era consagrado a essas deusas, assim como dedicado, atualmente, à Virgem Maria. *Ela* era chamada Myrra, Mara e também Maria..."³⁷

37 - *Bible Myths*, de T. W. Doane, pág. 332.

Na linguagem simbólica do esoterismo, a caverna é o lugar da iniciação. Isto sempre foi assim e poder-se-ia realizar um estudo muito interessante do processo iniciático e do novo nascimento se se recolhessem e analisassem as numerosas referências sobre esses fatos que ocorrem nas cavernas, citados em antigos documentos. O estábulo em que nasceu Jesus foi, com toda probabilidade, uma caverna, porque, nesses dias, muitos estábulos eram instalados em escavações. Isto foi reconhecido pela igreja primitiva e se diz que "é bem sabido que, enquanto nos Evangelhos se estabeleceu que Jesus nasceu no estábulo de uma estalagem, os primeiros escritores cristãos, tais como Justiniano - o Mártir, e Orígenes, dizem, explicitamente, que nasceu em uma caverna".³⁸

38 - *Pagan Christ*, de J. M. Robertson, pág. 338.

Ao estudar essas cinco iniciações do Evangelho, encontramos que duas delas têm lugar em uma caverna, duas no topo de uma montanha e uma no plano, entre as profundidades e as alturas. A primeira e a última das iniciações (o Nascimento para a vida, e a Ressurreição para a "vida mais abundante")³⁹ tiveram lugar em uma caverna. A Transfiguração e a Crucificação se realizaram em cima de uma montanha, ou colina, enquanto que a segunda iniciação, depois da qual o Cristo começou Seu ministério público, ocorreu em um rio, nas planícies do Jordão, talvez simbolizando a missão do Cristo, de viver e trabalhar entre os homens. A frase maçônica "encontrar-se no nível" ganha aqui novo significado. Depois de cada experiência na montanha, o Cristo baixava outra vez ao nível da vida cotidiana, e ali manifestava os efeitos ou resultados desse grande acontecimento.

39 - João, 10: 10.

Mitras, como muitos outros, nascera em uma caverna. Cristo nasceu numa caverna e entrou, como o fizeram todos os demais antecessores, numa vida de serviço e sacrifício, capacitando-se, assim, para a tarefa de Salvador do mundo.

Os Salvadores trouxeram luz e revelação à humanidade e foram sacrificados, na maioria dos casos, pelo ódio daqueles que não compreenderam sua mensagem ou objetaram seus métodos. Todos eles "desceram aos infernos e, ao terceiro dia, ressuscitaram". Há vinte ou trinta relatos similares difundidos no transcurso dos séculos, na história da humanidade, e estes relatos, assim como as missões descritas, são sempre idênticos.

"A história de Jesus, como se verá, tem muitas analogias com os relatos sobre

anteriores Deuses Sóis, bem como ao atual percurso do Sol, nos céus - tantas outras histórias, na verdade, que não podem ser atribuídas à mera casualidade, nem, ainda, às tretas e blasfêmias do diabo! Enumeremos algumas: 1) o nascimento de uma mãe virgem; 2) o nascimento em um estábulo (caverna ou câmara subterrânea); 3) o 25 de dezembro (justamente depois do solstício do inverno); 4) a Estrela do Oriente (Sírio) e 5) a chegada dos Magos (os três Reis); 6) a ameaça do Massacre dos Inocentes e a consequente fuga para um país distante (conforme também se diz que Krishna e outros Deuses Sóis). Temos, ainda, as festividades da Igreja, ou 7) da Candelária, (2 de fevereiro), com procissões de círios, para simbolizar a crescente luz; 8) da Quaresma, ou a chegada da primavera; 9) a Páscoa (geralmente em 25 de março), para celebrar a passagem ou cruzamento do Sol pelo Equador, 10) simultaneamente, a erupção de luzes no Santo Sepulcro de Jerusalém. Temos ainda, 11) a Crucificação e morte do Deus-Cordeiro, na sexta-feira Santa, três dias antes da Páscoa; e mais 12) a crucificação em uma árvore, 13) o sepulcro vazio, 14) a Ressurreição gozosa (como nos casos de Osiris, Attis e outros; 15) os doze discípulos (os signos do zodíaco), e 16) a traição por um dos dozes. Mais adiante, temos: 17) o Dia do pleno verão (24 de junho, dedicado ao nascimento do discípulo bem-amado João, em correspondência com o do Natal; temos os festivais 18) da Ascensão da Virgem (15 de agosto) e 19) do Nascimento da Virgem (8 de setembro), correspondendo ao movimento do deus através de Virgo; além do conflito - do Cristo e seus discípulos, na constelação de outono, 20) a Serpente e o Escorpião; e, finalmente, o curioso fato de que a Igreja 21) dedica o mesmo dia do solstício de inverno (quando qualquer um pode duvidar, logicamente, do renascimento do Sol) a S. Tomás, que pôs em dúvida a verdade da Ressurreição".⁴⁰

40 - *Pagan and Christian Creeds*, de Edward Carpenter, pág. 50.

Qualquer estudante de religiões comparadas pode investigar a veracidade dessas declarações e, ao final, ficará assombrado da persistência do amor de Deus e a disposição para o sacrifício, manifestada por todos esses Filhos de Deus.

Por conseguinte, é prudente e oportuno recordar que:

"Estes acontecimentos se reproduzem nas vidas dos diversos Deuses Solares e, na antiguidade, multiplicaram-se exemplos deles. Ísis, no Egito, como Maria de Belém, foi nossa Senhora Imaculada, Estrela do Mar, Rainha do Céu, Mãe de Deus. Vemo-la, nas estampas, de pé, sobre a meia-lua crescente, coroada de estrelas, acalentando, em seus braços, a seu filho Horus, com uma cruz no espaldar do assento, onde está sentada sua mãe, e ele no seu colo. O signo de Virgo, do zodíaco, está representado, em antigos desenhos, como uma mulher amamentando um menino - o tipo de todas as futuras Madonas com seus divinos Infantes, demonstrando a origem do símbolo. Devaki também é representada, com o divino Krishna nos braços, semelhante a Milita ou Istar, da Babilônia, igualmente com a mencionada coroa de estrelas, e com seu filho Tammuz, sobre os joelhos. Mercúrio e Esculápio, Baco e Hércules, Perseu e Dióscoro, Mitras e Zaratustra, eram todos de origem humano-divina".⁴¹

41 - *Cristianismo Esotérico*, de Annie Besant, pág. 158.

Vem a propósito recordar que a catedral de *Notre Dame* de Paris está construída sobre a antiga localização de um templo dedicado a Ísis; e que a Igreja primitiva, com frequência, se valia de uma assim chamada efeméride pagã para determinar um rito cristão, o dia cristão da recordação sagrada. Até o estabelecimento do dia 25 de dezembro, como o dia

de Natal, foi assim determinado. A mesma autora, anteriormente citada, diz:

"Com referência à designação de 25 de dezembro como nascimento de Jesus, Williamson afirma que: Todos os cristãos sabem que o 25 de dezembro é reconhecido, *agora*, como a festividade do nascimento de Jesus, porém, muito poucos se dão conta que isto não foi sempre assim. Diz-se que houve cento e trinta e seis datas distintas, estabelecidas pelas diferentes seitas cristãs. Lighfoot a situa no dia 15 de setembro, outros a estabelecem em fevereiro ou agosto. Epifânio menciona duas seitas, uma que a celebra em junho, a outra em julho. O assunto foi definitivamente decidido pelo Papa Júlio, no ano de 337D.C. e São Crisóstomo, no ano 390 disse: "Neste dia (ou seja o 25 de Dezembro) também em Roma foi fixado, ultimamente, o nascimento de Cristo de modo que, enquanto os pagãos celebravam suas cerimônias (a Brumália, em honra de Baco), os cristãos podiam realizar seus ritos sem ser molestados".⁴²

42 - *Cristianismo Esotérico*, de Annie Besant, pág. 160.

A escolha desta data determinada é cósmica em suas implicações e estamos seguros de que os sábios dos tempos primitivos tomaram estas grandes decisões premeditadamente. Annie Besant nos diz que:

"Ele sempre nasce no solstício de inverno, depois do dia mais curto do ano, à meia-noite de 24 de dezembro, quando o signo de Virgo ascende no horizonte; nascido quando este signo ascende, sempre de uma virgem, que permanece neste estado mesmo depois de ter dado à luz o seu filho - Sol, tal como a Virgem celestial permanece inalterável e imaculada, quando o sol surge, dela, nos Céus. Débil, frágil como uma criança, ele é nascido quando os dias são mais curtos e as noites mais longas..."⁴³

43 - *Cristianismo Esotérico*, de Annie Besant - pág. 157.

É, também, interessante recordar que:

"O Venerável Bede⁴⁴ escrevendo no princípio do século VIII, diz que "o antigo povo da nação Angla", aludindo aos ingleses pagãos antes de se estabelecerem na Grã Bretanha no ano 500 D.C. "começava o ano em 25 de dezembro, data em que agora celebramos o nascimento de Nosso Senhor"; e acrescenta que a noite de 24 para 25 de dezembro, "que é a própria noite agora tão sagrada para nós, chamava-se na língua desse povo, Modranecht, isto é, Noite da Mãe, pelas cerimônias executadas nessa longa vigília noturna". O autor não menciona quais eram essas cerimônias, porém, estavam, evidentemente, relacionadas com o nascimento do Deus-Sol. Na época em que os ingleses se converteram ao cristianismo, nos séculos VI e VII, a festividade do Natal, o 25 de dezembro, já havia sido estabelecida, havia tempo, em Roma, como uma celebração solene: na Inglaterra, porém, sua identificação com o alegre "Yule" pagão - palavra aparentemente significando "folguedo" - lhe conferiu um tom festivo, como não se verificava na parte meridional. Este aspecto prevaleceu, em fricante contraste com a característica que existe entre as raças latinas, onde era desconhecido, até há poucos anos, o costume do Norte de festejar e dar presentes no Natal".⁴⁵

44 - *De tempo rat.*, Bede, XIII.

45 - *The Paganism in Our Christianity*, por Arthur Weigall, págs. 236, 237.

Na época do nascimento de Cristo, Sírio, a Estrela do Oriente, estava na linha do meridiano e Orion, chamada pelos astrônomos orientais, "os Três Reis", se encontrava nas proximidades; em consequência, a constelação de Virgo, a Virgem, se elevava no Oriente e

a linha da eclíptica, a do equador e a do horizonte se uniam todas nessa constelação. É, também, interessante constatar que a maior e mais brilhante estrela da constelação de Virgo tem o nome de Spica (Espiga); e está representada pela espiga de trigo (signo da fertilidade) que a Virgem sustenta. Belém significa "casa do pão", existindo, portanto, uma evidente relação entre os dois termos. Esta constelação é também composta de três estrelas, em forma de taça. Este é o verdadeiro Santo-Graal, que contém o sangue da vida, o repositório do mais santo e sagrado e do que encerra a divindade. Eis aqui os fatos astronômicos. A interpretação desse simbolismo, ligado desde os tempos antigos a estas constelações, é alguma coisa de tão velho como a própria religião. De onde saíram esses signos, e como se manifestaram os significados e simbolismos a eles associados, são conhecimentos que se perdem na noite dos tempos. Existem nas mentes e pensamentos dos homens, mencionados em seus escritos, desde há milhares de anos, e constituem a nossa herança conjunta, hoje em dia. O antigo zodíaco de Dendera (antecedendo ao cristianismo em vários milhares de anos), representa uma prova cabal do que se disse acima. No trânsito do sol em torno do zodíaco, este "Homem dos Céus" chega, no seu devido tempo, a Piseis; este signo fica em exata oposição a Virgo e é, precisamente, o signo de todos os Salvadores do mundo. Já vimos que a era do cristianismo é a Era de Piseis e que o Cristo chegou à Terra Santa quando o nosso sol penetrava nesse signo.

Por conseguinte, o que começou e teve seu ser em Virgo (o nascimento do Cristo-Menino) é consumado em Piseis quando o Cristo-Menino, havendo chegado à sua maturidade, se apresenta como o Salvador do Mundo.

Há outro interessante fato astronômico a este respeito. Estreitamente associadas à constelação de Virgo, e encontrando-se no mesmo setor dos Céus, existem outras três constelações, nas quais está representada, simbolicamente, a história do Menino que nascerá, sofrerá e voltará. Há um grupo de estrelas, denominado Coma Berenice, a Mulher com o Menino, os Centauros, ou o Centauro, e Bootes, nome que significa, em hebraico, "O Que Vem". Antes de tudo, temos o menino nascido de mulher, e essa mulher é virgem; depois o centauro, que, nas antigas mitologias, sempre representou a humanidade, porque o homem é um animal e um deus, ao mesmo tempo e, portanto, um ser humano. Depois, Aquele Que virá destaca-se de todos eles, influenciando-os, assinalando a realização que se alcançará pelo nascimento e encarnação, como homem. Verdadeiramente, o livro ilustrado do céu contém a eterna verdade para os que tem olhos de ver a intuição suficientemente desenvolvida para interpretar. A profecia não está confinada à Bíblia apenas, mas aparece diante dos olhos dos homens, na abóbada celeste.

Deste modo, enquanto "os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos",⁴⁶ temos a profecia do acontecimento mundial, que teve lugar quando Jesus nasceu em Belém, "a casa do pão", e Virgo ascendia no horizonte, enquanto brilhava a Estrela do Oriente.

46 - Salmos, 19: 1.

Então o Cristo veio para Sua Própria carne e sangue, porque o mundo dos homens O atraía e o amor do Pai O impulsionava. Veio dar à vida um propósito e uma finalidade e nos indicar o Caminho: Veio dar-nos um exemplo, para sermos galvanizados pela esperança que "não envergonha"⁴⁷ e "impulsionar até a meta pelo prêmio do Supremo Chamamento".⁴⁸

47 - Romanos, 5:5.

Deve-se observar que a viagem que precede o nascimento é também parte da história da vida de outros instrutores, enviados por Deus. Lemos, por exemplo, o seguinte:

"Entre os trinta e dois sinais que deviam ser cumpridos pela mãe do esperado Messias (Buda), o quinto estabelecia *«que ela deveria viajar, no momento do nascimento de seu filho»*. Em consequência, "para que se cumprisse o anunciado pelos profetas", a virgem Maya, no décimo mês depois de sua concepção celestial, realizava uma viagem, para reunir-se com seu pai; e eis que nasce o Messias, sob uma árvore. Um relato conta que ela se havia apeado diante de uma hospedagem, quando Buda nasceu".

"A mãe de Lao-Tse, o sábio chinês, nascido de uma Virgem, se encontrava longe de seu domicílio, quando nasceu seu filho. Deteve-se, para descansar, debaixo de uma árvore, e ali, como a virgem Maya, deu à luz seu filho".⁴⁹

49 - *Bible Myths*, de T. W. Doane, pág. 5

No Evangelho, narra-se que a Virgem Maria, com seu esposo José e o Cristo-Menino em suas entranhas, saía de Nazaré, na Galiléia, para Belém. Às vezes, pelo estudo do significado dos nomes que aparecem na Bíblia e na tradição, podemos lançar muita luz sobre o episódio a que se ligam, e revelar parte de seu significado oculto. No estudo da narrativa bíblica, deve-se empregar tão somente a própria Bíblia e a Concordância de Cruden, de onde extraí a interpretação dos nomes. Ali encontramos que "Nazaré" significa "o que se consagra" ou é destacado. "Galiléia" quer dizer "o girar da roda" - a roda da vida e da morte que gira constantemente, arrastando-nos a todos em seu giro, mantendo-nos, assim, na "roda da existência", como os budistas a chamam, até que tenhamos aprendido as lições da vida e nos tenhamos convertido em "um vaso para honrar, santificado e adequado, para o uso do Senhor".⁵⁰

50 - II Timóteo, 2:21.

O Cristo deixou atrás a longa jornada da existência e Ele, com Sua Mãe, percorre a última parte do caminho. Consagrado desde épocas imemoriais, a este trabalho de salvação mundial, deve-se submeter, antes de tudo, aos processos comuns do nascimento e da infância. Cristo saiu de Nazaré, o lugar da consagração, e foi a Belém, a Casa do Pão, onde, de forma singular, Ele mesmo se converteu no "Pão da Vida"⁵¹ para um mundo faminto. Foi destacado, ou se destacou (como todos os filhos de Deus que despertam), para o trabalho de redenção. Veio para dar de comer ao faminto e, a este respeito, temos dois versículos na Bíblia que lançam luz sobre Sua tarefa e respectiva preparação. Isaías nos diz que, "O grão se mói",⁵² o próprio Cristo nos disse: "se o grão de trigo não cai na terra e morre, fica só; porém, se morre, produz muito fruto".⁵³ Este era o destino que O esperava, quando nasceu em Belém. Então, começou a carreira que, com o tempo, havia de "moê-LO", levando-O até Sua morte.

51 - João, 6:33, 35, 41, 58.

52 - Isaías, 28:28.

53 - João, 12:24.

Segundo a etimologia, o nome Maria significa "a excelsa do Senhor". Ao se dizer estas palavras, vem à mente o famoso quadro de Murilo, que representa a Virgem, de pé, sobre a Lua crescente, envolta em nuvens celestiais. Tal é a ascensão da Virgem, à glória, Há outro ponto interessante, em relação à constelação de Virgo, que poderíamos mencionar. Maria, a Virgem, no simbolismo da antiga sabedoria, representa a matéria virgem, a substância

que nutre alimenta e oculta, dentro de si, o Cristo-Menino - a consciência crística. Em última análise, é através da forma e da matéria que Deus é revelado. Essa é a história da divina encarnação. A matéria, dominada pelo Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, dá nascimento ao segundo Aspecto, na pessoa do Cristo-cósmico, mítico e individual.

Associadas ao Livro de histórias dos céus, existem três constelações, além de Virgo, simbolizadas por mulheres. Temos Cassiopéia, a Mulher Entronizada. Esta constelação é o símbolo da etapa da vida humana, em que predominam e triunfam a matéria e a forma, onde a vida divina interna está tão profundamente oculta, que dela não há sinal, e somente a natureza material controla e rege. Logo vem uma etapa posterior, na história da raça humana e do indivíduo, em que encontramos com a Berenice surgindo simbolicamente - a Mulher que leva o Cristo-Menino: Nesta etapa, a matéria começa a revelar sua verdadeira função, qual seja, a de dar à luz o Cristo, em cada forma. Quando o giro da grande roda da vida haja desempenhado a sua parte, então Maria pode sair de Nazaré, na Galiléia, e dirigir-se a Belém, para dar à luz o Salvador. Por ultimo, temos Andrômeda, a Mulher encadeada, ou a matéria submetida à alma. A Alma, ou o Cristo, então governa. Temos, primeiro, a matéria dominante, entronizada e triunfante. Depois a matéria, como guardiã da divindade, da beleza e da realidade ocultas, pronta para trazê-las à existência. Finalmente a matéria como servidora do que nasceu, o Cristo. Entretanto, nada disto se realiza se não se empreende a viagem de Nazaré, o lugar a consagração, e da Galiléia, o lugar da rotina cotidiana da vida; e tudo isto é certo, quer se trate do Cristo cósmico, oculto na forma de um sistema solar, ou do Cristo mítico, oculto na humanidade, no transcurso das idades; ou do Cristo histórico, oculto na forma de Jesus; ou, finalmente, do Cristo individual, oculto no homem comum. O processo é sempre o mesmo: a viagem, o novo nascimento, a experiência da vida, o serviço que se deve prestar, a morte que se há de sofrer e, depois, a ressurreição, para um mais amplo serviço.

O nome "José" significa "o que agrega"; José era um construtor, um carpinteiro, um obreiro da construção, o que assenta uma pedra sobre outra, ou viga sobre viga. É o símbolo do aspecto construtivo-criador de Deus-Pai. Nessas três pessoas, José, o menino Jesus e Maria, temos simbolizada e representada a divina Trindade, Deus, o Pai, Deus, o Filho e Deus o Espírito Santo, ou a Matéria animada pela Deidade e, portanto, representada para nós pela Virgem Maria.

Na atualidade, as multidões estão numa viagem. Em nossos dias, o ensinamento da Senda e do Caminho que leva a Deus absorve, de maneira crescente, a atenção dos aspirantes, no mundo. Estamos no Caminho do retorno a Belém, uma Belém individual e racial. Estamos a ponto de penetrar na caverna, onde poderá ter lugar o novo nascimento, e portanto, uma etapa da longa viagem da vida está quase completa. Este simbolismo talvez seja mais real do que cremos. O atual problema mundial é constituído pelo *pão*, e nossas inquietações, nossas perplexidades, nossas guerras e nossas lutas, baseiam-se no problema econômico de como alimentar as populações. Todo o mundo se ocupa, no momento, da ideia de Belém, do pão. Nesta sutil implicação há uma segura garantia de que, assim como Cristo chegou à Casa do Pão, assim Ele cumprirá novamente Sua palavra, realizar-se-á a Si mesmo e retornará. A caverna, local de trevas e desconforto, foi, para Maria, um lugar de dor e de esgotamento. Esta história da caverna, ou estábulo, do Novo Testamento, talvez seja mais simbólica do que nenhuma outra, na Bíblia. A longa e penosa

viagem terminou em uma escura caverna. A prolongada e extenuante viagem da humanidade nos trouxe, hoje, a um lugar muito difícil e desagradável. A vida do discípulo individual, antes de receber a iniciação e de passar pela experiência do novo nascimento, é sempre repassada de ingentes dificuldades e penúrias. Todavia, nas trevas e dificuldades, se descobre o Cristo, a vida crística pode ali florescer e podemos apresentar-nos ante Ele, como o Iniciador; George MacDonald, o poeta cego, sentia isto, quando escreveu os belos versos que a tantos deram consolo:

"Desafia a treva, seja qual for,
Densa escuridão de dor, ou estranho mistério
De oração ou providência. Persevera no intento,
E acharás do amor o velado Sacramento.
Uma secreta revelação, doçura, luz
Aguarda a espreita do lutador noturno.
Na densa obscuridade, em seu próprio coração,
Cristo encontra, transfigurado, as almas que Ele chama".

Nesta caverna de iniciação estão simbolizados, com clareza meridiana, os quatro reinos da natureza. Na estrutura rochosa da caverna, aparece o reino mineral. A forragem e o feno, que sem dúvida estão ali, simbolizam o reino vegetal. O boi e o asno representam a natureza animal, mas também, muito mais que isto. O boi representava a forma de adoração que deveria cessar na terra, quando da vinda do Cristo. Ainda havia muitos que adoravam o touro, culto que prevaleceu à época em que nosso sol transitava pela era de Taurus - o Touro, o qual fora conservado, naquela época, nos mistérios de Mitras e do Egito. O signo que imediatamente precedeu à era cristã, foi o de Áries - o Carneiro ou Cordeiro, simbolizado nos rebanhos de ovelhas que rodeavam Belém.

É também interessante recordar que os asnos estão intimamente associados à história de Maria e seu Filho. Dois asnos são mencionados no Evangelho, um, que vem do norte, levando Maria a Belém, e outro que a leva ao Egito. São os símbolos de duas constelações chamadas, respectivamente, Asno setentrional e Asno Meridional, que se encontram nas imediações da constelação de Virgo.

Encontramos o reino humano representado em Maria e José, com a unidade humana mais a dualidade que são essenciais à própria existência. No recém-nascido, expressa-se a divindade mesma. Assim, nessa pequena caverna, está representado o cosmo.

Quando Cristo nasceu em Belém, ressoou uma tríplice Palavra: "Glória a Deus nas alturas e na terra paz, boa vontade entre os homens".⁵⁴ Um triplo enunciado nos foi dado, então. Foi cantado pelos anjos, à noite, para os pastores que cuidavam de seus rebanhos, nos prados que circundavam a caverna-estábulo, onde se encontrava o Menino. Um fato transcendental havia ocorrido nos cosmo e as hostes celestiais o honravam.

54 - Lucas, 2: 14.

Esta questão da excepcionalidade da terra tem frequentemente preocupado as pessoas pensantes. Pode um átomo tão infinitesimal no espaço, como é o nosso planeta, ser de tanto interesse para Deus, a ponto de ter permitido esta grande experimentação nele? O mistério do homem e o significado de nosso propósito serão de tamanha importância que não tenham paralelo em nenhuma outra parte?

Pode algo ocorrer, realmente, nesta "esfera de pó", de significação tão vital que dê

lugar a que os anjos cantem "Glória a Deus nas alturas e na terra paz, boa vontade entre os homens?" Quiséramos que assim fosse. Tememos, porém, o momento em que demonstramos a nossa futilidade, ao contemplarmos as estrelas no firmamento, sabendo que existem milhares de milhões de constelações e centenas de milhões de universos. Somos pontos, na grande imensidade.

Talvez sejamos mais importantes de que supomos. Talvez o que nos sucede no reino da consciência tenha, realmente, influência no esquema cósmico. Sabemos que o que sucede no corpo não tem muita importância. O que acontece através do corpo, é o que importa. Provavelmente, o que ocorre no e através do corpo ao qual chamamos planeta, que é habitado, também, por Deus, *seja* de vital importância para os planos do próprio Deus. Isto daria sentido à vida. Somente quando captamos e apreciamos este sentido, podemos compreender a significação da Palavra emitida quando o Cristo nasceu. Parafrasearemos a mensagem dos anjos, a qual foi emitida por um grupo de seres e transmitida a outro. Portanto, é uma mensagem mundial, que ainda espera resposta. *Quando a consciência crística despertar em todos os homens, então teremos paz na terra e boa vontade entre os homens. Quando isto ocorrer, então poderá Deus ser glorificado.* A expressão da nossa divindade porá fim ao ódio reinante na terra e derrubará os muros que separam um homem de outro homem; um grupo de outro grupo; uma nação de outra, religião de religião. Onde há boa vontade deve haver paz, atividade organizada e o reconhecimento do Plano de Deus; porque este Plano é síntese; este Plano é fusão; este Plano é unidade e unificação. Então, Cristo será o todo em todos, e Deus o Pai, será glorificado. Isto se realizará por uma união viva com Deus, através do Cristo - o Cristo histórico, que revelou Deus e, através do Cristo individual, oculto em cada coração humano, O qual deve ser trazido à existência. Nenhuma das Epístolas do *Novo Testamento* estabelece isto com clareza como a *Epístola aos Efésios*, porque nela se estabelece a possibilidade, em termos que não admitem escusas por uma má interpretação. Esta epístola é:

"... embebida pela ideia de uma união vivente com o Cristo, morando n'Ele. Está expresso em muitas metáforas. Estamos arraigados n'Ele como a árvore ao solo, o que a torna firme e frutífera. Estamos construídos n'Ele, como os sólidos alicerces do Templo estão assentados na rocha viva. Vivemos n'Ele, como os membros no corpo... A morada é recíproca. Ele está em nós e nós n'Ele. Ele está em nós como a fonte do nosso ser; nós estamos n'Ele, cheios de Sua plenitude. Ele está em nós, todo comunicativo; nós estamos n'Ele, todo receptivos. Ele está em nós como a luz do sol, assim como a câmara sem luz estaria às escuras; nós estamos n'Ele como lenho verde que, lançado na flamígera fogueira, resplandece com rubro e fecundante calor. Ele está em nós como a selva que circula na árvore; nós, n'Ele, como os ramos".⁵⁵

55 - Sermões, de A. Mac Laren 3ª Série - págs. 71, 72.

A compreensão disto é necessária agora. Cristo em Deus, Deus em Cristo. Cristo em vós e Cristo em mim. É isto que trará à existência essa religião una que será a do amor, da paz na terra, da boa vontade universal, da compreensão divina e do profundo reconhecimento de Deus. Então, Seu sinete e Sua vida poderão ser vistos em toda parte, em todos os seres e em todas as coisas. A "chancela divina" (como expressa Boehme) será reconhecida em toda parte. A vida de Deus está hoje agitando as mentes dos homens,

obrigando-os a se deslocarem em direção à câmara do nascimento. Dali, passarão a um novo mundo, onde ideais mais elevados e contatos mais profundos, unidos a uma compreensão mais ampla, caracterizarão a humanidade.

Lemos que, quando o Cristo veio, os que tinham visão e estavam preparados disseram: "Vimos Sua estrela, no Oriente e viemos a adorá-lo".⁵⁶ Esse sinal foi dado àqueles poucos que estavam preparados e que fizeram a necessária viagem a Belém. Um outro sinal, porém, visto por muitos, foi dado pelo anjo do Senhor aos pastores que, no campo, guardavam durante as vigílias da noite: "Isto, vos servirá de sinal: achareis o menino envolto em panos, deitado em uma manjedoura."⁵⁷ Este sinal foi transmitido aos dois ou três que estavam em vigília, dispostos a se consagrar por inteiro, os quais perceberam o fulgor da estrela da iniciação e se apressaram a encaminhar-se para a câmara iniciática. A maioria que estava interessada e atenta, necessitava de um sinal mais concreto e fácil de ser interpretado, por isto se lhes disse que fossem ver o recém-nato e sua mãe. A atitude deles se expressa nestas palavras: "Passemos, pois, até Belém e vejamos isto que sucedeu".⁵⁸ Os três que compreenderam, porém, foram a adorar e a dar.

56 - Matheus, 2:2.

57 - Lucas, 2: 12.

58 - Lucas, 2: 15.

Quando viram brilhar a estrela, os três Reis empreenderam uma viagem e, carregados de presentes, foram para Belém. Eles são símbolos desses discípulos do mundo atual que estão dispostos a se preparar para receber a primeira iniciação, transmutar seu conhecimento em sabedoria e oferecer tudo o que possuem ao Cristo interno. Os presentes que levavam constituem o tipo específico da disciplina que se deve seguir para se apresentar diante do Cristo, no momento do novo nascimento, dons que simbolizarão a consecução. Os três Reis ofereceram ao Menino Jesus três presentes - ouro, incenso e mirra. Analisemos, de passagem, a importância especial que tais presentes têm para o futuro iniciado individual. Os esoteristas afirmam que o homem é de natureza tríplice e esta verdade está apoiada pelos psicólogos, através de suas investigações e pesquisas. O homem é um corpo Físico vivente, uma soma total de reações emocionais e, também, esse algo misterioso a que chamamos mente. Estas três partes do homem - físico, emocional e mental - têm que oferecer-se em sacrifício, adoração e como dádiva voluntária ao "Cristo interno", antes que o Cristo possa expressar-se por meio do discípulo e do iniciado, como Ele anela fazer. O ouro é um símbolo da natureza material que deve ser consagrado ao serviço de Deus e do homem. O incenso simboliza a natureza emocional, com suas aspirações, desejos e anelos, e esta aspiração deve elevar-se como o incenso, aos pés de Deus. O incenso é, também, símbolo de purificação, esse fogo que consome toda a escória e deixa somente a essência, para o Deus que abençoa. A mirra, ou a amargura, se relaciona com a mente. Por meio da mente sofremos, como seres humanos e, quanto mais progride a raça e se desenvolve a mente, tanto maior é a nossa capacidade de sofrimento. Quando, porém, o sofrimento é visto em sua verdadeira luz e é consagrado à divindade, pode-se empregá-lo como instrumento de maior aproximação a Deus. Então, podemos oferecer a Deus esse raro e maravilhoso dom, de uma mente que alcançou a sabedoria pela dor e de um coração que se fez bondoso pela angústia e dificuldades superadas.

A medida que estudamos o que significam essas três oferendas apresentadas ao

Menino Jesus pelos antigos discípulos e observamos seu significado, no que respeita à nossa situação individual, resulta evidente, igualmente, que a humanidade, como um todo, está hoje diante do Menino Jesus, na Casa do Pão, ao final de uma longa viagem e pode oferecer, se o desejar, os dons da vida material, os da purificação, por meio dos fogos da adversidade e os do sofrimento a que esteve submetida. A humanidade pode viajar desde a Galiléia, via Nazaré. O ouro, objeto que hoje parece ser o sangue vital dos povos, deve ser consagrado ao Cristo. O incenso, os sonhos, as visões e aspirações da multidão - tão reais e profundos que todas as nações lutam pela expressão desses sonhos - esses, também, devem ser dedicados e oferecidos ao Cristo, para que Ele seja o todo em todos. E a dor, o sofrimento e a agonia da humanidade, nunca tão pungentes como agora, devem, igualmente, ser depositados aos pés do Cristo. Temos aprendido muito. Que o significado de tudo isto penetre em nossos corações e em nossas mentes, fazendo com que a razão da dor nos impulsione a oferecê-la como a máxima dádiva ao Cristo. A dor sempre acompanha o nascimento. No aposento onde se realiza o nascimento, há sofrimento. A conscientização disso desperta, nas mentes daqueles que meditam sobre o sofrimento e sobre a agonia do mundo, um otimismo profundo e construtivo. Não poderia indicar que as dores de parto precedem a revelação do Cristo? Quando o compreendermos, diremos como São Paulo:

"Por amor do qual, perdi todas as coisas e as considero como refugo para ganhar o Cristo e ser achado n'Ele, não tendo a minha própria justiça, que deriva da lei, mas aquela que vem pela fé em Cristo - a justiça que procede de Deus através da fé... não que eu já tenha ganho este conhecimento ou alcançado a perfeição; mas prossigo, esforçando-me por conquistar aquilo pelo qual também eu fui conquistado por Cristo Jesus... Mas uma coisa faço - esquecendo-me de todo o passado e avançando para o que se encontra à minha frente, com meus olhos fixos na meta, prossigo para assegurar o prêmio celestial em Cristo Jesus. Portanto, todos os crentes adultos devemos apreciar estes pensamentos; e se de alguma maneira pensarmos diferentemente, também Deus no esclarecerá. Todavia, qualquer que seja a etapa alcançada, perseveremos em nosso trajeto".⁵⁹

59 - Filipenses, 3:8, 9, 12, 16. Tradução de *Veymouth*.

O relato da infância de Jesus, como se encontra no Evangelho, se explica em muito poucas palavras. Somente se narra um episódio, em que Jesus, havendo completado os doze anos, foi levado por Sua Mãe ao Templo do Senhor e, ali, pela primeira vez, deu mostras de Sua vocação, evidenciando, assim, o conhecimento de que se Lhe havia preordenado uma missão. Anteriormente a este episódio, Seus pais haviam cumprido todos os requisitos do ritual judaico; tendo realizado, também, a viagem ao Egito. Nada se disse de Sua Estada ali. Tudo o que sabemos está encerrado nas palavras:

"... voltaram à Galiléia, à sua cidade de Nazaré. E o Menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria, e a graça de Deus era sobre Ele".⁶⁰

60 - Lucas 2: 39,40.

Os estudantes fariam bem em recordar que o número *doze* é considerado pelos esoteristas de todos os credos como o número do que é completo, conforme expressado, uma ou outra vez, nas diversas escrituras do mundo. Os comentários que se seguem são interessantes, neste particular, pois indicam a significação deste número, e sua relação com a iniciação:

"Alcançar a idade de doze anos significa um período completo de evolução, em que se

recebe a iniciação da alma crística, tendo lugar na mente interna (o templo) e correspondendo ao despertar dos aspectos da lógica e da intuição da alma. São o princípio Pai-Mãe, indicado pela presença dos genitores".⁶¹

61 - *Dictionary of the Sacred Language of all Scriptures and Myths*, de G. A. Gaskell, pág. 773.

E ainda:

"Este número (o dos doze discípulos) está exemplificado por muitas coisas, no *Antigo Testamento*, como sejam: os 12 filhos de Jacó, os 12 príncipes dos filhos de Israel, os 12 mananciais de Helim, as 12 pedras no peitoral de Aarão, os 12 pãezinhos da proposição, os 12 espiões enviados por Moisés, as 12 pedras do altar, as 12 pedras extraídas do rio Jordão, os 12 bois que sustentam o mar de bronze. No *Novo Testamento*, temos as 12 estrelas da coroa da noiva, os 12 alicerces de Jerusalém, que João viu, e suas 12 portas".⁶²

62 - Bispo Rabanus Manrus, 857, D.C.

Todas essas referências ao número 12, têm, provavelmente, sua origem, nos doze signos do zodíaco, essa faixa imaginária dos céus, pela qual o sol, aparentemente, transita em sua viagem durante um ano, sendo o seu ciclo maior de, aproximadamente, 25.000 anos.

Havendo completado o trabalho preparatório, Jesus, em seu duodécimo ano, realizou, novamente, outra experiência intuitiva, indo de Nazaré (lugar de consagração) ao Templo, onde a intuição O levou a uma nova conscientização de Seu trabalho. Nada indica que Ele conhecia, detalhadamente, em que consistiria essa missão; não deu explicação alguma à Sua Mãe. Começou a fazer o trabalho que constituía o Seu dever mais imediato e a ensinar àqueles que se encontravam no templo, assombrando a todos com Sua compreensão e suas respostas. Sua mãe, admirada e penalizada, ao mesmo tempo, Lhe chamou a atenção, em relação a ela e a Seu pai, porém só recebeu a serena resposta, dita com convicção que mudou, totalmente, a vida dela. "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"⁶³ Esses negócios, à medida que se desenvolviam em Sua Consciência, no decorrer dos anos, se tornaram muito mais amplos e se estenderam em Seu todo-abarcante amor, que a igreja ortodoxa parece disposta a admitir.

63 - Lucas, 2:49.

A extensão desta missão delineou-se, lentamente, na jovem mente de Jesus e Ele começou, como devem fazer, obrigatoriamente, todos os filhos de Deus, verdadeiramente iniciados, a atuar como mensageiro de Deus, tão logo reconhecida a Visão e o lugar em que Se encontrava. Havendo, deste modo, indicado Sua Compreensão quanto ao trabalho futuro, lemos:

"E desceu com eles (Seus Pais) e foi para Nazaré (lugar da renovada consagração) e era-lhes sujeito... E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens".⁶⁴

64 - Lucas, 2:51, 52.

Encontramos com muita frequência, no Evangelho, a palavra "desceu". Cristo e Sua mãe "desceram ao Egito", "Ele desceu a Nazaré", e uma e outra vez "desceu do alto da montanha, "ou do lugar da solidão, para cumprir com seu dever junto aos homens. Depois da oculta experiência no Egito (pois a Bíblia nada disse a respeito), e depois da revelação no Templo e, ainda, da aceitação da tarefa a cumprir, Cristo regressa ao lugar de Seu dever. Neste caso, e depois da iniciação do Nascimento, nos é dito que, durante um período de

trinta anos, atuou, como homem, na vida cotidiana, em uma oficina de carpintaria e no lugar onde moravam Seus pais. Esta vida em Família constitui a prova a que foi submetido e sua importância não pode ser subestimada. Seria uma blasfêmia dizer que, se houvesse fracassado nessa tarefa imediata, teria fracassado no resto de Sua obra? Se não tivesse conseguido demonstrar a divindade no âmbito doméstico e na pequena cidade que Lhe reservara o destino, teria podido atuar como Salvador do mundo? Ele veio revelar-nos nossa humanidade, como deveria ser e será, quando concluirmos a longa viagem a Belém. Isto constitui o excepcional de Sua missão.

Cristo viveu, silenciosamente, em Seu lar, com Seus pais, realizando a difícilíssima experiência de viver uma vida em família, com sua monotonia, seus costumes sem variações, sua necessária subordinação à vontade e às necessidades do grupo, com suas lições de sacrifício, de compreensão e de serviço. Esta é sempre a primeira lição que todo discípulo deve aprender. Enquanto não a houver aprendido, não pode passar adiante. Se a divindade não se expressar no lar, entre os que nos conhecem bem e são nossos amigos familiares, não se pode esperar que se manifeste em outras partes. Devemos viver como filhos de Deus, no lugar - insípido, tedioso e, às vezes, sórdido - em que o destino nos colocou. Em nenhuma outra parte pode ser possível esta etapa. O lugar em que nos encontramos, é de onde iniciamos nossa viagem e não o lugar de onde escapamos. Se não tivermos êxito, como discípulos, onde estivermos, e no lugar em que nos descobrimos a nós mesmos, nenhuma oportunidade se nos oferecerá, até que o façamos. Aqui está nossa prova e nosso campo de serviço. Muitos estudantes verdadeiros e conscientes creem, realmente, que poderiam impressionar, em seu meio ambiente e manifestar sua divindade, se tivessem um lar diferente, ou cenário doméstico distinto. Se houvessem contraído matrimônio com outra pessoa, ou se tivessem mais dinheiro, ou mais tempo disponível, despertariam mais simpatia em seus amigos; ou, se desfrutassem de melhor saúde física, quem sabe o que poderiam realizar? Uma prova é algo que constata e demonstra a nossa força; exige o máximo de nós, revelando os nossos pontos fracos e onde reside o nosso fracasso. Atualmente, são necessários discípulos responsáveis e que foram provados de tal maneira a não se desmoralizarem, ante as dificuldades, nem quando enfrentam situações sombrias, na vida. Deveríamos capacitar-nos de que existem, agora, essas circunstâncias e meio ambiente, onde podemos aprender a lição da obediência ao superior, que reside em nós mesmos. Possuímos, exatamente, o tipo de corpo e as condições físicas através dos quais se podem expressar a divindade. Temos os contatos no mundo e a modalidade de trabalho requeridos para poder dar, no caminho do discipulado, o passo seguinte para Deus. Enquanto os aspirantes não captarem este fato essencial e não se dedicarem, com alegria, a uma vida de serviço, dando-se amorosamente, em seus próprios lares, não realizarão progresso algum. Se o caminho da vida não for palmilhado, com regozijo, no círculo familiar, em silêncio e sem auto-piedade, nenhuma outra lição, nenhuma outra oportunidade, lhes será oferecida. Muitos aspirantes bem intencionados devem também compreender que eles são responsáveis por muitas das dificuldades por que passam. Confundidos porque lhes parece evocar demasiado antagonismo entre aqueles que os cercam, lamentam-se de não achar uma resposta amistosa, enquanto estudam, leem e pensam, tentando levar uma vida espiritual. A razão usualmente se encontra no fato de seu egoísmo espiritual. Falam, exageradamente, de suas aspirações e de si mesmos. Devido a

que fracassam em sua primeira responsabilidade, não encontram uma reação compreensiva à sua demanda de tempo para meditar. Querem reconhecimento do que estejam meditando, exigem tranquilidade, e que não sejam molestados, nem interrompidos. Nenhuma dessas dificuldades surgiriam, se os aspirantes atentassem para duas coisas: Primeiro, que a meditação é um processo que se leva a cabo em segredo, silenciosa e regularmente, no templo secreto da própria mente do homem. Segundo, que muito se poderia fazer, se não se falasse tanto do que cada um faz. Devemos caminhar silenciosamente com Deus e mantermo-nos, como personalidades, em segundo plano; organizar as nossas vidas, de maneira a podermos viver como almas, dedicando tempo para as cultivar, posto que conservando o sentido da proporção, recebendo o afeto daqueles que nos rodeiam e cumprindo, com perfeição, as nossas responsabilidades e obrigações. A autopiedade e o falar em demasia são as rochas contra as quais se esboroam, temporariamente, muitos aspirantes,

Pelo amor e pela prática amorosa, provamos a nossa iniciação nos mistérios. Nascidos no mundo de amor de Belém, a nota-chave de nossas vidas, a partir desse momento, deve ser a obediência ao mais elevado que existe em nós, ao amor a todos os seres e a total confiança no poder do Cristo imanente, para expressar (por meio da forma externa de nossa personalidade) uma vida de amor. A vida de Cristo deve ser vivida agora e, oportunamente, por todos. É uma vida de regozijo e alegria, de provas e de problemas; porém, sua essência é amor e seu método é ainda, o amor. Deixou-nos o exemplo, para seguirmos os Seus passos e levar a termo o trabalho que Ele iniciara.

Enquanto viajamos com o Cristo, de Belém até nos aproximarmos da segunda iniciação, qual a lição que aprendemos? Como podemos resumir a significação desse episódio, em termos de aplicação prática individual? Este episódio tem algum significado pessoal? Quais são os requisitos necessários e quais as possibilidades com que nos confrontamos? Se um estudo dessas cinco etapas, na vida do Cristo, não for proveitoso para nós e se elas se referem a um desenvolvimento de impossível interpretação humana, então tudo que se escreveu e ensinou, no transcurso dos séculos, terá sido fútil e sem qualquer utilidade. As interpretações teológicas comuns já não mais atraem a inteligência evoluída do homem. Cristo, mesmo, sempre tem poder de atrair o interesse humano e também de chamar para junto de Si aqueles que têm visão para perceber a verdade tal qual é e escutar a mensagem evangélica, nos termos em que cada nova era exige. Constituiria uma perda de tempo, seguir elaborando esta antiga história do Cristo vivo, se ela não contivesse uma mensagem específica para nós e se apenas nos pedisse para assumirmos a atitude do observador e de um homem que dissesse simplesmente: "Assim é". Esta atitude crente, posto que negativa, tem-se mantido por demasiado tempo. Observando o Cristo de uma distância muito grande, estivemos tão ocupados com a conscientização de Suas realizações, que nossa parte individual, a que devemos desempenhar, final e inevitavelmente, ficou esquecida. Deixamos a Ele todo o trabalho. Tentamos imita-LO, e Ele não quer ser copiado. Quer que provemos a Ele, a nós mesmos e ao mundo, que a divindade que reside n'Ele se acha, também, em nós. Devemos descobrir que podemos ser como Ele, porque O vimos. Teve fé ilimitada em nós e no fato de que "todos somos filhos de Deus", porque "nosso Pai é uno" e Seu chamado é emitido para percorrermos o Caminho da santidade e alcançar aquela perfeição que Sua vida alcançou, num desafio a nós e para o

que Ele próprio nos pede que trabalhemos.

Às vezes se pensa se foi correto para os homens terem aceito as ideias de São Paulo, tais como foram traduzidas, no transcurso dos séculos. O conceito do pecado muito pouco foi tratado pelo Cristo. São Paulo o repisou e o ponto de vista que deu ao Cristianismo talvez seja o responsável principal pelo complexo de inferioridade dominante no cristão comum, inferioridade que o Cristo não ensinou de modo algum. Eles nos chama a uma santificação da vida e nos exorta a seguir Seus passos, não os passos segundo uma interpretação de Suas palavras por qualquer de Seus discípulos, por estimáveis e valiosas que sejam.

Qual é essa santidade a que nos exorta, quando damos o primeiro passo para o novo nascimento? Que é um homem santo?

Plenitude, unidade, unificação, integridade, são as características que distinguem o homem perfeito. Uma vez percebida, com olhos bem abertos, a visão da divindade, que poderemos fazer? Esta interrogação expressa o nosso problema. Qual é o passo seguinte, o dever imediato do homem que sabe que, nele, ainda não se verificou o novo nascimento, mas sente em si o impulso de ir da Galiléia a Belém, pelo caminho de Nazaré?

Requer, antes de tudo, esforço. Significa iniciativa, emprego de energia, superação da inércia e a vontade de obrigar-se a si mesmo a empreender a viagem inicial. Isto significa, também, escutar à solicitação da alma e obedecer à sua insistência por uma maior aproximação de Deus e a uma mais plena expressão da divindade; conquanto "todo indivíduo, em determinado momento, hesite entre o esplêndido anelo de seguir adiante, para o conhecimento, e o desejo de retroceder ao lugar seguro".⁶⁵

65 - *Psychology and the Promethean Will*, de W. H. Sheldon, pág. 47.

Em realidade, há dificuldade e perigo no acima descrito caminho para o centro. Muito se deve superar e enfrentar. A natureza inferior (o aspecto Maria) retrocede, diante da perspectiva, preferindo a inércia e a estabilidade à atividade exigida e à incerteza momentânea,

Este novo nascimento não é um sonho místico; nem tampouco a formosa visão de um possível, ainda que não provável, empreendimento; não é, simplesmente, uma expressão simbólica de alguma meta definitiva - que nos espera, em um nebuloso futuro ou em alguma outra forma de existência, ou ainda, em algum céu definitivo, que poderemos atingir, se nos voltarmos à crédula e cega aceitação de tudo o que a teologia pode dizer-nos. É relativamente fácil de crer, esta é a linha de menor resistência para a maioria. Difícil é abrímos caminho até a etapa de experiência em que o programa divino se torna claro para o homem, convertendo as possibilidades que o Cristo dramatizou em algo que nos impede de descansar, até que as tenhamos transmutado em experiência pessoal, pela experimentação da iniciação. O novo nascimento é um fato tão natural e tanto o resultado do processo evolutivo, como o nascimento de uma criança, no mundo físico. Eternamente, idade após idade, os homens realizaram e continuarão realizando a grande transição, corroborando a realidade desta experiência. Todos devemos enfrentá-la, em uma ou outra oportunidade.

Dois reconhecimentos devem surgir no mundo mental do aspirante de nossos dias. Primeiro, a presença da alma, uma entidade viva, que pode e deve ser conhecida pelo processo de trazê-la à existência, no plano da vida diária; segundo, a determinação de

reorientar toda a natureza, para possibilitar uma identificação mais completa com essa alma, até conseguir a total unidade. Começamos a ver o que se deve fazer, começamos a adotar a correta atitude que tornará isso possível. As duas metades de nossa dualidade essencial - alma e corpo, Cristo e Maria, cobertos pela sombra do Espírito Santo, o material e o espiritual - se defrontam e se aproximam, cada vez mais, até que se alcance a união completa e o Cristo nasça por intermédio da Mãe. Mas a aceitação desta ideia divina e a orientação da vida para que a ideia seja uma realidade, são os primeiros e imediatos passos.

Isto, o Cristo ensinou e, por essa razão, orou ao Pai.

"E não rogo somente por estes (Seus discípulos), mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um; como Tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste... Eu neles e Tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade".⁶⁶

66 - João 17:20, 23.

Essa é a doutrina da Unificação; Deus, imanente no universo - o Cristo cósmico. Deus, imanente na humanidade, revelado pelo Cristo histórico. Deus, imanente no indivíduo, o Cristo interno, a alma.

Como se pode experimentar esta verdade da alma, bem assim o novo nascimento, em forma tão singela e prática que apareça seu significado, de modo a nos permitir fazer o que for necessário? Talvez ajudem as seguintes afirmações:

1. Oculto em todo ser humano está o "Verbo encarnado", o Filho de Deus feito carne. Este é o "Cristo em nós, esperança é de Glória", mas somente uma esperança para a massa, por enquanto. Cristo ainda não se manifestou. Está oculto e velado pela forma. Vê-se Maria, mas não se vê o Cristo.

2. À medida que a roda da vida (a experiência na Galiléia) nos leva de uma lição a outra, acercamo-nos, cada vez mais, da realidade interna e da deidade oculta. Porém, o Cristo-Menino se acha oculto, na matriz da forma.

3. Em seu devido tempo, a personalidade - física, emocional e mental- agrega-se em um todo vivente. A Virgem Maria está a ponto de dar à Luz o seu Filho.

4. A longa jornada chega a seu termo, e o Cristo-Menino oculto nasce na primeira iniciação.

O Dr. W. R. Inge se refere a esta verdade, nos seguintes termos:

"Macário, seguindo Metódio, ensina que a própria ideia da Encarnação inclui a união do Logos com as almas pias, nas quais Se sente satisfeito. Em cada uma delas nasce um Cristo. Deste modo, além das ideias do Resgate e do Sacrifício que Cristo realizou por nós, estes teólogos acrescentaram as ideias de santificação e de transformação interna do Cristo em nós, considerando esta última tão real e parte tão integrante de nossa redenção, como a primeira. Mas a doutrina da Imanência Divina no coração humano nunca chegou a constituir a verdade central da teologia, até à época dos místicos medievais. Foi Eckhart quem disse: "O Pai pronuncia a Palavra na alma e, quando o Filho nasce, todas as almas se convertem em Maria".⁶⁷

67 - *The Paddock Lectures*, pág. 66.

Fomos convocados para o novo nascimento. Nossas personalidades vivem, agora, plenas de potencialidade. O momento chegou.

A alma humana deve escutar o desafio da alma crística e se conscientizar de que "Maria é bendita, não porque concebera o Cristo, fisicamente, senão porque o concebeu espiritualmente, e nisto todos podem se tornar como ela". (Eckhart).

CAPÍTULO III

A SEGUNDA INICIAÇÃO: O BATISMO NO JORDÃO

PENSAMENTO CHAVE

"É um momento propício para praticar, seriamente, a vida cristã... Em momentos de catástrofe, um processo de purificação ascética tem lugar, sem o qual não pode haver vida espiritual alguma, nem para a sociedade, nem para o indivíduo."

Freedom of the Spirit,
de Nicholas Berdyaev, página 46.

1

"Sempre que algo seja percebido e sentido, constitui uma experiência da alma; e sempre que se torne impossível distinguir entre um pensamento e um sentimento, ali está a alma. A alma significa unidade, unicidade e união entre o desejo interno e a realidade externa. A medida que o homem progride na aceitação do universo, da compatibilidade entre o que sente, como desejo interno, e o que percebe, como disposição externa, e à medida que se expandem ambos os elementos, *a alma se dirige para a grandeza,*"¹ (O grifo me pertence. A.A.B.)

1 - *Psychology and the Promethean Will*, de W. H. Sheldon, pág. 130.

A primeira iniciação se realizou. Cristo nasceu em Belém. A alma alcançou sua expressão externa e, agora, esta alma - o Cristo (como o representante histórico de tudo que uma alma pode ser), o iniciado individual - caminha para a grandeza. A missão do Salvador se inicia, definidamente, nesse momento, mas, em benefício dos que virão depois, Ele deve emitir a nota da purificação e adaptar-se aos requisitos do ritual, bem assim à tendência geral do pensamento de Sua época. O iniciado que tiver dado o primeiro passo deve por ênfase na purificação da natureza inferior, essencial para o preâmbulo da segunda iniciação. O batismo de João foi o símbolo desta purificação. Cristo submeteu-Se ao batismo, fazendo caso omissos dos protestos do Batista, dizendo-lhe: "Deixa, por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça".²

2 - Mateus, 3:15.

Cristo alcançou a maturidade. A tradição revela que tinha trinta anos, quando foi batizado e começou sua breve, porém espetacular vida pública. Quem pode avaliar quanta verdade encerra isto, sob o ponto de vista histórico? Não tem real importância. O Cristo foi, é e sempre será. Falando simbolicamente, era necessário que Cristo completasse trinta anos, porque esse número é significativo, no que concerne à humanidade. Trinta significa o aperfeiçoamento dos três aspectos da personalidade - o corpo físico, a natureza emocional e a mente. Os três constituem o aspecto forma do homem e velam ou ocultam a alma. São, em realidade, o mecanismo de contato do homem com o mundo externo; o equipamento mediante o qual sua consciência se desperta e desenvolve. Em sua totalidade constituem o "mecanismo de resposta", segundo os psicólogos. Sabemos que o homem é tanto um animal físico como um ser emocional e sensorial, e uma entidade pensante. Quando estas

três partes da natureza inferior do homem funcionam harmonicamente, formando uma unidade para o uso do homem interior, dão como resultado uma personalidade integrada, ou um eu inferior eficiente. A isto dá testemunho o número trinta. Dez é o número da perfeição; e trinta é a perfeição nas três partes do equipamento da alma.

É oportuno recordar que, mediante esses três aspectos, (ou reflexos do ser divino), o homem se põe em relação com o universo existente, e portanto, com Deus, imanente na natureza. O corpo físico nos permite estabelecer contato com o mundo tangível, visível. A natureza emocional, sensorial, nos permite dizer: "Elevo meu coração ao Senhor". A maioria das pessoas vive no coração e no corpo sensorial e é mediante o coração que descobrimos nosso caminho para o Coração de Deus. Somente através do amor pode o Amor ser revelado. Quando, pelo correto uso e compreensão, a mente é definidamente dirigida e propriamente orientada, põe-se em harmonia com a Mente de Deus, a Mente Universal, o Propósito, o Plano e a Vontade de Deus. Através da mente iluminada do homem a Mente Divina é revelada. Assim, o homem é visto como feito "à imagem e semelhança de Deus".³

3 - Gênesis, 1: 26.

Na segunda iniciação, o Cristo permaneceu diante de Deus, o Iniciador, com seus três aspectos purificados e amadurecidos; Seu mecanismo estava preparado e pronto para a tarefa, e, assim, capacitado para dar provas dessa purificação e da tensão de atitude que O capacitariam a levar a cabo, satisfatoriamente, Sua missão. Isto Ele teve que provar, diante de Deus e do homem, mediante a purificação que o batismo poderia dar, e através das subsequentes tentações, no deserto. Preparado para Sua obra, possuía o que o Dr. W. H. Sheldon⁴ denominou "os três elementos principais para uma grande mente, isto é, *"entusiasmo, visão interior intuitiva e um efetivo equipamento sistematizado"*, acrescentando, mais adiante, que os dois primeiros, "são os de maior importância, porque não podem ser adquiridos, se se tiver chegado à vida adulta sem eles".

4 - *Psychology and the Promethean will*, pág. 135.

Cristo estava assim equipado.

Será conveniente estudar, de forma breve, o propósito para o qual Ele estava preparado. Vimos, no capítulo anterior, que este planeta, chamado Terra, é considerado por muitos cientistas modernos e eminentes, como único, provavelmente, em sua constituição e propósito. Aparentemente, ele oferece um condicionamento da vida que não existe em outro planeta. Isto pode, ou não, ser assim, e somente o desenvolvimento da consciência do homem poderá confirmar ou negar esta teoria da excepcionalidade. Ao observar a vida planetária vemos que, atualmente, a perspectiva em todos os reinos é desalentadora. Em todos eles há morte e enfermidade e, nos reinos animal e humano, não somente isto se verifica, senão também se observa violência de toda ordem. Na família humana, particularmente, a visão é dolorosa; tão pouco temos conseguido aprender do que o Cristo nos transmitiu e quase nada temos obtido dos processos purificadores da vida moderna. A vontade de melhorar pode ser apreciada operando na maioria dos setores que dizem respeito ao indivíduo, conquanto o impulso seja débil, ainda, em toda a humanidade. Não obstante, pode ser despertada, com o que nos capacitaremos das responsabilidades circundantes ao analisarmos, novamente, a mensagem de amor transmitida pelo Cristo.

Provavelmente, deve ser verdade que Cristo veio a nós com uma mensagem mais

profunda e ampla que a de qualquer Mensageiro anterior proveniente do Centro, mas isto de modo algum diminui a condição e a tarefa d'Aqueles que o precederam. Ele veio em uma época crucial, em um período de crise mundial, encarnando em Si próprio um princípio cósmico - o do Amor, qualidade proeminente de Deus. Outros aspectos, qualidades e propósitos da natureza divina foram revelados em anteriores encarnações de Deus e apareceram na medida em que a raça chegava a uma etapa de seu desenvolvimento, na qual era possível uma reação correta. Zaratustra, para citar um desses Mensageiros, havia chamado a atenção do gênero humano para o fato dos dois princípios básicos existentes no mundo - o do bem e o do mal - acentuando, assim, as dualidades básicas da existência. Moisés revelou a Lei, exortando os homens a reconhecerem Deus como o princípio de Justiça, ainda que pareça uma justiça desprovida de Amor, para nós, os que vivemos depois da revelação dada pelo Cristo. Buda encarnou, em Si mesmo, o princípio da Sabedoria divina e, com clara visão do mundo das causas, viu a existência mortal tal qual era, assinalando-nos o caminho de saída. Todavia, o fundamental princípio do universo - o Amor - não tinha sido revelado antes da vinda do Cristo. Deus é amor e, na plenitude do tempo, esta destacada característica da natureza divina tinha que ser revelada, de tal modo que o homem pudesse captá-la. Assim é que o Cristo encarnou em Si mesmo o mais grandioso dos princípios cósmicos. Esta Lei do Amor se pode ver atuando no universo como a Lei de Atração, com tudo o que este termo implica - coerência, integração, posição e a marcha rítmica do nosso sistema solar; pode ser observada, também, na disposição de Deus em relação à humanidade, como o Cristo revelou. Esta função excepcional do Cristo, como guardião e revelador de um princípio cósmico, ou energia, acha-se por trás de tudo o que fez; foi a base e o resultado da perfeição que alcançara; este foi o incentivo e o impulso de Sua vida de serviço, e este é o princípio sobre o qual se funda o reino de Deus.

Que o paganismo não conhece meta nem propósito, é, hoje, para a maioria, uma afirmação que não resiste a uma investigação. Tudo o que transpirou, do passado, teve como meta o que ocorreu quando o Cristo apareceu; preparou a humanidade para a oportunidade que se lhe oferecia, constituindo os alicerces sobre os quais está fundado o presente. Similarmente, a iminente revelação do próximo século constituirá a base sobre a qual se apoiará o futuro e, para este propósito, tudo o que agora ocorre tem suprema importância.

Cristo não só estendeu a ponte entre o Oriente e o Ocidente, resumindo, em Si mesmo, tudo o que o Oriente tinha de valor como contribuição, como também deu à nossa civilização Ocidental (que, a essa época, ainda não havia surgido) os grandes ideais e o exemplo de sacrifício e de serviço que, hoje (dois mil anos depois de haver Ele caminhado entre os homens), estão se tornando a nota-chave das melhores mentes da era. A narração de como as ideias vieram e fizeram impacto na consciência humana, assim mudando o curso dos assuntos humanos, constitui o relato da história; mas, de forma curiosa, as ideias são o elemento imprevisível do futuro. Algum indivíduo, de destacada personalidade, sai das fileiras da raça, reflete e elabora alguma grandiosa e dinâmica ideia, baseada na verdade. Formula-a, em termos que podem ser compreendidos por seus semelhantes, chegando, eventualmente, a viver de acordo com ela. Surgem, então, novas tendências, incentivos e impulsos e, assim, se escreve a história. Pode-se dizer, com toda propriedade, que sem ideias não haveria história. Na enunciação de uma ideia cósmica e na capacidade

de fazer dessa ideia um ideal de força dinâmica, o Cristo não foi superado por ninguém. Através de Sua vida deu-nos uma ideia que, com o tempo, se tornou o ideal do serviço, razão por que muitos governantes e pensadores do mundo dedicam sua atenção ao bem-estar de homens e nações. Que a técnica empregada e os métodos aplicados para a concretização do ideal pressentido e sonhado sejam, com frequência, indesejáveis e errôneos e produzam resultados cruéis e separatistas, de modo algum altera o fato de que, por trás de todos esses experimentos idealistas da raça, subsiste este grande ideal, divinamente inspirado e sintetizado para nós pelo Cristo, com Sua vida e Seu ensinamento.

O Cristo enunciou a mais grandiosa das ideias - a de que Deus é Amor e que esse amor podia manifestar-se em forma humana e, ao fazê-lo, estabeleceu uma possibilidade para todos os homens. Sua vida foi uma demonstração de uma perfeição tal, como o Mundo nunca havia visto.

A alma, que é o Cristo oculto em todos nós, é o mediador entre o espírito (o Pai) e o ser humano. Cristo enfatizou isto, quando chamou a atenção sobre a divindade essencial do homem, falando de Deus como "nosso Pai", tal como era o Pai do Cristo. Era a luz que veio mostrar, e que viu também nos demais (oculta e velada), exortando-nos a que deixássemos brilhar essa luz.⁵ Desafiou-nos a mostrar a perfeição, que Ele encarnou, e ordenou que a demonstrássemos. Provou-nos o que era possível, e pediu que o expressássemos. Nesta forma excepcional de revelação o Cristo não tem igual, porque foi o mais grandioso, elevado e verdadeiro dos mensageiros que apareceram neste mundo, mas não porque – atrever-me-ei a dizê-lo? - fosse o mais grandioso dos que podiam vir. Ninguém deve se atrever a limitar a Deus, assim. De acordo com a revelação evolutiva sobre a natureza da divindade, parece que o Cristo foi a culminação do passado e a indicação do futuro. Acaso não será possível que haja aspectos e características da natureza divina, dos quais ainda não tenhamos, até agora, a mais remota capacidade para conceber? Não será provável que o nosso mecanismo sensorial seja ainda inadequado para captar a plenitude de Deus? Não ocorrerá, talvez, que o nosso mecanismo de percepção requeira um maior desenvolvimento evolutivo, antes que outras características divinas e espirituais possam ser reveladas, sem perigo para nós, e em nós? Poderá haver futuras revelações, de tão estupenda beleza e maravilha, que nem sequer possamos formar a menor ideia de seu possível delineamento. Do contrário, Deus estaria limitado e estático, incapacitado de fazer mais do que fez. Como ousar dizer que é possível, para nós humanos, visualizar os limites da natureza divina? Como pode o intelecto humano arrogantemente crer que lhe seja possível, ainda que por intermédio de Cristo, reconhecer os objetivos finais da Vontade de Deus? A história do desenvolvimento da consciência humana prova que a verdade tem sido revelada em forma progressiva e que essa brilhante galáxia dos Instrutores do Mundo deu uma interpretação da Divindade cada vez mais ampla, alcançando, no transcurso do tempo, a um maior e crescente número. O Cristo nos deu a revelação mais elevada e incluída a que a humana consciência pode responder, até a era atual. Mas, como nos atrevermos a dizer que para Deus nada mais é possível fazer, ao nos dispormos a recebê-lo? Para isso nós preparamos, rapidamente. Até o próprio Cristo disse a Seus discípulos: "Aquele que crê em mim, esse também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas".⁶ Ou estas palavras expressam uma verdade, ou toda a estrutura de nossa crença vem abaixo. Algo mais deve revelar-se, ou a história do passado perde seus fundamentos; as crenças, antigas

perdem sua significação; e teremos alcançado um impasse que ate o próprio Deus pareceria incapaz de transcender. Isto não podemos aceitar.

6 - João, 14:12.

O Cristo cósmico, o Cristo místico, o Cristo histórico e o Cristo individual existem para toda a eternidade, razão por que a revelação pode ser progressiva. Se pudermos crer que Deus inclui todas as formas e o que estas revelam, a medida que se desenvolvem as nossas faculdades e melhora o nosso mecanismo de contato, poderemos, seguramente, perceber mais da divindade do que temos conseguido até agora e ser dignos, posteriormente, de uma revelação maior. Somente as nossas limitações, como seres humanos impedem-nos de ver tudo o que deve ser visto.

O novo nascimento nos levou a um ponto onde nos tornamos conscientes de um novo mundo de luz e de ser. Mediante o processo daquela iniciação, convertemo-nos em cidadãos do reino de Deus que o Cristo veio estabelecer como uma realidade na consciência do homem pelo novo nascimento, passamos a um mundo regido por uma série de leis superiores, espirituais, e novos objetivos se abrem diante de nós, surgem novos aspectos de nossa oculta natureza espiritual e começamos a descobrir, em nós mesmos, o, delineamento de um novo ser, com diferentes gostos, desejos, ideais e métodos de atividade mundana.

Falamos muito da unificação que o Cristo realizou dentro de Si mesmo e para o homem. Reconhecemos a unidade que experimentou com o Pai, e também, que nos exortou a uma unidade divina similar. Todavia, não será possível que haja estabelecido uma síntese mais ampla que a do indivíduo e Deus, a síntese do Reino de Deus?

Que significam essas palavras? Temos falado do Reino dos Céus termos de separação, Ou estamos nesse reino, ou fora dele. Diz-se que devemos sair do reino dos homens (controlado pelo mundo, pelo diabo e a carne) e entrar em outro, descrito como totalmente diferente. Entretanto, é de fato assim? Todos os aspectos dos três reinos sub-humanos - animal, vegetal e mineral - se encontram no homem; e à sua síntese, mais outro fator, o *intelecto* divino, chamamos o reino humano. O homem unifica, em si, as chamadas manifestações inferiores da divindade, Nos reinos sub-humanos da natureza encontramos três tipos principais de consciência: O reino mineral, com seu poder de discriminação subjetiva, sua capacidade de crescer, e sua radioatividade ultríssima; o reino vegetal, com sua sensibilidade e seu mecanismo de resposta em desenvolvimento, sensível à luz solar, ao calor e ao frio, como a qualquer condição climática circundante; o reino animal, com sua consciência grandemente acrescentada; sua capacidade de livre movimento e de contatos mais amplos, graças à sua natureza instintiva. O reino humano encarna todos esses tipos de percepção - consciência, sensibilidade, instinto - além dessa misteriosa faculdade humana a que chamamos "a mente", e resumimos todas essas qualidades herdadas, na palavra "autoconsciência".

Entretanto, na experiência do ser humano inteligente há um lento e nebuloso reconhecimento de que existe algo ainda mais grandioso e de maior valor, fora de si mesmo. O homem é sensibilizado para uma série de contatos mais sutis, para impressões a que denomina espirituais, ideais ou místicas. Outro tipo de consciência começa a germinar nele e, quando tem lugar o nascimento em Belém, esta consciência se põe de manifesto e é reconhecida. Tão logo o ser humano começa a sintetizar, em si mesmo, todo o seu passado,

agregando sua própria constituição peculiar e suas qualidades, começam a surgir e a se demonstrar nele qualidades que não são humanas,

Os membros do reino de Deus encarnarão, seguramente, a herança dos quatro reinos, do mesmo modo que o homem encarna a herança de três. Esta cidadania superior envolve a expressão da consciência crística, que é a consciência grupal, da relação da parte com o todo (algo acentuado, continuamente, pelo Cristo), e do humano com o divino. O resultado desta conscientização deve ser, seguramente, de acordo com o esquema evolutivo, o aparecimento de um outro reino da natureza. Esta é a grande tarefa do Cristo. Pelo poder de sua divindade *realizada*, constituiu-se no homem, que reuniu, em Si mesmo, o melhor de tudo o que havia sido e revelou, também, o que poderia ser. Ele enfeixou, em uma unidade funcional, o superior e o inferior, fazendo disso o "homem novo". Fundou o reino de Deus na terra e realizou uma síntese de todos os reinos da natureza, provocando, assim, o aparecimento de um quinto reino. Podemos resumir as unificações alcançadas, do seguinte modo:

1.Unificou, em Si mesmo, de forma perfeita, os aspectos físico, emocional e mental do homem, comprovando, deste modo, a existência do indivíduo perfeito.

2.Unificou, em Si mesmo, alma e corpo, os aspectos superior e inferior, produzindo, assim, uma encarnação divina.

3.Unificou, em Si mesmo, o melhor de todos os reinos da natureza, mineral, vegetal e animal que, em sua síntese, formam o humano, com o intelecto ativo.

4.Amalgamou esta síntese com um fator espiritual superior, levando ao nascimento um outro reino da natureza, o quinto.

Havendo o Cristo criado, em Si mesmo, uma unificação após outra, em benefício da humanidade, aparece diante de João Batista e passa pela segunda iniciação, a da purificação, nas águas do Jordão. Pelo processo do batismo e pelas tentações que se seguiram, o Cristo evidenciou sua maturidade, enfrentou Sua missão e demonstrou ao mundo Sua Pureza e Seu Poder.

A terceira iniciação, a da Transfiguração, deu testemunho da unificação que o Cristo realizara entre corpo e alma. A integração era completa e a consequente iluminação tornou-se evidente para os Seus discípulos. Apareceu diante deles como Filho do Homem e Filho de Deus e, lhes havendo provado Quem era, encarou a morte que o esperava, assim como o interveniente serviço que realizaria.

Na quarta iniciação demonstrou esta integração, não só como Homem-Deus, senão também como Aquele que abarcava, em sua consciência, o inteiro mundo dos homens. Unificou-se com a humanidade retratando a efetividade dessa divina energia que O capacitou para dizer com toda a verdade: "E eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim".⁷ Foi levantado, da Terra ao Céu, e durante dois mil anos Suas palavras têm permanecido inalteráveis.

7 - João, 12:32.

2

"Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele.

Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço ser batizado por ti, e vens Tu a mim?

"Jesus, porém respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim convém cumprir toda a justiça". Então ele o permitiu.

"E sendo Jesus batizado, saiu logo da água e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, e vindo sobre ele.

"E eis que uma voz dos céus dizia: "Este é meu filho amado, em que me comprazo".⁸

8 - Mateus, 3:13-17.

Nestas simples palavras se narra a história desta iniciação. A Nota-chave é a purificação, encerrando um período de preparação, de silencioso serviço e inaugurando um ciclo de fatigante atividade. A purificação de natureza inferior é um requisito que a igreja cristã sempre acentuou, como também a crença hindu. O Cristo proclamou este ideal diante de Seus discípulos e dos outros homens, quando disse: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus".⁹

9 - Mateus, 5:8.

Em um antigo tratado sobre meditação, Os Aforismos de Ioga, de Patanjali, encontramos que o Mestre proclama: "Pela purificação chega, também, a quietude do espírito... e a capacidade de ver o Eu".¹⁰ A purificação é de muitas espécies e graus. Há pureza física e pureza moral e há, também, essa pureza magnética que faz do homem um canal de força espiritual. Há pureza psíquica, coisa muito rara de achar, e pureza mental. A palavra "pureza" vem do sânscrito *pur*, liberdade de impureza; de limitação e do aprisionamento do espírito nas cadeias da matéria. Não pode haver conquista espiritual, sem purificação; não há possibilidade de se ver e manifestar a divindade, sem passar pelas águas purificadoras. No mundo de hoje se está efetuando uma grande limpeza. Uma "purificação ascética" e uma abstinência forçada de muitas coisas consideradas, até agora, desejáveis, têm lugar no mundo atual e ninguém pode escapar delas. Isto se deve ao desmoronamento do sistema econômico e a tantos outros sistemas ineficazes para o mundo moderno. A purificação nos está sendo imposta e, conseqüentemente, deve produzir-se um sentido mais real dos valores. Uma limpeza dos ideais errôneos, uma purificação racial dos padrões desonestos e objetivos indesejáveis está sendo poderosamente aplicada, nesta época. Talvez isto signifique que muitos indivíduos da raça baixem, hoje, ao Jordão, e entrem em suas águas purificadoras. Uma purificação ascética, autoaplicada, e o reconhecimento de seu valor pelos pioneiros da família humana, poderá ser bem sucedida em conduzi-los ao portal da iniciação.

10 - *Aforismos de Ioga de Patanjali*, Livro II, Af. 41.

Temos, também, neste episódio, uma interessante analogia, quanto ao que está sucedendo à raça, atualmente, sob o ponto de vista astrológico. Estamos entrando no signo de Aquário, o Portador de Água. Simbolicamente, ele representa a pureza e a relação grupais, a universalidade de experiência e as águas vertidas sobre todos. Quando começamos a entrar neste signo, faz mais ou menos duzentos anos, a água pela primeira vez tornou-se de interesse e uso geral para fins sanitários e de irrigação. Assim, foi possível o controle e a utilização da água, como meio de transporte, em ampla escala mundial. O emprego da água em nossos lares é agora tão universal, que dificilmente podemos entender o que pode ter sido o mundo antes de seu uso.

O Cristo, nesta grande iniciação, entrou na corrente, e as águas passaram sobre Ele.

Na Índia, esta iniciação é chamada "entrar na corrente", e se considera que, quem a recebe, demonstra pureza física e psíquica. Ao tratar desta iniciação devemos recordar que, na história narrada no Evangelho, faz-se referência a dois tipos de batismo:

“Respondeu João, dizendo a todos: "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das alpacas; esse vos batizará em Espírito Santo e com fogo".¹¹

Há, por conseguinte, dois tipos de batismo:

1.O de João Batista, que é o batismo pela água.

2.O de Jesus, o Cristo, que é o batismo do Espírito Santo e do fogo.

Nesses dois símbolos está resumida grande parte da história do desenvolvimento humano, e o trabalho comum, de João Batista e de Jesus, produziu uma síntese, que assinala o objetivo imediato de nosso esforço racial. O simbolismo é exato, de acordo com o antigo ensinamento dos mistérios. Um estudo consciencioso desta interpretação simbólica de uma verdade fundamental beneficiará, grandemente, os investigadores de todos os países, e a compreensão do significado dos símbolos empregados arrojaria muita luz sobre a realidade.

11 - Lucas, 3:16.

Na evolução da raça desenvolve-se, primeiramente, a natureza sensorial, cujo símbolo sempre foi a água. A natureza fluída das emoções e a mudança constante entre o prazer e a dor, as tormentas que surgem no mundo do sentimento, e a paz e a calma que podem descer sobre um homem, fazem da água o símbolo mais adequado para este sutil mundo interior da natureza inferior em que vive a maioria e na qual a nossa consciência está focalizada predominantemente. O homem ou a mulher comuns, são, especialmente, uma mescla das naturezas física e emocional; todas as raças anteriores apresentam esta característica e é provável que, na antiga Atlântida, a civilização estivesse inteiramente centrada nos sentimentos e desejos, nas emoções e - nos tipos mais avançados da raça - na vida do coração. João Batista, portanto, ministrou o batismo pela água, o qual dava testemunho da purificação da natureza emocional, que sempre deve ser o passo preliminar à purificação pelo fogo.

O batismo no Jordão simboliza a purificação da consciência no homem, do mesmo modo que o Cristo e Seu batismo simbolizaram, para nós, o divino no homem e a purificação que se segue à atividade desse espírito divino, na natureza inferior. A consciência, com seu chamado ao reconhecimento dos valores superiores, das verdades mais profundas e do nascimento à vida, leva-nos ao Jordão. Por isso, o Cristo foi ali para "cumprir toda a Justiça". Esta experiência sempre precede ao batismo em Cristo e pelo Cristo.

O batismo de João foi um passo no caminho para o centro, sendo aplicado em forma mais geral que o batismo de Jesus, porque muito poucos estão preparados para a segunda iniciação. Constitui uma preparação preliminar para aquele batismo final, porque a purificação da natureza emocional deve preceder, no tempo, à purificação da natureza mental, assim como, na evolução da raça (e também da criança), desenvolve-se, primeiro, o homem sensorial e sensível, para depois a mente iniciar uma vida ativa. O batismo que o Cristo dá a Seus seguidores concerne à purificação da mente pelo fogo. O fogo, de acordo com o simbolismo universal da religião, representa sempre a natureza mental. O batismo pelo fogo é o do Espírito Santo.

Assim, Jesus foi de Nazaré e da Galiléia, para dar o passo seguinte que convinha à Sua experiência. Como resultado desta experiência, na vida, e de sua consagração interior, estava pronto para a iniciação seguinte, recebida no rio Jordão. Jordão significa "o que desce" e, também, segundo alguns comentaristas, "o que divide", assim como um rio divide e separa as terras. No simbolismo esotérico, a palavra "rio" indica, frequentemente, *discriminação*. Vimos que a água simboliza a natureza emocional e que a purificação, no Jordão, pelo batismo, tipifica a total purificação de todos os sentimentos, dos anelos e dessa vida de desejos que constitui o fator determinante na maioria das pessoas. A primeira iniciação simboliza a consagração do corpo físico e da vida do plano físico, à alma. A segunda iniciação representa o controle obtido, e a consagração, à divindade, da natureza de desejos, com suas reações emocionais e sua potente "vida de desejos".

Um novo fator surge agora: a faculdade discriminadora da mente. Por seu intermédio, o discípulo pode controlar a vida mental e dedicá-la à vida no reino de Deus, consumada na terceira iniciação. Pelo correto emprego da mente, o discípulo faz a correta escolha e equilibra (sabiamente) os inumeráveis pares de opostos.

Passamos pela iniciação do Nascimento quase que inconscientemente. A plena significação do que se realizou, não se faz evidente; somos "crianças em Cristo" e, como tal, vivemos e nos submetemos a disciplinas, chegando, gradualmente, à maturidade. Mas há uma época, na vida de todo iniciado, em que se deve fazer a escolha, e o Cristo também teve que defrontar-se com ela. Antes de se poder enfrentar um futuro de serviço, conscientemente empreendido, deve-se realizar um total e puro rompimento interno com o passado, sabendo que, a partir desse momento, já nada será igual.

Esta iniciação marcou uma tremenda mudança na vida de Jesus de Nazaré. Até essa data, durante trinta anos, havia sido, simplesmente, o carpinteiro do pequeno povoado e o filho de Seus pais.

Era uma personalidade que fazia muito bem em uma pequena esfera. Depois da purificação no Jordão, porém, havendo "cumprido toda a justiça"¹², transformou-se no Cristo e andou por Seu país, servindo à humanidade e proferindo as palavras que modelaram, durante séculos, nossa civilização ocidental. A cada um de nós deve chegar esta mesma grande expansão que ocorre quando estamos em condições de receber a segunda iniciação. Nossa vida de desejos deve, então, ser confrontada com opções essenciais que só a mente nos permite manejar de forma adequada.

12 - Mateus, 3: 15.

Segundo a *Crudens Concordance*, João significa "o que Deus deu", e nos três nomes que aparecem juntos neste episódio - João, Jesus e Cristo - está sintetizada toda a história do aspirante consagrado: João, simbolizando o aspecto divino, profundamente oculto no homem, que o impulsiona a alcançar a pureza necessária; Jesus, neste caso, simbolizando o discípulo consagrado, ou o iniciado preparado para o processo que constituirá o sinete de sua purificação; o Cristo, o divino imanente Filho de Deus, que pode agora manifestar-se em Jesus, porque Ele se submeteu ao batismo de João. Essa submissão e completa purificação trouxeram sua recompensa.

Foi nessa iniciação que Deus Mesmo proclamou que Seu Filho era o Único, por Quem "se comprazia". Toda iniciação é, simplesmente, um reconhecimento. É falsa a ideia, comum em muitas escolas dos mistérios e de esoterismo, de que a iniciação envolve uma

cerimônia misteriosa, onde, por intermédio do iniciador e do cetro da iniciação mudam, em definitivo, as condições do aspirante, o qual a partir dali, será diferente e mudará. Uma iniciação tem lugar sempre que o homem, por seu esforço próprio, converte-se em um iniciado. Então, havendo conquistado "o Reino dos Céus pela força",¹³ e "operado sua salvação com temor e tremor",¹⁴ seu estado espiritual é reconhecido, de imediato, por seus pares, e se lhe confere a iniciação.

13 - Mateus, 11:12.

14 - Filipenses, 2:12.

Duas coisas sucedem na iniciação: o iniciado descobre os seus irmãos iniciados, com os quais pode associar-se, e também a missão que se lhe confiou. Dá-se conta de sua divindade, em um sentido novo e real, não simplesmente como uma profunda esperança espiritual, ou possibilidade hipotética, ou um anelo de seu coração. Sabe que é filho de Deus, sendo, portanto, reconhecido como tal. Este foi o caso surpreendente de Jesus Cristo. Sua tarefa surgiu, com todas as suas terríveis implicações, ante Seus olhos, por cuja causa foi, sem dúvida, levado a internar-se no deserto. A ânsia de solidão; a busca daquela quietude, em que a reflexão e a determinação podem revigorar-se mutuamente, foi o resultado natural desse reconhecimento. Viu o que devia fazer - servir, sofrer e fundar o reino de Deus. A expansão de consciência foi imediata e profunda. O professor Schweitzer diz, a respeito:

"Acerca do anterior desenvolvimento de Jesus nada sabemos. Tudo queda na obscuridade. Só uma coisa é certa: em Seu batismo lhe foi revelado o segredo de Sua existência, isto é, que Ele era Aquele a quem Deus havido destinado Ser o Messias. Com esta revelação, ficou completo e não necessitou de ulteriores desenvolvimentos. Porque, então, ele ficou certo de que, até o iminente advento da era messiânica, em que revelaria Sua gloriosa dignidade, devia trabalhar para o Reino, como o Messias oculto, ou desconhecido, bem como provar a Si mesmo e purificar-se, conjuntamente com Seus amigos, para Sua Dor final".¹⁵

15 - *The Mystery of the Kingdom of God*, pág. 354.

Para Jesus, como homem, foi, provavelmente, um descobrimento intranquilizador. Escuros presságios do caminho que Ele poderia ter de palmilhar, deveriam ter-se, algumas vezes, atravessado em Sua mente, porém todas as suas implicações e a imagem da senda que tinha à frente não poderiam assomar à Sua consciência, em toda sua plenitude, até haver passado a segunda iniciação, na qual Sua purificação foi total. Então, defrontou-se com a vida de serviço e com as dificuldades que esperam todo consciente Filho de Deus. O mesmo autor diz:

"Na consciência messiânica de Jesus, a ideia do sofrimento adquiriu, no que a Ele se refere, uma misteriosa significação. O messianismo, do qual se tornou consciente em Seu batismo, não era uma possessão, nem um simples objeto de expectativa, porém, no conceito escatológico, dava-se por feito que, mediante a prova de sofrimento, devia converter-se no que Deus lhe havia destinado que fosse. Sua consciência messiânica nunca se afastou da ideia da Paixão. O sofrimento é o caminho para a revelação do Messianismo".¹⁶

16 - *Ibid.*, pág. 223.

A vida inteira do Cristo foi uma prolongada *via dolorosa*, porém, sempre esteve

iluminada pela luz de Sua alma e pelo reconhecimento do Pai. Embora, conforme registra O *Novo Testamento*, Sua vida se dividisse em períodos e ciclos definidos e embora, obviamente, os detalhes do que devia fazer somente Lhe fossem revelados progressivamente, toda Sua vida constituiu um grande sacrifício, uma grande experiência e um propósito definido. Este objetivo determinado e esta consagração do homem total a um ideal, indicam as condições do estado de iniciação. Todos os acontecimentos da vida estão relacionados com o cumprimento da tarefa da vida, a qual adquire verdadeira significação. Esta é a lição que todos nós, não iniciados e aspirantes, podemos agora aprender. Podemos começar a dizer: "Quando contemplo o passado, a vida não é para mim uma sucessão de experiências, senão uma grande experiência, iluminada, aqui e ali, por momentos de revelação".¹⁷

17 - *A pilgrims Quest for the Absolute, de Lord Conway of Allington*, pág. 8.

Esta iluminação se faz mais constante, à medida que passa o tempo. O antigo instrutor hindu, Patânjali, ensinava que a iluminação é sétupla e vai progredindo por etapas sucessivas.¹⁸ É como se tratássemos mentalmente, das sete iluminações que chegam aos filhos de Deus que estão no processo de despertar suas divinas oportunidades: a iluminação, que chega quando nos decidimos a palmilhar o Caminho probacionário e preparar-nos para a iniciação. Então a luz é lançada sobre a distante visão e obtemos um vislumbre fugaz de nossa meta. Depois, a luz reverte sobre nós mesmos e obtemos uma visão do que somos e do que podemos ser, entrando, então, no caminho do discipulado ou - empregando a terminologia bíblica - iniciamos a longa Jornada a Belém. Há, então, as cinco iniciações, que estamos estudando, cada uma das quais marca um aumento da luz que brilha em nosso caminho e desenvolve essa radiação interna, que capacita a todos os filhos de Deus a dizer, com Cristo, "Eu sou a Luz do Mundo"¹⁹ e a obedecer ao Seu comando, quando diz: «Assim resplandeça vossa luz diante dos homens, para que vejam"...²⁰ Esta luz, em suas sete etapas, revela Deus - Deus na natureza, Deus em Cristo, Deus no homem. É a causa da visão mística sobre a qual tanto se tem escrito e ensinado, como sempre testemunharam as vidas dos santos de Deus, em ambos os hemisférios.

18 - *Aforismos de Yoga, de Patânjali*, Livro II, Af. 27.

19 - João, 8: 12.

20 - Mateus, 5: 16.

Às vezes nos perguntamos, quem terá sido o primeiro homem a receber o primeiro e débil vislumbre (alcançado com tênue luz interna) da infinita possibilidade que o esperava. Teve um vislumbre de Deus e, desde esse momento, a luz percebida foi-se intensificando, cada vez mais. Uma antiga lenda (quem pode dizer que não esteja baseada na realidade?) diz que Jesus de Nazaré foi o primeiro em nossa humanidade, em um nebuloso e remoto passado, a receber esse frágil clarão e que Ele, pelo persistente e constante esforço dirigido, foi o primeiro de nossa humanidade que emergiu à própria Luz de Deus. São Paulo talvez se referisse a esta verdade, quando falou de Cristo como "o primogênito entre muitos irmãos".²¹ Seja esta lenda verdadeira ou não, o Cristo entrou na luz porque Ele era luz; e a história do homem foi uma iluminação, gradualmente crescente, até que hoje a radiação se encontra em toda parte.

21 - Romanos, 8:29.

Nesta inerente e divina luz latente e contudo ainda emanando de Deus, o Cristo teve a visão que Lhe demonstrou Sua Filiação, Seu Messianismo e o caminho do Seu sofrimento.

Esta visão é a herança e a revelação de cada discípulo individual. Esta revelação mística pode ser percebida e, uma vez efetivada, constitui um fato - muitas vezes inexplicável, porém uma realidade, definidamente clara e iniludível. Proporciona ao iniciado a confiança e o poder para seguir adiante. É efetiva em nossa experiência e é raiz de toda a nossa futura consistência e serviço. É também inexpugnável. Sobre esta base marchamos, valentemente, do conhecido para o desconhecido. É finalmente, inefável, porque sublinha a nossa divindade, por estar fundamentada sobre a qualidade divina, emanando de Deus. É um vislumbre no reino de Deus e uma revelação do caminho que devemos percorrer, em nosso roteiro para Ele. Constitui uma expansão que nos permite compreender que "o Reino de Deus é um estado da alma, que provém do espírito e se reflete no corpo".²²

22 - *The Religion of Love*, pelo Grão-duque Alexandre da Rússia.

O primeiro passo para este reino dá-se por meio do Novo nascimento e o segundo passo é através do batismo da Purificação. É um processo de aquisição das características do reino e de gradual conquista daquela maturidade que caracteriza o cidadão desse reino. O Cristo o testemunhou no batismo, quando ele alcançou a maturidade, dando-nos um exemplo e, mediante Sua passagem triunfal pelas provas das três tentações, demonstrou a pureza necessária.

A criança em Cristo, o menino pequeno, o homem maduro o homem perfeito! Pela experiência de Belém, nasce o menino. O infante cresce, até chegar à maturidade e se manifesta em sua pureza e poder, no batismo. Apresenta-se, na Transfiguração, como o homem maduro e na Cruz representa o perfeito Filho de Deus. Uma iniciação constitui aquele momento em que o homem sente e sabe, através de cada parte de seu ser, que a vida é realidade e que a realidade é vida. Por um breve instante sua consciência é toda abarcante; não somente possui a visão e ouve a palavra de reconhecimento, mas sabe, também, que a visão é de si mesmo e que a palavra é ele próprio feito carne.

Esse é o fator essencial. Uma iniciação é um intenso clarão de iluminação, lançado sobre o rio da existência, constituindo uma experiência total. Nada há nela de indefinido; e o iniciado já não é o mesmo em sua consciência.

No rio Jordão, a luz dos Céus se espargiu sobre o Cristo e Seu Pai pronunciou as palavras que ressoaram através das idades e evocaram a resposta de todos os aspirantes ao reino. O espírito de Deus desceu sobre Ele, em forma de uma pomba. A pomba foi sempre o símbolo da *paz*. Por duas razões foi o sinal escolhido para esta iniciação. A água, como vimos, é o símbolo da natureza emocional que, uma vez purificada pela iniciação, converte-se em um límpido e tranquilo lago, capaz de refletir a natureza divina, em toda sua pureza. Assim, em forma de pomba, a paz de Deus desceu sobre Jesus.

Em segundo lugar, as dualidades essenciais da existência estão ilustradas na Bíblia. O *Velho Testamento* personifica o homem natural inferior, o aspecto virgem Maria, que leva, em si, a promessa do Messias, d'Aquele que virá; O *Novo Testamento* representa o homem espiritual, Deus feito carne e o nascimento daquilo que a natureza material carregou e ocultou, em si, durante tanto tempo. O *Antigo Testamento* começa com o aparecimento do corvo na época da fundação do velho mundo, como podemos começar a saber. O Novo Testamento abre com o aparecimento de uma pomba, o primeiro, um símbolo das águas turbulentas e a segunda, O símbolo das águas da paz. Por intermédio do Cristo e pelo

desenvolvimento da vida crística em cada ser humano, chegará a "paz que excede todo o entendimento"²³

23 - Filipenses, 4:7.

De pé, nas águas do Jordão, o Cristo enfrentou o mundo como Homem. De pé, sobre o cimo da montanha da Transfiguração, enfrentou o Mundo como Deus. Mas, na iniciação do batismo, ele ficou a igual altura de Seus irmãos, manifestando pureza e paz. Recordemos que, "do ponto de vista dos demais, só é original o homem que pode conduzi-los mais além do que já sabem; porém isto ele não pode fazer, enquanto não possuir os mesmos conhecimentos que eles".²⁴ Isto deve ser lembrado. O Cristo foi purificado; mas, diante dele, estavam as tentações. Tinha que chegar e ser, em Sua consciência (seja sofrendo de novo as antigas provas e experiências, seja pela recuperação delas), igual a nós, em todas as coisas - no pecado, na debilidade da fraqueza humana e, também, nos triunfos e realizações humanas. O Cristo tinha que demonstrar Sua grandeza moral, assim como Sua divindade e Sua perfeição, como o homem que chegara à maturidade. Tinha que passar pelas provas a que todo candidato a cidadão do reino deve submeter-se, quando chamado a provar sua capacidade para obter os privilégios desse reino, do qual a igreja é o símbolo externo e visível e, ainda que imperfeita e débil na interpretação de seus ensinamentos essenciais, mesmo assim simboliza a forma do reino de Deus. Mas este não é o reino dos teólogos. Não se entra nela pela mera aceitação das crenças formais. Entram nele os que passaram pelo novo nascimento e baixaram ao Jordão.

24 - *The Recovery of Truth*, de Hermann Keyserling, pág. 216.

A cidadania deste reino foi julgada na Pessoa do Cristo e por isso Ele buscou o deserto, para ser tentado pelo demônio.

3

Neste episódio íntimo da vida de Jesus Cristo talvez tenhamos a primeira visualização real dos processos levados a cabo no mais recôndito de Sua mente. As palavras que seguem iniciam a história e são significativas:

"E houve uma voz dos céus que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Então, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo."²⁵

25 - Mateus, 3:17; 4:1.

O relato da tentação no deserto gera grandes controvérsias. Muitas questões foram propostas e o crente fervoroso experimentou muita agonia na alma, ao tratar de reconciliar o senso comum, a divindade de Cristo e o diabo. Teria sido possível que o Cristo, em realidade, fosse tentado, e neste caso, poderia Ele ter caído em pecado? Fez frente a essas tentações como o onipotente Filho de Deus, ou o fez como homem, sujeito, portanto, a tentações? Que se quer significar pelo diabo? E qual era a relação do Cristo com o mal? Se esta narração a respeito do deserto nunca houvesse sido contada, qual seria a nossa atitude em relação ao Cristo? Que ocorreu realmente, na consciência do Cristo, quando se achava no deserto? Com que fim se nos permite compartilhar com Ele esta experiência?

Muitas destas interrogações surgem na mente do homem inteligente, e numerosos têm sido os comentários escritos para estabelecer o ponto de vista particular de cada pensador. Não é o propósito deste livro tratar do difícil tema do mal, nem definir as vezes

em que o Cristo atuava como homem e quando o fazia como Filho de Deus. Alguns creem que foram simultâneos ambos os procedimentos e que "era o próprio Deus de Deus"²⁶ e, ao mesmo tempo, essencial e completamente humano. As pessoas afirmam estas coisas, porém tendem a olvidar as implicações. Afirmam, com decisão, seu ponto de vista; porém evitam levar sua atitude a uma conclusão lógica. O que se infere é que se nos permite conhecer a tentação para aprender, como seres humanos, uma lição necessária; estudemos, portanto, esta história, do ângulo da *humanidade* do Cristo, nunca esquecendo que Ele havia aprendido a obedecer ao espírito divino, à alma no homem, e que controlava Seu corpo de manifestação.

26 - Athanasian Creed.

Cristo, "como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado".²⁷ Ele adotou um corpo humano e esteve sujeito às condições humanas, como nós também estamos. Sofreu e agonizou; sentiu irritabilidade; foi condicionado pelo Seu corpo, pelo Seu meio ambiente e pela época, como todos nós. Mas por haver aprendido a dominar-se, e porque a roda da vida havia terminado para Ele, podia enfrentar esta experiência, enfrentar o mal e triunfar. Desse modo, ensinou-nos a enfrentar a tentação; mostrou-nos o que devemos esperar, como discípulos que se preparam para a iniciação, bem como o método pelo qual se converte o mal em bem. Enfrentou a tentação, não com uma grande técnica, ou nova revelação. Simplesmente, recorreu ao que sabia, ao que se Lhe havia dito e ensinado. Encarou a tentação, cada vez, com a frase: "Está escrito"²⁸, e não empregou novos poderes para combater o diabo. Apenas utilizou os conhecimentos que possuía. Não empregou os poderes divinos para vencer o diabo. Simplesmente, empregou os que todos possuímos - o conhecimento adquirido e as milenárias regras. Triunfou, porque havia aprendido a vencer a Si mesmo. Era o Senhor das condições daquela época, porque tinha aprendido a dominar a Si mesmo.

27 - Hebreus, 4: 15.

28 - S. Mateus, 4:4, 7, 10.

Esse domínio, exercido pela alma, pode estar totalmente ao nosso alcance imediato, porém, o comando do Cristo tem vigência eterna: "Sede vós, pois, perfeitos";²⁹ e, algum dia, também nós enfrentaremos as tentações no deserto e sairemos, como Ele, sem mácula e vencedores. Tal experiência é inevitável para todos, e ninguém pode escapar a ela. Cristo não a evitou e nós tão pouco assim o faremos. "É a possibilidade de ser tentado que demonstra a verdadeira grandeza da natureza humana", diz o Dr. Selbie³⁰ "Sem isso, seríamos, simplesmente, criaturas imorais... É pela capacidade de escolher entre os fins e as ações que a eles conduzem que surge a possibilidade do pecado". Isto exige ser considerado mais do que superficialmente. A própria humanidade está comprometida nesta narração do deserto. O mundo das coisas materiais, dos desejos e da ambição foi desdobrado ante o Cristo e, por haver reagido como Ele o fez, sem que nenhum desses aspectos da vida pudesse afetá-Lo, também nós poderemos libertar-nos, assegurando nossa vitória final. Cristo obteve a vitória como homem. Também nós podemos fazer o mesmo.

29 - S. Mateus, 5:48.

30 - *Psychology of Religions*, pelo Dr. Selbie, p. 228.

A este triunfo da alma sobre a matéria, e da realidade sobre o irreal, deu testemunho o Cristo, na experiência do deserto; e todos os que seguem os Seus passos marcham para a

mesma meta. O triunfo que alcançou será o nosso, quando enfrentarmos o problema com o mesmo espírito com que Ele o fez, vertendo-lhe a luz da alma e apoiando-se na passada experiência.

Na iniciação do Batismo ficaram demonstradas, perante o homem, a pureza e a libertação de todo o mal, pelo Cristo. Agora, elas devem passar por uma prova diferente. Das multidões e da experiência, Cristo passou à solidão e durante quarenta dias e noites esteve só consigo mesmo, permanecendo entre Deus e o diabo. De que agente se valeu esta força maligna para chegar até Ele? Mediante Sua própria natureza humana; mediante a solidão, a fome e Suas próprias visões, o Cristo foi abandonado a Si mesmo e, ali, no silêncio do deserto, sozinho com os Seus pensamentos e desejos, foi provado em todas as partes de Sua natureza que podiam ser vulneráveis... "Como Ele é, somos nós também neste mundo",³¹ vulneráveis em todos os pontos. A dificuldade da maioria reside em que somos vulneráveis em muitas coisas sem importância e estamos sujeitos a cair ante qualquer situação trivial. O crucial da contingência, no que ao Cristo concerne, foi que as três tentações eram as provas máximas, envolvendo os três aspectos da natureza inferior. Foram tentações sintéticas. Não havia nelas nada de trivial ou insignificante, senão, o conjunto das forças do tríplice homem inferior físico, emocional e mental em um último esforço para subjugar o Filho de Deus. O mal está assim constituído e algum dia teremos que enfrentar esta prova, este mal triplo, este diabo, como Cristo o enfrentou. Três vezes foi tentado e três vezes resistiu, e só depois que pode rejeitar a capacidade de reagir à forma e ao benefício material, foi-lhe possível entregar-se ao Seu serviço ao mundo, e chegar ao Monte da Transfiguração. Um dos grandes pensadores, no campo da interpretação cristã de nossos dias, nos diz que "Todos os que estão destinados ao Reino devem obter o perdão pelas culpas cometidas no eon terrestre, enfrentando, firmemente, o poder mundial, quando se concentra em si mesmo para o ataque final. Pois, através desta culpa, ainda estavam sujeitos ao poder do ateísmo; ela constitui um contrapeso que retarda o estabelecimento do Reino".³²

31 - I João, 4:17.

32 - *The Mystery of the Kingdom of God*, por Albert Schweitzer, pág. 235.

Cristo enfrentou este último ataque e saiu vitorioso, garantindo, assim, nossa vitória final.

O diabo se aproximou de Jesus quando havia passado os quarenta dias de comunhão solitária. Não se disse o que o Cristo fez, durante esses quarenta dias. Nada sabemos de Seu pensamento e determinações; de Suas realizações e consagração, nessa época. Ele enfrentou o futuro sozinho e encarou, ao final, as provas que O liberaram do poder de Sua natureza humana.

A medida que estudamos a vida de Jesus, surge, cada vez com mais clareza, esta solidão. As grandes almas são sempre solitárias. Trilham desacompanhadas as partes mais difíceis do longo caminho de retorno. Cristo sempre esteve só. Seu espírito O levava, constantemente, ao isolamento. "Os grandes conceitos religiosos que povoam a imaginação da humanidade civilizada são cenas de solidão: Prometeu, acorrentado na rocha; Maomé, perquirido no deserto; as meditações de Buda; o Homem solitário na Cruz. Pertence ao mais fundo do espírito religioso, o sentir-se abandonado de todos, até de Deus."³³

Cristo alternava Sua vida entre a multidão, que Ele amava, e o silêncio dos lugares solitários. Primeiramente, compartilhou a vida cotidiana da experiência familiar, onde as intimidades da personalidade podem, tão penosamente, aprisionar a alma; depois, passou ao solitário deserto e se encontrou só. Regressou, e começou Sua vida pública, até que a notoriedade, o ruído e o clamor dessa vida foram substituídos pelo profundo e interno silêncio da Cruz, onde, abandonado por todos, passou a escura noite da alma, completamente só. Entretanto, é nesses momentos de completo silêncio, quando a alma queda abandonada a si mesma, sem ninguém que a ajude, sem mão estendida que a auxilie nem voz que a reconforte, que essas revelações chegam e essa clara percepção se desenvolve, a qual permite o surgimento de um Salvador para ajudar o mundo.

Cristo foi tentado pelo diabo. É necessário, em uma obra como esta, interpretar o diabo? Não se torna evidente que, no mundo atual existem dois conceitos dominantes, ambos considerados como fatores, na consciência dos jovens, determinando, portanto suas crenças ulteriores - o diabo e São Nicolau, ou Papai Noel? Estes nomes encarnam ideias opostas. Cada qual simboliza um dos maiores problemas que o homem deve resolver, em sua vida diária. São chamados de "pares de opostos" pelos filósofos orientais, e, certamente, é a maneira pela qual o homem maneja ambos os aspectos da vida, e sua atitude subjetiva em relação a eles, que determina se sua vida reage ao bem ou ao mal. O diabo é o símbolo do que não é *humanamente* divino, porque as coisas más, praticadas pelo homem, quando feitas por um animal, não seriam consideradas más. Um homem ou uma raposa, por exemplo, podem assaltar um galinheiro; em um caso, se atenta contra uma lei moral, enquanto que, no outro, um instinto natural é seguido. Um animal pode matar o outro, em um acesso de fúria, ou em defesa de sua fêmea; porém, quando um homem faz o mesmo, é apontado como assassino, e devidamente punido.

Papai Noel é a encarnação do altruísmo; é o símbolo da dádiva e do espírito crístico; ele é, portanto, para o homem, uma recordação de Deus, assim como essa outra ficção da imaginação, o diabo, com chifres e cauda, é a recordação do que não é Deus, do que não é divino.

"A chave, no-la dá a mitologia. Os mitos exigem uma séria interpretação, em correspondência com a realidade objetiva. Não se deve tratá-los como poesia pura, sem nenhuma verdade positiva por detrás deles, como um mero jogo da imaginação! A vestidura que envolve a substância poderá ser tão fabulosa, tão fantástica, tão inconsistente e pinturesca, quanto se queira. Mas isso não altera o fato de que a mitologia popular nos fala de uma realidade invisível e de "personagens" misteriosos ("personagens", lembrem-se, não forças) em ação em toda parte. Tudo vive e possui uma alma. O mundo está repleto de espíritos, de almas. Os mitos falam deles. Quem inventou esses mitos? Ninguém. Porque as invenções são arbitrárias são ficções. Esses contos, porém, são aceitos por quem os relata, e por seu auditório, como verdades inquestionáveis. A psicologia do homem primitivo o impulsiona a considerar as coisas de forma "mágica". O que em nossa psicologia mais individual e mais desenvolvida se converteu num "subconsciente" onde a vida coletiva de nossos antepassados ainda está atuando, constitui a psicologia normal do primitivo, um estado de "sonambulismo natural", com suas formas características de sensibilidade, telepatia, segunda visão, uma captação direta, semelhante a do artista

quando observa o todo em suas partes o essencial na multiplicidade de detalhes".³⁴

34 - *Religions of Mankind*, de Otto Karrer, págs. 121, 122.

Isto é testemunhado pelos símbolos de Papai Noel e do diabo - já que são encarnações das dualidades primordiais no reino da *qualidade*. Toda a existência do homem, como homem, transcorre oscilando entre estes pares de opostos, até que, com o tempo, ele alcance o equilíbrio e, desde então, marche para o que é divino. Poderia ser proveitoso para todos nós se, às vezes, refletíssemos extensa e profundamente sobre esses dois extremos da existência humana, o bem e o mal, a luz e as trevas a vida e a forma, o espírito e a matéria, o eu e o não-eu o real e o irreal a verdade e a falsidade, o certo e o errado, o prazer e a dor, o anelo e a inércia, a alma e a personalidade, o Cristo e o diabo. Nos dois últimos resume-se o problema das três tentações. Estas dualidades se têm definido, também, como as qualidades do que é finito e infinito sendo uma a característica do homem, e a outra, a de Deus. O que faz ressaltar a nossa natureza finita corresponde à humanidade e o que é abrangente pertence a Deus. Ao estudar estas três tentações, veremos com clareza as diferenças entre as dualidades. Cristo, nas tentações, não podia contradizer a Si mesmo; e assim, identificando-Se com a perfeição, representa um ser Humano, que "está no mundo e, contudo, não é do mundo",³⁵ tentado pelo diabo mas, não obstante, livre de reagir, erroneamente, às insinuações dele. Era uma alma livre, isto é, uma alma divina, sem as traves do desejo nem a contaminação da carne e suas tentações, liberado dos pecados dos processos mentais. Essa é a vontade de Deus para cada um e para todos nós, a respeito do que, disse o citado autor: "Não pode haver liberdade... a não ser que a vontade divina seja genuinamente una com a dos seres finitos, em uma só personalidade".³⁶ Cristo foi uma Personalidade assim. O Bem é o oposto do mal, e a atitude do Cristo, para com o diabo, foi de uma oposição inabalável. Com isto, aclarou o ponto e realizou o que todas as almas podem fazer. Aqui, como indiquei anteriormente, está Sua excepcionalidade e diferença - que consiste no fato fundamental de haver empregado aqueles métodos para servir, triunfar e sacrificar-se, que estão ao alcance de qualquer um de nós. No passado, muitos deram sua vida por outros; muitos enfrentaram o mal com decisiva oposição; muitos dedicaram sua vida ao serviço; porém, ninguém o fez com a plenitude e perfeição do Cristo.

35 - João, 17:16.

36 - *The Value and Destiny of the Individual*, pelo Dr. B. Bosanquet, p. 245.

Sua grandeza, que nunca pode ser suficientemente reiterada, reside em Sua universalidade. O Dr. Bosanquet se refere a este tema da personalidade do modo seguinte:

"Meu argumento é que nossa verdadeira personalidade reside em nossa maior solidez, e que ao desejar seu desenvolvimento e satisfação, almejamos que se amplie nossa verdadeira individualidade, com a correspondente diminuição de nossa exclusividade formal... Talvez repliquem que a verdadeira individualidade - grandeza de alcance e organização - aumenta a distinção pessoal e, também, a compreensão. Sem dúvida, será assim, porém a exclusividade decresce. Os grandes homens do mundo não nascem, simplesmente, de seus pais terrenos. Neles se enfocam países e eras inteiras... Ao desejar uma perfeição altamente desenvolvida, estamos almejando ser algo que já não pode identificar-se com a vida terrena, nem com os incidentes que lhe são próprios".³⁷

37 - *Ibid.*, págs. 284, 285.

Se estas palavras forem estudadas em conexão com as tentações de Cristo, surgirá a maravilha do que Ele fez, e nos alentará a nós, Seus irmãos menores, igualmente filhos de Deus.

Portanto, como homem Íntegro e entretanto totalmente divino, Cristo empreendeu a batalha final com o diabo. Como ser humano, em quem o espírito divino se expressava plenamente, enfrentou o diabo em Sua própria humanidade (separadamente de Deus), e venceu. Não tratemos de separar a ambos - Deus e o homem - quando pensamos em Cristo. Alguns pensadores dão ênfase à Sua humanidade e ignoram Sua divindade.

Nisto cometem, sem dúvida, um erro. Outros acentuam Sua divindade e consideram errados e blasfemos àqueles que O colocam em pé de igualdade com os outros seres humanos. Se, porém, considerarmos o Cristo como a florescência da raça humana, porque o espírito divino tinha pleno controle e se manifestou por meio da forma humana, de maneira alguma diminuimos Sua pessoa e Suas realizações. Quanto mais os homens avançarem, na Senda da Evolução, tanto mais se farão conscientes de sua divindade e da Paternidade de Deus. Ao mesmo tempo, quanto mais profundamente valorizarem a Cristo, mais se convencerão de Sua divindade perfeita e de Sua missão, e mais humildemente tratarão de seguir Seus passos, sabendo que é o Mestre de Mestres, e Deus de Deus mesmo, e o Instrutor de Anjos e homens.

Essa divindade perfeita deve ser provada e aprovada. Tem, agora, que demonstrar a Deus, ao diabo e à humanidade, a natureza de Sua realização e de que maneira os poderes de natureza inferior podem ser superados pelos poderes da alma. Essas tentações podem ser facilmente compreendidas por todos os aspirantes e discípulos, porque envolvem provas universais que se aplicam a natureza humana, da qual todos participamos e com a qual todos lutamos, de alguma forma ou medida. Não interessa se o fazemos impulsionados por nossa consciência, pelo controle de nossa natureza superior ou pela clara luz da divindade. Isto, todos os discípulos sempre têm reconhecido.

Consideraremos essas três tentações, segundo a ordem indicada por São Mateus, que difere da de São Lucas. São Marcos, simplesmente menciona que o Cristo foi tentado pelo diabo e São João nem se refere a elas. As três tentações provaram os três aspectos da natureza humana inferior - físico, emocional, ou de desejos, e mental -. Lemos que:

"E tendo Jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; e chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus manda que estas pedras se tornem em pão. Ele porém, respondendo disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus".³⁸

38 – Mateus, 4:2, 3, 4.

"Existem dois fatos muito interessantes, relacionados com essas tentações. Cada uma das frases, nos lábios do diabo, começa com "Se", e a resposta de Cristo começa com "Está escrito". Essas duas expressões vinculam, os três. episódios, dando a chave de todo o processo. A tentação final e a dúvida. A prova que todos temos que enfrentar, finalmente, e que culminou na vida de Cristo, até Seu triunfo na Cruz, é a prova de nossa divindade. Somos divinos? Como devem expressar-se os nossos poderes divinos? Que podemos fazer, ou não fazer, por sermos filhos de Deus? Que os detalhes de cada dificuldade, de cada prova e experiência, possam diferir, é de relativa importância. Tão pouco interessa que as provas estejam centralizadas em um ou outro aspecto de nossa natureza inferior. O *que*

está posto à prova é o anelo de toda uma vida para com a divindade. Ao homem pouco evoluído o problema da divindade como um todo não se apresenta. Ele pode estar preocupado, apenas, com o detalhe, com o problema no panorama imediato de sua vida. Esta, ele; maneja, ou não, conforme o caso, à luz da consciência. Para o discípulo, o detalhe assume menor importância e a verdade geral de sua filiação começa, pouco a pouco, a interessá-lo. Ele maneja, então, as condições de sua vida, a partir do ponto de vista dessa teoria. Para um perfeito filho de Deus, como o Cristo, ou para o homem que se aproxima da perfeição, o problema deve ser encarado em sua totalidade e o problema da vida deve ser considerado a partir do ângulo da divindade mesma. Tal foi o caso do Cristo e tais eram as implicações ocultas, no triplo "Se" do diabo.

Parece-me que erramos, ao interpretar toda a verdade do ponto de vista do homem medíocre, e é o que se fez, correta ou equivocadamente. A verdade pode ser interpretada de muitas maneiras. Os que são, simplesmente, seres físicos emocionais e, portanto, de pouca visão, requerem a proteção da teologia, apesar de suas imperfeições e declarações dogmáticas insustentáveis. Necessitam desta assistência; razão por que a responsabilidade daqueles que ministram os dogmas às "criancinhas" da raça, é muito grande. A verdade deve também ser dada em forma mais ampla, e com um conteúdo mais geral, àqueles que começam a viver, conscientemente, como almas, aos quais se pode assim confiar que verão o significado atrás do símbolo e a significação por trás da aparência externa da teologia. A verdade, para os perfeitos filhos de Deus, deve ser algo que esteja mais além de nossos sonhos, com uma significação tão profunda e de tão grande alcance, que se torna fútil toda especulação a respeito, visto que se trata de algo que deve ser experimentado e não imaginado; alguma coisa em que nos haveremos de aprofundar e não, simplesmente, visualizar.

Cada réplica de Cristo deve ser considerada nesta forma tríplice. Ele diz "Está escrito", e os irrefletidos e de mente estreita consideram esta afirmativa como uma aprovação à inspiração verbal das Escrituras. Mas, sem dúvida, o Cristo não se referia apenas às antigas assertivas das Escrituras judaicas, por belas que fossem. As possibilidades de erro são demasiado grandes para justificarem nossa inquestionável aceitação de toda palavra, em qualquer das escrituras do mundo. Quando se analisam os processos de tradução, isto se evidencia com absoluta clareza. Cristo quis significar algo muito mais profundo que "a Bíblia o diz". Quis dizer que o sinal de Deus estava n'Ele, que Ele era o Verbo, e que esse Verbo era a expressão da verdade. É o Verbo da alma (influxo da divindade), o que determina a nossa atitude na tentação e a nossa resposta ao problema apresentado pelo diabo. Se essa Palavra é distante, profundamente oculta pelo véu da forma, somente se escutarão sons distorcidos e o Verbo não será suficientemente potente para resistir ao diabo. A Palavra está escrita na carne, por mais desfigurada e quase invisível - que possa estar em virtude da atividade da natureza inferior; é na mente que Ela é pronunciada, trazendo iluminação e percepção internas, ainda que a visão esteja distorcida e a luz seja pouco perceptível. Porém, a *Palavra está ali*. Algum dia, cada um de nós dirá, poderosamente, "Está escrito" e verá aquela Palavra expressa em toda parte da nossa natureza humana, como indivíduos, e - em época ainda distante - na humanidade mesma. Esta é a "Palavra perdida", da tradição maçônica.

A filosofia oriental refere-se, frequentemente, a quatro esferas da vida, ou a quatro

problemas que todos os discípulos e aspirantes devem enfrentar, as quais constituem, em sua totalidade, o mundo em que vivemos. Há o mundo de *Maya*, o mundo da fascinação, e o mundo da ilusão, bem como esse misterioso "Morador do Umbral", a que se refere Bulwer Lytton, em *Zanoni*. A esses quatro o Cristo enfrentou e venceu, na experiência do deserto.

Maya refere-se ao mundo das forças físicas, em que vivemos, e a primeira tentação é concernente a este mundo. A ciência moderna diz que não existe nada, visível ou invisível, que não seja energia, e que toda forma é, simplesmente, um agregado de unidades de energia, em constante e incessante movimento, ao qual nos temos de adaptar, e "no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser".³⁹ Tal é a forma externa da Deidade e somos parte dela. *Maya* é de caráter vital, e pouco sabemos de seus efeitos, no plano físico (com tudo o que o termo compreende), e no ser humano.

39 - Atos, 17:28.

A "fascinação" refere-se ao mundo do ser emocional e do desejo, onde moram todas as formas. Esta fascinação matiza nossas vidas e produz falsos valores, desejos equívocos e desnecessárias pseudo-necessidades, preocupações, ansiedades e cuidados; mas a fascinação é antiga, e nos mantém tão aferrados a ela, que é quase impossível dela nos livrarmos. Os desejos dos homens, com o correr dos séculos, criaram uma situação ante a qual recuamos empalidecidos; a desenfreada natureza de nossos anelos e desejos e os efeitos da fascinação sobre o indivíduo proporcionam material aos laboratórios psicológicos; a vida de desejos da raça foi erroneamente orientada e o desejo humano se voltou para o plano material, produzindo esse mundo de fascinação no qual, habitualmente, todos lutamos. É a mais potente de nossas ilusões ou errôneas orientações. Mas, uma vez que se lance a luz da alma sobre ela, dissipa-se gradualmente esse miasma de forças. Este trabalho constitui a principal tarefa dos aspirantes aos mistérios.

A "ilusão" é a mais mental em seus impactos. Concerne às ideias, pelas quais vivemos, e à vida mental que, mais ou menos (embora quase sempre menos), rege as nossas tarefas cotidianas. Veremos, quando considerarmos estas três tentações, e como, na primeira delas, o Cristo foi afrontado por *maya*, com forças físicas de tal poder que o diabo pôde aproveitar-se delas, em seu intento de confundir o Cristo. Veremos como, na segunda tentação, o Cristo foi tentado pela fascinação, com a submissão de sua vital vida espiritual ao engano e ao emprego emocional de Seus poderes divinos. O pecado da mente, o orgulho, foi posto em atividade pelo diabo na terceira tentação e, seguramente, apresentada ao Cristo a ilusão do poder temporal, para ser empregado com bons propósitos. Deste modo, os três aspectos da natureza de Cristo, com suas prováveis fraquezas internas, foram postos a prova e por meio deles, derramou-se sobre Ele toda a fascinação, *maya* e ilusão mundiais. Assim teve Ele que se defrontar com o Morador no Umbral, sinônimo do eu inferior pessoal, considerado como um todo unificado, como é o caso em pessoas adiantadas, discípulos e iniciados. Nestas três palavras - *maya*, fascinação e ilusão - temos sinônimos da carne, do mundo e do diabo, tríplice prova que deve ser enfrentada por todo filho de Deus ao se aproximar da libertação.

"Se sois Filho de Deus, dizei que estas pedras se convertam em pão." Empreguemos nossos poderes divinos para fins físicos e pessoais: Anteponhamos a natureza física e material a tudo. Saciemos a nossa fome, qualquer que seja, e façamos assim, porque somos

divinos. Usemos nossos poderes divinos para obter boa saúde, prosperidade financeira, há muito desejada, e popularidade; e todas essas demais condições e situações de natureza física que desejamos. Somos filhos de Deus e temos direito a todas estas coisas. Ordena que estas pedras se convertam em pão para satisfazer nossa suposta necessidade. Tais foram os plausíveis argumentos, então empregados, e que ainda hoje muitos instrutores e escolas de pensamento empregam. Tais são, particularmente, as tentações dos aspirantes do mundo atual. Muitos instrutores e grupos procederam de acordo com esta teoria; e, coisa curiosa, assim o fazem com toda a sinceridade, totalmente convencidos da justeza de sua posição. As tentações que atingem as almas mais avançadas do mundo, são de caráter mais sutil. No emprego dos poderes divinos para a realização e satisfação puramente pessoais, as necessidades físicas podem apresentar-se de maneira tal que pareçam, realmente, justas. Entretanto, não vivemos só de pão, mas da vida espiritual que (vindo de Deus), afluí ao homem inferior e constitui a sua vida. Esta é a primeira verdade a ser compreendida. Deve-se dar ênfase a essa vida da alma e a esse contato interno. A cura do corpo físico, quando está enfermo, poderá ser satisfatória para o indivíduo; porém, viver como alma, é de importância maior. Pôr ênfase sobre uma divindade que *deve* expressar-se, satisfazendo unicamente a uma necessidade física, em sentido econômico, por exemplo, limita decisivamente a divindade, em um de seus atributos. Quando vivemos como alma; quando a nossa vida interna se orienta para Deus, não pelo que podemos receber, mas por havermos desenvolvido o sentido de divindade; então, as forças da vida divina afluirão através de nós e produzirão o necessário. Isto não trará, necessariamente, a total imunidade às enfermidades, nem produzirá a afluência de meios financeiros; porém, produzirá um abrandamento da natureza inferior; estimulará a tendência ao desprendimento de si mesmo; ao altruísmo, que colocará os outros em primeiro lugar; à sabedoria, que se ocupa em ensinar e ajudar o próximo e à eliminação do ódio e da desconfiança, com o que a vida se tornará mais prazerosa para os que estão associados conosco, e uma bondade e inclusividade que não deixarão lugar para o eu separado. É possível, ainda que não inevitavelmente, que este tipo de natureza interna traga, como resultado, um corpo são e a libertação dos males físicos. No tempo e no espaço, em determinada vida, e em um definido momento, a enfermidade tem o seu valor e pode ser uma benção muito desejável. A pobreza e a dificuldade financeira podem restabelecer o perdido senso dos valores e enriquecer o coração, enchendo-o de compaixão. O dinheiro e a saúde podem significar o desastre para muitos. O emprego do poder divino para fins egoístas e a afirmação da natureza divina a fim de obter a saúde individual, parecem uma prostituição da realidade e constituem a tentação que o Cristo enfrentou, vitoriosamente. Vivemos pela vida de Deus. Deixemos que esta vida flua, "mais abundantemente", sobre nós, e nos convertamos, como o Cristo, em centros viventes de energia radiante, para servir ao mundo. Provavelmente, desfrutaremos de uma melhor saúde física, porque não estaremos tão preocupados conosco. A libertação da autocentralização é uma das primeiras leis da boa saúde.

O problema da cura, que absorve a atenção de milhares de pessoas nesta época, é demasiadamente amplo para ser tratado aqui e é muito mais complexo do que o curador comum, ou os grupos que se dedicam à cura, supõem. Somente assinalarei duas coisas:

Uma, é que a afirmação de que toda enfermidade resulta de pensamentos errôneos

não deve ser aceita com muito açodamento. Existem muitas enfermidades nos outros reinos da natureza; os animais, vegetais e minerais sofrem de doenças como os seres humanos e estes reinos precedem o aparecimento da família humana sobre a terra. Outra, é a afirmação do que somos divinos, e que isto nos dá o direito a uma boa saúde; o que pode ser verdade, quando se expressa, realmente, a divindade, porém, ela não se expressa apenas pela afirmação, mas pelo contato consciente e inteligentemente organizado, com a alma. Isto traz, como resultado, uma vida como a do Cristo, só preocupada e interessada pelas demais, sem pensar no eu.

Cristo foi tentado a utilizar Seus poderes divinos com fins egoístas, pela sutil reiteração de Sua divindade, a qual se funda na universalidade da Palavra. Talvez seja apropriado, aqui, recordar que, na cruz, Cristo foi vilipendiado com as palavras: "A outros salvou, a Si mesmo não pode salvar."⁴⁰ A ilusão, ou *maya*, da natureza física, não o podia prender; dela, Ele se livrou.

40 - S. Mateus, 27:42.

Hoje, o Aspirante Mundial, a humanidade, enfrenta esta tentação. Seu problema é econômico; refere-se, específica e fundamentalmente, ao pão, do mesmo modo que, falando simbolicamente, o problema de Cristo era o do alimento. O mundo enfrenta um problema material. Verdade é que não há meio de se escapar dele: e igualmente certo é que o homem precisa alimentar-se. Sobre que bases este problema se solucionará? Seremos considerados demasiadamente idealistas e teóricos, místicos e visionários, se, como Cristo, nos apoiarmos sobre os fundamentos da vida e adotarmos a posição de que, se o homem se reajustar e se orientar como ser espiritual, assim o seu problema será automaticamente resolvido? Sem dúvida alguma, assim nos considerarão. Se sentimos, como muitos sentem, atualmente, que a solução do problema está em uma reavaliação da vida e em uma reeducação segundo os princípios subjacentes do viver, estaremos tão desviados e deveremos ser considerados insensatos? Muitos nos considerarão assim. A solução do problema do homem, porém, em termos exclusivos de atendimento às suas necessidades físicas, servirá tão somente para afundá-lo, mais ainda, no lodo do materialismo. Suprir totalmente suas necessidades, em termos de pão e manteiga, pode ser muito bom, e o é; porém deve-se acrescentar algo mais, que satisfará ao homem por inteiro, não simplesmente ao seu corpo e aos seus desejos. Existem coisas essencialmente importantes para ele, de maior interesse e valor, que as relacionadas com a forma, ainda que passem despercebidas. O Cristo dedicou muito pouco de Seu tempo em alimentar as multidões, porém, muito se esmerou em ensinar-lhe as regras do reino de Deus. Podemos confiar em que os homens se apossam do que queiram. Isto mesmo o fazem hoje, em toda parte. Mas as coisas que realmente importam precisam ser enfatizadas e ensinadas, simultaneamente, ou o fim será desastroso. Quando tivermos expurgado a morada humana de abusos, como proclamam muitos revolucionários em todos os países, a menos que essa morada fique embelezada e que seus moradores possuam ideias baseadas nas essencialidades divinas, seu estado será pior que o anterior. Sete diabos podem entrar na casa, de acordo com a parábola⁴¹ de Cristo. A não ser que Deus more na casa, depois de limpa, e que as nossas reavaliações e ajustes nacionais levem ao lazer e à paz de espírito em que a alma do homem possa florescer, iremos para desastres ainda piores.

41 - S. Mateus, 12:45.

"Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus."

"Então o diabo O levou à santa cidade e O pôs sobre o pináculo do templo, e Lhe disse: "Se és Filho de Deus lança-te abaixo; porque está escrito: A seus anjos mandará por ti, e em suas mãos te sustentarão, para que não tropeces com teu pé na pedra. Jesus lhe disse; Está escrito também, "Não tentarás o Senhor teu Deus."⁴²

42 - S. Mateus, 4:5, 6, 7.

É essencial, para a compreensão exata desta tentação, recordar nossa anterior advertência, que as passagens da *Bíblia* devem ser interpretadas segundo o ponto de vista das almas envolvidas. Cristo enfrenta o diabo, no terreno de Sua natureza divina. Se és o Filho de Deus, aproveita a paternidade do mesmo Deus, e lança-te. Esta tentação difere da primeira, ainda que pareça personificar o mesmo tipo de prova. Temos a chave na resposta de Cristo, firmando-se em Sua divindade, coisa que não fez na tentação anterior. O diabo cita as escrituras para seus próprios fins. Também leva o Cristo ao Lugar Sagrado, o campo de batalha, e é nele que o diabo semeia a dúvida. A fascinação da dúvida desce sobre o Cristo. Faminto, solitário, cansado de conflitos, é tentado a duvidar até das raízes mesmas de Seu ser. Não descreio que o Cristo tenha sido assaltado pela dúvida. Os primeiros vestígios da fascinação que desceu sobre Ele, como uma grande treva, na Crucificação, então o assaltaram. Era Ele o Filho de Deus? Antes de mais nada, teria mesmo que cumprir uma missão? Sua atitude era auto-ilusória? Valia a pena tudo isso? Foi atacado onde era mais forte, e nisto reside a potência desta tentação.

Em uma antiga escritura da Índia, *O Bhagavad Gita*, Arjuna, o discípulo, enfrenta idêntico problema. Vê-se envolvido em uma grande batalha, deflagrada entre dois ramos de uma mesma família - na realidade, entre o eu superior e o eu inferior - e ele, também, duvida do que deve fazer. Deverá continuar a batalha e a prova, e, assim, triunfar como alma? Deverá afirmar sua divindade e vencer o inferior, o não divino? Em um comentário, estas palavras ocorrem:

"Há um significado espiritual, em tudo isto, e a situação de Arjuna foi bem escolhida, a fim de extrair grandes verdades espirituais. Arjuna representa o eu pessoal inferior, que começa a ter consciência do Eu Superior. Sensibilizado e inflamado pela luz espiritual do eu superior, conquanto desalentado e aterrorizado, compreende o que deve significar a obediência ao Eu Superior. A contenda dos irmãos se concentra, agora, em uma única natureza, na vida de um só homem. Deve eclodir uma guerra dentro de si mesmo, uma guerra longa e penosa, para a vida da Alma. Só um valor superior, aliado à fé e a aspiração, faz possível a contenda, e ainda assim haverá desfalecimento e desalento."⁴³

43 - *The Bhagavad Gita*, comentário por Charles Johnston, pág. 26.

Alguém mais elevado que Arjuna (que simboliza o discípulo, em seu caminho para a perfeição), enfrentou um problema semelhante, com valentia, fé e aspiração, porém a indagação foi a mesma: É a vida da alma uma realidade? Serei divino? O Cristo enfrentou este problema sem desânimo e triunfou, porque empregou uma afirmação de tal poder (devido a que estabelecia uma verdade), que o diabo, momentaneamente, não pode alcançá-lo. Provavelmente, o Cristo respondeu: Sou o Filho de Deus. Tu não me tentarás". Apoiou-se em Sua divindade, e venceu a dúvida.

É interessante constatar que a humanidade de hoje está embargada pela fascinação da dúvida. A dúvida está em toda parte. É um assunto emocional. O intelecto claro, frio,

analítico e sintético não duvida, nesse sentido. Interroga e espera. Todavia, é no Lugar Sagrado, com amplo conhecimento do que está escrito e, frequentemente, depois da vitória, que a dúvida desce sobre o discípulo. Talvez, afinal de contas, aquele sentimento de divindade que até então sustentou o discípulo seja, em si mesmo, fascinação e não realidade. O discípulo não pode duvidar que viveu uma experiência de natureza divina e sobrenatural. Houve momentos em que surgiu "uma sensação de ter acesso ao Divino, tão diferente de outras experiências quão original e inexplicável, como o Sexo ou a sensação da Beleza - como fome ou sede"⁴⁴ porque, indubitavelmente, "no coração de cada religião e em todas as religiões; ha uma experiência única, que não se deve considerar como uma evolução de outra experiência".⁴⁵ Entretanto, talvez isso também seja, simplesmente, fenomênico e não real; algo que passe, sem uma base imortal; algo que se experimenta como parte da fascinação mundial, porém que não perdura, nem pode perdurar. Talvez Deus seja, unicamente, um nome para designar tudo o que existe e, para a alma consciente individual, não haja qualquer persistência definida, nenhuma divindade essencial, nem nada real - só um momentâneo clarão do conhecimento. Ponhamos à prova este sentido da divindade e vejamos se, com a mudança da destruição física, permanece algo que seja espiritual e imortal.

44 - *The Divinity in Man*, de J. W. Graham, pág. 88.

45 - Idem, pág. 88.

Estudando o modo como o Cristo enfrentou esta tentação inclinamo-nos a crer (havendo o Cristo afirmado a Sua crença em Sua Própria Divindade) que, simplesmente, Ignorou a tentação. Seu método era tão breve e conciso, e permanece sem desenvolvimento quanto ao detalhe. O caminho de saída, nesta particular tentação, é dual: reconhecê-la pelo que é, Irreal, simplesmente uma fascinação que não tem existência verdadeira nem duradoura, assim como uma ilusão que nos assalta; e em seguida, estribar-se na experiência de Deus. Se, por um breve minuto, tivermos estado na presença de Deus, conscientemente, isso é real. Se a presença de Deus, no coração humano, em qualquer momento, por um instante tiver sido uma realidade, então, apoiemo-nos nessa experiência conhecida e sentida e recusemos tratar dos detalhes da fascinação da dúvida, da emoção, da depressão ou da cegueira em que possamos ver-nos envolvidos, momentaneamente.

Mas a dúvida, hoje, só pode ser eliminada no mundo, quando os homens aplicarem aos problemas da humanidade, de Deus e da alma, não somente a clara e fria luz do intelecto, iluminado pela intuição, senão também o poder da passada experiência. Se o sentido de Deus persistiu no mundo desde idades incalculáveis; e se o testemunho dos místicos e dos Santos, dos videntes e Salvadores de todos os tempos, por histórico e verificável - como é - então, esse testemunho, com toda a sua riqueza e universalidade, constitui um fato tão científico, como qualquer outro. Vivemos em uma época em que o fato científico parece possuir a atração de uma fascinação. Ciclos de misticismo, ciclos de filosofia ciclos de expressão científica, ciclos de cru materialismo - tal é o caminho cíclico que percorremos, e tal é nossa história. Todavia, de forma persistente e através de todos eles, estende-se o fio do Plano de Deus. Firmemente, de permeio a tudo, a alma do homem marcha de um desenvolvimento de consciência a outro, e o nosso conceito de divindade adquire, constantemente, maior riqueza e realidade. Neste fato pode a humanidade apoiar-se: a alma divina do homem. Neste fato se apoiou Cristo, quando o diabo, pela segunda vez,

tentou-O.

"Novamente O transportou o diabo a um monte muito alto; e Lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória deles. E disse-Lhe;

"Tudo isto te darei se, prostado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás".⁴⁶

46 - Mateus, 4:8, 9, 10.

Cristo foi provado em Sua natureza Física, e triunfou. Foi provado em Sua natureza emocional de desejos, e descobrimos que nem as forças da natureza física nem as fascinações que a natureza emocional-sensorial inevitavelmente traz, desviaram-nO, o mínimo que fosse, da senda da vida e da plena expressão espirituais. Todos os Seus desejos se dirigiram para Deus; toda atividade de Sua natureza estava corretamente ajustada e divinamente expressa. Ele devia conhecer este triunfo, e este conhecimento levava, em si, as sementes da tentação final. Havia triunfado sobre o materialismo e a dúvida. Sabia que o aspecto forma da vida não podia atraí-LO e lutou, denodadamente, até obter o pleno reconhecimento de Sua divindade. Por isso, conquistara os pontos extremos de Sua natureza, os aspectos superior e inferior. Expressava, agora, a qualidade da divindade. A realidade divina, que sentia, e da qual dependia, era poderosa para penetrar em *maya* e dissipar a fascinação. Só permanecia o desejo puro - o desejo de Deus. Ele havia sido provado em dois aspectos de Sua natureza - o material e o divino - e, como Homem-Deus, vencera o mal. Fundamentalmente, ambas as tentações correspondiam ao desejo. O chamado é para total ausência de desejos pessoais.

Assim, em Cristo, o desejo se transmutou em poder, ainda que a vitória obtida conduziu a acontecimentos que continham a possibilidade de perigo. Cristo foi provado, depois, no campo do poder. Um caráter desenvolvido a um alto grau de perfeição, que estabeleceu uma unidade entre a fonte do poder, a alma, e o instrumento de poder, o eu inferior pessoal, produz o que chamamos uma personalidade. Essa personalidade pode constituir uma verdadeira fonte de perigo para o seu possuidor. O senso do poder, o conhecimento do que se realizou; a compreensão de sua capacidade e a habilidade percebida para dirigir os outros, porque dirigimos a nós mesmos, contêm o gérmen da tentação e, aqui, precisamente, foi onde o diabo intentou burlar o Cristo. Causa-nos assombro quando se nos diz que um caráter íntegro pode ser fonte de dificuldades. Dificuldades de um tipo peculiar, no sentido de que as coisas que faz e as palavras que pronuncia uma pessoa muito evoluída, cujo caráter, é notavelmente íntegro e cuja personalidade está cabalmente desenvolvida, podem causar muito dano - ainda quando o móvel seja correto, ou aparente sê-lo. Tais pessoas manejam muito mais poder que a gente comum.

Que é, precisamente, um caráter íntegro, e como se produz? Em primeiro lugar, naturalmente, ele é produzido pela roda da vida, e a expenencia na Galiléia; em seguida, pelo esforço consciente e pela disciplina autoiniciada; finalmente, pelos processos de integração dos vários aspectos da natureza inferior, em um todo sintético, em uma unidade, para um propósito determinado.

No caso de Cristo, na terceira tentação, Seus "propósitos ou valores conscientes" foram postos à prova. Sua integridade devia ser solapada, se fosse possível, obrigando a unidade, por Ele representada, a se desintegrar. Se isto fosse obtido e se as normas que Ele

estabeleceu, pudessem ser anuladas, Sua missão estava destinada a fracassar, desde o princípio. Se houvesse podido ser enganado pela ilusão do poder; se a ambição de natureza pessoal se tivesse desenvolvido em Sua consciência, a fundação do reino de Deus poderia ser, indefinidamente, retardada. Esta tentação foi um ataque à raiz mesma da personalidade. A mente, o fator integrador, com sua faculdade de pensar com clareza, de formular propósitos definidos e de escolher, estava à prova. Essas tentações não assaltam aos que estão pouco evoluídos e, devido à fortaleza do caráter implicado, são do tipo mais iracundo e as mais difíceis de manejar. O desígnio do diabo se dirigia à ambição de Cristo. A ambição é, por excelência, o problema do aspirante e do discípulo evoluídos - ambição pessoal, desejo de popularidade, ambição mundana e intelectual e poder ditatorial sobre os demais. A sutileza desta tentação reside no fato de que vai dirigida a um nível correto. Dá a entender - tal é a implicação - que seria bom para o mundo dos assuntos humanos, se ele todo pertencesse a Cristo. Pelo simples reconhecimento do poder do diabo (a força material do mundo), como sendo supremo, aquele controle sobre os reinos do mundo poderia ser outorgado ao Cristo. Ofereceu-se-Lhe, como recompensa de um mero reconhecimento - oferecimento este feito quando Ele estava só, no cimo da montanha, sem que ninguém O visse - do poder que o diabo representava ou simbolizava, o tríplice mundo da vida externa. Se o Cristo houvesse ainda que brevemente, caído e reverenciado esse grande poder, os reinos deste mundo, e suas glórias, seriam Seus; e sabemos suficientemente a respeito d'Ele, para compreender que, nesse gesto, não teria havido qualquer resquício do egoísmo, se fosse induzido a Fazê-lo. Que se interpôs entre Ele e a aceitação desta oportunidade? Sua resposta o indica, claramente, mas deve ser entendida. O que interferiu foi Seu conhecimento de que Deus era Uno, que Deus era Tudo. O diabo Lhe mostrou uma imagem da diversidade, de muitos reinos, de muita divisão, da multiplicidade, da pluralidade, de unidades separadas. Cristo veio para unificar, para unir e reunir, em um, todos os reinos, todas as raças e todos os homens, de modo que as palavras de São Paulo poderiam ser verdadeiras, de fato:

"Há um só corpo e um só Espírito como também fostes chamados em uma só esperança de vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e um Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos."⁴⁷

47 - Eph., 4:4, 5, 6.

Se Cristo houvesse sucumbido às seduições do diabo e se pelo aparente motivo correto e amor à humanidade, tivesse aceitado o dom oferecido, essas palavras nunca teriam sido cumpridas, como certamente se cumprirão, em uma época, talvez não muito remota, como o presente momento caótico poderia fazer supor. Cristo sustentou Seus valores e não variou Seu propósito. A ilusão do poder não pode afetá-lo. O real estava tão aferrado à Sua mente que o irreal e o imediato não puderam alienar Sua consciência. Viu o quadro em sua totalidade. Viu um mundo em que não podia existir dualidade, mas só unidade, e de Seus esforços para trazer à existência o mundo do futuro Ele não podia ser desviado.

Onde existe esta visão, os valores e realizações menores não podem deter o coração ardoroso. Onde se pode conceber o todo como uma possibilidade, a parte se encaixa no lugar que lhe corresponde. Onde o propósito de Deus se revela claramente à mente do vidente, os motivos ou fins menores e as pequenas ambições e desejos do que é pessoal, desvanecem-se. Ao final do caminho da evolução está a consumação, o reino de Deus, não

assim os reinos do mundo. São parte de um todo futuro e se fundirão, mais adiante, em uma síntese espiritual. Mas esse reino, como veremos no capítulo final, quando sintetizarmos os resultados da iniciação, não nasce da ambição do esforço, nem do desejo pessoais. Chega, antes, pela submersão da parte no todo e do indivíduo no grupo. Todavia, isto se realiza, voluntária e inteligentemente, sem detrimento do prestígio pessoal, nem do sentido de utilidade, ou identidade. Não é imposto nem exigido pelo grupo, estado ou reino, como, com frequência, hoje ocorre. O Dr. van der Leeuw diz:

"Se queremos entrar no reino, essa atitude deve mudar pela do Cristo, cujo amor se fez radiante, prodigalizando-se e sempre emitido para o mundo que o rodeia, quer mereça ou não, cuja vida está centralizada no divino, comum a todos. N'Ele não encontramos o menor resquício de uma personalidade separada, que luta pela Sua própria existência ou Seu engrandecimento; esvaziou o cálice de Sua existência de tudo o que é pessoal e o encheu com o vinho da vida divina, compartilhada por todos. Por nosso contínuo esforço, possivelmente inconsciente, podemos manter um centro de vida separada, denominado personalidade. Para seguirmos o Cristo, teremos que abandonar a laboriosa luta pela afirmação pessoal, no desejo de sermos a vida do Todo em vez da vida da parte. Somente assim poderemos entrar no Reino onde a separatividade não existe."⁴⁸

48 - *Dramatic History of Christian Faith*, pelo Dr. Vander Leeuw, pág. 19.

A tentação de Cristo consistia em um reconhecimento obrigatório da dualidade. Para Ele, porém, havia um só reino e um só caminho em direção a esse reino e um Deus Que, embora de modo lento e seguro, estava trazendo aquele reino à existência. Sua missão era revelar o método pelo qual se podia realizar a unidade; proclamar esse amor todo-envolvente e essa técnica de unificação que todos os que estudam Sua vida e reagem diante de Seu espírito, podem seguir. Por isso, não podia cair no erro da diversidade. Não podia identificar-Se com a multiplicidade, quando havia abarcado, em Sua consciência, como Deus, a síntese maior. Pope, em seu famoso *Ensaio Sobre o Homem*, pressentiu isto e o expressou em palavras ao alcance de todos:

"Deus ama, do todo às partes, porém a alma humana
Deve elevar-se do individual à totalidade.
O amor próprio só serve para despertar a mente virtuosa,
Como o seixo agita o plácido lago;
Movido o centro, imediatamente um círculo se produz,
Ainda outro e ainda um outro aparece;
Abarcam, primeiro, o amigo, o vizinho, o parente; e
Logo a sua pátria; depois, toda a raça humana;
Mais e mais amplos são os transbordamentos da mente;
Incluem as criaturas, de toda espécie;
A terra sorri, plena de infinitas bênçãos,
E o céu contempla tua imagem, em seu seio."

Então, o diabo O abandona. Nada mais podia fazer, e o Cristo "voltou à Galiléia",⁴⁹ para, empreender, de novo, a rotina do viver cotidiano. A experiência da Galiléia não pode ser evitada por nenhum Filho de Deus encarnado. Cristo fez, então, três coisas: Primeiro, ouvindo que João Batista fora encarcerado, tomou a si a tarefa que este havia iniciado e continuou pregando o arrependimento. Segundo, selecionou, cuidadosamente, aqueles

que iam trabalhar com Ele, tendo que instruí-los, para levarem a termo a missão do reino, e iniciou, então, o acrescentado serviço, que constitui sempre o sinal dado ao mundo de que um homem chegou a ser mais incluído e recebeu outra iniciação. Ainda que o mundo não reconheça, no momento, esse sinal, não voltará a ser o mesmo mundo de antes da iniciação ser recebida e o serviço prestado.

49 - Mateus, 4: 12.

O aparecimento de um iniciado no campo do mundo torna esse campo diferente.

Cristo fez o bem em toda parte, "ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda enfermidade e doença, no povo."⁵⁰ Havia registrado, perante Deus, o homem e perante Si mesmo, Sua perfeição. Havia saído da experiência, no deserto, e passado pela prova e pela experiência, justificando, totalmente, Sua divindade. Sabia que era Deus, pois havia demonstrado a Si mesmo o divino de Sua humanidade. Entretanto, como ocorre com todos os Filhos de Deus que se liberam, não podia deter-se até nos haver mostrado o caminho. Tinha que transmitir-nos a grande energia do Amor de Deus.

50 - Mateus, 4:17-24.

Perfeito, servindo e com pleno conhecimento de Sua missão, o Cristo entra, agora, em um período de trabalho ativo, que deve preceder a iniciação seguinte, a da Transfiguração.

CAPÍTULO IV

A TERCEIRA INICIAÇÃO: A TRANSFIGURAÇÃO SOBRE UMA ALTA MONTANHA

PENSAMENTO CHAVE

1 - Então dirigiu Arjuna ao Senhor Abençoado estas palavras:

"Os teus ensinamentos, ó Senhor! com os quais Te dignaste explicar-me o grande mistério do Espírito, destruíram a minha ilusão e ignorância.

2 - Tu me revelaste a plena verdade a respeito da criação e destruição de todas as coisas, a respeito da Tua grandeza, infinita perfeição e universal imanência.

3 - Tu és, em verdade, o Senhor do universo, como me expuseste e me convenceste. Mas, se é possível, ó meu Senhor e Mestre! Mostra-me a Tua majestosa forma.

4 - Se julgas que sou capaz de vê-la, faz-me ver a Tua própria Face e Forma, o Teu Eterno Eu, ó Adorado!"

Bhagavad Gita, VI, 33-34

1

Outro período de serviço terminou. O Cristo enfrentou outra crise interior e, desta vez, de acordo com a história, uma crise que compartilhou com Seus três discípulos favoritos, com as três pessoas que Lhe eram mais chegadas. Seu autocontrole - e, por conseguinte, Sua imunidade à tentação, tal como a podemos compreender - demonstrado, fora seguido por um período de intensa atividade. Ele havia também lançado o fundamento do reino de Deus, que tinha por missão estabelecer, e cuja estrutura interior fora erigida sobre os doze apóstolos, os setenta discípulos que Ele selecionara e preparara, e os grupos de homens e mulheres de toda parte que responderam à sua mensagem. Até aqui Ele fora bem sucedido. Agora Ele enfrentava uma nova iniciação e uma expansão mais ampla de consciência. Estas iniciações, às quais Ele se submetera em nosso benefício, e às quais todos nós poderemos aspirar no devido tempo, constituem, em si próprias, uma síntese viva da revelação que nos poderá ser proveitoso estudar, antes de considerarmos o detalhe da estupenda revelação que foi concedida aos três apóstolos no topo da montanha. Três dessas crises são, talvez, de maior significação do que até agora tenha sido alcançado pela humanidade, que tende a dar ênfase, principalmente, a apenas uma delas, a Crucificação.

Indaga-se, algumas vezes, se as demais tremendas experiências pelas quais o Cristo passou teriam sido relativamente desprezadas em favor da Crucificação, caso as Epístolas jamais tivessem sido escritas e se somente tivéssemos como base de nossa fé cristã, a narrativa dos Evangelhos. Este é um ponto a considerar, merecedor de séria especulação. A influência de S. Paulo sobre a teologia cristã talvez tenha desequilibrado a estrutura da apresentação do Cristo, tal como nos fora destinada. As três iniciações que, em última análise, podem significar o máximo para aquele que busca a verdade, são o nascimento no reino, aquele augusto momento em que a natureza inferior inteira se transfigura e no qual

nos conscientizamos da adequação dos filhos de Deus à cidadania daquele reino, e a crise final, em que a imortalidade da alma é demonstrada e reconhecida. O Batismo e a Crucificação têm outros valores, ao enfatizar a purificação e o autossacrifício. Isto pode surpreender o leitor por parecer diminuir o Cristo, mas nos é profundamente necessário ver o quadro tal como os Evangelhos no-lo apresentam, sem as tonalidades das interpretações de um posterior filho de Deus, ainda que tão brilhante e sincero como S. Paulo. Ao tratarmos do assunto da Divindade, foi-nos sempre dito que conhecemos Deus através de Sua natureza, e aquela natureza é Espírito ou Vida, Alma ou Amor consciente e Forma inteligentemente motivada. Vida, qualidade e aparência - esses são os três mais importantes aspectos da divindade - e não conhecemos outros; mas isso não significa que não iremos constatar outros aspectos quando estivermos, finalmente, dotados do mecanismo de conhecimento e da intuição para penetrarmos mais profundamente a natureza divina. Ainda não conhecemos o Pai. O Cristo revelou-O, mas o Pai Mesmo permanece, por enquanto, por trás das cenas, inescrutável, invisível e desconhecido, exceto quando revelado através da vida dos Seus filhos e pela revelação dada ao Ocidente, de maneira peculiar, por Jesus Cristo.

Ao considerarmos tais iniciações, as três acima mencionadas se destacam claramente. No nascimento em Belém, temos o *aparecimento* de Deus, Deus se manifesta na carne. Na Transfiguração temos a *qualidade de Deus* revelada em sua transcendente beleza, ao passo que na iniciação da Ressurreição, o *aspecto vida* da divindade faz sentir sua presença.

Em Sua existência terrestre, portanto, Cristo fez duas coisas:

1 - Revelou a natureza tríplice da Divindade na primeira, terceira e quinta iniciações.

2 - Demonstrou as expansões de consciência que vêm quando os requisitos são devidamente satisfeitos - a purificação e o autossacrifício.

Toda a história da iniciação é contada nesses cinco episódios; o nascimento, a subsequente purificação para que a correta manifestação da Divindade se pudesse seguir, a revelação da natureza de Deus por intermédio de uma personalidade transfigurada e, finalmente, o objetivo - a vida eterna e sem fim, porque descentralizada e liberta das limitações auto-impostas, da forma.

Essas três iniciações maiores, a primeira, a terceira e a quinta, constituem as três sílabas da Palavra feita carne, encarnam o acorde musical da vida do Cristo, uma vez que serão encarnadas na vida de todos os que seguirem Seus passos. Através da reorientação para novas maneiras de viver e de ser, passamos através dos necessários estágios de adaptação dos veículos da vida, até aquele topo da montanha onde o divino em nós é revelação em toda sua beleza. Passamos, então, para uma "alegre Ressurreição" e para aquela eterna identificação com Deus que é a experiência permanente de todos aqueles que são perfeitos. Poderíamos descrever assim o processo:

1.^a Iniciação
Novo Nascimento
Iniciação
Começo
Aparecimento

3.^a Iniciação
Transfiguração
Revelação
Transição
Qualidade

5.^a Iniciação
Ressurreição
Completação
Consumação
Vida

Esta é a primeira das experiências na montanha. Tivemos a experiência na caverna e a iniciação na corrente. Cada uma delas operou seu trabalho, cada uma revelando mais e mais divindade no Homem, Cristo Jesus. A experiência do Cristo, como vemos, foi passar de um processo de unificação a outro. Um dos objetivos primários de Sua missão foi resolver as dualidades em Si próprio, produzindo a unidade e a síntese. Quais são essas dualidades que devem ser resolvidas na unidade antes que o espírito no homem possa resplandecer em sua radiação? Poderíamos relacionar cinco, para ganhar uma ideia do que precisa ser feito e para compreender a magnitude da conquista do Cristo. A Transfiguração não é possível antes dessas unificações terem sido concretizadas.

Primeiro, o homem e Deus devem fundir-se num todo funcionante. Deus, feito carne, deve de tal modo dominar e controlar a carne, que esta não constitua obstáculo à plena expressão da divindade. Tal não é o caso no homem comum. Nele, a divindade pode estar presente, mas profundamente oculta. Hoje, todavia, através de nossas investigações psicológicas, muito está sendo descoberto quanto a este ser superior e inferior, e a natureza daquilo que por vezes é chamado o "ser latente" está emergindo, através de um estudo da reação do ser ativo externo às atividades daquela direção subjetiva, interna. Que o homem é dual, foi reconhecido em toda parte, e isto em si mesmo apresenta um problema com o qual os psicólogos constantemente se defrontam. As personalidades parecem funcionar de maneira "dividida"; as pessoas ficam perturbadas por esta cisão. Ouvimos de personalidades múltiplas; da necessidade de integração e de coordenação entre os diferentes aspectos do homem. A fusão de sua natureza em um todo funcionante se torna mais e mais urgente. O reconhecimento do alcance do homem e a constante atração do mundo dos valores transcendentais produziram um agudo problema para o mundo. O primitivo e o transcendental; o homem consciente externo e o homem subjetivo subliminar; o ser superior e o inferior; personalidade e individualidade; alma e corpo - como se reconciliarão esses? Dos valores superiores o homem está incessantemente consciente. Do homem que quer fazer o bem e da natureza que, em oposição, o leva a praticar o mal, todos os santos dão testemunho.

A família humana inteira está, hoje, cindida sobre a rocha da dualidade. Ou a personalidade é dual e por isso impossível de ser manipulada, ou os grupos e nações estão divididos em campos opostos e, novamente, a dualidade emerge em intensa dificuldade dinâmica,

É a integração que o Cristo tão plenamente exemplificou, assim resolvendo as dualidades do superior e do inferior em Si Mesmo, fazendo dos "dois um novo homem"¹, "novo homem" esse que resplandesceu na Transfiguração, ante o olhar atônito dos três apóstolos. É esta integração ou unificação básica que a religião deveria buscar produzir e é esta coordenação entre dois fundamentais aspectos da natureza humana - a natural e a divina - que a educação deveria efetivar.

1. Eph., II, 15.

Este problema dos dois seres, que o Cristo tão surpreendentemente sintetizou em Si Próprio, é o estrito problema humano. O ser secundário, em contraposição ao ser divino, é um fato na natureza, todavia, podemos tentar fugir à evidência e recusar reconhecimento à sua existência. O "homem natural" existe, tal como o "homem espiritual", e na interação dos dois está focalizado o problema humano. O próprio homem torna isto claro. Falando do

homem, o Dr. Bosanquet diz que:

"...sua auto-transcendência inata, sua inerradicável paixão pelo todo, torna inevitável que, fora da superfluidade que não pode sistematizar sob o bem, ele formará um ser negativo e secundário, um ser deserdado, hostil ao imperativo domínio do bem que é, *ex hypothesi*, somente parcial. E esta discordância é verdadeiramente necessária ao bem; pois estabelece seu problema característico, a conquista do mau. E o bem é necessário ao mal, pois, além da rebelião contra o bem, a possível totalidade do ser deserdado não pode encontrar qualquer outra unidade."²

2. *The Value and Destiny of the Individual*, por B. Bosanquet, pág. 210.

Aqui jaz o problema do homem e aqui o seu triunfo e a expressão de sua divindade essencial. O ser superior existe e, final e inevitavelmente, deverá conquistar a vitória sobre o ser inferior. Uma das coisas que estão acontecendo, hoje, é a descoberta da existência desse eu superior e muitos são os testemunhos de sua natureza e qualidades. Através de uma consideração do ser em cada homem, estamos nos aproximando de uma compreensão da divindade.

Por traz da manifestação de Jesus Cristo jazem eons de experiência. Deus Se expressara através de processos naturais, através da humanidade como um todo e através de indivíduos específicos, à medida que as épocas correram. Então veio o Cristo e, no curso do tempo, como um definido cumprimento do passado e como uma garantia do futuro, sintetizou em Si Próprio, em uma transcendente Personalidade, tudo que tinha sido conquistado em tudo que fora Imediato na experiência humana. Ele foi uma Personalidade assim como uma Individualidade divina. Sua Vida, com sua qualidade e seu objetivo, estabeleceu seu selo sobre nossa civilização e Sua demonstrada síntese é a inspiração do presente. Esta consumada Personalidade, sintetizando em Si Própria tudo que precedeu na evolução humana e expressando tudo que é possível imediatamente ser, é a grande dádiva de Deus ao homem.

Cristo, como a Personalidade que curou a divisão na natureza humana e Cristo como a síntese dos aspectos superior e inferior da divindade, é a gloriosa herança da humanidade de hoje. Isto é o que foi revelado na Transfiguração.

Todavia, é útil recordar que somente num certo estágio do desenvolvimento humano se torna possível a expressão da vida e da consciência do Cristo interno. O fato da evolução, com suas necessárias distinções e diferenças, é incontestável. Os homens não são todos iguais. Variam, em sua apresentação da divindade. Alguns continuam realmente subumanos, até agora. Outros, são simplesmente humanos, e ainda outros estão começando a ostentar qualidades e características sobre-humanas. Poderia justificadamente surgir a questão: quando chega o homem a alcançar a possibilidade de transcender o humano e se tornar divino? Dois fatores controlarão, então. Ele terá transcendido as naturezas Física e emocional e, entrando no reino do pensamento, deveria estar respondendo de alguma maneira aos ideais que lhe foram apresentados pelos pensadores do mundo. Deverá chegar um tempo, no progresso de cada ser humano, em que o desenvolvimento da tríplice natureza humana - Física, emocional e mental - alcance um ponto de possível síntese. Ele ter-se-á tornado, então, uma personalidade. Ele pensa. Ele decide. Ele determina. Ele assume controle de sua vida e se torna, não somente um centro originador de atividade mas uma influência marcante no mundo. É a entrada, com

poder, da qualidade da mente, e da capacidade de pensar que torna isto possível.

É esta insistência sobre o pensamento e esta determinação em lidar com a vida do ângulo da mente e não da emoção, que distingue uma "personalidade" dentre a vulgaridade dos seres humanos. O homem que pensa e age sobre as resoluções e incentivos que têm sua origem em realidades-pensamento devidamente consideradas, torna-se com o tempo, uma "personalidade" e começa a agir sobre outras mentes. Ele exerce uma influência definida sobre outras pessoas. Entretanto, supervisionando a personalidade está o homem espiritual interno, ao qual poderíamos chamar de "indivíduo." É aqui, novamente, que o Cristo alcançou êxito e a segunda dualidade, que Ele tão significativamente resolveu, é aquela do eu pessoal e da "individualidade." O finito e o infinito devem ser trazidos a uma relação íntima. Isto, o Cristo demonstrou na Transfiguração, quando, por intermédio de uma personalidade purificada e desenvolvida, Ele manifestou a natureza e a qualidade de Deus. A natureza finita tinha sido transcendida e não mais podia controlar suas atividades. Ele passara, em Sua consciência, ao reino da conscientização inclusiva, e as regras ordinariamente governantes do indivíduo finito, com seus problemas medíocres e sua pequena reação aos acontecimentos e pessoas, não mais poderiam influenciá-Lo nem determinar Sua conduta. Ele alcançara o contato com aquele reino do ser no qual há, não somente compreensão, mas paz, através da unidade.

O Cristo havia superado regras, limitações e considerações e, conseqüentemente, funcionava como um indivíduo e não como uma personalidade humana. Ele era governado pelas regras que regem o reino do espírito e foi isto que os três Apóstolos reconheceram na Transfiguração e que os levou, a partir de então, a se submeterem a Ele, como sendo o Uno Que para eles representava a Divindade. O Cristo, portanto, na Transfiguração, uniu em Si Próprio Deus e o Homem, Sua Personalidade desenvolvida fundindo-se com Sua Individualidade. Ele permaneceu como a expressão perfeita da possibilidade máxima a que a humanidade poderia aspirar. As dualidades, das quais a humanidade é expressão tão desgraçada, encontraram-se n'Ele e resultaram numa síntese de tal perfeição que, por todo o tempo, Ele determinou a meta de nossa raça.

Há uma síntese ainda maior, e esta o Cristo também resumiu em Si Mesmo - a síntese da parte com o Todo, da humanidade com a Realidade última. A história do Homem tem sido a do desenvolvimento do estado de inconsciente reação da massa, até o de uma responsabilidade grupal lentamente reconhecida. O ser humano de baixo grau, ou indivíduo não-pensante, tem uma consciência coletiva. Ele pode considerar-se como uma pessoa, mas não elabora um pensamento claro quanto às relações humanas, ou quanto ao lugar da humanidade na escala da existência. Ele é facilmente agitado pelo pensamento coletivo, ou da massa, e é arregimentado e padronizado pela psicologia da massa. Ele se movimenta no ritmo da massa dos homens; ele pensa como pensam os demais (se é que pensa); sente facilmente como a massa sente e permanece indiferenciado de sua espécie. Os oradores e ditadores baseiam nisso o seu êxito. Através de sua oratória de língua dourada, ou através de suas personalidades dominantes e magnéticas, eles impulsionam as massas conforme sua vontade, porque trabalham com a consciência coletiva, embora não desenvolvida.

Deste estágio passamos para o da personalidade emergente que desenvolve seu próprio pensar, faz seus próprios planos e não pode ser arregimentada ou iludida por palavras. Ele pé um indivíduo pensante e a consciência coletiva e a mente da massa não

podem mantê-lo em servidão, Estas são as pessoas que se adiantam até a libertação, e que, de uma expansão de consciência a outra, gradualmente se tornam partes conscientemente integradas do todo. Finalmente, o grupo e sua vontade (não a massa e seu sentimento) se torna de suprema importância, porque eles veem o grupo como Deus o vê, tornam-se guardiães do Plano Divino e partes conscientes, integrais, inteligentes, do todo. Sabem o que estão fazendo e por que. O Cristo fundiu em Si mesmo a parte com o todo e efetuou uma unificação entre a vontade de Deus, sintética e compreensiva, e a vontade individual, que é pessoal e limitada. Num comentário sobre o *Bhagavad Gita*, aquela suprema discussão sobre a vida do todo fundida na divindade, Charles Johnston assinala:

"A verdade pareceria ser que, num certo ponto da Vida espiritual, o discípulo ardente, que procurou em todas as coisas trazer sua alma em uníssono com a Grande Alma, aspirou fazer sua vontade chegar à semelhança da Vontade de Deus, passa por uma experiência espiritual marcante, na qual a Grande Alma o eleva, a Vontade Divina eleva sua consciência até a unidade com a Consciência Divina; por um tempo, ele percebe e sente, não mais como pessoa, mas como Super alma, ganhando uma profunda visão das maneiras de viver divinas e sentindo o infinito Poder que trabalha através da Vida e também da morte, através do sofrimento e da alegria, através da união e da separação, através da criação, da destruição e da recriação. O pavor e o mistério que cercam aquela grande revelação puseram o seu selo em todos os que passaram por ela."³

3 - *Bhagavad Gita*, tradução de Charles Johnston, pág. 128.

Esta conscientização está longe do homem comum e, ainda mais distante, do não-desenvolvido.

O divino é o Todo, informado e animado pela vida e pela vontade de Deus; e na extrema auto-rendição, com todo o poder de Sua purificada natureza e divina compreensão e Sabedoria, o Cristo fundiu em Si mesmo a consciência coletiva, a conscientização humana e a Totalidade divina. Algum dia compreenderemos isto mais claramente. Por enquanto é algo que não podemos alcançar, a não ser que para nós a Transfiguração seja uma realidade e não uma meta.

É interessante ter em mente uma outra unificação que o Cristo realizou. Ele unificou em si mesmo o passado e o futuro, na medida em que isto diga respeito à humanidade. Isto é significativamente ilustrado no aparecimento, com Ele, de Moisés e Elias, no Monte da Transfiguração, respectivamente os representantes da Lei e dos Profetas. Numa das figuras nós vemos simbolizado o passado do homem, com sua somação na Lei de Moisés, estabelecendo os limites além dos quais o homem não pode passar, definindo as Injunções que ele deve impor à sua natureza inferior (a natureza-desejo) e pondo ênfase nas restrições que a raça, como um todo, deve impor às suas próprias ações. Um cuidadoso estudo revelará que todas essas leis dizem respeito ao governo e controle da natureza-desejo, do emocional, do corpo sensorial, aos quais já tivemos necessidade de fazer referência. Curiosamente bastante, o nome "Moisés", de acordo com a *Cruden's Concordance*, significa "salvo das águas." Já vimos que a água é o símbolo da natureza-desejo fluídica emocional na qual o homem habitualmente vive. Moisés, por isso, apareceu com o Cristo numa ilustração do passado emocional do homem, e a técnica do seu controle deverá ser substituída quando a mensagem da vida do Cristo seja plenamente compreendida, derramando-se através da consciência do homem cada vez mais

plenamente. Cristo indicou o novo mandamento sintético que é o "amai-vos uns aos outros." Isto tornaria desnecessária toda a Lei e os Profetas, e relegaria os Dez Mandamentos a um segundo plano da vida, tornando-os supérfluos, porque o amor que fluirá do homem para Deus, e do homem para o homem, automática e positivamente, produzirá aquela ação reta que tornara impossível romper os mandamentos. O "não" de Deus, falado através de Moisés, do Monte Sinai, com sua ênfase negativa e sua interpretação punitiva, dará lugar à irradiação de amor e à compreensão da boa vontade e luz que o Cristo irradiou sobre o monte da Transfiguração. O passado se encontrou Nele e foi substituído por um presente vivo.

Elias, cujo nome significa "a força do Senhor," ficou ao lado de Jesus como o representante de todas as escolas dos Profetas que haviam predito, durante séculos, a vinda d'Aquele Que simbolizaria a perfeita Retidão e Que, em Sua Própria Pessoa, encarnaria, como faz hoje, a conquista e o objetivo futuros da humanidade. Que o futuro guarda alcances de consciência e padrões de conquista muito além das do Cristo tanto quanto Sua expressão ultrapassa a nossa, é inteiramente possível. *A natureza do Pai ainda está por ser conhecida*; alguns dos seus aspectos, tais como o amor e a sabedoria de Deus, nos foram revelados pelo Cristo. Para nós, hoje, e para nosso objetivo imediato, Cristo representa o Profeta Eterno, de Quem Elias e todos os Profetas dão testemunho. Por isso, ao permanecer sobre o topo da montanha, o passado e o futuro da humanidade se encontraram n'Ele.

Que Ele unificou em Si Próprio certas roturas básicas humanas e assim aparente e, às acima enumeradas, podemos acrescentar uma já considerada, a fusão, em Si Próprio, de dois grandes reinos da natureza, o humano e o divino, tornando possível a emergência de um novo reino na terra - o reino de Deus, o quinto reino da natureza.

Ao considerarmos a Transfiguração, é necessário termos consciência de que ela não foi simplesmente uma grande iniciação, na qual Deus Se revelou em Seu esplendor e glória ao homem, mas que ela teve relação definida com o veículo da revelação - a natureza física material, a que chamamos de "aspecto Mãe." Vimos, ao estudarmos a iniciação do Nascimento, que a Virgem Maria (ainda que reconhecendo, como o fizemos, a historicidade da existência do Cristo) é o símbolo da natureza da forma, da natureza material de Deus. Ela simboliza, em si mesma, aquilo que preserva a vida de Deus, ainda latente em suas infinitas potencialidades. Cristo revelou a natureza-amor, no Pai. Através de Sua Pessoa, Ele revelou o propósito e o objetivo da vida-forma do homem.

Nessa experiência da montanha vemos a glorificação da matéria ao revelar e expressar o Cristo divino interno. A matéria, a Virgem Maria, revela Deus. A forma, o resultado dos processos materiais ativos, deve expressar a divindade e a revelação disto é um dom divino para nós, trazido pela Transfiguração. O Cristo foi o "próprio Deus do próprio Deus," mas Ele foi também "carne de nossa carne" e, na reciprocidade e na fusão de ambos, Deus ficou revelado em toda a Sua magnética e radiante glória.

Quando nós, como seres humanos, alcançarmos a consciência do propósito divino e chegarmos a considerar nossos corpos físicos como meios para revelar o Cristo divino interno, ganharemos uma nova visão da vida física e um renovado incentivo para o apropriado cuidado e tratamento do corpo físico. Apreciaremos esses corpos, através dos quais nós funcionamos temporariamente, como os guardiães da revelação divina.

Considerá-los-emos, cada um de nós, como a Virgem Maria considerou seu corpo, como o repositório do Cristo oculto, e ansiaremos por aquele momentoso dia em que nós, também, estaremos no Monte da Transfiguração, revelando a glória do Senhor por intermédio de nossos corpos. Browning sentiu isso e nos deu o pensamento nos seguintes versos, bem conhecidos:

"A verdade está dentro de nós; ela não se eleva
De coisas exteriores, quaisquer possais crer.
Em cada um de nós existe um íntimo centro
Onde a verdade habita em sua plenitude; e, em torno,
Parede após parede, a densa carne a encerra
..... E, *saber*,
Consiste antes em abrir um caminho
Pelo qual o esplendor aprisionado possa escapar
Do que em promover a entrada de uma luz
Que se supõe vir do exterior."⁴

4 - *Paracelsus*, por Robert Browning, Oxford Edition, pág. 444.

Assim, o Cristo foi revelado para a humanidade como a expressão de Deus. Não há outra meta para nós. Entretanto, recordemos com humildade e veneração que as estupendas palavras pronunciadas por Krishna, no Bhagavad Gita, também continuam verdadeiras, como uma afirmação última relativa à transfiguração do mundo inteiro:

- "Sem fim são as minhas manifestações divinas, ó Arjuna! Só exemplos delas te apresentei. Os meus poderes são infinitos em qualidade e variedade.
- Todo ser e toda coisa são o produto de uma infinitésima porção do meu Poder e da minha Glória.
- Mas para que mais minúcias, ó príncipe? Sabe que Eu sustento todo este universo continuamente, só com um infinitesimal fragmento de Mim mesmo."⁵

5 - *O Bhagavad Gita*, Livro X, 40x, 41, 42.

Sob o impacto da exigência da evolução, Deus se move na direção de uma identificação mais plena. "Purificação" é a palavra geralmente usada para cobrir o processo pelo qual o veículo da expressão divina é preparado para uso. A experiência da Galiléia e o esforço diário para viver e ir ao encontro das finalidades da existência humana (que parecem tornar-se mais drásticas e disciplinadoras à medida que a grande roda da vida gira, e, ao girar, impulsiona para diante a humanidade), trazem o homem até o ponto em que esta purificação não é simplesmente o resultado da própria vida, mas algo que é definitivamente imposto pelo homem à sua própria natureza. Quando este processo é auto-iniciado, então a velocidade com a qual o trabalho é desenvolvido, é grandemente acelerada. Isto produz uma *transformação* de grande significação no homem exterior. A lagarta se transforma na borboleta. Bem no íntimo do homem jaz esta beleza oculta, não conscientizada, mas lutando para se libertar.

A vida do Cristo interno produz a transformação do corpo físico mas, mais profundamente ainda, aquela vida opera sobre a natureza sensorial-emocional e, através do processo da *transmutação*, converte desejos e sentimentos, dores e prazeres, em suas correspondências superiores. A transmutação foi definida como "a passagem de um estado da existência para outro, por intermédio do fogo."⁶ É oportuno, a esse respeito, lembrar

que o homem inferior triplo, com quem temos lidado tantas vezes nestas páginas, é um tênue reflexo da própria divindade. O corpo físico está relacionado com o terceiro aspecto da divindade, o do Espírito Santo, e essa verdade pode ser constatada se estudarmos o conceito cristão da Virgem Maria, ofuscado pelo Espírito Santo. O Espírito Santo é aquele aspecto da divindade que é o princípio ativo na matéria e, disto, o corpo físico é uma correspondência. A natureza emocional, sensorial, é um reflexo tênue e distorcido da natureza-amor de Deus, que o Cristo cósmico, a segunda Pessoa da Trindade, tenta revelar; e este aspecto (transmutado por intermédio do fogo, a vontade ou espírito de Deus) produz a transformação do corpo físico. A mente, por sua vez, é portanto o reflexo do aspecto mais elevado da divindade, o Pai, ou Espírito, de Quem é dito que nosso "Deus é um fogo consumidor."⁷ A atividade libertadora desta forma do espírito de Deus, produz, finalmente, aquele esplendor (como resultado da transformação e da transmutação) que foi a característica da iniciação da Transfiguração. O «*Resplendor é a transmutação em processo de realização.*» A transmutação, sendo a liberação da essência para que ela possa procurar um novo centro, o processo pode ser reconhecido como "radioatividade" no que diz respeito à humanidade."⁸

6 - *Um Tratado sobre o Fogo Cósmico*, Alice A. Bailey, pág. 476.

7 - Deut. IV, 24

8 - *Um Tratado sobre o Fogo Cósmico*, por Alice A. Bailey, pág. 478.

Foram esses processos, desenvolvidos na natureza da forma, que finalmente conduziram os Apóstolos à revelação da natureza essencial do Mestre que amavam e seguiam, e é este aspecto do Cristo - a realidade esplendorosa interna - à qual os místicos de todos os tempos dão testemunho, não somente com relação a Cristo, mas, em menor grau, *reciprocamente, também*. Uma vez transcendido o mundo dos sentidos e ativadas as correspondências superiores, revelando o mundo interior de beleza e verdade, chegará ao místico uma conscientização de um mundo subjetivo cujas características são luz, esplendor, beleza e indescritível maravilha. Todos os escritos místicos são tentativas para descrever este mundo ao qual os místicos parecem ter acesso, com suas formas variando de acordo com o período, raça e ponto de desenvolvimento do observador. Sabemos somente que o divino permanece revelado, enquanto que a forma exterior, que a encobriu e ocultou, se dissolve, ou é de tal forma transformada, que somente a realidade interna é registrada. O temperamento e as tendências do místico - sua própria qualidade inata - também têm muito a ver com sua descrição do que vê. Todavia, todos estão de acordo na essencialmente transcendente natureza da experiência e convencidos da natureza divina da pessoa em referência.

Grande, de fato, foi o poder e o mistério da divindade que o Cristo revelou ao olhar atônito de Seus três amigos no Monte da Transfiguração. Em uma das antigas escrituras da Índia, citada pelo Dr. Otto, há uma tentativa para expressar ou revelar aquele divino Espírito essencial manifestado na Transfiguração:

"Mais fino do que o fino, contudo Sou o maior,
Eu sou o Todo em sua completa plenitude,
Eu, o mais antigo, o espírito, o Senhor Deus.
O dourado reluzir sou Eu, da divina forma.
Sem mão nem pé, rico em incomensurável poder,

Visão sem olhos, audição sem ouvidos,
Livre de toda forma, Eu sei. Mas a mim,
Ninguém conhece. Pois Eu sou Espírito, sou a Existência.”⁹

9 - Kaivalya, li, 9. Citado em *Mysticism, East and West*, por Rudolph Otto, págs. 98-99.

A massa de literatura que foi escrita numa tentativa de retratar a maravilha da transfiguração e a visão de Deus, é um fenômeno proeminente da vida religiosa e um dos mais fortes testemunhos do fato das revelações.

A própria simplicidade da narrativa, como é relatada nos Evangelhos, tem majestade e poder de convicção próprios. Os apóstolos viram uma visão e participaram de uma experiência em que Jesus Cristo se apresentou diante deles como um Homem perfeito, porque plenamente divino. Eles haviam participado com Ele em Seu serviço; eles haviam deixado suas várias vocações para estar com Ele; eles O haviam acompanhado de lugar a lugar e ajudado em Seu trabalho, e agora, como recompensa pela fidelidade e reconhecimento, tinham tido permissão para ver a Transfiguração. "Quando a mente," diz Santo Agostinho, "foi imbuída com o começo da fé que opera pelo amor, ela prossegue vivendo bem até chegar também à visão em que há indescritível beleza conhecida de elevados e santificados corações, cuja plena visão é a maior de todas as felicidades." ¹⁰

10 - *Psychology and God*, por L. W. Grensted, pág. 75.

"Seis dias após, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e a João, seu irmão, e os conduziu em particular até um alto monte e se transfigurou diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o Sol, e suas vestes se tornaram tão brancas como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias.

E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu.

E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo: ouvi-o.

E os discípulos, ouvindo isto, caíram sobre seus rostos e tiveram grande medo.

E aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos; e não tendes medo.

E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão unicamente a Jesus." ¹¹

11 - Mateus, XVII, 1,8.

Uma apreciação das várias unificações que o Cristo praticou em Si Mesmo ter-nos-á preparado para o estupendo fenômeno da revelação que prostrou os três discípulos. Três reis ou magos assistiram de joelhos à iniciação do nascimento. Nesta crise havia três discípulos prostrados sobre o solo, incapazes de encarar a glória que lhes havia sido revelada. Pensavam que conheciam seu Mestre, mas a Presença familiar se tinha transformado e eles estavam diante da Presença. O sentimento de respeito, de maravilha e de humildade é sempre uma reação que se realça nos místicos de todos os tempos, diante da revelação da luz. Este episódio é o primeiro no qual contatamos o esplendor e a luz que emanavam do Salvador e que O capacitavam a dizer, com autenticidade, "Eu Sou a Luz do Mundo." O contato com Deus fará sempre uma luz brilhar. Quando Moisés desceu do Monte Sinai, sua face estava tão resplandecente que os homens não puderam fitá-la e a história conta que ele teve de usar um véu para ocultar aquele esplendor dos demais. Mas a luz que estava no Cristo brilhava plenamente de Sua Pessoa inteira, Creio que, à medida

em que o processo evolutivo se desenvolver, alcançaremos, de maneira crescente, uma compreensão mais profunda do significado da luz em relação à humanidade. Falamos da luz do conhecimento e na direção dessa luz e de seu crescimento, todo o nosso processo educacional e suas instituições estão consagrados. Desejamos profundamente a luz da compreensão que se expressa em sabedoria e caracteriza o sábio e o prudente na terra; esta luz os distingue das pessoas de inteligência mediana, tornando importantes suas palavras e valorizando seu conselho. Temos sido levados a crer que há, no mundo, os *illuminati*, trabalhando quieta e silenciosamente por traz das cenas, no cenário mundial, derramando luz nos lugares trevosos do mundo, quando necessário, elucidando problemas e, finalmente, trazendo à luz aquilo que deva ser erradicado e aquilo que é necessário. Temos também aprendido a reconhecer os eternos condutores da Luz e sentimos que no Cristo a luz dos tempos está focalizada e a luz de Deus centrada. Seus discípulos entraram no raio de ação desta luz, pela primeira vez, no topo da montanha, após seis dias de trabalho, como nos é relatado, e não puderam suportar a vista de tamanho esplendor. Todavia, sentiram que "era bom para eles estar lá." Entretanto, ao considerarmos a luz que estava no Cristo e o êxtase dos Apóstolos ante sua revelação, não percamos de vista o fato de que Ele Próprio nos conta que também em nós há uma luz, e que ela também deve brilhar para ajudar o mundo e a glorificação de nosso Pai que está no Céu.¹² Os místicos dão testemunho desta luz, luz esta em que penetramos e que penetra neles, revelando a luz que está latente, potencializando-a. "Em Tua luz veremos luz." Este é o fato marcante do misticismo científico. Deus é tanto luz quanto vida. Isto, o místico provou e disso ele dá, eternamente, testemunho.

Esta percepção do fato da divindade está estabelecida em nossa consciência, antes de tudo, através do reconhecimento da maravilha latente em todo ser humano. Aquele homem que não vê bem nenhum em seus semelhantes é aquele que não tem consciência de sua própria bondade; aquele homem que somente vê o mal naqueles à sua volta, é aquele que os vê através das lentes distorcidas de sua própria natureza pervertida. Mas aqueles que estão despertando para o mundo da realidade estão constantemente se conscientizando da divindade no homem, através de suas ações altruístas, de sua bondade, de seu espírito pesquisador, de sua alegria na dificuldade e de sua bondade básica essencial. Esta conscientização se aprofunda à medida que ele estuda a história da raça e a herança religiosa de todos os tempos e, acima de tudo, quando ele é posto face a face com a bondade transcendente e a maravilha que o Cristo revelou. Desta conscientização ele prossegue até a descoberta do divino em si mesmo e inicia aquela longa luta que o conduz através das etapas da conscientização intelectual da possibilidade e da percepção intuitiva da verdade, até aquela iluminação que é a prerrogativa e o dom de todos os perfeitos filhos de Deus. O radiante corpo de luz interior está presente, tanto no indivíduo quanto na humanidade, invisível e não revelado, mas, lenta e certamente, emergente. Na hora presente, um grande número, na humanidade, está envolvido nas atividades dos seis dias que precedem a experiência da transfiguração.

12 - Mateus, V, 16.

É importante estudar aqui, brevemente, o lugar dos discípulos nesta experiência. Ao longo da narrativa bíblica encontramos esta triplicidade. Moisés, Aarão e Joshua; Jó e seus três amigos; Shadrach, Meschach e Abednego, os amigos de Daniel; os três reis no berço de

Belém; os três discípulos na Transfiguração; as três Cruzes no Calvário! Por que esta constante recorrência dos três? Que simboliza? À parte de sua possível aparência histórica, haverá por trás deles alguma peculiar simbologia que possa, quando compreendida, tornar claras as circunstâncias nas quais representaram seu papel? Um estudo dos seus nomes e de sua interpretação, tal com fornecido no familiar *Cruden's Concordance* pode dar um indício. Tornai, por exemplo, o significado dos nomes dos amigos de Jó. Eles eram Elifaz, o temanita Bildade o suíta e Zofar, o naamatita. Elifaz, o temanita, significa "meu Deus é ouro" e também o "quarto meridional", o polo oposto ao norte. O ouro é o símbolo do bem-estar material e o polo oposto ao espírito é a matéria, por isso, neste nome foi simbolizada a forma externa tangível do homem, ativada pelo desejo dos bens materiais e do conforto. Zofar o naamatita significa "aquele que fala", e seu tema é o prazer, que é a interpretação dada à palavra "Naamatita". Aqui temos caracterizado o corpo de desejos, com sua sede do prazer, de felicidade e bem-estar e uma indicação do constante e incessante chamado e voz da natureza sensorial, ao qual damos testemunho. Bildade, o Suíta, representa a natureza mental, a mente, significando, ao fazer a "contrição" que esta somente se torna possível quando a mente começa a se ativar (incluindo a consciência). Suíta significa "prostração ou fraqueza", isto é, que sozinha e sem ajuda a mente pode revelar, mas não ajudar. O remorso e o sofrimento, envolvendo a memória, são o resultado da atividade mental. Assim, nos três amigos de Jó, os três aspectos da natureza inferior são revelados. O mesmo se passa quando estudamos os nomes dos três amigos de Daniel. Abednego significa o "servo do sol", o servidor da luz; nesse significado esta resumido todo o dever e o propósito do homem físico exterior. O nome de Shadrach tem uma conotação francamente emocional, pois ele significa "regozijando-se no caminho", e onde quer que encontremos referência às dualidades básicas de prazer e dor, estaremos considerando a natureza do sentimento emocional. Mesa - que significa "ágil", de movimentos rápidos, o que é, em si mesmo, uma descrição muito boa da natureza mental. Arjuna, no Bhagavad Gita¹³ põe isto em destaque nas palavras a Krishna: "Esta união através da unidade, tal como ensinada por Ti... eu não percebo sua firmeza nesse domínio da mente; eu sei que a mente se agita inquieta, turbulenta, vacilante, obstinada e insubmissa à vontade; e me parece que dominar suas inclinações... é tão difícil como reter um forte vento."

13 - O Bhagavad Gita, VI, 33, 34.

Assim, nos três amigos e nas várias triplicidades que encontramos na Bíblia descobrimos um simbolismo que é vitalmente iluminador. Os três aspectos através dos quais a alma se deve expressar e através dos quais deve brilhar são assim retratados. É o mesmo com relação aos três amigos de Jesus Cristo. Não posso aqui tocar nas amizades de Jesus Cristo. Elas são muito reais e muito profundas e universais em sua inclusividade. Elas são infinitas e eternas, e os amigos do Cristo são encontrados em toda raça (Cristã ou outra qualquer) em qualquer latitude e em ambos os hemisférios. E, seja lembrado, são somente os amigos do Cristo que têm qualquer direito a serem dogmáticos sobre Ele, ou que podem falar com qualquer autoridade a Seu respeito ou sobre Suas ideias, porque sua é a autoridade de amor e compreensão.

Encontramos também essa básica triplicidade nas pessoas de Pedro, Jaime e João, e em seus nomes encontramos atuando o mesmo simbolismo essencial, dando-nos assim a pista para o significado desta maravilhosa narrativa: Pedro, como bem sabemos, significa

"rocha". Aqui está o fundamento, o aspecto mais concreto, a forma física exterior que, na Transfiguração, é transformada pela glória de Deus, de modo que a imagem exterior desaparece e Deus Mesmo resplandece. Jaime, é-nos dito, significa "ilusão", distorção. Aqui temos referência ao corpo emocional-sensorial, com seu poder de distorcer e falsear, iludir e desviar. Onde entra a emoção e onde o foco da atenção se acha na reação sensitiva e sensual, o que não for verdadeiro rapidamente aparece e o homem se torna sujeito à ilusão. É este corpo de ilusão que é finalmente transmutado e de tal maneira modificado e estabilizado, que provê um claro veículo para a revelação da divindade. João significa "o Senhor falou" e aqui a natureza mental é demonstrada, porque somente quanto o aspecto mental começa a se manifestar é que temos o aparecimento da fala daquele animal pensante e falante ao qual chamamos "homem". Assim, na hábil simbologia da Escritura, os três amigos do Cristo representaram os três aspectos de Sua natureza humana, e foi sobre esta personalidade integrada, focalizada e consagrada, que a transfiguração provocou seu impacto e produziu a revelação. Assim, novamente, a dualidade essencial da humanidade é revelada através do Cristo, e sua tríplice personalidade e Sua divindade essencial nos são retratadas de tal maneira que a lição (e a possibilidade) não nos pode escapar. Os Apóstolos identificaram Deus em seu Mestre apoiando-se no fato desta divindade, como têm feito os místicos de todos os tempos.

Eles "sabiam em Quem haviam crido."¹⁴ Eles viram a luz que brilhava na Pessoa de Jesus Cristo, Quem, para eles, era mais do que a Pessoa que haviam conhecido até então. Através daquela experiência Deus se tornou uma realidade para eles.

14 - II Tim. 1, 12.

Na síntese do passado, do presente e do futuro, Cristo e Seus amigos imediatos encontraram-se com Deus, e tão potente foi essa combinação que evocou do Próprio Deus uma resposta imediata. Quando o sentimento e o pensamento se encontram num momento de realização, há uma simultânea precipitação de energia e a vida se torna, a partir de então, diferente. Aquilo em que se acreditara passa a ser conhecido como um fato e a crença não é mais necessária.

3

A cena da transfiguração foi o ponto de encontro de fatores significativos e, a partir daquele momento, a vida da humanidade mudou radicalmente. Foi um momento, na história da humanidade, tão potente quanto a Crucificação, talvez de maior potência do que mesmo aquele grande e trágico acontecimento. Raras vezes tais momentos ocorrem. Usualmente, nós somente vemos fracos lampejos da possibilidade, raros clarões de iluminação e fugazes segundos, nos quais uma síntese aparece e nos deixa com um sentimento de ajustamento, de integração, de propósito e da realidade subjacente. Mas tais momentos são raros, de fato. Nós sabemos que Deus existe. Sabemos que a realidade existe. Mas a vida, com sua ênfase dirigida para os fenômenos, suas tensões, de tal modo nos preocupa que não temos tempo, depois do trabalho de seis dias, para escalar a montanha da visão. Uma certa familiaridade com a natureza de Deus deve certamente preceder Sua revelação, a qual Ele pode conferir e, por vezes, o faz. Os três amigos de Cristo tinham sido admitidos a um grau de intimidade com Ele que assegurou a escolha

como Seus companheiros na cena de Sua experiência, onde Ele representava, em benefício da humanidade, um acontecimento simbólico bem como uma definitiva experiência para a qual uma preparação adequada tivera de ser feita, com participantes corretamente escolhidos e treinados, de modo que o simbolismo que encarnavam pudesse aparecer e suas reações intuitivas ser corretamente dirigidas. Foi necessário que o Cristo tivesse junto a Si aqueles em quem pudesse se apoiar para reconhecerem a divindade quando ela apareceu, e cuja percepção espiritual intuitiva fosse tal que - por todo o tempo - o significado interior pudesse ter-se tornado aparente àqueles de nós que, mais tarde, seguimos Seus passos. Este é um ponto às vezes esquecido. Inevitavelmente "seremos como Ele, Dois O veremos como Ele é."¹⁵

15 - I. S. João, III, 2.

Mas para se alcançar esta semelhança, duas coisas são necessárias ao discípulo consagrado e dedicado. Ele deve ser capaz de ver claramente enquanto permanecer na iluminação que se irradia do Cristo e sua intuição deve ser ativa, de modo que ele possa corretamente interpretar o que vê. Ele ama seu Mestre e serve com aquela fidelidade possível; mas, é necessário mais do que devoção e serviço. É preciso que ele seja capaz de encarar a iluminação e, ao mesmo tempo, precisa ter aquela percepção espiritual que, ultrapassando o ponto até onde o intelecto pode levá-lo, vê e toca a realidade. É o amor combinado com o intelecto, mais o poder de saber, que: inerente a alma, que reconhece intuitivamente aquilo que é sagrado, universal e real e que é, contudo, específico e verdadeiro, todo o tempo, para todos os seres.

O Cristo revelou a qualidade da natureza divina por intermédio da matéria, da forma, e "foi transfigurado diante deles."

"A palavra grega aqui usada é "metamorfoseado", a própria palavra usada por S. Paulo para descrever a transmutação do corpo mortal no corpo da ressurreição; pois no dia da realização, quando o discípulo perfeito atinge a maestria, a "Vestimenta de Glória" resplandece com tal esplendor através da roupagem de carne, que todos os contemplativos podem percebê-la e, seus olhos e ouvidos sintonizados com a vibração sutil mais fina, eles contemplam seu Mestre em toda a Sua divina humanidade."¹⁶

16 - *The Mystery Teaching in the West*, por Jean Delaire, pág. 121.

É interessante notar que, apesar de reconhecerem o significado do acontecimento do qual participavam, os três Apóstolos, falando pela boca de S. Pedro, não foram capazes de expressar mais do que sua veneração e perplexidade, seu reconhecimento e crença. Não puderam explicar nem compreender o que tinham visto, nem encontramos qualquer registro de que jamais o tivessem feito. O significado da Transfiguração é algo que deve ser talhado na vida antes que possa ser definido ou explicado. Quando a humanidade, como um todo, aprende a transformar a carne através da experiência divina, e transmutar a natureza sensorial através da expressão divina e a transferir a consciência, do mundo da vida mundana para o mundo das realidades transcendentais, os verdadeiros valores subjetivos desta iniciação revelar-se-ão às mentes dos homens. Virá então uma expressão mais profunda daquilo que foi intuído. Dr. Sheldon nos conta com propriedade, que "tudo que há de melhor no pensamento e no sentimento humano é conduzido, durante gerações, provavelmente eras às mentes intuitivas, muito antes de se tornar articulado".¹⁷ Nós ainda não estamos articulados, no que concerne a esta experiência. Percebemos tenuemente, e à

distância, sua maravilha e sua finalidade. Ainda não passamos, como um todo, pelo novo nascimento; a experiência do Jordão somente é atingida por uns poucos, por enquanto. É a rara e desenvolvida alma que escalou a Montanha da Transfiguração, e lá viu e se encontrou com Deus na glorificada Pessoa de Jesus Cristo. Observamos este episódio através dos olhos de outros. Pedro, Jaime e João, através de um outro apóstolo, Mateus, no-lo relataram. Permanecemos como observadores, mas é uma experiência da qual iremos, algum dia, participar. Isto, nós esquecemos. Tomamos para nós mesmos a linguagem do quarto grande acontecimento na vida do Cristo e muito de nós temos tentado participar e penetrar no significado da Crucificação. Observamos a Transfiguração, mas não tentamos tornar-nos ativamente transfigurados. Mas isso terá que nos acontecer, algum dia, e somente após a Transfiguração poderemos ousar escalar o Monte do Golgotha. Somente quando tivermos conseguido expressar a divindade na e através da natureza pessoal inferior, teremos alcançado aquele valor que mereça a permissão, sob o Plano divino, para sermos crucificados. Esta é uma verdade esquecida. Entretanto, é inteiramente parte do processo evolutivo pelo qual Deus é revelado através da humanidade.

17 - *Psychology and the Promethean Will*, por W. H. Sheldon, pág. 116.

O grande e natural fenômeno que a humanidade algum dia - através da expressão própria e também sob a lei - revelará em si mesma, inclui a beleza que resplandesceu do Cristo quando Ele se transfigurou diante de Seus três amigos, foi reconhecido por Deus, Seu Pai, e recebeu o testemunho de Moisés e Elias - a Lei e os Profetas, o passado e aquilo que dá testemunho ao futuro.

Um ponto poderia aqui ser destacado. Na correspondência oriental dessas cinco crises na vida de Jesus Cristo, este terceiro episódio é chamado o da iniciação da "cabana" e as palavras de S. Pedro, ao sugerir que deveriam fazer três "cabanas", uma para o Cristo, uma para Moisés e uma para Elias, ligam este acontecimento cristão ao seu antigo protótipo. Sempre, nesses acontecimentos que raramente ocorrem, Deus foi glorificado pela luz, inefável e efulgente, resplandecendo através da vestimenta da carne, e esta experiência da montanha não é exclusivamente cristã. Mas o Cristo foi o primeiro a reunir, numa apresentação sequencial, todas as possíveis experiências da divindade manifestada, e as retratou para nossa edificação e inspiração, na história de Sua vida e nos episódios dos cinco Evangelhos. Mais e mais homens passarão através da câmara do nascimento, entrarão na corrente e escalarão a montanha, adiantando o trabalho de Deus para a humanidade; e o exemplo do Cristo está rapidamente frutificando e produzindo resultados. A divindade não pode ser desmentida - e o homem é divino. Se não for, então a Paternidade de Deus não passa de uma forma vazia de palavras e o Cristo e Seus Apóstolos estariam em erro ao terem reconhecido, como constantemente o faziam, o fato de nossa filiação. A divindade do homem não pode ficar sujeita a explicações. É um fato ou não é. Deus pode ser conhecido na carne, por intermédio de Seus filhos, ou não pode. Tudo se apoia em Deus, o Pai, o Criador, Aquele em quem nós vivemos, nos movemos e temos nosso ser. Deus é imanente em todas as Suas criaturas, ou não é. Deus é transcendente e além da manifestação, ou então não há realidade básica, propósito ou origem. Provavelmente, o crescente reconhecimento, nas mentes dos homens, de que Ele é tanto imanente quanto transcendente, é verdadeiro, e podemos valorizar Sua paternidade sabendo que nós

mesmos somos divinos, porque o Cristo e a Igreja de todos os tempos o testemunharam.

Desta vez a Palavra falada difere da anterior. A primeira parte do pronunciamento feito pelo Iniciador Que fica silenciosamente por trás das cenas à proporção que Jesus recebe iniciação após iniciação, é praticamente a mesma que na iniciação do Batismo, exceto por um comando expresso. Ele disse, "Este é meu filho amado, em quem me comprazo", mas desta vez acrescentou, "Ouvi-O." No primeiro grande episódio, Deus o Pai, de Quem o Iniciador é o símbolo, não fez conhecida a Sua Presença. Os anjos falaram a palavra, encarnando a missão do Cristo em apoio a Ele. No Batismo ele obteve reconhecimento, mas isso foi tudo. Nesta Iniciação, Deus ordenou à humanidade que prestasse atenção a esta particular crise na vida do Cristo e ouviu Suas palavras. O poder, e o direito de falar, é agora conferido ao Cristo e é interessante registrar que a maior parte do ensinamento (tal como dado no Evangelho de S. João e em muitas das parábolas), foi dado pelo Cristo somente depois de ter vivido essa experiência. Mais uma vez, Deus evidenciou que reconhecia o Messianismo do Cristo, cuja palavra é a interpretação do homem, do reconhecimento. No Batismo, Ele O reconheceu como Seu Filho, enviado ao mundo, do seio do Pai, para cumprir a vontade de Deus. Aquilo que o Cristo havia reconhecido no Templo, como criança, foi posteriormente endossado por Deus. Este reconhecimento é repetido, e o endosso fortalecido, pela ordem ao mundo para ouvir as palavras do Salvador ou, talvez, do ponto de vista esotérico e espiritual, ouvir a Palavra que era Deus feito Carne.

"Há, de fato, uma conexão interior entre o Batismo e a Transfiguração. Em ambos os casos uma condição de êxtase acompanha a revelação do segredo da pessoa de Jesus. Da primeira vez, a revelação foi feita só para ele; aqui, os Discípulos também participaram dela. Não ficou claro até que ponto eles próprios foram transportados pela experiência. Tanto é certo, que na estupefação da qual eles somente despertam no final da cena (S. Marcos, IX, 8) a figura de *Jesus* aparece-lhes iluminada por uma luz e glória sobrenaturais e uma voz afirma que ele é o Filho de Deus. A Ocorrência somente pode ser explicada como fruto de grande excitação escatológica."¹⁸ O mesmo escritor continua a assinalar:

18 - *The Mystery of the Kingdom of God*, por Albert Schweitzer, págs. 181-182.

"Temos, portanto, três revelações do segredo do messianismo e de tal maneira pendem juntas que cada uma implica a subsequente. No monte próximo a Bethsaida foi revelado aos Três o segredo que fora transmitido a *Jesus* em seu batismo. Isso foi após a colheita. Poucas semanas mais tarde, tornou-se conhecido dos Doze, pelo fato de ter Pedro, em Cesaréia de Felipe, respondido à pergunta de Jesus sobre o conhecimento que ele adquirira no alto da montanha. Um dos Doze traiu o segredo para o Sumo Sacerdote. Esta última revelação do segredo foi fatal, pois provocou a morte de Jesus. *Ele foi condenado como messias embora nunca se tivesse apresentado como tal.*"¹⁹

19 - *Ibid*, págs. 217-218.

Isso evoca em sua globalidade a questão quanto à natureza daquela missão que o Cristo veio desempenhar e que constituiu a Vontade de Deus que Ele veio cumprir. Três pontos de vista principais usualmente sustentados pelos cristãos ortodoxos poderiam ser enumerados, como a seguir:

1 - Ele veio a morrer na Cruz para apascentar a raiva de um Deus irado e tornar possível a ida para o Céu, daqueles que creem n'Ele.

2 - Ele veio para mostrar-nos a verdadeira natureza da perfeição e como, na forma humana, a divindade poderia manifestar-se.

3 - Ele veio para nos deixar um exemplo, de modo que pudéssemos seguir seus passos.

O próprio Cristo não deu ênfase à morte na Cruz como sendo o ápice da obra de Sua vida. Ela resultou do trabalho de Sua vida, mas não foi para ela que Ele veio ao mundo. Veio, para que tivéssemos "vida abundantemente", e S. João nos conta em seu Evangelho que o novo nascimento depende da crença no Cristo, quando o poder nos é dado para nos tornarmos Filhos de Deus, mesmo para aqueles que acreditam em Seu nome, que nasceram, *não do sangue*, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus."²⁰

20 - S. João, I, 13.

Não será razoável concluirmos, dessas palavras, que quando um homem alcança um ponto de reconhecimento e crença no Cristo cósmico, "O Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo",²¹ o novo nascimento se torne, assim, possível, posto que a vida daquele Cristo universal, animando toda forma de expressão divina, pode então consciente e definitivamente conduzir o homem a uma nova manifestação da divindade? O "sangue é a vida",²² e é o Cristo vivo que possibilita, a todos, tornarem-se cidadãos daquele reino. É a vida do Cristo em cada um de nós que nos torna filhos do Pai, não é Sua morte que nos torna filhos. Em nenhum trecho da narrativa dos Evangelhos uma afirmação oposta encontra apoio. O Cristo, no serviço da comunhão, deu aos Seus discípulos a taça para beber, dizendo, "Isto é meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados."²³ Mas essas são Suas únicas referências ao sangue em seu aspecto medicamentoso, tão fortemente enfatizado nas Epístolas, e Ele Próprio em lugar algum correlaciona sangue com Crucificação. Ele fala no tempo presente e não relaciona o sangue ao novo nascimento ou à Crucificação, nem faz dele um fator na exclusividade que tão profundamente coloriu a apresentação do cristianismo no Mundo.

21 - Rev., XIII, 8.

22 - Gen. IX, 4.

23 - S. Mateus, XXVI, 28.

É a vida do Cristo, em todas as suas formas, que constitui o impulso evolutivo. É a vida do Cristo que torna possível a expressão da divindade, firmemente se revelando, no mundo natural. Está bem no fundo do coração de todo homem. A vida do Cristo leva-o finalmente ao ponto em que ele sai do reino humano (quando o trabalho da evolução normal fez sua parte) e o conduz para o reino do espírito. A identificação da vida do Cristo na forma do homem leva todo ser humano, em algum momento, a desempenhar o papel da Virgem Maria para aquela realidade que vive em seu íntimo. É a vida Crística que, no novo nascimento, alcança uma expressão mais plena e, de crise em crise, guia o filho de Deus em desenvolvimento até chegar à perfeição, tendo alcançado "a medida da estatura completa de Cristo."²⁴

24 - Eph., IV, 13.

Veremos, mais tarde, que a nova religião mundial deverá apoiar-se na revelação do Cristo levantado. O Cristo na Cruz, como se tornará aparente ao estudarmos a grande crise seguinte, mostrou-nos o amor e o sacrifício levados à sua extrema expressão; mas o Cristo vivo de todos os tempos, e vitalmente vivo hoje, é a chave da nova era, e sobre esta verdade deve ser construída a nova apresentação da religião e, mais tarde, constituída a

nova teologia. O verdadeiro significado da Ressurreição e da Ascensão ainda não foi alcançado; como uma realidade divina subjetiva, aquelas verdades ainda aguardam a revelação. A glória da nova era será a remoção do véu daqueles dois mistérios e nossa entrada numa compreensão mais plena de Deus como vida. A verdadeira Igreja do Cristo é a reunião de todos os que vivem através da vida do Cristo e cuja vida seja una com a Sua. Isto será conscientizado de maneira crescente e conduzirá a uma luz mais clara e radiante, a maravilha e a glória que permanecem ainda não reveladas em Deus, o Pai.

Somente o homem que tenha compreendido algo do valor da iniciação da Transfiguração e a natureza da perfeição então revelada, pode acompanhar o Cristo até a visão que Lhe foi dada ao descer daquele alto ponto de realização espiritual e, mais tarde, compartilhar com Ele na compreensão da natureza do serviço mundial. Este serviço mundial é tornado perfeito por aqueles cuja perfeição interna se aproxima da do Cristo e cujas vidas são controladas pelos mesmos impulsos divinos e subordinadas à mesma visão. Este estágio conota aquela completa liberdade espiritual que devemos finalmente alcançar. Agora chegou o tempo dos seres humanos abandonarem o *crer* e passarem ao verdadeiro conhecimento, por intermédio do método do pensamento, da reflexão, da experimentação, da experiência e da revelação. O problema imediato para todos aqueles que estão buscando este novo conhecimento e que desejam tornar-se conhecedores conscientes em vez de fiéis crentes, é que deverão alcançá-lo no mundo do cotidiano. Após cada expansão de consciência e cada desenvolvimento de uma percepção aprofundada, nós voltamos, como fez o Cristo, à simplicidade do cotidiano e ali sujeitamos nosso conhecimento à prova, descobrimos sua realidade e verdade, e achamos também onde se encontra, para nós, o ponto de expansão seguinte e que novo conhecimento deve ser adquirido. A tarefa do discípulo é compreender e usar esta divindade. O conhecimento de Deus imanente, entretanto, baseado numa crença em Deus transcendente, é nosso empenho.

Esta foi a experiência dos apóstolos no alto da montanha. É-nos dito que "quando elevaram seus olhos, a ninguém viram mais, a não ser somente Jesus."²⁵ O familiar reapareceu para eles. É realmente interessante comparar uma narrativa algo semelhante, relatada no *Bhagavad Gita*, em que a gloriosa forma do Senhor é revelada a Arjuna. No final da revelação, Deus, na pessoa de Krishna, lhe diz, com ternura e compreensão, "não deixes que o medo nem a confusão te dominem, por teres contemplado Minha forma tão terrível! Vê, mais uma vez, minha forma anterior, sem temor, teu coração tranquilo!" e depois prossegue, dizendo:

25 - S. Mateus, XVII, 8.

"A forma em que me viste, Ó príncipe! é tal, que a poucos é dado contemplá-la. Os deuses, os arcanjos e os espíritos dos mais altos céus desejam ardentemente vê-la, mas não podem encarar-Me como tu Me encaraste. A esta visão não se chega pela leitura das Escrituras, nem por voluntários martírios, nem pela distribuição de esmolas ou sacrifícios. Só pelo verdadeiro amor e verdadeira devoção se pode chegar ao conhecimento do Meu Ser, e conhecer e ver e penetrar Minha essência."²⁶

26 - O Bhagavad Gita, Livro XI, 49, 52, 53, 54.

A Palavra de Reconhecimento havia sido pronunciada e a ordem para ouvir o Cristo fora dada. Tendo Jesus voltado à "Sua própria forma", a descida da montanha devia seguir-se. Ocorreu, então, o que poderia ser considerado como uma grande, triste, inevitável e

terrível reação espiritual, expressa pelo Cristo nas seguintes palavras:

"O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e estes o matarão e no terceiro dia ele ressuscitará."²⁷

27 - S. Mateus, XVII, 22, 23.

Depois vem o simples comentário de que os discípulos "ficaram muito tristes." Esta visão do Cristo, se a seguirmos nos registros, dividiu-se em duas partes. Primeiro, Ele teve uma visão da realização espiritual. A conquista no alto da montanha, uma grande experiência espiritual, ficara para trás. Agora Ele tem a visão de uma consumação física na forma da entrada triunfal em Jerusalém. Mas isto é acompanhado por um pressentimento ou uma previsão da culminação de Sua vida de serviço, na Cruz. Ele viu claramente, talvez pela primeira vez, o que O esperava, e a direção para a qual Seu serviço ao mundo o estava conduzindo. A *via dolorosa* de um Salvador Mundial se estendia diante de Si; o destino de todas as almas pioneiras tinha o seu clímax na Sua experiência e Ele se viu rejeitado, posto no pelourinho e morto, tal como muitos outros menores filhos de Deus. A rejeição mundial sempre precede a aceitação mundial. A desilusão é um estágio no caminho para a realidade. O ódio daqueles que ainda não estão prontos para reconhecer o mundo dos valores espirituais é sempre o lote daqueles que o estão. Isto, o Cristo encarou e, entretanto, Ele "manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém."²⁸

28 - S. Lucas, IX, 51.

Ao considerarmos este acontecimento, a prova especial que o Cristo agora encontrara se torna clara em nossas mentes. Foi novamente uma prova tripla, como aquela que se seguiu à iniciação do Batismo; mas, desta vez de uma natureza muito mais sutil. Ele se deparou com a prova de ter de suportar e lidar com o êxito no mundo e prosseguir no caminho triunfal de Sua entrada na Cidade Santa sem se desviar de Seu propósito, sem se deixar arrastar pelas conquistas materiais, ao ser aclamado Rei dos Judeus. O sucesso impõe uma disciplina muito mais drástica e produz muito mais numerosas oportunidades para esquecer Deus e a realidade, do que o fracasso e o desprezo. A auto-piedade, um senso de martírio e a resignação são meios potentes e suficientes para lidar com o próprio fracasso. Mas, elevar-se até a crista da onda, receber o reconhecimento público e parecer ter conquistado o objetivo terrestre, são fatores muito mais difíceis de enfrentar. A esses, o Cristo efetivamente enfrentou, e o fez com equilíbrio espiritual e com aquela sabedoria ampla que produz um correto senso de valores e um senso de proporção apropriado.

A segunda fase da prova consistiu em Sua previsão quanto ao Próprio fim. Ele sabia que teria de morrer e sabia como haveria de morrer; entretanto, prosseguiu, sem Se desviar, no curso que Lhe fora destinado, embora Ele próprio tivesse antecipado o desastre. Não somente teve de demonstrar o poder de suportar o êxito, como também teve de demonstrar o poder de encarar o desastre, equilibrando um contra o outro e vendo em ambos, simplesmente, oportunidades para expressão divina e campos para a demonstração do desapego - aquela proeminente característica do homem que tornou a nascer, purificado e transfigurado. A essas provas Ele acrescentou aquela com que antes se deparara no deserto, a da extrema solidão. O poder de suportar o êxito! O poder de suportar o desastre! O poder de ficar absolutamente só! Isto, o Cristo teve de demonstrar ao mundo, e assim o fez. Ele permaneceu triunfante diante do mundo, num estágio intermediário no Seu caminho para a Cruz. A agonia da solidão no Horto do Gethsemani foi

para Ele, provavelmente, um momento muito mais difícil do que a publicidade no Monte Golgotha. Mas, nessas provas mais sutis, a qualidade do Próprio Deus se revelou e são a *qualidade* e o *significado* de Deus que salvam o mundo - a qualidade de Sua vida, que é Amor e Sabedoria, e Valor e Realidade. Foi tudo isso que o Cristo realizou.

Imediatamente após a descida da montanha, o Cristo recomeçou a servir. Ele se encontrou, como bem o sabemos, com uma pessoa em grande aflição e imediatamente atendeu à sua necessidade. Uma das características marcantes de cada iniciação é a capacidade aumentada, do iniciado, em servir. O Cristo demonstrou um modo inteiramente novo e ímpar, pelo qual se dirigir às massas, assim como de ensinar particular e pessoalmente aos Seus poucos escolhidos. Seu poder de curar ainda continuava, mas o trabalho se transferiu para um campo de novos valores e Ele falou dessas palavras e enunciou aquelas verdades que (confirmaram o fundamento da crença daqueles que tiveram a visão interior de penetrar na apresentação teológica do Cristianismo e ali encontrar a realidade. Seu serviço desta vez consistiu, primariamente, em ensinar e falar. Mas - tal é a sabedoria e a beleza de Sua apresentação da verdade de -, Ele situou a divindade em formas que o homem comum pudesse alcançar. Ele ligou o velho ao novo e enunciou aquela nova verdade e aquela especial revelação que eram então necessárias, para unir a antiga sabedoria e a mais moderna esperança. Keyserling alcançou o maravilhoso do que faz o Salvador do Mundo, e o proclama em palavras que eu cito:

"...a grande mente é essencialmente o Despertador. Se tal mente deveria proclamar o inteiramente novo, o único, isto nada significaria para outros homens. Seu valor social depende inteiramente de sua capacidade de proclamar claramente o que todos sentem ser verdadeiro, no mais profundo dos seus corações, - pois poderia ele ser entendido de outro modo? - e proclamá-lo de u'a maneira tão universal, isto é, tão sintonizada com as leis objetivas em questão, que suas ideias se tornam órgãos para os outros."²⁹

29 - *The Recovery of Truth*, por Hermann Keyserling, pág. 213.

Cristo nos deu uma grande ideia. Ele nos deu o novo conceito de que Deus é Amor, não importando o que pudesse estar acontecendo no mundo, à sua volta. Todas as grandes ideias proveem do mundo da divindade, por intermédio dos grandes Intuitivos, e a história da humanidade é essencialmente a história das ideias - sua vinda por intermédio de algum pensador intuitivo, seu reconhecimento por uns poucos, seu crescimento em popularidade e sua integração final no pensamento mundial, o mundo dos pensadores da humanidade. Seu destino é então determinado e, finalmente, a nova e ímpar ideia se torna o modelo popular e publicamente aceito, da conduta humana. "À pergunta, então, se são as personalidades ou as ideias que decidem o destino de uma era, a resposta é que a era obtém suas ideias das personalidades."³⁰ O Cristo encarnou uma grande ideia, a ideia de que Deus é Amor, e aquele amor é o poder motivador do universo. Isto constitui a iluminação que o Cristo, como a Luz do Mundo, refratou sobre todos os acontecimentos mundiais. A majestade dessa realização não pode ser subestimada. Precisamos conscientizá-la muito mais profunda e potentemente do que o fazemos, pois ela constitui o caráter e a qualidade básica e fundamental de todos os acontecimentos, pouco importando a aparência exterior. O Cristo ilumina a vida. Esta foi uma de Suas mais importantes contribuições à vida, tal como é hoje vivida. Ele disse, com efeito: Deus ama o mundo; tudo que acontece segue a linha do amor. Se isto for conscientizado como um fato e uma

verdade fundamental, iluminará toda a vida e aliviará todas as cargas; causa e efeito serão reunidos, e o propósito de Deus e Seu método serão vistos como um. Os teólogos se esqueceram disso, muitas vezes, ao disputarem sobre os aspectos mais técnicos da vida do Cristo. O que Ele iluminou em sua atuação como a "Luz do Mundo", o que Ele recebeu da Luz divina e derramou para o mundo, o que Ele refratou, é muitas vezes omitido na disputa para provar doutrinas tais como o fato de que a Virgem Maria teria sido uma virgem imaculada e que o Cristo teria, portanto, nascido de uma imaculada concepção. Hoje, somente uns poucos da mais nova geração se importam com tais pontos doutrinários. Afirmemos isso enfaticamente. Mas no importamos, de fato, com que o amor que Ele expressou seja demonstrado no mundo e que a iluminação que Ele conduziu "ilumine as nossas trevas."

30 - *The Decay and Restoration of Civilisation*, por Albert Schweitzer, pág. 82.

O Cristo emitiu com clareza a nota que pode anunciar a nova civilização e a nova ordem, e um cuidadoso estudo dos ideais e das ideias que hoje, sem exceção, subjazem a cada uma das grandes experiências conduzidas pelas várias nações, mostrará que eles estão baseados, em essência, em algum conceito assemelhado, definitivamente, ao cristão. Que os seus métodos de aplicação e as técnicas empregadas sejam frequentemente não-cristãos, é tristemente verdadeiro, mas os conceitos fundamentais conduzirão, com equanimidade, a luz que o Cristo pode lançar sobre eles. A principal dificuldade tem sido que nosso alcance intelectual dos conceitos precede nosso próprio desenvolvimento pessoal e, por isso, colore de maneira desastrada nossa aplicação dos mesmos. Quando essas *ideias* básicas forem transmutadas em ideais mundiais pelos pensadores consagrados da raça e aplicadas no espírito no qual o Cristo as concebeu, então, na verdade, inauguraremos uma nova ordem mundial.

É de supremo valor para nós, compreendermos que, realmente, o que o Cristo fez, foi anunciar a era do *Serviço*, mesmo que hoje estejamos somente começando (dois mil anos após Ele nos ter deixado o exemplo) a alcançar as implicações dessa palavra tão largamente usada. Nós nos tornamos aptos para considerar a salvação em termos do individual e a estudá-la do ângulo da salvação individual. Esta atitude deve acabar, se quisermos de algum modo entender o espírito do Cristo. Um grande japonês levanta a aguda questão, "Qual é o primeiro objetivo de uma religião que mereça existir?" e prossegue, dizendo-nos que é a salvação, mas uma salvação que esteja preñe com o alívio e a renovação da vida e do mundo.³¹ O Serviço está-se tornando mais e mais um objetivo em todos os assuntos mundiais. Mesmo nos negócios modernos está-se chegando ao reconhecimento de que é preciso haver um agente motivador se o negócio, como o entendemos no sentido moderno, tiver de sobreviver. Em que se baseia esta tendência geral? Certamente, em nossa relação universal com a Divindade e em nossas relações subjetivas recíprocas, que têm sua raiz em nosso relacionamento com Deus.

31 - *Modern Trends in World Religions*, editado por A. E. Haydon, citando Kishio Satomi, pág. 75.

Essa é, naturalmente, a base do serviço. Deve ser, como no caso de Jesus Cristo, um produto espontâneo da divindade. Um dos mais fortes argumentos para o desenvolvimento divino do homem é a emergência, numa larga escala, desta tendência para servir. Estamos somente começando a ter uma tênue visão do que o Cristo pensava por serviço. Ele "levava este motivo atuante do serviço ao ponto de dizer que quando o bem comum se conflitar

com Vosso êxito ou bem-estar pessoal, vós vos deveis sacrificar, e não ao próximo."³² Esta ideia de serviço está, naturalmente, em completo conflito com a atitude normalmente competitiva ante a vida e o egoísmo geralmente demonstrado pelo homem comum. Mas, para o homem que procura seguir o Cristo e que visa, finalmente, escalar o Monte da Transfiguração, o serviço conduz, inevitavelmente, à iluminação aumentada e a iluminação, por sua vez, deve encontrar sua expressão no serviço renovado e consagrado. Assim encontramos nosso caminho - através do serviço aos nossos semelhantes - até o Caminho que o Cristo trilhou. Seguindo Seus passos, nós alcançamos finalmente o poder para viver como homens e mulheres iluminados e semelhantes ao Cristo, em nosso ambiente normal cotidiano.

32 - Ibid., pág. 106

Qual é, pois, a dádiva que cada um de nós pode proporcionar ao mundo, ao estudarmos a vida do Cristo e viajarmos com Ele em nossas mentes, de uma iniciação a outra? Podemos visar aquela grandeza de ação que redimirá nossa natural mediocridade e revelará, progressivamente, a divindade em cada um de nós. Cada um pode permanecer como a luz de um farol, indicando o caminho para o centro de onde a Palavra é emitida; e cada um pode começar a expressar, em sua vida diária, algo da qualidade de Deus que o Cristo tão perfeitamente retratou e que O conduziu em triunfo, do Monte da Transfiguração até o vale do dever e do Serviço, e que O capacitou a prosseguir com inabalável determinação, até a experiência na Cruz, através do triunfal caminho da aclamação e dos dolorosos caminhos da deserção e da solidão.

O impulso é forte, para encerrar com algumas palavras de Arjuna, ditas a Krishna,³³ muito antes da era cristã, após a revelação da beleza desnudada, à qual ele havia sido admitido. Sua relevância é inquestionável. Pode-se quase imaginar S. Pedro ou S. João dirigindo-se ao Cristo, quando abriram seus olhos e "viram somente Jesus." Talvez elas se possam aplicar a nós também, ao considerarmos o Cristo e nossa relação para com Ele:

33 - O Bhagavad Gita, livro XI, 41-45.

- 41 - Perdoa-me que, confidentemente,
Eu Te chamasse: O Krishna! amigo meu!"
Perdoa-me esta leviandade
E a falta de respeito a Ti devido.
- 42 - Perdoa as faltas minhas cometidas,
Talvez, no gracejar, em companhia,
Ou quando estava só, em pé, no leito,
Parado ou caminhando, em ignorância!
- 43 - O Senhor do Universo! Pai de tudo!
O Fonte do Saber! Supremo Mestre!
Não há ninguém que seja igual a Ti.
Tu, infinitamente poderoso!
- 44 - Humildemente, prostro-me a Teus pés,
Imploro, meu Senhor, Tua clemência.
Oh! sê-me afável, como o pai ao filho,
Como um amigo, ou um amante, ao outro.
- 45 - Mirando as Tuas grandes maravilhas,

Me extasio, porém temor me invade;
Desejo em outra forma contemplar-Te;
Oh! Mostra-Te, Bondoso, noutro aspecto!

CAPÍTULO V

A QUARTA INICIAÇÃO: A CRUCIFICAÇÃO

PENSAMENTO-CHAVE

Uma névoa e um planeta,
Um cristal e uma célula,
U'a medusa e um lagarto
E cavernas onde os trogloditas vivem;
Depois um senso de lei e beleza,
E uma face voltada do chão
Alguns a chamam Evolução,
Outros a chamam Deus.

Como marés numa praia crescentes
Quando a lua está nova e fina,
Em nossos corações altos anseios
Chegam jorrando, ondulantes:
Vêm do místico oceano
Em cuja margem pé algum pisou,
Alguns a chamam Saudade,
Outros a chamam Deus.

Um piquete gelado no dever,
U'a mãe faminta por seu filho,
Sócrates bebendo cicuta,
Jesus no madeiro;
E milhões, humildes e anônimos, que
Palmilharam o duro caminho reto-
Alguns o Chamam Consagração,
Outros o chamam Deus.

William Herbert Carruth

1

Chegamos agora ao mistério central da Cristandade e à iniciação máxima à qual os homens, como seres humanos, podem aspirar. Da iniciação seguinte, a Ressurreição, e da Ascensão a ela ligada, não sabemos praticamente coisa alguma além do fato que o Cristo levantou-se dentre os mortos. A iniciação da Ressurreição está velada no silêncio. Tudo que está registrado é a reação daqueles que conheciam e amavam o Senhor e os efeitos

posteriores sobre a história da Igreja Cristã. Mas a Crucificação sempre foi o episódio destacado e dramático sobre o qual se fundamentou a estrutura inteira da teologia cristã. Ela recebeu toda a ênfase. Milhões de palavras foram escritas a respeito, milhares de livros e comentários tentaram elucidar seu significado e explicar o que representava tal mistério. No decurso das épocas, milhares de pontos de vista foram apresentados à consideração dos homens. Houve muitos erros de interpretação, mas, também, muito do que é divinamente real foi expresso. Deus foi, muitas vezes, mal interpretado, e a interpretação do que o Cristo fez foi travestida em termos dos estreitos enfoques humanos. A maravilha do acontecimento no Monte do Calvário foi revelada através das iluminadas experiências do crente e daquele que sabe.

Surgiu uma nova ordem mundial quando o Cristo veio à terra e, desde então, nós temos avançado, na direção de uma Nova Era, quando os homens, inevitavelmente, viverão como irmãos, porque o Cristo morreu e a verdadeira natureza do reino de Deus encontrará expressão na terra. Disto, o progresso do passado é a garantia. O imediato deste acontecimento já é tenuemente compreendido por aqueles que, como disse o Cristo, têm olhos de ver e ouvidos de ouvir. Estamos avançando para a grandeza, inevitavelmente, e o Cristo deu ênfase a isso em Sua vida e obra. Ainda não alcançamos esta grandeza, mas podemos ver sinais dela. Já há indicações da vinda dessa nova era, e podem ser percebidos os contornos imprecisos de uma nova estrutura, social, mais próxima da ideal, baseada na humanidade aperfeiçoada. É esta perfeição que importa.

Uma das primeiras coisas que parece essencial reconhecer é o fato - o fato definido - que a Crucificação do Cristo deve ser elevada, do reino de sua aplicação puramente individual, para o reino do universal e do todo. Poderá, talvez, causar alguma consternação o fato de darmos ênfase à necessidade de compreendermos que a morte do Cristo histórico na Cruz não estava basicamente relacionada com cada homem em particular que afirme ter tido proveito dela. *Foi um grande acontecimento cósmico.* Suas implicações e seus resultados dizem respeito às massas da humanidade e não especificamente ao indivíduo. Somos muito induzidos a considerar como um assunto pessoal as muitas implicações do sacrifício do Cristo. O egoísmo do aspirante espiritual é, frequentemente, muito real.

É certamente evidente que - se abordarmos o assunto de maneira inteligente - o Cristo não morreu para que você e eu pudéssemos ir para o céu. Ele morreu como resultado da própria natureza do serviço que prestou, da nota que emitiu e porque Ele inaugurou uma nova era e disse aos homens como viver como filhos de Deus.

Considerando o relato sobre Jesus na Cruz é essencial, portanto, que o vejamos em termos mais amplos e gerais do que habitualmente ocorre. Os tratados e escritos sobre o assunto são, em sua maioria, controversos e polêmicos, via de regra defendendo ou atacando a evidência ou a teologia associada ao tema. Ou podem ser de uma natureza puramente mística ou sentimental, em tom e objeto, ocupando-se com a relação do indivíduo com a verdade ou com sua salvação pessoal no Cristo.

Mas, assim agindo, é possível que os elementos reais da narrativa e seu significado mais elevado se percam. Duas coisas emergem, todavia, da pesquisa e das discussões do século passado. Uma, é que a narrativa dos Evangelhos não é única, mas paralela às vidas de outros Filhos de Deus; em segundo lugar, que o Cristo *foi* único em Sua particular Pessoa e missão e que, de um ângulo específico, Seu aparecimento foi sem precedentes. Nenhum

estudante de religião comparada discutirá o paralelismo do Cristo com os acontecimentos anteriores. Nenhum homem que tenha verdadeiramente investigado, sem preconceito, irá negar que o Cristo tenha sido parte integral de uma grande continuidade de revelação. Deus nunca "ficou sem testemunho."¹ E a salvação da humanidade sempre esteve próxima do coração do Pai. Para citar um escritor que procura provar esta continuidade:

1 - Atos, XIV, 17.

"Ao tempo da vida, ou do aparecimento registrado, de Jesus de Nazaré, e por alguns séculos antes, o mundo mediterrâneo e as suas vizinhanças haviam sido a cena de um grande número de credos e rituais pagãos. Havia templos sem fim, dedicados aos deuses, tais como Apolo ou Dionísio, entre os gregos, Hércules entre os romanos, Mitras entre os persas, Adonis e Arris na Síria e Frígia, Osiris, Isis e Horus no Egito, Baal e Astarte entre os Babilônios e Cartagineses, etc... Sociedades, grandes ou pequenas, crentes unidos e devotos no serviço ou nos cerimoniais relacionados às suas respectivas divindades, e nos credos que eles confessavam, ligado a essas deidades. E um fato extraordinariamente interessante para nós é que, apesar das grandes distâncias geográficas e diferenças raciais nos detalhes de suas práticas, as linhas gerais de seus credos e cerimônias eram - se não idênticos - tão marcantemente similares.

"Não posso, naturalmente, esgotar o tema desses diferentes cultos, mas posso dizer, grosseiramente, que de todas ou quase todas as divindades acima mencionadas, dizia-se e acreditava-se que:

1 - Eram nascidos no dia de Natal, ou próximo dele.

2 - Eram nascidos de Mãe Virgem.

3 - E numa Caverna, ou Câmara Inferior.

4 - Levaram uma vida de serviço à Humanidade.

5 - E foram chamados de Condutores da Luz, Curadores, Mediadores, Salvadores, Libertadores.

6 - Foram, todavia, vencidos pelo Poder das Trevas.

7 - E desceram ao Inferno, ou Mundo Inferior.

8 - Ergueram-se novamente dentre os mortos e se tornaram pioneiros da humanidade no mundo Celestial.

9 - Fundaram Comunidades de Santos e Igrejas na quais os discípulos foram recebidos pelo Batismo.

10 - E foram comemorados em refeições Eucarísticas."²

2 - *Pagan and Chritian Creeds*, por Edward Carpenter, págs. 20, 21.

Estes fatos podem ser conferidos por quem quiser e estiver suficientemente interessado em acompanhar o crescimento da doutrina dos Salvadores mundiais no idealismo mundial. Edward Carpenter continua, para dizer, no mesmo livro:

"O número de divindades pagãs (a maioria nascida de uma virgem e levada à morte de u'a maneira ou outra em seus esforços para salvar a humanidade) é tão grande que é difícil contá-las. O deus *Krishna*, na Índia, o deus *Indra*, no Nepal e Tibet, derramaram seu sangue para a salvação dos homens; Buda disse, segundo Max Muller, "Que todos os pecados do mundo caíam sobre mim, para que o mundo se liberte"; o *Tien* chinês, o Sagrado – 'um com Deus e existindo com Ele desde toda eternidade' - morreu para salvar o mundo; o egípcio *Osiris* foi chamado de Salvador, tal como *Horus*; assim também o persa *Mitras*; tal como o

grego *Hércule*, que superou a Morte embora seu corpo tenha sido consumido na ardente vestimenta da mortalidade, livre da qual ele subiu ao céu. Da mesma maneira, o frígio *Attis* foi chamado Salvador e igualmente o sírio *Tammuz* ou *Adonis* - ambos, como já vimos, foram cravados ou amarrados a uma árvore e depois se ergueram de seus ataúdes ou esquifes. *Prometeu*, o maior e mais antigo benfeitor da humanidade, foi *cravado nas mãos e nos pés, de braços estendidos* nas rochas do Monte Cáucaso. *Baco* ou *Dionísio*, nascido da virgem Semeie para ser o Libertador da humanidade (Dionysus Eleutherios, como foi chamado), foi despedaçado, como Osiris. Mesmo no México distante, Quetzalcoatl, o Salvador, nasceu de uma virgem, foi tentado e jejuou durante quarenta dias, foi morto e na sua segunda vida parecia tão animado que (como é bem sabido) quando Cortez apareceu, os mexicanos, coitados, o saudaram como o deus que voltava! No Peru e entre os índios americanos, ao norte e ao sul do Equador, encontram-se lendas semelhantes."³

3 - *Pagan and Christian Creeds*, por Edward Carpenter, págs. 129, 130.

Este livro não entrará na discussão a favor ou contra essas ideias. A única questão que nos importa é qual parte o Cristo realmente desempenhou como Salvador Mundial e em que consiste o inigualável e ímpar de Sua missão. Que era esse mundo, ao qual Ele veio; e qual o significado de Sua morte para o ser humano comum atual? Serão os fatos de Sua vida, historicamente verdadeiros; e terá havido um período em nossa história racial, em que Ele caminhou e falou e viveu uma vida humana comum? Terá Ele servido à sua raça e voltado à Fonte de onde veio?

O *fato* do Cristo não constitui problema para os que O conhecem. Eles se conscientizam, além de toda controvérsia, de que Ele existe. Eles sabem em Quem acreditaram.⁴ Para eles, Sua realidade não pode ser posta à prova. Podem entre si diferir quanto à ênfase a ser posta sobre as várias interpretações teológicas da Sua biografia, mas ao Cristo eles conhecem e com Ele trilham o caminho da vida. Eles podem discutir sobre se era Deus ou homem, ou Deus-Homem, ou Homem-Deus, mas num ponto eles todos concordam e esse é, que Ele era Deus e Homem, manifestados num mesmo corpo. Podem lutar para perpetuar a memória do Cristo morto sobre a Cruz, ou podem esforçar-se para viver pela vida do Cristo elevado, mas à realidade do Cristo, mesmo, todos eles dão testemunho, e pela multidão de testemunhas o fato está seguramente estabelecido. Aquele que sabe não pode duvidar.

4 - II Tim., I, 12.

O cristianismo é o restabelecimento de uma doutrina muito antiga. Não é novo. É tão essencial à salvação e à felicidade do mundo que Deus sempre o proclamou. As narrativas do Evangelho merecem confiança e são verdadeiras, exatamente porque são integradas com a revelação espiritual do passado e estão sendo hoje reinterpretadas em termos do rito. Portanto, a humanidade, sendo mais evoluída e inteligente, aquela reinterpretação irá ao encontro da necessidade dessa humanidade mais pronta e adequadamente. Mas ela não é coisa nova, nem o Cristo jamais Se proclamou em tais termos. Ele previu uma nova era e uma vinda do reino de Deus. Fora da grande corrida do tempo e fora do alcance eoniano da eon - ciência de Deus, somente hoje estamos começando a ver um mundo e uma humanidade prontos para a nova revelação - uma revelação que será baseada numa ética verdadeiramente cristã e em verdades cristãs vitais. Aquilo que o Cristo representou, a verdade que Ele encarna, é tão velha que nunca houve um tempo em que não estivesse

presente como uma necessidade na consciência humana, e entretanto ela é tão nova que nunca haverá um tempo em que a estória do nascimento e morte de Salvador mundial deixe de ser da maior atualidade para o homem. Edward Carpenter assinala isto, lançando luz sobre este incessante e velho enfoque do amor de Deus e o desejo do homem na pessoa de um filho de Deus. Ele diz:

"Se o caráter histórico de Jesus, em qualquer grau, pudesse ser provado, dar-nos-ia razão para supor - o que eu pessoalmente sempre estive inclinado a acreditar - que houve também um núcleo histórico para tais personagens como Osíris, Mitras, Krishna, Hércules, Apolo e os demais. A questão, de fato, se estreita até isto. Terão havido, no curso da evolução humana, certos pontos *nodais*, por assim dizer, ou períodos em que as correntes psicológicas se reuniam e se condensavam para um novo começo e terá cada um de tais pontos, ou nodos, de condensação sido marcado pelo aparecimento de um homem (ou mulher) heróico e verdadeiro, fornecendo o ímpeto necessário à nova partida, e dando seu nome ao movimento resultante? *Ou* basta supor uma automática formação de tais nodos ou pontos de partida, sem a intervenção de qualquer especial herói ou gênio, e imaginar que em cada caso a tendência da humanidade, de criar mito tenha *criado* uma figura inspiradora e legendária e adorado a mesma por um longo período, daí por diante, como um deus?

"Como disse antes, esta é uma pergunta que, conquanto muito interessante, não é realmente muito importante. A coisa principal sendo que o espírito criativo e profético da humanidade *tem* de tempos em tempos envolvido aquelas figuras como idealizações de seu "desejo do coração" e posto um halo em torno de suas cabeças. Sua longa procissão se torna um trecho *verdadeiro* da História - a história da evolução do coração humano, e da consciência humana."⁵

5 - *Pagan and Christian Creeds*, por Edward Carpenter, págs. 217, 218.

A Crucificação e a Cruz do Cristo são tão velhas quanto a própria humanidade. Ambas são símbolos do sacrifício eterno de Deus, ao assumir o aspecto forma da natureza e assim se tornar tanto Deus imanente como Deus transcendente.

Vimos que o Cristo deve ser reconhecido, ante de tudo, no sentido cósmico. O Cristo cósmico existiu desde toda eternidade. Este Cristo cósmico é a divindade, ou espírito, crucificado no espaço. Ele personifica a imolação ou sacrifício do espírito na cruz da matéria, forma, ou substância, para que todas as formas divinas, inclusive a humana, possam viver. Isto foi sempre reconhecido pelas crenças, assim chamadas, pagãs. Se o simbolismo da cruz for rastreado até o passado distante, verificar-se-á que ele precede o Cristianismo em milhares de anos e que, finalmente, os *quatro braços* da cruz serão vistos desaparecendo, deixando apenas a figura do *Homem Celestial vivo com Seus braços estendidos no espaço*. O norte, o sul, o leste e o oeste representam o Cristo cósmico no que é chamada a "cruz fixa dos céus". Sobre esta cruz Deus é eternamente crucificado.

"Misticamente se fala do céu como do Templo e da eterna consciência de Deus. Seu altar é o sol, cujos quatro braços, ou raios, representam os quatro cantos, ou a cruz cardeal do universo, que se tornaram os *quatro signos fixos do Zodíaco*, e como os quatro poderosos signos dos animais sagrados, são tanto cósmicos quanto espirituais... Estes quatro são conhecidos como os animais consagrados do Zodíaco, ao passo que os signos mesmos representam os elementos fundamentais básicos da vida, Fogo, Terra, Ar e Água."⁶

6 - *The Celestial Ship of the North*, por E. V. Straiton, Vol. 1, pág. 104.

Estes quatro signos são Touro, Leão, Escorpião e Aquário, e eles constituem proeminentemente a cruz da alma, a cruz sobre a qual a segunda Pessoa da divina Trindade é crucificada. O Cristo personificou, em Sua missão, estes quatro aspectos e, como o Cristo cósmico, Ele exemplificou, em Sua Pessoa, as qualidades que cada signo representava. Mesmo O homem primitivo, não evoluído e ignorante, era consciente do significado do espírito cósmico, imolado na matéria e crucificado sobre a cruz de quatro braços. Estes quatro signos se encontram, fora de dúvida, na Bíblia, e são considerados em nossa crença cristã, como os quatro animais sagrados. O Profeta Ezequiel se refere a eles nas palavras:

"E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e à mão direita todos os quatro tinham rosto de leão, e à mão esquerda todos os quatro tinham rosto de boi; e também rosto de águia todos os quatro."⁷

7 - Ezequiel, I, 10.

E novamente no *Livro da Revelação*, encontramos a mesma simbologia astrológica:

"E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

"E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando."⁸

8 - Rev. IV, 6, 7.

A "face do homem" é o antigo signo de Aquário, o signo do homem carregando o cântaro, ao qual o Cristo se referiu quando enviou Seus discípulos à cidade, dizendo, "Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem, levando um cântaro d'água; segui-o até a casa em que ele entrar."⁹ Este é o signo zodiacal no qual nós estamos entrando. Poderia ser também para indicar que isto é astronomicamente verdadeiro e não, simplesmente, um pronunciamento dos astrólogos. O símbolo que representa o signo zodiacal é o do Leão. Este signo é o símbolo da individualidade e, sob sua influência, a raça chega à autoconsciência e os homens podem atuar como indivíduos. Cristo, em Seu ensinamento, deu ênfase ao significado do indivíduo e em Sua vida demonstrou o supremo valor do indivíduo, seu aperfeiçoamento, seu serviço e seu sacrifício final nos interesses do todo. A constelação Aquila é sempre considerada como intercambiável com o signo do Escorpião, a serpente e é, por isso, frequentemente usada nesta conexão ao se considerar a cruz fixa do Salvador cósmico. Escorpião é a serpente da ilusão da qual a natureza do Cristo finalmente nos liberta, e é às ilusórias tentações desta serpente Scorpio que Adão sucumbiu no jardim do Éden. A "face do boi" é o símbolo bíblico para o signo do Touro, que foi a religião imediatamente precedente à revelação judaica e que encontrou seus expoentes no Egito e nos Mistérios Mitraicos. Sobre esta cruz fixa todos os Salvadores mundiais, sem excetuar o Cristo do Ocidente, foram eternamente crucificados, como para recordar ao homem o propósito divino baseado no sacrifício divino.

9 - S. Lucas, XXII, 10.

Os primitivos Pais reconheceram esta verdade e compreenderam que a estória escrita nos céus tinha uma relação definida com a humanidade e com a evolução das almas humanas. Clemente de Alexandria nos conta que "o caminho das almas para a ascensão se situa entre os doze signos do zodíaco" e os festivais da igreja, hoje, são baseados, não nas

datas históricas em conexão com as principais figuras religiosas aos quais se referem, mas nos tempos e nas estações. Vimos como, no Nascimento em Belém, a data foi fixada astronomicamente, cerca de quatro séculos depois do nascimento do Cristo. A combinação da Virgem com a Estrela do Oriente (Sirius) e os Três Reis (simbolizados pelo cinto de Orion) foram o fator determinante. A Virgem foi vista no oriente, com a linha do horizonte passando por seu centro, e este é um dos fatores determinantes da doutrina do nascimento da mãe Virgem.

Outro exemplo pode ser dado para ilustrar os fundamentos astrológicos de nossos festivais cristãos. Há dois festivais conservados na Igreja Católica Romana e nas Igrejas Anglicanas superiores, chamados a Ascensão da Virgem e o Nascimento da Virgem Maria. Um é celebrado a 15 de agosto e o outro a 8 de setembro. Cada ano, o sol pode ser visto entrando no signo da Virgem por ocasião da Ascensão, e a constelação inteira é envolvida e deixa de ser visível pela radiante glória do sol. Em torno de 8 de setembro a constelação da Virgem pode ser novamente vista, reaparecendo ao emergir dos raios do sol. Isto é chamado o nascimento da Virgem.

O dia da Páscoa é sempre decidido astronomicamente. Estes fatos impõem a mais cuidadosa consideração. Esta informação deveria estar nas mãos dos povos cristãos, porque então e somente então, poderão eles chegar à plena e clara compreensão do que o Cristo, em Sua natureza cósmica, veio fazer na Terra. Aquele acontecimento foi de uma importância muito maior do que simplesmente garantir a salvação de qualquer ser humano individual. Significou muito mais do que uma base de crença em seu futuro celestial, para muitos milhões de pessoas. A encarnação do Cristo, à parte de seu valor histórico e à parte da chave que *Ele* emitiu, assinalou o fechamento de um grande ciclo cósmico, mas marcou também a abertura daquela porta para o reino que, até então, somente tinha sido aberta ocasionalmente, para permitir a entrada daqueles filhos de Deus que houvessem triunfado sobre a matéria. Após o advento do Cristo a porta permaneceu amplamente aberta por todo o tempo e o reino de Deus começou a se formar na Terra. Nos longos processos de tempo, quatro grandes expressões da vida divina, quatro formas de Deus imanente na natureza apareceram em nosso planeta. Nós as chamamos de quatro reinos da natureza. Elas constituem, simbolicamente, o reflexo planetário dos quatro braços da cruz zodiacal sobre os quais o Cristo cósmico pode ser visto, crucificado. No decorrer dos séculos os seres humanos simbolizaram o Cristo cósmico imolado na cruz da matéria e, assim, perpetuaram na consciência da raça o conhecimento daquele acontecimento; assim, num sentido planetário, os quatro reinos da natureza fazem o mesmo, retratando o espírito de Deus estendido sobre uma cruz da forma material, para tornar possível, finalmente, o aparecimento do reino de Deus na Terra. Isto conota a espiritualização da matéria e da forma, a elevação da matéria para o céu e a libertação de Deus, da crucificação cósmica. O poeta Joseph Plunkett, torna isto claro, de maneira bela, nos seguintes versos:

"Vejo Seu sangue sobre a rosa
E a glória de Seus olhos nas estrelas,
Seu corpo, entre as neves eternas brilha,
Suas lágrimas caem dos céus.
Vejo Sua face em toda flor,
O trovão e o canto dos pássaros

São apenas Sua voz - e, esculpidas por Seu poder,
As rochas são Suas palavras escritas.

Todos os caminhos por Seus pés são percorridos,
Seu forte coração movimenta o mar que etereamente bate,
Sua coroa de espinhos é torcida com todo espinho,
Sua cruz é toda árvore."¹⁰

10 - Citado em "The Testament of Man", por - S Arthur Stanley, pág. 498.

O maravilhoso da missão do Cristo está no fato de que, embora fosse um, numa longa continuidade de homens divinos perfeitos, Ele teve uma missão especial. Ele resumiu em Si próprio e trouxe a uma conclusão a apresentação simbólica do eterno sacrifício de Deus na cruz fixa dos céus, ao qual as estrelas testemunham e a história da religião, tendo-o ocultado tão bem hoje recusa reconhecê-lo. O Homem Celestial pende hoje nos Céus, como Ele esteve desde a criação do sistema solar e, como disse o Cristo, "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos os homens a Mim",¹¹ e não só todos os homens, mas finalmente todas as formas de Vida em todos os reinos oferecerão sua vida, não como um sacrifício imposto, mas como uma oferenda voluntária para a glória final de Deus."Aquele que perder a sua vida por amor a mim, achá-la-á",¹² é um fato muitas vezes esquecido e com uma significação definida na história da crucificação em suas implicações mais amplas. É, todavia, através a conquista do último dos reinos em manifestação, o humano, que a cruz e seu propósito se completam e a isto a morte do Cristo dá testemunho.

11 - João, XII, 32.

12 - S. Mateus, X, 39.

Mas o ponto importante não é Sua morte, embora ela fosse um ponto culminante no processo evolutivo, e sim a subsequente Ressurreição, simbolizando, como o fez, a formação e a precipitação sobre a Terra, de um novo reino no qual os homens e todas as formas estariam livres da morte - um reino do qual o Homem liberto da Cruz pudesse ser o símbolo. Temos assim completo o círculo inteiro, desde o Homem no espaço, com seus braços estendidos em forma de uma cruz, através da sequência dos Salvadores crucificados, contando-nos, uma vez após outra, o que Deus fizera pelo universo, até chegarmos ao culminante Filho de Deus Que conduziu o simbolismo até o plano físico, em todos os seus estágios. Ele então ergueu-se dentre os mortos para nos contar que a longa tarefa da evolução chegara à sua fase final - se assim o escolhermos e se estivermos prontos para fazer como Ele fez - pago o preço e, passando através dos portões da morte, alcançar uma alegre ressurreição. S. Paulo procurou nos familiarizar com esta verdade, embora suas palavras tenham sido tão frequentemente distorcidas através da tradução e da má interpretação teológica:

*"Espero conhecer o Cristo e o poder que existe em Sua ressurreição, e participar de Seu sofrimento e até morrer como Ele morreu; na esperança de que eu possa alcançar a ressurreição dos mortos. Não digo que já tenha ganho este conhecimento, ou alcançado a perfeição, mas prossigo."*¹³

13 - Fil., III, 10, 11, Tradução de Weymouth.

Não parece, desta passagem, que S. Paulo considerava suficiente para a salvação, simplesmente crer que o Cristo tivesse morrido por nossos pecados.

Permitam-me afirmar aqui, breve e sucintamente, o que deveria realmente ter transpirado quando Cristo morreu na Cruz. Ele abandonou o aspecto forma e identificou-Se como Homem com o aspecto vida da Deidade. Ele libertou-nos, assim, do lado forma da vida, da religião e da matéria, e demonstrou para nós a possibilidade de estar no mundo e entretanto não ser do mundo.¹⁴ vivendo como almas libertos das tramas e limitações da carne, enquanto caminhando pela terra. A humanidade está cansada da morte, até as profundezas de seu ser. Seu único descanso está na crença de que a última vitória será sobre a morte, e que algum dia a morte será abolida. Sobre isto nos deteremos mais precisamente em nosso próximo capítulo, mas, de passagem, pode-se dizer que a raça está tão imbuída com o pensamento da morte, que tem sido a linha de menor resistência para a teologia pôr ênfase na morte do Cristo e omitir-se de dar a principal ênfase na renovação da vida, da qual aquela morte foi o prelúdio. Esta prática acabará porque o mundo de hoje exige um Cristo vivo em vez de um Salvador morto. Ele exige um ideal tão universal em suas implicações - tão inclusivo do tempo e espaço e vida - que as constantes explicações e as infinitas tentativas em fazer a teologia conformar-se com as exigências de uma verdade vital profundamente sentida não serão mais necessárias. O mundo ultrapassou o pensamento de um Deus vingativo que exige um sacrifício de sangue. As pessoas inteligentes, hoje, devem concordar que "...o pensamento moderno não se choca com as primitivas ideias cristãs; mas com relação à propiciação para essas más inclinações, o caso é diferente. Não podemos mais aceitar a assustadora doutrina teológica que, por alguma razão mística, um sacrifício propiciatório fosse necessário. Isto ultraja tanto nossa concepção de Deus como onipotente, quanto nossa concepção de Deus como amor universal."¹⁵ A Humanidade aceitará o pensamento de um Deus que tenha amado tanto ao mundo, que enviou Seu Filho para nos dar a expressão do sacrifício cósmico e para nos dizer, como Ele o fez sobre a Cruz: "Está consumado."¹⁶ Podemos agora "entrar no gozo do Senhor."¹⁷ Os homens estão aprendendo a amar, e repudiarão e repudiam uma teologia que faz de Deus uma força de dureza e crueldade no mundo, sem paralelo entre os homens.

14 - S. João, XVII, 16.

15 - *The Paganism in Our Christianity*, por Arthur Weigall, pág. 152.

16 - S. João, XIX, 30.

17 - S. Mateus, XXV, 21.

A tendência inteira da vida humana é para repudiar aqueles antigos dogmas que foram baseados no medo e, em seu lugar, corajosamente encarar os fatos e as responsabilidades que são inerentes em seu direito espiritual pelo nascimento.

2

Quando a Igreja puser sua ênfase no Cristo vivo e quando ela reconhecer que suas formas e cerimônias, seus festivais e rituais são herdados de um passado muito antigo, teremos então o surgimento de uma nova religião que será tão divorciada da forma e do passado, como o reino de Deus é divorciado da matéria e da natureza do corpo. A religião ortodoxa, como um todo, pode ser considerada como uma cruz sobre a qual crucificamos o Cristo; ela serviu aos seus fins como guardiã dos tempos e preservadora das antigas formas,

mas precisa entrar na nova vida e passar pela ressurreição se pretende ir ao encontro das necessidades da humanidade de hoje, profundamente espiritual. "As nações, como os indivíduos", nos é dito, "são feitas, não somente do que adquirem mas do que renunciam, e isto é verdadeiro também da religião do tempo atual."¹⁸ Sua forma deve ser sacrificada na Cruz do Cristo para que possa ressurgir na vida vital e verdadeira, para satisfazer às necessidades dos povos. Que seu tema seja um Cristo vivo, e não um Salvador morto. Cristo morreu. Sobre isso não há engano. O Cristo da história passou pelos portões da morte por nós. O Cristo cósmico está ainda morrendo sobre a Cruz da Matéria. Lá Ele pende, preso, até que o último exausto peregrino encontre seu caminho de volta para casa.¹⁹ O Cristo planetário, a vida dos quatro reinos da natureza, foi crucificado nos quatro braços da Cruz planetária através dos tempos. Mas o fim deste período da crucificação está perto, para nós. A humanidade pode descer da cruz, como fez o Cristo, e entrar no reino de Deus, um espírito vivo. Os filhos de Deus estão prontos para se manifestarem. Hoje, como nunca antes:

18 - *The Supreme Spiritual Ideal*, Sir Radhakrishnan, Hibbert Journal, Outubro 1936.

19 - *A Doutrina Secreta*, Vol. I, pág. 229.

"O Próprio Espírito testemunha, com nossos próprios espíritos, que nós somos filhos de Deus; e se filhos, então também seus herdeiros - herdeiros de Deus e co-herdeiros com o Cristo; se na verdade compartilhamos dos sofrimentos do Cristo, para compartilhar também de Sua glória...

"Toda a criação está ansiosa, desejosa de ver a manifestação dos filhos de Deus. Pois a Criação ficou sujeita à futilidade, não por sua própria escolha, mas pela vontade d'Aquele que assim a sujeitou; entretanto, com a esperança de que finalmente a própria Criação fosse libertada da servidão para gozar a liberdade que vem com a glória dos filhos de Deus.

"Pois nós sabemos que a Criação inteira se contorce nas dores do parto até este momento. E mais do que isso, embora possuamos o Espírito como uma antecipação da bem-aventurança, entretanto nós mesmos também gememos enquanto esperamos pela plena filiação na redenção de nossos corpos."²⁰

20 - Romanos, VIII, 16-24, Tradução de Weymouth.

Nós estamos nos dirigindo para esta glorificação de Deus. Alguns dos filhos dos homens já a alcançaram, através da conscientização de sua divindade.

É interessante notar como os dois grandes ramos do cristianismo ortodoxo, o oriental, expresso através da Igreja Grega, e o ocidental, expresso pela Igreja Católica Romana e as Igrejas Protestantes, preservaram dois grandes conceitos que o espírito da raça necessitava em sua grande jornada evolutiva, ao se afastar de Deus e ao voltar para Deus. A Igreja Grega sempre deu ênfase ao Cristo levantado. A ocidental sempre deu ênfase ao Salvador crucificado. O cristianismo oriental encara a ressurreição como seu ensinamento central.

A necessidade de uma morte para as coisas materiais, a tendência do homem ao pecado e para esquecer Deus e a necessidade de uma mudança do coração ou da intenção, foram a contribuição do cristianismo ocidental às crenças religiosas do mundo. Mas ficamos tão preocupados com o problema do pecado que nos esquecemos de nossa divindade; e fomos tão intensamente individuais em nossas consciências que imaginamos um Salvador Que deu Sua vida por nós como indivíduos, crendo que se Ele nunca tivesse morrido nós nunca poderíamos entrar no paraíso. Sobre estas verdades o cristianismo oriental pôs

pouca ênfase, salientando o Cristo vivo e a natureza divina do homem. Seguramente, somente quando o melhor das duas linhas de verdades apresentadas for reunido e então reinterpretado, chegaremos ao conceito básico sobre o qual nos poderemos apoiar sem hesitação, e também com a certeza de que será inclusivo o suficiente para ser realmente divino. O pecado existe, e há sacrifício envolvido no processo de ajustar nossas naturezas pecadoras. Há morte na vida, e uma necessidade de "morrer diariamente",²¹ como diz S. Paulo, para podermos viver. Cristo morreu por todos que tinham sua existência na forma, deixando-nos um exemplo para que pudéssemos seguir os Seus passos. Mas nós, no ocidente, esquecemos a Transfiguração e perdemos contato com a divindade e deveríamos agora nos aprontar para aceitar do cristianismo oriental aquilo que este, desde há tanto tempo, aceitou.

21 - I Cor. XV, 31.

Esta gnosis sempre esteve no mundo. Muito antes do Cristo ter vindo, a divindade do homem foi afirmada e as encarnações divinas reconhecidas.

Os próprios gnósticos afirmavam ser os guardiães de uma revelação que não era exclusivamente deles, mas que estivera sempre presente no mundo. G.R.S. Mead, uma autoridade nestes assuntos, assinala que: "A afirmação destes Gnósticos foi praticamente que a boa nova do Cristo (o Christos) foi a consumação da doutrina interna das Instituições dos Mistérios de todas as nações; o fim de todas elas sendo a revelação do Mistério do Homem. No Cristo o Mistério do Homem foi desvelado."²²

22 - *Thrice-Greatest Hermes*, por G.R.S. Mead, Vol. I, pág. 141.

Em vista do fato comprovado de que houve uma continuidade da revelação e de que o Cristo foi um da longa linha de Filhos de Deus em manifestação, em quê diferiram dos demais, Sua Pessoa e Sua missão? Podemos e devemos concordar com Pflieger, quando ele diz: "A Encarnação de Deus no Cristo é apenas uma teofania maior e mais perfeita numa série de outras teofanias mais imperfeitas, que prepararam o caminho para ela modelando a natureza humana que os recebeu... A Encarnação não é um milagre no sentido cru e restrito do termo, não mais do que a Ressurreição, união interna da matéria com o espírito, é estranha à ordem universal da existência."²³ Em que, portanto, a missão do Cristo diferiu das dos demais?

23 - *Wrestlers with Christ*, por Karl Pflieger, pág. 242.

A diferença está no ponto de evolução que a própria humanidade alcançara. No ciclo que o Cristo inaugurou, os homens se tornaram estritamente humanos. Até aquela Encarnação sempre houveram aqueles que, tendo alcançado a humanidade, haviam depois passado adiante para demonstrar a divindade. Mas agora a humanidade inteira está a ponto de fazer o mesmo. Embora hoje os homens sejam predominantemente animais emocionais, entretanto, devido ao êxito do processo evolutivo - levando, como fez, aos nossos amplos sistemas educacionais e a um alto nível geral de percepção mental - os homens alcançaram o ponto em que as próprias massas, dado o encorajamento apropriado, poderão "entrar no reino de Deus." Quem poderá dizer que não é esta compreensão, quão nebulosa e incerta ela possa ser, a que impulsiona a inquietação universal e a ampla determinação por melhores condições? Que, de início, interpretemos o reino de Deus em termos do material, é inevitável, mas é um sinal espiritual e de esperança que estejamos hoje tão ocupados limpando a casa e assim tentando elevar o nível de nossa

civilização. O Cristo encarnou quando, pela primeira vez, a humanidade foi um todo completo, na medida em que o lado forma de sua natureza foi considerado como manifestando todas as qualidades - Físicas, psíquicas e mentais - as quais distinguem o animal homem. Ele nos trouxe u'a manifestação do que poderia ser o homem perfeito que, considerando aquele lado forma como o templo de Deus, mas reconhecendo sua divindade inata, esforça-se para trazê-la ao primeiro plano, primeiramente em sua própria consciência, depois diante do mundo. Isto, Cristo fez. Os mistérios sempre haviam sido revelados ao indivíduo que se ajustasse para penetrar num arcano ou templo oculto, mas o Cristo revelou-os à humanidade como um todo e representou o drama inteiro do Deus-Homem diante da raça. Esta foi Sua maior conquista e isto esquecemos - o Cristo vivo - na ênfase que pusemos sobre o próprio homem, em sua relação a si mesmo como um pecador, e a Deus como Aquele contra Quem ele pecou.

Novamente, toda grande organização, ou religião grupal, ou culto de qualquer espécie, originou-se de uma pessoa e daquela pessoa a ideia se espalhou pelo mundo, reunindo adeptos com o passar do tempo. Cristo, desta maneira, precipitou o reino de Deus na terra. Este sempre existira nas alturas celestiais. Ele o materializou, fazendo com que se tornasse um fato na consciência dos homens.

A preparação para o Reino e a chegada do tempo em que os homens, em grande número, pudessem ser iniciados nos mistérios, exigiam deles um reconhecimento da inutilidade e do pecado, que somente o desenvolvimento da mente poderia dar. A era cristã foi uma era de desenvolvimento mental. Foi também uma era em que se pôs muita ênfase no pecado e na má ação. Não há consciência do pecado entre os animais, embora possa haver indicações de uma consciência entre os animais domésticos, devido à sua associação com o homem. A mente produz o poder de analisar e de observar, de diferenciar e distinguir; e assim, com o advento do desenvolvimento mental houve, por muito tempo, um sentimento crescente de pecado, de contrição e de uma atitude quase abjeta ante o Criador, produzindo na humanidade aquele complexo de inferioridade fortemente marcante com o qual os psicólogos da atualidade se têm de haver. Contra esse sentimento de pecado, com seus concomitantes de expiação, propiciação e o sacrifício de Cristo por nós, houve uma revolta; e neste reação, verdadeiramente salubre, há a tendência normal de se ir longe demais. Felizmente, nós nunca somos capazes de nos afastarmos demais da divindade; e que nós, como uma raça, nos lançaremos de volta, para um estado de maior espiritualidade do que nunca antes, é a sincera crença de todos os que sabem. A teologia se excedeu com seu complexo de "miserável pecador" e dando ênfase à necessidade de purificação pelo sangue. Este ensinamento da purificação pelo sangue dos bois e dos carneiros (ou cordeiros) era parte dos antigos mistérios e foi herdada por nós, inicialmente, dos Mistérios de Mitras. Estes mistérios, por sua vez, herdaram o ensinamento e assim formularam sua doutrina, que o cristianismo absorveu. Quando o sol estava no signo zodiacal do Touro, o Boi, o sacrifício do boi foi oferecido como uma antecipação daquilo que o Cristo viria mais tarde revelar. Quando o sol passou (na precessão dos equinócios) para o signo seguinte, o do Carneiro, vimos que o carneiro era sacrificado e o bode expiatório enviado para as selvas. Cristo nasceu no signo seguinte, dos Peixes, e é por essa razão que comemos peixe na Sexta-feira Santa, em comemoração de Sua vinda. Tertuliano, um dos primeiros Pais da Igreja, fala de Jesus Cristo como do "Grande

Peixe" e de nós, Seus seguidores, como os "pequenos peixes." Tais fatos são bem conhecidos, como o extrato seguinte indicará:

"As cerimônias de purificação por aspersão do novigo e pelo banho com sangue dos bois e dos carneiros eram difundidas e encontradas nos ritos de Mitras. Por esta purificação, um homem 'tornava a nascer' e a expressão do Cristo, 'lavado no sangue do Carneiro' é, sem dúvida, um reflexo dessa ideia, sendo clara a referência nas palavras da Epístola aos Hebreus: 'Não é possível que o sangue dos bois e dos bodes tenha lavado os pecados.' Nesta passagem, o escritor prossegue para dizer: 'tendo a ousadia de entrar no mais sagrado pelo sangue de Jesus, por um caminho novo e vivo que ele consagrou para nós através do véu, isto é, de sua carne... aproximemo-nos... tendo nossos corações purificados de uma consciência má e nossos corpos lavados com água pura.' Mas quando aprendemos que a cerimônia da iniciação Mitraica consistia em entrar ousadamente num misterioso subterrâneo 'santo dos santos' com os olhos vendados e ali aspergidos com sangue e lavados com água, é claro que o autor da Epístola estava pensando naqueles ritos Mitraicos com os quais todos, naquele tempo, deveriam estar tão Familiarizados."²⁴

24 - *The Paganism in Our Christianity*, por Arthur Weigall, pág. 132, 133.

Cristo veio para abolir esses sacrifícios ao nos mostrar o verdadeiro significado deles e, em Sua Pessoa como homem perfeito, Ele morreu a morte da Cruz para nos mostrar (tanto na forma figurada, como através da demonstração real) que a divindade somente pode manifestar-se e verdadeiramente expressar-se, quando o homem, como homem, houver morrido, para que o Cristo oculto possa viver. A natureza carnal inferior (como S. Paulo gostava de chamá-la) deve morrer para que a natureza divina superior possa exibir-se em toda a sua beleza. O ser inferior deve morrer para que o ser superior se possa manifestar na terra. Cristo tinha de morrer para que, uma vez por todas, a humanidade aprendesse a lição de que, pelo sacrifício da natureza humana, o aspecto divino poderia ser "salvo." Assim, o Cristo sintetizou em Si Próprio o significado de todos os sacrifícios mundiais do passado. Aquela misteriosa verdade que somente fora revelada ao iniciado treinado e merecedor de confiança quando este estava pronto para a quarta iniciação, *foi demonstrada por Cristo ao mundo dos homens*. Ele morreu por todos para que todos pudessem viver. Mas esta não é a doutrina do sacrifício expiatório, que foi, predominantemente, a interpretação de S. Paulo, da Crucificação, mas a doutrina que o Próprio Cristo ensinou - a doutrina da divina imanência (ver S. João, XVII) e a doutrina do Deus-Homem.

O cristianismo herdou muitas de suas interpretações, e os instrutores e intérpretes dos tempos do cristianismo primitivo não eram mais livres da escravidão das antigas crenças do que nós, das interpretações dadas ao Cristianismo durante os últimos dois mil anos. Cristo ensinou-nos que devemos morrer para vivermos como Deuses, e por isso Ele morreu. Ele reuniu em Si Próprio todas as tradições do passado, pois Ele "não somente cumpriu as Escrituras judaicas, mas também deu cumprimento às do mundo pagão e nisso consistia a grande atração do Cristianismo primitivo. N'Ele, uma dúzia de Deuses sombrios se condensava numa realidade aproximada; e em Sua crucificação as velhas histórias dos terríveis sofrimentos e mortes sacrificiais se transformaram em realidade e ganharam significado direto."²⁵ Mas Sua morte foi também o ato de consumação de uma vida de sacrifício e serviço e o fruto lógico de Seu pensamento. Os pioneiros e aqueles que revelam aos homens o passo seguinte, aqueles que surgem como intérpretes do Plano divino, são

inevitavelmente repudiados e usualmente morrem como resultado de seus corajosos pronunciamentos. A esta regra Cristo não fez exceção. "Pensadores cristãos avançados consideram agora a crucificação de nosso Senhor como o supremo sacrifício feito por Ele em prol dos princípios de Seu ensinamento. Foi o ato de coroação de Sua heróica vida, e da um exemplo tão sublime à humanidade que se diz que a meditação sobre o mesmo produz uma condição de unificação com a Fonte de toda bondade."²⁶

25 - *The Paganism in Our Christianity*, por Arthur Weigall, pág.

26 - *Ibid.*, pág. 166.

Como é, então, que hoje se dá tanta ênfase ao sacrifício de sangue do Cristo e à ideia do pecado? Parece que duas causas são responsáveis por isso:

1. A ideia herdada do sacrifício de sangue. Como o Dr. Rashdall nos diz:

"Os vários autores dos livros canônicos estavam, de fato, tão habituados às ideias pré-cristãs, do sacrifício expiatório e do holocausto, que o aceitaram sem ir às raízes do assunto. Mas esta imprecisão não era do agrado dos Pais do Cristianismo primitivo. No século II A. D., Irineu e, depois dele, outros escritores, explicaram a doutrina pelo que é chamada a 'Teoria do Resgate', que estabelece que o Diabo era o Senhor legal da humanidade devido à queda de Adão e que Deus, sendo incapaz, com Justiça, de tomar os indivíduos de Satã sem lhe pagar um resgate - por eles - ofereceu em troca Seu próprio Filho encarnado."²⁷

27 --*The Idea of Atonement*, por H. Rashdall, pág. 248.

Neste pensamento temos uma clara demonstração do modo pelo qual todas as ideias (intuitivamente percebidas e infalivelmente corretas) são distorcidas. As mentes e noções preconcebidas dos homens colorem-nas. A ideia se torna o ideal, serve a um propósito útil e conduz os homens adiante (como a ideia do sacrifício sempre aproximou os homens de Deus) até se tornar um ídolo e, conseqüentemente, limitadora e falsa.

2. O crescimento da consciência do pecado na raça, devido à sua crescente sensibilidade ao divino e seu conseqüente reconhecimento das fraquezas e do relativo mal da natureza humana inferior.

Vimos que um dos fatores responsáveis pelo complexo de pecado do Ocidente, foi o desenvolvimento da faculdade da mente e conseqüente ampliação da consciência, possibilidade de ter um senso de valores e (como resultado disso) a capacidade de ver as naturezas, superior e inferior, em mútua oposição. Quando o ser superior, com seus valores e seu alcance de contatos, é constatado *instintivamente* e o ser inferior, com seus valores menores e seu mais material alcance de atividade é também compreendido, segue-se, necessariamente, que um senso de divisão e de fracasso se desenvolve; os homens se conscientizam de sua falta de realização; tornam-se conscientes de Deus e da humanidade, do mundo, da carne e do diabo, mas ao mesmo tempo, do reino de Deus. À medida que o homem evolui, suas definições se alteram e os assim chamados pecados grosseiros do homem não evoluído e as falhas e fracassos do cidadão 'bem comportado' comum dos tempos modernos envolvem diferentes atitudes de mente e julgamento e enfoques punitivos certamente diversos. À proporção que nosso senso de Deus muda e se desenvolve e que nos aproximamos da realidade, nossa inteira visão da nossa própria vida e de nossos semelhantes fica apta para se alterar e ampliar e se torna mais divina como também mais humana. É uma característica humana ter consciência do pecado e

compreender que, quando um homem ofende, ele deve, de uma maneira ou de outra, pagar um preço. O germe da mente, mesmo na infante humanidade, dá origem a esta compreensão, mas levou cerca de dois mil anos de cristianismo para elevar o pecado a uma posição de tal importância que ele viesse a ocupar (como ainda o faz) um lugar capital no pensamento de toda a humanidade. Temos uma situação em que a lei, a Igreja e os educadores da raça estão quase inteiramente ocupados com o pecado e como impedi-lo. Seria o caso de algumas vezes imaginarmos como o mundo seria, hoje, se os expoentes do cristianismo se tivessem ocupado com o tema do amor e do serviço amoroso em vez de com esta ênfase, constantemente reiterada, ao sacrifício do sangue e à maldade do homem.

O tema do pecado acompanha natural e normalmente a história da humanidade; e o esforço para expiá-lo, na forma do sacrifício animal, sempre esteve presente. A crença numa divindade irada, que impunha punições por tudo que fosse feito pelo homem contra um irmão, e que exigia um preço por tudo que fosse dado ao homem como resultado dos processos naturais da terra, é tão velha quanto o próprio homem. Ela passou por muitas fases. A ideia de um Deus Cuja natureza é o amor batalhou, durante séculos, com a ideia de um Deus Cuja natureza é o ódio. A destacada contribuição do Cristo ao progresso mundial foi Sua afirmação, pela palavra e pelo exemplo, do pensamento que Deus é amor e não uma divindade enraivecida, impingindo um tributo enciumado. A batalha ainda se trava entre esta antiga crença e a verdade do amor de Deus que o Cristo expressou, e que Shri Krishna também encarnou. Mas a crença num Deus ciumento e irado está ainda fortemente arraigada. Ela está enraizada na consciência da raça e somente hoje nós estamos lentamente começando a compreender uma diferente expressão da divindade. Nossa interpretação do pecado e sua penalidade foi falha, mas a realidade do amor de Deus pode agora ser alcançada e assim compensar a desastrosa doutrina de um Deus irado Que enviou Seu Filho para ser a propiciação para o mal do mundo. Talvez o Calvinismo seja a melhor e mais pura interpretação desta crença e uma breve demonstração do conceito que aquela doutrina teológica apresenta, em termos inteligíveis.

"O calvinismo é construído sobre o dogma da absoluta soberania de Deus, incluindo a onipotência, a onisciência e a eterna justiça - uma doutrina Crista comum, mas desenvolvida pelos calvinistas com incansável lógica, até extremas conclusões. O calvinismo é muitas vezes resumido em cinco pontos. 1) Todo ser humano como descendente de Adão (que todos os cristãos daquele tempo supunham ser um caráter histórico) é culpado, desde o nascimento, do pecado original, em adição a posteriores pecados cometidos durante a própria vida. Um homem nada pode fazer para remover seu próprio pecado e culpa; o que somente pode ser feito pela graça de Deus, misericordiosamente outorgada a ele pelo holocausto do Cristo e sem nenhum mérito da parte daquele; 2) assim, somente aquelas determinadas pessoas podem ser salvas (redenção particular); 3) a quem Deus faz um chamado eficaz, fortalecendo suas vontades e capacitando-a para aceitar a salvação; 4) quem será, e quem não será salvo é assim uma questão de escolha divina, ou predestinação; 5) Deus nunca faltará àqueles que eleger: eles jamais cairão da salvação final (perseverança dos santos). Os calvinistas insistiam com grande calor e se esforçavam com muita sutileza para demonstrar que sua doutrina plenamente garante a liberdade humana e que Deus não é, de modo algum, responsável pelo pecado humano."²⁸

Em vista, portanto, desta ênfase sobre o pecado humano e como resultado do antigo hábito de oferecer sacrifício a Deus, a verdadeira missão de Cristo ficou ignorada por muito tempo. Em vez de ser reconhecido como encarnando em Si Próprio uma eterna esperança para a raça, Ele foi incorporado ao antigo sistema de sacrifícios e os antigos hábitos de pensamento eram muito fortes para a nova ideia que Ele vinha trazer. O pecado e o sacrifício suplantavam e expulsavam o amor e o serviço que Ele procurou trazer à nossa atenção através de Sua vida e Suas palavras. É também por isso que, do ângulo psicológico, o cristianismo produziu homens tão tristes, esgotados e conscientes do pecado. Cristo, o sacrifício para o pecado, e a Cruz de Cristo como instrumento de Sua morte, absorveram a atenção dos homens, ao passo que Cristo, o homem perfeito e Cristo, o Filho de Deus, receberam menor ênfase. O significado cósmico da cruz foi inteiramente esquecido (ou jamais conhecido) no ocidente.

A salvação não está principalmente relacionada com o pecado. O pecado é um sintoma de uma condição e, quando um homem está "verdadeiramente salvo", aquela condição é compensada e com ela a natureza incidental pecaminosa. Foi isto que o Cristo veio fazer - mostrar-nos a natureza da vida "salva"; demonstrar-nos a qualidade do Ser eterno que existe em todo homem; esta é a lição da Crucificação e da Ressurreição: a natureza inferior deve morrer para que a superior possa manifestar-se e a eterna alma imortal em todo homem deve erguer-se do túmulo da matéria. É interessante seguir a ideia de que os homens precisam sofrer neste mundo como resultado do pecado. No oriente, onde as doutrinas da reencarnação e do carma têm influência, um homem sofre por suas próprias ações e pecados e "produz sua própria salvação, com medo e temor."²⁹ No ensinamento judaico um homem sofre pelos pecados de seus ancestrais e de sua nação, e assim dá substância à verdade que somente agora começa a se tornar um fato conhecido - a verdade da herança física. Sob o ensinamento cristão, Cristo, o homem perfeito, sofre com Deus, porque Deus amou tanto o mundo que, imanente neste como é, Ele não pode divorciar-Se das consequências da fragilidade e da ignorância humanas. Assim a humanidade dá um propósito à dor e, assim, o mal é finalmente derrotado.

29 - Fil. 11, 12.

O pensamento e ideia do sacrifício pelos pecados das pessoas não foi a ideia original e básica. Originalmente, a infante humanidade oferecia sacrifícios a Deus para apaziguar Sua ira, descarregada nos elementos através das tempestades e terremotos e cataclismos. Quando, instintivamente, os homens se voltaram uns para os outros, quando eles se ofenderam e se feriram reciprocamente e assim transgrediram uma compreensão tenuemente sentida das relações e do intercâmbio humanos, o sacrifício foi novamente oferecido a Deus para que Ele também não ferisse a humanidade. Assim, pouco a pouco, a ideia cresceu até que, por fim, o conceito da salvação pudesse ser brevemente resumido nos seguintes termos:

1.Os homens são salvos da ira de Deus nos fenômenos naturais, através dos sacrifícios animais, precedidos nos tempos ainda mais antigos pelo sacrifício dos frutos da terra.

2.Os homens são salvos da ira de Deus e uns dos outros pelo sacrifício daquilo que é valioso, conduzindo finalmente aos sacrifícios humanos.

3.Os homens são salvos pelo sacrifício de um reconhecido Filho de Deus, daí o

sacrifício expiatório, pela qual os muitos Salvadores mundiais crucificados prepararam o caminho para Cristo.

4.Os homens são definitivamente salvos do castigo eterno, pela morte de Cristo na Cruz, o pecador culpado de uma palavra má sendo tão responsável pela morte do Cristo como o pior assassino,

5.Finalmente, a gradual emergência do reconhecimento de que nós somos salvos pelo Cristo vivo levantado - historicamente nos apresentando uma meta e presente em cada um de nós como a eterna onisciente alma do homem.

Hoje é o Cristo levantado que está emergindo na vanguarda da consciência dos homens e devido a isto nós estamos caminhando em direção a um período de maior espiritualidade e de uma expressão da religião mais autêntica do que em qualquer outro tempo na história da humanidade. A consciência religiosa é a persistente expressão do homem espiritual interno, o Cristo interno; e nenhum acontecimento exterior terreno, e nenhuma situação nacional, pouco importante quão temporariamente material possa parecer em seus objetivos, poderá empanar ou obliterar a Presença de Deus em nós. Estamos aprendendo que aquela Presença somente pode ser libertada em nós pela morte da natureza inferior, e isto é o que Cristo sempre proclamou para nós, de Sua Cruz. Estamos crescentemente compreendendo que a "solidariedade de Seus sofrimentos" significa que nós subimos à cruz com Ele e compartilhamos constantemente da experiência da Crucificação. Estamos chegando ao conhecimento de que o fator determinante na vida humana é o amor, e que "Deus é amor."³⁰ Cristo veio para nos mostrar que o amor era o poder motivador do universo. Ele sofreu e morreu porque Ele amava e se preocupava bastante com os seres humanos para demonstrar-lhes o Caminho que deviam buscar - desde a caverna do Nascimento até o monte da Transfiguração e daí até a agonia da Crucificação - se é que eles também devem compartilhar da vida da humanidade e se tornarem, por sua vez, salvadores de seus semelhantes.

30 - I, S. João, IV, 8.

Como então definiremos o pecado? Primeiro, olhemos as palavras que são usadas na Bíblia e nos trabalhos e comentários teológicos que tratam do tema do pecado, da transgressão, da iniquidade do mal, da separatividade. Todas essas são expressões da relação do homem para com Deus e com seus semelhantes e, de acordo com o Novo Testamento, estes termos - Deus e nossos semelhantes - são intercambiáveis. Que significam estas palavras?

O verdadeiro significado da palavra *pecado* é muito obscuro. Significa literalmente "aquele que é."³¹ Literalmente, portanto, aquele que existe, na medida que ele se dispõe contra o aspecto divino oculto em si próprio, é um pecador. Algumas palavras do Dr. Grensted são iluminadores a respeito. Diz ele:

31 - Webster - *Unabridged Dictionary*.

"'Os homens se afastaram de Deus', diz Athanasius, 'quando eles começaram a dar atenção a si mesmos.' Agostinho identifica o pecado com o amor a si mesmo. O Dr. Williams argumentou que o princípio subjacente do qual surge o pecado deve ser buscado na "auto-asserção do indivíduo contra o rebanho", um princípio que nós somente podemos designar pelos inadequados títulos de egoísmo, falta de amor e ódio. 'E o Dr. Kirk declara que o pecado pode ser considerado como começando com a preocupação consigo

mesmo."³²

32 - *Psychology and God*, por L. W. Grensted, pág. 136.

Estes pensamentos nos trazem diretamente ao problema central do pecado que é (em última análise) o problema da dualidade essencial do homem, antes dele ter feito a unificação que o Cristo simbolizou. Quando o homem, antes de despertar para sua natureza dual, faz aquilo que é errado e pecaminoso, não podemos e não o consideramos como um pecador - a não ser que sejamos tão ultrapassados que acreditemos na doutrina que todo homem está irremediavelmente perdido a menos que seja "salvo" no sentido ortodoxo do termo. Para S. Jaime, o pecado é a ação contra o conhecimento e ele diz, "àquele que saber fazer o bem, e não o faz, para esse é pecado."³³ Aí nós temos uma verdadeira definição do pecado. É agir contra a luz e o conhecimento e deliberadamente fazer aquilo que sabemos estar errado e ser indesejável. Onde não houver tal conhecimento não poderá haver pecado; por isso os animais são considerados como livres de pecado, e os homens, agindo em igual ignorância, deveriam ser igualmente considerados. Mas no momento em que um homem se torna consciente de que ele é duas pessoas numa só forma, de que ele é Deus e homem, então a responsabilidade firmemente cresce, o pecado se torna possível, e é aqui que o aspecto mistério do pecado se introduz. Ele consiste na relação entre o "homem oculto do coração"³⁴ e o homem exterior, tangível. Cada um tem sua própria vida e seu próprio campo de experiência. Cada um, por conseguinte, permanece um mistério para o outro. A unificação consiste em ligar a relação entre estes dois, e quando os desejos do "homem oculto" são violados, o pecado ocorre.

33 - S. Jaime, IV, 17.

34 - I, S. Pedro, III, 4.

Quando estes dois aspectos do homem são unidos e funcionam juntos como uma unidade, e quando o homem espiritual controla as atividades do homem carnal, o pecado se torna impossível e o homem se encaminha para a grandeza.

A palavra "transgressão" significa cruzar uma fronteira; envolve o deslocamento de um marco, como é chamado na Maçonaria, ou a infringência de um dos princípios básicos da vida. Há certas coisas que são reconhecidas por todos como tendo uma relação controladora para o homem. Uma compilação de princípios, tal como os Dez Mandamentos, poderia ser citada como uma ilustração deste ponto. Eles constituem os limites que os costumes antigos, os hábitos corretos ordenados e a ordem social impuseram à humanidade. Cruzar esses limites que o homem, por sua experiência, instituiu para si mesmo, e aos quais Deus concedeu divino reconhecimento, é transgredir, e para cada transgressão há uma inevitável penalidade. Nós pagamos o preço da ignorância cada vez e assim aprendemos a não pecar; nós somos punidos quando não mantemos as regras, e, com o tempo, aprendemos a não transgredi-las. Instintivamente conservamos certas regras; provavelmente porque temos muitas vezes pago o preço, e certamente por que nos preocupamos muito com nossas reputações e com a opinião pública para transgredi-las, agora. Há limites que o cidadão comum de mente correta não cruza. Quando o faz, une-se ao grande grupo de pecadores. A ação controlada em cada departamento da vida humana é o ideal e esta ação deve ser baseada no motivo justo, impulsionada pelo propósito altruísta e levada adiante na força do homem espiritual interno, o "homem oculto do coração."

"Iniquidade" é uma palavra com um significado semelhantemente inócuo. Significa, simplesmente, uma desigualdade, um desequilíbrio. Um homem iníquo é, pois, tecnicamente, um homem desequilibrado, alguém que tolera algum desequilíbrio em sua vida diária. Uma definição como esta é amplamente inclusiva, e mesmo que não nos consideremos como pecadores e transgressores, certamente nos incluiremos na categoria daqueles cujas vidas mostram certas desigualdades na conduta. Não somos sempre os mesmos. Somos fluídos em nossa expressão da vida. Alguns dias somos uma coisa e outros dias outra e, devido a esta falta de equilíbrio, nós somos pessoas *iníquas* no sentido verdadeiro da palavra. Tais coisas devem ser lembradas, *pois* elas impedem aquele terrível pecado, o da satisfação própria.

A questão do mal é muito grande para elucidar até o final mas ele poderia ser simplesmente definido como a adesão ao que devêramos ter expelido, o tomar aquilo que devêramos ter deixado para trás. O mal é, para a maioria, simples e unicamente um esforço para nos identificarmos com o lado forma da vida quando temos capacidade para a consciência da alma; e a retidão é a firme direção do pensamento e da vida para a alma, levando àquelas atividades que são espirituais, inofensivas e úteis. Este sentido do mal e esta reação ao bem está novamente latente no relacionamento entre as duas metades da natureza humana - o espiritual e o estritamente humano. Quando voltamos a luz de nossa consciência despertada para a natureza inferior, e então deliberadamente fazemos "na luz" aquelas coisas que são determinadas e vitalizadas a partir dos níveis inferiores de nossa existência, estamos jogando o peso de nosso conhecimento para o lado do mal e estamos retroagindo. Não é sempre expedito do ponto de Vista do "homem carnal" fazer, ou rejeitar, certas coisas e, quando escolhemos o inferior, e o praticamos, fazendo uma escolha específica então o mal que está em nós domina.

Está gradualmente despertando na consciência humana que uma atitude separativa tem em si os elementos do pecado e do mal. Quando somos separativos em nossas atitudes ou fazemos qualquer coisa que produza a separação, estamos transgredindo uma lei fundamental de Deus. Na verdade, estamos quebrando a Lei do amor, que não conhece qualquer separação, mas vê somente unidade e síntese, fraternidade e inter-relação em toda parte. Aqui jaz nosso maior problema. Nosso estudo com relação ao pecado e ao mal servirá, como diz o Dr. Grensted,...

"principalmente para revelar o caráter fundamental de nosso problema, que resulta de um fracasso na fé e de uma recusa em amar. Os psicólogos não escapam desta visão do pecado quando lidam com ele como doença moral, pois sua única esperança de tratar com êxito tal doença moral esta na tentativa de despertar as reservas pessoais latentes do ego, através de processos, por sua vez, pessoais. Onde, como em algumas das psicoses maiores, este apelo não pode ser feito, não há nenhuma esperança humana de cura. A chave para a cura psicológica está *na transferência* e ali está o paralelo mais próximo possível entre esta e a maneira cristã do perdão. Ambos os métodos são totalmente pessoais, ambos dependem de um reajustamento das relações que começam no sacerdote ou no médico e passam para cada relação do meio social."³⁵ [Os *itálicos* são meus. A.A.B.]

35 - *Psychology and God*, por L. W. Grensted, pág. 199.

O senso de responsabilidade pelas ações individuais cresce à medida que se avança de estágio a estágio no Caminho da Evolução. Nos estágios iniciais há pouca ou nenhuma

responsabilidade. Há pouco ou nenhum conhecimento, nenhum senso de relação com Deus e muito pouco senso de relação com a humanidade. É este senso de separatividade, esta ênfase no bem pessoal e individual que pertence à natureza do pecado. O amor é unidade, unificação e síntese. A separatividade é ódio, solidão e divisão. Mas o homem, sendo divino em sua natureza, tem de amar, e o problema tem sido que ele tem amado erradamente. Nos estágios iniciais de seu desenvolvimento ele situa seu amor na direção errada e, voltando as costas para o amor a Deus, que é da própria natureza de sua própria alma, ele ama aquilo que está conectado com o lado forma da vida e não com o lado vida da forma.

O pecado é, pois, uma clara infringência da Lei do Amor, como o demonstramos em nossa relação com Deus ou com nosso irmão, um filho de Deus. É o fazer aquelas coisas do interesse puramente egoísta que traz o sofrimento àqueles que temos em nossa vizinhança imediata, ou ao grupo ao qual possamos estar filiados - um grupo familiar, um grupo social, um grupo comercial, ou apenas o grupo de seres humanos ao qual nosso destino geral nos lança.

Isto nos traz à compreensão de que, em última análise, o pecado significa a relação errada com outros seres humanos. Foi o senso desta relação errada que nos dias primitivos da história da humanidade deu origem ao sacrifício dos bens materiais no altar, pois o homem primitivo parecia sentir que, fazendo uma oferenda a Deus, ele era bem sucedido na tentativa de redimir seu caráter com seus semelhantes.

Está começando a despertar na raça, hoje, que o único pecado real é ferir um outro ser humano. O pecado é o mau uso de nossas relações recíprocas e não há escapatória para estas relações. Elas existem. Nós vivemos num mundo de homens e nossas vidas são vividas em contato com outros seres humanos. O caminho pelo qual lidamos com este problema diário demonstra, ou nossa divindade, ou nossa falha natureza inferior. Nossa tarefa na vida é expressar a divindade. E essa divindade se manifesta da mesma maneira que a divindade do Cristo se expressou; em viver inofensivamente e no serviço contínuo aos nossos semelhantes; numa cuidadosa observação das palavras e ações para evitar que, de algum modo, "ofendamos um desses pequeninos."³⁶ no compartilhar com o Cristo da urgência que Ele sentiu, de satisfazer às necessidades mundiais e de representar o papel de um salvador dos homens. É gloriosamente verdadeiro que este conceito básico da Divindade começa a dominar a humanidade.

36 - S. Lucas, XVII, 2.

A maior tarefa de Cristo foi o estabelecimento do reino de Deus na terra. Ele nos mostrou o caminho pelo qual a humanidade poderia entrar naquele reino - sujeitando a natureza inferior à morte da cruz, e elevando-se pelo poder do Cristo interno. Cada um de nós tem que trilhar o caminho da cruz sozinho e entrar no reino de Deus pelo direito da conquista. Mas o caminho é achado no serviço aos nossos semelhantes e a morte de Cristo, vista de um ângulo, foi o resultado lógico do serviço que Ele tinha de prestar. O serviço, a dor, a dificuldade e a cruz - tais são as recompensas do homem que põe a humanidade primeiro e a si próprio em segundo lugar. Mas tendo feito assim, ele descobre que a porta para o reino está toda aberta e que ele pode entrar. Mas tem de primeiro sofrer. É o Caminho.

É através do supremo serviço e sacrifício que nos tornamos seguidores do Cristo e ganhamos o direito de entrar no Seu reino, porque não entramos sozinhos. Este é o

elemento subjetivo em todas as aspirações religiosas, e isto todos os filhos de Deus compreenderam e ensinaram. O homem triunfa através da morte e do sacrifício.

Aquele Espírito super-humano, Cristo, fez isto perfeitamente. Nele não havia pecado porque Ele tinha perfeitamente transcendido o efêmero ser inferior. Sua personalidade estava subordinada à Sua divindade. As leis da transgressão não O atingiam, porque Ele não cruzava as fronteiras e não infringia nenhum princípio. Ele encarnava em Si Próprio o princípio do amor e por isso não Lhe era possível, no estágio evolutivo que alcançara, ferir um ser humano. Ele era perfeitamente ajustado e tinha conquistado aquele equilíbrio que O libertara de todos os impactos inferiores e O libertara para ascender ao trono de Deus. Para Ele não havia submissão ao inferior e aquilo que era humanamente desejável mas divinamente rejeitado. O mal, por conseguinte, passara por Ele, mas entre ambos não havia transações. Ele, "como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado."³⁷ Ele não conhecia separatividade. Homens ricos, publicanos, pescadores, professores eruditos, prostitutas e o povo simples eram todos Seus amigos e a "grande heresia da separatividade" foi completamente superada por Seu espírito tudo - includente. Assim Ele cumpriu a lei do passado, pondo ênfase ao tipo para a humanidade do futuro, e penetrou por nós no véu, deixando-nos um exemplo para que seguissemos os Seus passos - um exemplo de sacrifício até a morte, de serviço prestado incessantemente, de esquecimento-próprio, e de um heroísmo que O conduziu de ponto a ponto pelo caminho e de altitude a altitude, até que nenhuma cadeia pudesse contê-lo (nem mesmo as barreiras da morte). Ele permanece o eterno Homem-Deus, o Salvador do mundo. Na perfeição Ele cumpriu a vontade de Deus e nos disse as palavras que nos dão uma simples regra com uma grande recompensa: "Se alguém quiser fazer a vontade Dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus."³⁸

37 - Heb., IV, 15.

38 - S. João, VII, 17.

A simplicidade desta instrução é quase desconcertante. Somos instados a simplesmente fazer a vontade de Deus e então a verdade ser-nos-á revelada. Havia ocasiões, na vida do Cristo, como no Jardim do Gethsemane, em que Ele lutou consigo mesmo para cumprir a vontade de Deus. Houve momentos em que Sua carne humana tremeu diante das perspectivas que se abriam diante de Si. Ele, por conseguinte, conhecia a dificuldade desta regra simples.

3

Ao voltarmos nossa atenção para a história da Crucificação, é óbvio que não há necessidade de tornar a contar seus detalhes. Ela é tão bem conhecida e tão familiar que as palavras em que se apoia podem significar pouco. O relato da entrada triunfante do Cristo em Jerusalém, de sua reunião com os discípulos no andar superior, lá comungando com eles do pão e do vinho, e a deserção daqueles que supostamente o amavam, com Sua subsequente agonia no Jardim do Gethsemane, é tão familiar para nós como nossos próprios nomes, e muito menos atraente. Aquela é a tragédia do Cristo. Ele fez tanto e foi tão pouco reconhecido. Levou vinte séculos para começarmos a compreendê-Lo e à Sua missão e carreira. A própria Crucificação foi apenas uma consumação antecipada e aguardada daquela carreira. Não era possível qualquer outro final. Ele estava

predeterminado desde o começo e realmente datava do tempo em que, após a iniciação do Batismo, Ele começou a servir à humanidade, a ensinar e pregar as boas novas do reino de Deus. Aquele era Seu tema, e nós nos esquecemos dele para pregar a Personalidade de Jesus Cristo, um tema que Ele Próprio ignorava e que Lhe parecia de pouca importância em face dos valores maiores envolvidos. Esta é, novamente, a tragédia do Cristo. Ele tem um conjunto de valores e o mundo tem outro.

Fazemos da Crucificação uma tragédia, enquanto que a verdadeira tragédia foi nosso fracasso em reconhecer seu significado real. A agonia no Jardim de Gethsemane foi baseada no fato de que Ele não fora compreendido. Muitos homens morreram de mortes violentas. Nisto o Cristo não foi de modo algum diferente de milhares de outros homens de visão mais ampla e reformadores em todos os tempos. Muitas pessoas passaram pela experiência do Gethsemane e oraram com o mesmo fervor que o Cristo para que se cumprisse a vontade de Deus. Muitos homens foram abandonados por aqueles de quem se poderia esperar a compreensão e participação no trabalho e serviço considerados. Em nenhum desses aspectos o Cristo terá sido realmente exclusivo. Mas Seu sofrimento foi baseado em Sua visão ímpar. A falta de compreensão das pessoas e as interpretações distorcidas que os futuros teólogos dariam à Sua mensagem, devem certamente ter sido uma parte de pré-visão, como igualmente o conhecimento de que a ênfase conferida a Ele como o Salvador do mundo retardaria em séculos a materialização do reino de Deus na terra, que era Sua missão fundar. Cristo veio para que toda a humanidade pudesse ter "vida... mais abundantemente."³⁹ De tal maneira interpretamos Suas palavras que somente os "salvos" são creditados com o terem dado os passos necessários em direção aquela vida. Mas a vida abundante certamente não é uma vida para ser vivida futuramente, em algum distante paraíso onde os que são crentes gozarão uma, vida exclusiva de felicidade, ao passo que o resto dos filhos de Deus será deixado de fora. A Cruz teve a finalidade de indicar a linha de demarcação entre o reino dos homens e o reino de Deus, entre um grande reino da natureza que já havia alcançado a maturidade e um outro reino da natureza que podia agora entrar em seu ciclo de atividade. O reino humano tinha evoluído até o ponto de ter produzido o Cristo e aqueles outros filhos de Deus cujas vidas deram constante testemunho da natureza divina.

39 - S. João, X, 10.

Cristo assumiu o antigo símbolo e carga da cruz, e, tomando Seu lugar ao lado de todos os anteriores Salvadores crucificados encarnou em Si Próprio o imediato e o cósmico, o passado e o futuro, cobrindo a Cruz no monte fora de Jerusalém (cujo nome significa "visão da paz"), assim chamando a atenção para o reino para estabelecer o qual, morreu. A obra tinha sido completada e naquele estranho pequeno país chamado Terra Santa, uma estreita faixa de território entre os dois hemisférios, o Oriente e o Ocidente, Leste e Oeste, Cristo subiu à Cruz e fixou os limites entre o reino de Deus e os reinos do mundo, entre o mundo dos homens e o mundo do Espírito. Assim ele levou a um clímax os antigos Mistérios, que haviam profetizado a vinda daquele reino e instituiu os Mistérios do reino de Deus.

O esforço para fazer chegar à perfeição a vontade de Deus acabou com a mais completa vida que tinha sido vivida na terra. A tentativa para fundar o reino, predestinado desde todos os tempos, e o antagonismo que isto evocou, levou Cristo ao lugar da

crucificação. A dureza dos corações humanos, a fraqueza de seu amor e o fracasso deles em perceber a visão, quebrou o coração do Salvador do mundo - um Salvador porque Ele abriu a porta para o reino.

É tempo da Igreja despertar para sua verdadeira missão, que é materializar o reino de Deus na terra, hoje, aqui e agora. Já passou o tempo em que podíamos pôr ênfase num futuro e vindouro reino. As pessoas não estão mais interessadas num possível estado celestial ou num provável inferno. Elas necessitam aprender que o reino está aqui e precisa expressar-se na terra; ele consiste daqueles que cumprem a vontade de Deus a qualquer custo, como fez Cristo, e que podem amar-se uns aos outros como Cristo nos amou. O caminho para aquele reino é o caminho que Cristo trilhou. Ele envolve o sacrifício do eu pessoal pelo bem do mundo, e o serviço à humanidade em lugar do serviço aos próprios desejos. No curso da enunciação dessas novas verdades concernentes ao amor e ao serviço Cristo perdeu sua vida. Canon Streeter nos conta que "o significado e o valor da morte do Cristo ressaltam de sua qualidade interior. É a expressão no ato externo de uma auto-dedicação livremente escolhida, sem reclamação e sem reserva, ao mais alto serviço a Deus e ao homem. O sofrimento incidental a este auto-oferecimento é moralmente criativo."⁴⁰

40 - *O Buda e o Cristo*, por B. H. Streeter, pág, 215.

Não será, quem sabe, a Crucificação de Cristo, com seus grandes eventos precedentes - a comunhão e a experiência do Gethsemane uma tragédia baseada no conflito entre o amor e o ódio? Não será a intenção deste livro diminuir o acontecimento mundial que teve lugar no Calvário. Mas hoje, ao se olhar para trás para aquele acontecimento, uma certa verdade começa a emergir, e esta é que nós temos interpretado aquele sacrifício e aquela morte em termos puramente egoístas. Nós nos ocupamos com nosso interesse individual no assunto. Demos ênfase à importância de nossa salvação individual e sentimos ser ela de tremenda importância. Mas a visão mundial e o que Cristo estava destinado a fazer pela humanidade através dos tempos, e a atitude de Deus para com os seres humanos desde os tempos mais remotos, durante a vida do Cristo na Palestina e daí até o tempo atual, estão subordinados ao fator de nossa crença ou não-crença na eficácia da Crucificação no Calvário para salvar nossas almas individuais. Entretanto, em Sua conversa com o ladrão arrependido Cristo admitiu-o no reino de Deus com base no seu reconhecimento do divino. Cristo ainda não havia morrido e o sacrifício de sangue do Cristo ainda não ocorrera. Foi quase como se Cristo tivesse previsto a volta que a teologia iria fazer com relação à Sua morte e tivesse tentado contrabalançá-la, fazendo do reconhecimento do ladrão agonizante um dos acontecimentos marcantes em Sua morte. Ele não fez qualquer referência à remissão dos pecados através de Seu sangue, como condição para aquela admissão.

A questão principal foi a questão entre o amor e o ódio. Somente S. João, o Apóstolo amado, o mais próximo a Jesus, a compreendeu realmente; e em suas Epístolas a ênfase é inteiramente sobre o amor, não se encontrando, ali, em parte alguma, a usual interpretação ortodoxa. Somente amor e ódio; o desejo de viver como filhos de Deus e a inclinação para viver como seres humanos comuns: nisso repousa a distinção entre o cidadão do reino de Deus e um membro da família humana. Foi amor que Cristo procurou expressar, mas o que tem caracterizado a aplicação oficial de Seu ensinamento, em todos os tempos, é o ódio, separatividade e guerra, culminando na Guerra Mundial. Cristo morreu

para trazer ao nosso conhecimento que o caminho para se entrar no reino de Deus era o do amor e do serviço. Ele serviu e amou, produziu milagres e reuniu os pobres e famintos. Ele os alimentou e procurou por todos os meios possíveis chamar a atenção para o princípio do amor como a principal característica da divindade, somente para verificar que esta vida de serviço amoroso Lhe trouxe problemas e finalmente a morte na Cruz.

Temos lutado pela doutrina teológica da Imaculada Conceção. Temos lutado pelas doutrinas pelas quais os homens serão salvos. Temos lutado pela questão do batismo, e pela expiação. Temos lutado pelo fato e pela negação da imortalidade, e pelo que o homem precisa fazer para a ressurreição dos mortos. Temos considerado metade do mundo como perdida e somente o crente cristão como salvo; no entanto, o tempo todo Cristo nos disse que é o amor, o caminho que leva ao reino e que o fato da presença da divindade em cada um de nós nos torna elegíveis para aquele reino. Temos omitido a compreensão de que "O sacrifício expiatório é a harmonizadora desarmonia alheia pelo poder de uma presença espiritual, a qual produz a grande transmutação; o mal é absorvido e transmutado no bem, ou equilibrado."⁴¹ Isto constitui a tentativa do Cristo, e o fato de Sua Presença é o meio harmonizador da vida *Os homens não são salvos pela crença na formulação de um dogma teológico, mas pelo fato de Sua Presença viva, do Cristo vivo imediato*. A compreensão do fato da presença de Deus no coração humano é a base da visão mística, ao passo que o conhecimento de que somos filhos de Deus nos dá a força para seguir as pegadas do Salvador, de Belém ao Calvário. O que finalmente reorganizará nossa vida humana será a presença, no mundo, daqueles que conhecem o Cristo como seu exemplo e reconhecem que possuem a mesma vida divina, assim como a afirmação da lei básica do reino de Deus, a Lei do Amor, salvará finalmente o mundo. A substituição da vida do mundo, da carne e do diabo pela vida do Cristo, que injetará um significado e um valor à vida.

41 - *Some Mystical Adventures*, por G.R.S. Mead, pág. 161.

Um sentimento de fracasso do amor constituiu o principal problema na agonia do Jardim; foi este senso de árduo trabalho com as forças do mundo que capacitou o Cristo a unir-se em companhia de todos os Seus irmãos. Os homens fracassaram, com ele, da mesma forma como fracassam conosco. No momento em que Ele mais necessitava de compreensão e de toda a força que o companheirismo proporciona, Seus mais chegados e queridos, ou desertaram, ou dormiram, alheios à Sua agonia mental. "O conflito de Prometeu é a luta que tem lugar na mente humana entre o anelo pela compreensão e o impulso imediatamente mais próximo daquelas afeições e desejos vivos que são condicionados pela boa vontade e o apoio dos semelhantes; os desejos de felicidade dos que amamos; de alívio da dor e do desapontamento nas mentes que não podem compreender o sonho interior; e de calorosa reafirmação das honrarias mundanas. Este conflito é a rocha contra a qual a mente religiosa se afunda e se rompe contra si mesma."⁴² Sobre esta rocha o Cristo não afunda, mas Ele teve Seus momentos de mais intensa agonia, somente encontrando alívio na compreensão da Paternidade de Deus e seu corolário, a fraternidade do homem. "Pai", Ele disse. Foi este senso de unidade com Deus e Seus semelhantes humanos que O conduziu a instituir a Última Ceia, a originar aquele serviço da comunhão, cujo simbolismo foi tão desastrosamente perdido na prática teológica. A nota-chave daquele serviço da comunhão foi o companheirismo. "Somente assim é que Jesus cria o companheirismo entre nós, Não é como um símbolo que ele assim faz... na medida que

nós, reciprocamente, e com ele, formos uma só vontade" para colocar o Reino de Deus sobre tudo e para servir em favor desta fé e esperança, na medida em que houver companheirismo entre ele e nós e os homens de todas as gerações que viveram e vivem no mesmo pensamento."⁴³

42 - *Psychology and the Promethean Will*, por W. H. Sheldon, págs. 85, 86.

43 - *The Mystery of the Kingdom of God*, por Albert Schweitzer, pág. 56.

4

1. "Pai, perdoai-os; pois eles não sabem o que fazem."⁴⁴

2. "Hoje estarás comigo no Paraíso."⁴⁵

3. "Mulher, eis aí o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe!"⁴⁶

4. "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"⁴⁷

5. "Tenho sede."⁴⁸

6. "Está consumado."⁴⁹

7. "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito."⁵⁰

44 - S. Lucas, XXIII, 34.

45 - S. Lucas, XXIII, 43.

46 - S. João, XIX, 26.

47 - S. Mateus, XXVII, 46.

48 - S. João, XIX, 28.

49 - S. João, XIX, 30.

50 - S. Lucas, XXIII, 46.

O pensamento do reino coloriu tudo que Ele disse na Cruz. A Palavra de poder que emanou da Cruz foi pronunciada pelo Próprio Jesus Cristo e não, desta vez, pelo Pai. Cristo pronunciou uma palavra sétupla, e naquela palavra resumiu para nós a Palavra que inaugurou o reino de Deus. Cada uma de Suas exclamações tinha relação com aquele reino e não com a relação usual pequena, pessoal ou egoísta que tantas vezes lhes temos atribuído. Que eram aquelas sete palavras? Consideremo-las, conscientizando-nos, ao fazê-lo, de que as causas que lhes deram origem produziram a manifestação do reino de Deus na terra.

Em todo caso, as sete palavras foram, ou interpretadas como tendo uma aplicação individual em conexão com a pessoa para quem eram supostamente dirigidas, ou como tendo um significado pessoal para o Próprio Cristo. Temos sempre lido a Bíblia desta maneira, com o significado pessoal em nossas mentes. Mas estas palavras do Cristo são de importância muito grande para serem assim interpretadas. Elas têm um significado muito mais amplo do que o habitualmente dado. O maravilhoso de tudo que Ele disse (como e o maravilhoso de todas as escrituras mundiais) é que as palavras podem ter vários significados. Chegou o tempo em que o significado, que o Cristo nos deu deveria ser mais geralmente compreendido por nós a luz do reino de Deus e com uma conotação mais ampla do que a individual. Suas palavras foram Palavras de Poder, evocando e invocando, potentes e dinâmicas.

Uma das primeiras coisas que veem à consciência ao estudarmos a primeira palavra da Cruz foi o fato que Jesus pediu a Seu Pai que perdoasse às pessoas que O crucificavam; Ele não considerou então, evidentemente, Sua morte na Cruz como adequada àquela

necessidade. Não havia remissão dos pecados através do derramamento de sangue; mas havia a necessidade de pedir o perdão de Deus pelo pecado cometido. Os dois fatos que vêm à tona nesta palavra são a Paternidade de Deus e o fato de que a ignorância, se produtora do mal-feito, não faz do homem culpado e, por conseguinte, punível. O pecado e a ignorância são frequentemente termos sinônimos, mas o pecado é reconhecido como tal por aqueles que sabem e que não são ignorantes. Onde há ignorância não há pecado. Nesta palavra da Cruz o Cristo nos diz duas coisas:

1. Que Deus é nosso Pai e que nos aproximamos Dele por intermédio do Cristo. É o homem interno oculto do coração, o não conscientizado Cristo que se pode aproximar do Pai. Cristo tinha ganho este direito devido à Sua comprovada divindade e porque ele havia passado pela terceira iniciação, a Transfiguração; quando nós também estivermos transfigurados (pois somente o Cristo transfigurado pode ser crucificado) então também poderemos invocar o Pai e clamar pelo espírito, que é Deus, a vida de todas as formas, para ajustar os relacionamentos e alcançar aquele perdão que é a própria essência da vida mesma.

2. Aquele perdão é o resultado da vida. Esta é uma verdade dura de aceitar, para o crente ocidental. Ele está tão acostumado a se apoiar na atividade do Cristo num distante passado. O perdão é, todavia, um resultado de processos vivos que trazem ajustamento, causam restituição e produzem aquela atitude na qual um homem não é mais ignorante e, por conseguinte, não precisa mais de perdão. A vida e a experiência fazem isso para nós e nada pode impedir o processo. Não é uma crença teológica que nos põe bem com Deus, mas uma atitude para com a vida e uma atitude para com o Cristo que habita no coração humano. Nós aprendemos através da dor e do sofrimento (isto é, através da experiência) a não pecar. Nós pagamos o preço de nossos erros e pecados e deixamos de praticá-los. Nós chegamos finalmente ao ponto em que não mais cometemos nossos erros anteriores nem mais cometemos nossos antigos pecados. Pois sofremos e nos angustiamos e aprendemos que o pecado traz retribuição e causa sofrimento. Mas o sofrimento tem sua utilidade, como Cristo sabia. Em Sua Pessoa Ele não só era o histórico Jesus A quem conhecemos e amamos, mas também o símbolo para nós, do Cristo cósmico, Deus sofrendo através dos sofrimentos dos Seus seres criados.

A justiça pode ser perdão quando os fatos do caso são corretamente compreendidos, e nesta pergunta do Salvador crucificado temos o reconhecimento da Lei de Justiça, e não da Retribuição, em um ato diante do qual o mundo inteiro permanece horrorizado. Este trabalho do perdão é o velho trabalho da alma na matéria ou forma. O crente oriental chama a isto *carma*. O crente ocidental fala da Lei de Causa e Efeito. Ambos, todavia, lidam com a elaboração, por um homem, da salvação de sua própria alma, e o constante pagamento do preço que o ignorante paga pelos erros e as assim chamados pecados cometidos. Um homem que deliberadamente peca contra a luz e o conhecimento é raro. A maior parte dos "pecadores" é de simples ignorantes. "Eles não sabem o que fazem."

Então o Cristo voltou-se para um pecador, para um homem que tinha sido condenado do mal feito aos olhos do mundo - e que tinha ele mesmo reconhecido a correção do julgamento e de sua punição. Ele afirmou que recebera a devida recompensa pelos seus pecados, mas ao mesmo tempo havia algo na qualidade de Jesus que prendera sua atenção e o forçara a admitir que este terceiro Malfeitor "nenhum mal fizera." O fator que permitiu

sua admissão ao paraíso foi duplo. Ele reconheceu a divindade do Cristo. "Senhor", ele disse. E ele também compreendeu qual era a missão do Cristo - fundar um reino." Lembra-te de mim quando entrares no teu reino." O significado destas palavras é eterno e universal, pois o homem que reconhece a divindade e que ao mesmo tempo é sensível do reino está pronto para tirar proveito das palavras, "Hoje estarás comigo no paraíso."

Na primeira palavra da Cruz, Jesus considerou a ignorância e a fraqueza do homem. Estava tão indefeso quanto uma criancinha e em Suas palavras Ele testemunhou a realidade da primeira iniciação e o tempo em que Ele era uma "criança em Cristo." Os paralelos entre os dois episódios são significativos. A ignorância, a inocência e o conseqüente desajustamento dos seres humanos evocaram de Jesus o apelo para que o perdão fosse concedido. Mas quando a experiência da vida desempenhou sua parte, temos novamente a "criança em Cristo", ignorante das leis do reino espiritual, entretanto liberto das trevas e da ignorância do reino humano.

Na segunda palavra da Cruz temos o reconhecimento do episódio do Batismo, que significava pureza e libertação através da purificação das águas da vida. As águas do Batismo de João o libertaram da escravidão da vida da personalidade. Mas o Batismo ao qual o Cristo se submeteu por intermédio do poder de Sua Própria vida, e ao qual nós também estamos sujeitos através da vida do Cristo dentro de nós, foi o Batismo de fogo e do sofrimento, que encontra sua culminância de dor na Cruz. Aquele clímax de sofrimento, para o homem que pode suportar até o fim, foi sua entrada no "paraíso" - um nome com a conotação de bem-aventurança. Três palavras são usadas para expressar este poder de gozar - Felicidade, alegria e bem-aventurança. *Felicidade* tem uma conotação puramente física e diz respeito à nossa vida física e suas relações; *alegria* é da natureza da alma e se reflete na felicidade. Mas *bem-aventurança*, que é da natureza de Deus Mesmo, é uma expressão da divindade e do espírito. A felicidade poderia ser considerada como a recompensa do novo nascimento, pois ela tem um significado físico, e nós estamos certos de que Cristo conheceu a felicidade, muito embora Ele fosse um "homem dos sofrimentos"; a alegria, sendo mais especialmente da alma, alcança sua consumação na Transfiguração. Embora o Cristo estivesse "familiarizado com o sofrimento", Ele conheceu a alegria em sua essência, pois a "alegria do Senhor é nossa força", e é a alma, o Cristo em todo ser humano, que é força e alegria e amor. Ele conheceu também a bem-aventurança pois, na Crucificação, a bem-aventurança, que é a recompensa do triunfo da alma, era Sua.

Assim, nessas duas Palavras de poder "Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem", e "Hoje estarás comigo no paraíso", temos os significados das primeiras duas iniciações resumidas para nós.

Chegamos agora ao extraordinário e muito debatido episódio entre Cristo e Sua mãe, resumido nas palavras: "Mulher, eis teu filho", e seguidas pelas palavras ditas ao discípulo amado: "Eis tua mãe." Que significavam estas palavras? Sob o Cristo estavam as duas pessoas que mais significavam para Ele, e da agonia da Cruz Ele lhes transmitia uma mensagem especial, ligando-os um ao outro. Nossa apreciação das iniciações anteriores pode tornar claro o significado. João simboliza a personalidade que está alcançando a perfeição e cuja natureza está-se tornando irradiada pelo amor divino, a principal característica da segunda Pessoa da divina Trindade, a alma, o filho de Deus, cuja natureza é amor. Como vimos, Maria representa a terceira Pessoa da Trindade, o aspecto material da

natureza que anima e nutre o filho e Lhe dá a luz em Belém. Nessas palavras Cristo, utilizando o simbolismo dessas duas pessoas, relaciona-as uma com a outra, e praticamente diz: Filho, reconhece quem deve dar-te à luz em Belém, aquela que abriga e guarda a vida de Cristo. Para Sua mãe, Ele diz: Reconhece que na personalidade desenvolvida há latente o Cristo criança. A matéria, ou a virgem Maria, é glorificada através de seu filho. Por isso as palavras de Cristo contêm uma referência definida à terceira iniciação, a da Transfiguração.

Assim, em Suas primeiras três Palavras da Cruz Ele se refere às primeiras três iniciações e recorda às nossas mentes a síntese revelada em Si Próprio e os estágios que deveremos percorrer se quisermos seguir Seus passos. É possível também que na consciência do Salvador crucificado estivesse o pensamento de que a própria matéria, sendo divina, seria capaz de sofrimento infinito; e nessas palavras fora torcido d'Ele o reconhecimento de que, embora Deus sofra na Pessoa de Seu Filho, Ele também sofre com semelhante agonia na pessoa daquela mãe do Filho, a forma material que Lhe deu à luz. Cristo fica a meio caminho entre os dois - a mãe e o Pai. Esse é Seu problema, e aí se encontra o problema de todo ser humano. Cristo reúne os dois - o aspecto matéria e o aspecto espírito - e a união desses dois produz o filho. Este é o problema da humanidade e a oportunidade da humanidade.

A quarta Palavra da Cruz nos admite a um dos momentos mais íntimos da vida do Cristo - um momento que tem uma relação definida com o reino, tal como as três Palavras anteriores. A intromissão neste episódio de Sua vida sempre causa hesitação, porque é uma das mais profundas e mais secretas e talvez mais sagradas fases de Sua vida na terra. Lemos que houve "trevas na face da terra" por três horas. Este é um interlúdio extremamente significativo. Da Cruz, sozinho e nas trevas, Ele simbolizou tudo que estava encarnado nesta trágica e agoniada Palavra. O número três é, naturalmente, um dos mais importantes e sagrados. Ele representa a divindade e também a humanidade perfeita. Cristo, o Homem perfeito, pendeu da Cruz por "três horas", e naquele espaço de tempo cada um dos três aspectos de Sua natureza foi levado ao ponto mais alto de sua capacidade de conscientização e ao conseqüente sofrimento. No fim, esta tripla personalidade deu vazão ao grito, "Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?"

Cristo tinha atravessado todos os episódios culminantes do ajustamento. A experiência da Transfiguração se tinha recém encerrado. Não nos esqueçamos desse fato. Naquela experiência Deus tinha estado próximo, e o Cristo transfigurado, em Sua iniciação, parecera ligar Deus e o homem. Ele acabara de excluir a Palavra que tinha dado testemunho à relação da natureza corpórea, o aspecto Maria, com a personalidade, na pessoa de S. João - o símbolo de uma personalidade levada a um estado muito alto de perfeição e realização. Então, por três longas horas Ele se debateu nas trevas com o problema da relação de Deus e a alma. Espírito e alma tinham de se fundir em uma grande unidade - assim como Ele já tinha fundido a alma e o corpo, e dado testemunho àquela consumação na Transfiguração. Repentinamente, Ele descobria que toda a conquista do passado, tudo que Ele fizera, era apenas o prelúdio para uma outra que Ele deveria fazer como ser humano; e lá na Cruz, em plena luz da publicidade, Ele teve de renunciar àquilo que Ele tinha até então sustentado, Sua alma, e se conscientizar por um breve instante que nesta renúncia tudo estava em jogo. Mesmo a consciência de que Ele era o Filho de Deus, a alma encarnada na carne (pela qual Ele lutara e se tinha sacrificado) deveria desaparecer

deixando-O privado de todos os contatos. Todo senso de sentimento e todas as possíveis reações não conseguiram encher o vazio sentido. Parecia que fora abandonado, não somente pela humanidade, mas por Deus. Aquilo em que Ele confiava, a divindade da qual se sentira seguro, demonstrou estar relacionada com o sentimento. Aquele sentimento Ele deveria também transcender. Deveria, pois, renunciar a tudo.

Foi através desta experiência que Cristo iluminou a trilha até o próprio coração de Deus Mesmo. Somente quando a alma aprende a permanecer só, segura da divindade, e entretanto sem qualquer reconhecimento exterior daquela divindade, pode o próprio centro da vida espiritual ser reconhecido como estável e eterno. Foi nesta experiência que Cristo Se ajustou para a iniciação da Ressurreição e assim provou para Si Mesmo, e para nós, que Deus existia, e que a imortalidade da divindade é um fato estabelecido e inalterável. Esta experiência da solidão, de ser privado de tudo que protege, tudo que até então fora considerado como essencial ao próprio ser, é o sinete da realização. Os discípulos costumam esquecer isso e muitos por alguns instantes se perguntam, ao ouvir o Cristo, assim velando Sua agonia, se Ele não estaria sendo "em todos os pontos tentado como nós somos", e se neste momento Ele não teria descido aos mais fundos recessos do vale e sentido aquela absoluta solidão que é a recompensa daqueles que sobem o monte da Cruz, no Gólgota.

Embora cada filho de Deus nos diferentes estágios em seu caminho iniciático se prepare para esta solidão final através de fases de extrema rejeição, quando a crise final vem ele deve experimentar momentos de solidão tais, que ele não os poderia previamente conceber. Ele segue as pegadas de seu Mestre, sendo crucificado diante dos homens e abandonado, tanto por seus semelhantes, como pela confortadora presença do ser divino em quem aprendeu a confiar. Entretanto, porque Cristo penetrou assim no lugar das trevas exteriores e se sentiu abandonado por todos que até então tinham significado tanto para Ele, quer sob o ângulo humano quer sob o divino, Ele nos capacitou a avaliar o valor da experiência e nos mostrou que somente através deste lugar das trevas exteriores que os místicos justamente chamaram da "escura noite da alma", podemos verdadeiramente entrar na abençoada convivência do reino. Muitos livros foram escritos sobre esta experiência, mas ela é rara - muito mais rara do que a literatura dos místicos nos fazia crer. Ela se tornará mais frequente, à medida que mais e mais homens cruzarem os portões do sofrimento e da morte e penetrarem no reino. Cristo pendeu entre o céu e a terra, e embora fosse cercado pelas multidões e apesar de a Seus pés terem permanecido aqueles a quem Ele amara, Ele estava extremamente só. É a solidão ainda que acompanhado, o absoluto senso de estar abandonado ainda que cercado por aqueles que parecem compreender e ajudar, que constitui a treva. A luz da Transfiguração é subitamente coberta; e devido à intensidade daquela luz, a noite parece mais escura. Mas é nas trevas que conhecemos Deus.

Quatro Palavras de Poder tinham sido agora emitidas pelo Cristo. Ele proferira a Palavra para o plano da vida diária, a Palavra do perdão, e nela Ele indicara o princípio sobre o qual Deus trabalha em relação ao mal feito pelos homens. Onde há ignorância e não desconfiança ou má intenção, então o perdão é assegurado, pois o pecado consiste de ação definida em face da voz de aviso da consciência. Ele pronunciara a Palavra que trouxe paz ao ladrão agonizante, e lhe disse que lhe estavam assegurados, não somente o perdão,

mas a paz e a felicidade. Ele emitira a Palavra que reuniu os dois aspectos que estavam sendo simbolicamente crucificados na Cruz - matéria e alma, a matéria da forma e a natureza inferior aperfeiçoada. Estas são as três Palavras dos planos físico, emocional e mental, em que o homem habitualmente vive. O sacrifício da natureza inferior inteira fora completado e houve silêncio e trevas por três horas. Então foi emitida aquela estupenda Palavra que indicava ter o Cristo alcançado o estágio do sacrifício final, e que mesmo a consciência da divindade, a consciência da própria alma, com sua força e poder, sua luz e compreensão, também deveriam ser postos sobre o altar. Ele deveria submeter-se à experiência de uma renúncia extrema a tudo que constituía Seu próprio ser. Isto provocou o grito de protesto e a queixa: "Meu Deus, meu Deus! Por que me desamparaste?"

Depois seguiram-se três Palavras de uma qualidade inteiramente diferente. Nas palavras "Tenho sede", Ele expressou o poder motivador de todo Salvador. Isto foi mal interpretado pelos circunstantes, que naturalmente lhe deram uma conotação física; mas certamente tinha uma significação mais profunda, e deveria referir-se àquela sede divina que penetra na consciência de todo filho de Deus que alcançou a divindade e que indica sua decisão de assumir a tarefa do Salvador. É característico de todos os que a alcançaram, não poderem descansar satisfeitos com a conquista que lhes trouxe liberação e libertação, mas imediatamente reorientam-se para o mundo dos homens e permanecem com a humanidade, trabalhando pela salvação dos seres humanos até que todos os filhos de Deus tenham encontrado seu caminho de volta para a casa do Pai. Esta sede pelas almas dos homens forçou o Cristo a abrir a porta do reino e a conservá-la aberta Ele Próprio, para que pudéssemos galgar o vestibulo por Sua mão e Sua ajuda. Esta é a redenção, e esta redenção todos nós compartilhamos, não do ângulo egoísta de nossa salvação pessoal, mas pela consciência de que, ao redirmos somos redimidos, ao salvarmos somos nós mesmos salvos e, ao ajudarmos os demais a conquistarem-no, nós também somos admitidos no reino. *Mas este é o caminho da Crucificação.* Somente quando podemos emitir as cinco Palavras de Poder compreendemos realmente o significado de Deus e de Seu amor: O caminho do Salvador se torna então nosso caminho. A vida e o propósito de Deus são assim revelados.

São esta sede, que compartilhamos com o Salvador, e a necessidade mundial (da qual a nossa própria é parte, embora relativamente incidental) que nos unem a Ele. É a "solidariedade de Seus sofrimentos" que Ele nos chama, e o apelo que ouvimos quando ele a ouve. Este aspecto da Cruz e de sua lição foi sintetizado nas seguintes palavras, que exigem nossa cuidadosa atenção, e nossa consequente consagração ao serviço da Cruz, que é o serviço à humanidade.

"Quando Eu... me voltei daquela visão Cristo crucificado por nós, para olhar para as mais dolorosas e espantosas contradições da vida, não me deparei como em intercambio. com meus semelhantes pelas frias superficialidades que caem tão facilmente dos lábios daqueles cujos corações nunca conheceram nenhuma dor real, nem cujas. vidas um choque. Não me disseram que todas as coisas foram determinadas para o melhor, nem asseguraram que as importantíssimas disparidades da vida eram apenas aparentes, mas me deparei com os olhos e a expressão d'Aquele que estava verdadeiramente identificado com o sofrimento, por um olhar de solene reconhecimento, tal como pode ocorrer entre amigos que suportaram. entre si algum estranho e secreto sofrimento e ficam através dele unidos

numa ligação que não pode ser rompida."⁵¹

51 - *Colloquia Crucis*, por Dora Greenwell, pág. 14f.

Então irrompeu sobre a consciência do Cristo a maravilha da consumação. Ela fora bem sucedida, de modo que, com plena consciência do significado da afirmação, ele pode dizer, "Esta consumado." Ele fizera aquilo para que encarnara. O portão para o reino permaneceu aberto. A fronteira entre o mundo e o reino estava claramente definida. Ele nos dera um exemplo de serviço incomparável na história. Ele nos mostrou o caminho que deveríamos percorrer. Ele nos tinha demonstrado a natureza da perfeição. Não havia mais que pudesse fazer então, portanto, ouvimos o triunfante grito, "Esta consumado."

Somente mais uma Palavra de Poder veio das trevas que encobriam o Cristo agonizante. O momento de Sua morte fora prefaciado pelas palavras, "Pai em Tuas mãos entrego meu espírito." Sua primeira e sua última palavras começaram com o apelo: "Pai" – pois sempre somos filhos de Deus, e "Se filhos, então herdeiros; herdeiros de Deus, e co-herdeiros com o Cristo; se assim é que sofremos com Ele, que possamos ser também glorificados juntos";⁵² co-herdeiros da glória, mas também co-herdeiros no sofrimento que deve ser nosso se o mundo deve ser salvo e a humanidade como um todo deve penetrar no reino. O reino existe. Através do trabalho do Cristo e de Sua Presença viva em todos nós existe hoje, ainda que subjetivamente, mas aguardando imediata tangível expressão...

52 - Romanos, VIII, 17.

"Um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos."⁵³

53 - Efésios, IV, 4, 5, 6.

Mais adiante, em palavras usadas pelo Cristo, o salmista diz "Em suas mãos entrego meu espírito, pois tu me redimiste."⁵⁴ A implicação aqui é clara. É o espírito de vida no Cristo e em nós, que nos torna filhos de Deus: é aquela filiação (com sua qualidade do divino) que garante nossa realização final e a entrada no reino do espírito. O sinal dado é expresso nas palavras: "E eis que o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo."⁵⁵ O acesso a Deus estava estabelecido e as forças espirituais internas puderam sair sem obstáculos à sua manifestação. Este foi um ato de Deus, um estupendo reconhecimento pelo Pai, do que Seu Filho fizera. Espírito e matéria eram um, agora. Todas as barreiras de separação foram abolidas e o homem e Deus podiam encontrar-se e manter o intercâmbio.

54 - Salmos, XXXI, 5.

55 - S. Mateus, xxvn, 51.

Numa antiga escritura da Índia lemos estas palavras, ditas há milhares de anos, entretanto passíveis de aplicação numa forma muito significativa para este ato do Cristo, que O ligou não somente a nós e a todos os crentes passados, anteriores ao Seu advento mas ao Cristo Cósmico tão inequivocamente dizendo, aqui:

"Brahma, o auto-efulgente, meditava. Ele ponderava... Vamos, deixe-me sacrificar-me nas coisas vivas e todas as coisas vivas em Mim... Ele assim adquiriu grandeza, auto-efulgência, propriedade e domínio."

Ao concluir este capítulo sobre a Crucificação, vejamos qual foi realmente o propósito do sacrifício do Cristo. Por que ele morreu? O Evangelho de S. João no-lo diz muito claramente, e entretanto muito pouca ênfase se põe na afirmação. Somente hoje estamos começando a compreender o significado do que Ele fez. Somente hoje está começando a

nascer nas mentes daqueles cuja intuição já despertou, a maravilha de Seu sacrifício. Ele veio fundamentalmente fazer duas coisas, sobre as quais já tocamos: primeiro de tudo, Ele veio fundar, ou materializar na Terra, o reino de Deus; segundo, mostrar-nos que significava o amor de Deus e como ele se expressava no serviço e no eterno sacrifício da divindade sobre a cruz da matéria. Cristo permaneceu como um símbolo e também como um exemplo. Ele nos revelou a Mente de Deus e nos mostrou o padrão sobre o qual deveríamos modelar nossas vidas.

O reino e o serviço! Estas são as notas-chaves que têm hoje em si aquele poder reagrupador que os crentes do mundo exigem. O Cristo compartilhou-os conosco, como um ser humano, o caminho da experiência mundial. Ele subiu à Cruz e nos mostrou, em Seu sacrifício e exemplo, quê tínhamos a fazer. Compartilhou conosco o caminho da vida porque nada havia mais a fazer, para Ele, uma vez que era um ser humano. Mas ele lançou sobre esta experiência de vida a luz radiante da própria divindade, dizendo-nos também para "deixarmos nossa luz brilhar."⁵⁶

56 - S. Mateus, V, 16.

Ele Se proclamou Homem e depois nos disse que éramos os filhos de Deus. Ele estava conosco, então, e Ele está conosco agora, pois Ele está em nós todo o tempo, embora muitas vezes sem ser reconhecido ou aproximado.

A principal lição com a qual nos confrontamos é o fato de que "... a natureza humana, como a conhecemos, não pode alcançar felicidade sem sofrimento, nem perfeição sem o autossacrifício."⁵⁷ Para nós o reino constitui a visão, mas para Cristo ele era uma realidade. O serviço do reino é nosso dever e também nosso método de nos libertarmos das malhas da experiência humana. Temos que alcançar isto; devemos compreender que somente encontraremos libertação no serviço do reino. Fomos por muito tempo contidos pelos dogmas do passado e há hoje uma natural revolta contra a ideia da salvação individual através do sacrifício do sangue do Cristo. Este último é o ensinamento mais externo e mais óbvio - mas é o significado interno que realmente nos diz respeito, e este nós somente poderemos perceber quando nós mesmos chegarmos face a face com aquele que habita o íntimo. A medida que as formas exteriores perdem seu poder, frequentemente ocorre que a verdadeira significação surge. Isto cada um tem de provar para si mesmo. Frequentemente o medo nos impede de sermos fiéis e de enfrentarmos os fatos. É essencial que hoje encaremos o problema da relação do Cristo com o mundo moderno e ousemos ver a verdade, sem qualquer preconceito teológico. Nossa experiência pessoal do Cristo não sofrerá neste processo. Nenhum enfoque moderno e nenhuma teologia pode afastar o Cristo da alma que O tenha conhecido uma vez. Isso está fora dos limites do viável. Mas é bem possível que possamos encontrar falhas na interpretação teológica ortodoxa comum. É bem possível que o Cristo seja muito mais incluído do que fomos induzidos a crer, e que o coração de Deus Pai seja muito mais bondoso do que aqueles que procuraram interpretá-lo. Temos pregado um Deus do amor e temos espalhado a doutrina do ódio. Temos ensinado que o Cristo morreu para salvar o mundo e temos tentado mostrar que somente os crentes poderiam ser salvos - embora milhões vivam e morram sem jamais ter ouvido falar no Cristo. Vivemos num mundo caótico, esforçando-nos em construir um reino de Deus divorciado da vida diária corrente e da situação econômica geral, e ao mesmo tempo postulamos um distante paraíso que poderemos algum dia

alcançar. Mas Cristo fundou um reino na terra, no qual todos os filhos de Deus teriam igual oportunidade para se expressarem como filhos do Pai. Isto, muitos cristãos acham impossível aceitar, e algumas das melhores mentes desta época têm repudiado a ideia.

57 - *Mirage and Truth*, por M. B. D'Arcy, S.J., pág. 179.

A salvação individual é certamente egoísta em seu interesse e sua origem. Devemos servir para sermos salvos e somente poderemos servir inteligentemente se acreditarmos na divindade de todos os homens e também no principal serviço do Cristo à raça. O reino é um reino de servidores, pois cada alma salva deve sem compromisso juntar-se às fileiras daqueles que incessantemente servem aos seus semelhantes. O Dr. Schweitzer, cuja visão do reino de Deus é tão rara e real, aponta para esta verdade e suas gradações de reconhecimento nas seguintes palavras:

"Os estágios descendentes do serviço correspondem aos estágios ascendentes de mando.

1. Qualquer que *entre vós* quiser ser grande, será vosso serviçal. Marcos X. 43.

2. E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de *todos* (os outros). Marcos, X.44.

3. Por isso o Filho do Homem esperava o posto do mais alto mando porque Ele "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos." Marcos, X.45.

"O clímax é duplo. O serviço dos Discípulos se estendia somente ao seu círculo: o serviço de Jesus, a um número ilimitado, isto é, a todos que se deveriam beneficiar de seu sofrimento e morte. No caso dos Discípulos era meramente uma questão de *submissão* altruísta; no caso de Jesus, significava o amargo *sofrimento da morte*. Ambos contam como serviço, considerando que estabelecem uma exigência para uma posição de mando no Reino."⁵⁸

58 - *The Mystery of the Kingdom of God*, por Albert Schweitzer, pág. 75.

O amor é o começo e o amor o fim, e no amor servimos e agimos. A longa jornada termina, assim, na glória da renúncia do desejo pessoal e na dedicação ao serviço vivo.

CAPÍTULO VI

A QUINTA INICIAÇÃO: A RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO

PENSAMENTO-CHAVE

"Fora do Cristo nós não sabemos que é nossa vida nem nossa morte; não sabemos que é Deus nem que somos nós mesmos."

Pascal: *Pensamentos*.

Esta iniciação é dividida em duas metades e não sabemos muito sobre nenhuma delas. O detalhe do episódio da Ressurreição, ou crise, na vida do Cristo, não foi narrado pelos escritores do Novo Testamento. Não lhes foi possível saber mais. Após a Crucificação eles relatam pouco da própria vida do Cristo, ou com que Ele esteve ocupado entre o tempo em que novamente se ergueu, até quando deixou a companhia dos Apóstolos e "ascendeu aos Céus" - uma expressão simbólica que pode significar muito pouco para nós. A iniciação crucial, de importância para que a humanidade atual a compreenda, é a quarta. Somente quando tivermos dominado o significado do serviço e do sacrifício, poderá o fato da imortalidade e seu verdadeiro sentido ser revelado para nós. Como o Cristo se elevou, quais os processos desenvolvidos, em que corpo exatamente apareceu, não podemos dizer. Os Apóstolos nos asseguram que parecia o corpo do qual se tinha previamente utilizado, mas se era o mesmo corpo, milagrosamente ressurrecto; se era Seu corpo espiritual, que pareceria ser o mesmo aos olhos físicos daqueles que O amavam, ou se Ele construía um corpo inteiramente novo, nas mesmas linhas gerais que o anterior, não nos é possível dizer; nem nos é possível afirmar que a visão dos discípulos não fosse supra-normal ou que, através da intensificação de Sua divindade expressa, o Cristo tivesse estimulado de tal maneira sua visão interna que eles vissem de maneira clarividente, ou em uma outra dimensão. O fato importante foi que Ele de fato se ergueu, novamente, que foi visto por muitos, e que o fato de Sua ressurreição foi creditado nas mentes de Seus amigos e pelos dois ou três séculos após Sua partida.

A psicologia dos discípulos é a melhor prova que temos da realidade de sua convicção de que a morte não poderia deter o Salvador e que após a morte Ele esteve presente e convivendo com eles. É difícil alcançarmos esta alta conquista na consciência, que eles demonstraram. Aparentemente, o mundo deles tinha acabado na Cruz. Cristo aparentemente fracassara, e em vez de ser o divino Filho de Deus e Rei dos Judeus, não passava de um homem comum, condenado por traição e punido como um malfeitor comum. O que devem ter sofrido durante os três dias de Sua ausência não é difícil de imaginar. A ausência de esperança, o desespero, a perda de confiança neles próprios e de prestígio entre seus amigos; a causa pela qual tinham estado tão prontos a se dedicarem, ao errarem com Cristo de lugar a lugar na Terra Santa, tinha acabado e se abatido. Seu Líder estava desacreditado. Então, algo aconteceu que alterou toda a tendência do pensamento deles. Tudo que de confiança, esperança e propósito, fora perdido, foi restaurado e os primeiros poucos séculos da história cristã (antes que a teologia desviasse a interpretação, e assim alterasse o Evangelho do amor num culto de separação) nos revelou:

"...um grupo de homens e mulheres cheios de confiança, entusiasmo e coragem, prontos a enfrentar a perseguição e a morte, entusiásticos missionários. Que lhes deu este novo caráter? Não muito tempo antes, alguns deles tinham fugido assustados ante a primeira ameaça de perigo pessoal. Quando Jesus foi crucificado eles tinham perdido o último raio de esperança de que ele pudesse provar ser o Cristo. Ao ser colocado na tumba, o Cristianismo fora também enterrado e sepultado. Agora encontramos estes homens e mulheres, poucas semanas mais tarde, absolutamente mudados. Não que haja entre eles alguma tênue volta de esperança. Todos estão inteiramente certos de que Jesus é realmente o Cristo. Que aconteceu para causar tal transformação? A resposta deles é unânime: no terceiro dia, ele se levantou dentre os mortos."¹

1 - *The Valley and Beyond*, por Anthony C. Deane, pág. 72.

"O Cristo se levantou", é seu grito, e porque Ele se ergueu o reino de Deus pode continuar na terra, e Sua mensagem de amor pode ser amplamente distribuída. Eles sabem agora, passada toda controvérsia, que Ele superou a morte e que nos anos que estavam à frente veriam a morte ser vencida. Que eles esperavam um reino imediato e que esperavam ver de fato a imortalidade universalmente reconhecida, é evidente de seus escritos e seu entusiasmo. Que estavam enganados, quase dois milênios de Cristianismo o provaram. Não somos ainda cidadãos de um reino divino definitivamente manifestando-se na terra, o medo da morte é tão forte como sempre e o fato da imortalidade é ainda apenas uma fonte de especulação para milhões. Mas o que falhou foi o seu senso do tempo, e sua incapacidade para compreender os lentos processos da natureza. A evolução se movimenta lentamente, e somente hoje é que estamos verdadeiramente na iminência de demonstrar o reino de Deus na terra. Porque este é o fim de uma era, sabemos que não teremos de esperar muito tempo para que o poder que a morte tem sobre o ser humano e o terror que o anjo da morte inspira, desapareçam. Eles desaparecerão porque consideraremos a morte apenas como um outro degrau no caminho para a luz e a vida e compreenderemos que, como a vida do Cristo se expressa nos seres humanos e através deles, eles demonstrarão para nós, e no mundo, a realidade da imortalidade.

A chave para a superação da morte e para os processos de compreensão do significado e da natureza da eternidade e da continuidade da vida somente poderá ser revelada com segurança, quando o amor tiver dominado a consciência humana e onde o bem de todos, e não o egoísta bem do indivíduo, vier a ser a suprema preocupação. Somente através do amor (e do serviço como a expressão do amor) pode a verdadeira mensagem do Cristo ser compreendida e os homens chegarem à alegre ressurreição. O amor nos torna mais humildes e ao mesmo tempo mais sábios. Ele penetra no coração da realidade e tem a faculdade de descobrir a verdade oculta por uma forma. Os primitivos cristãos eram simples desta maneira porque eles se amavam, porque amavam a Cristo e ao Cristo interno em cada um. O Dr. Grensted assinala isto nas seguintes palavras, dando-nos um belo resumo da atitude dos primitivos cristãos e de seu enfoque do Cristo e da vida no mundo, naqueles dias entusiásticos:

"Eles falavam em termos simples de Deus. Não pensavam de Jesus de Nazaré como um experimento crucial. Eles O conheciam como Amigo e Mestre, e lançavam todo o seu ser no entusiasmo de Sua amizade e serviço. Sua pregação eram as boas novas sobre Jesus. Admitiam que os homens já entendessem algo quando eles falavam de Deus, e, sem

desafiar a herança que tinham recebido do Judaísmo, punham lado a lado com ele o Jesus a quem tinham conhecido vivo, morto e vivo novamente. Tinham participado muito mais do que uma vez, dos inexplicáveis milagres, curas e vozes e de um estranho domínio sobre a própria Natureza e finalmente, uma conquista da morte. Se nos tivessem contado, e ao mundo, apenas estas coisas, teriam recebido crédito. Tais histórias sempre tiveram receptividade. E os homens ainda não teriam sabido mais nada sobre o significado de Deus. Mas sua experiência tinha sido a de uma Amizade tal como o homem jamais conhecera, de desastrado fracasso e de uma capacidade de perdoar além de toda crença e de uma vida nova, livre, criativa. Nada de tudo isso fora da própria conquista deles. Sabiam que eram homens renovados, e sabiam que o modo de sua renovação fora o amor. Esta fora uma providencia, um nascimento, maior e mais significativo do que qualquer coisa que os judeus jamais haviam atribuído ao Deus-Criador. Entretanto, eles não podiam admiti-lo senão ao Seu trabalho, uma vez que Deus, como toda sua tradição nacional ensinava, é Uno. Ela interpretava para eles, como poderíamos dizer da maneira mais cautelosa, a realidade criativa à qual eles, com todos os homens, haviam encarado com incerteza e mesmo com medo. Daí em diante a hipótese central que os homens chamam Deus foi conhecida como amor e, em toda parte, Ele se manifestou até o ponto em que o amor passara do Cristo para os membros da comunidade cristã."²

2 - *Psychology and God*, por L. w. Grensted, pág. 237.

Cristo se levantara e, por Sua Ressurreição, provara que a humanidade tinha em si a semente da vida e que não havia morte para o homem que pudesse acompanhar os passos do Mestre.

No passado, estando inteiramente ocupados com a apreciação da Crucificação, conseguimos esquecer o fato da Ressurreição. Entretanto, no Dia da Páscoa, no mundo inteiro, os crentes de toda parte expressam sua crença no Cristo elevado e na vida de além-túmulo. Discutiu-se segundo muitos ângulos quanto à possibilidade de Sua ascensão e se Ele ascendeu como um ser humano ou como o Filho de Deus. Houve grande preocupação em provar que, porque Ele elevou-se novamente, também nós nos elevaremos, desde que acreditemos n'Ele. Para satisfazer à necessidade teológica de provar que Deus é amor, inventamos um lugar de disciplina que recebeu muitas denominações, tais como purgatório, ou os vários estágios das diferentes crenças no caminho dos espíritos que partiram, para os céus, porque tantos milhões morrem, ou morreram, sem jamais terem ouvido do Cristo. Por isso, a crença n'Ele como uma figura histórica não é possível para eles. Envolvemos tais doutrinas como a imortalidade condicional, e a expiação através do sangue de Jesus, num esforço para glorificar a personalidade de Jesus e salvaguardar os que acreditavam no Cristo e para reconciliar as interpretações humanas com a verdade dos Evangelhos. Ensinamos a doutrina do fogo do inferno e da punição eterna, e depois tentamos ajustá-la à crença geral de que Deus é amor.

Contudo, a verdade é que Cristo morreu e levantou-se novamente porque Ele era a divindade imanente num corpo humano. Através dos processos da evolução e da iniciação, Ele demonstrou-nos o significado e o propósito da vida divina presente n'Ele e em todos nós. Porque Cristo era humano, se levantou novamente. Porque era também divino, Ele se levantou novamente e, na representação do drama da ressurreição, Ele nos revelou aquele grande conceito da continuidade do desenvolvimento que foi sempre a tarefa dos

Mistérios, de todos os tempos, revelar.

Repetidamente verificamos que os três episódios relatados nos Evangelhos não são acontecimentos isolados na vida de Jesus de Nazaré, mas que eles se tinham passado repetidamente nos lugares secretos dos Tempos dos Mistérios, desde a aurora dos tempos. Os Salvadores do passado foram todos sujeitos aos processos da morte, de alguma maneira, mas eles todos se ergueram novamente ou foram transladados para a glória. Nas cerimônias de iniciação, este sepultamento e ressurreição no final dos três dias era uma cerimônia familiar. A história nos conta de muitos desses Filhos de Deus que morreram e se ergueram novamente, para finalmente ascender aos Céus. Encontramos, por exemplo, que "as Exéquias de Adonis eram celebradas em Alexandria (no Egito) com extremo aparato. Sua imagem era carregada com grande solenidade até uma tumba, que servia aos fins de lhe serem prestadas as últimas honras. Antes de cantarem sua volta à vida, havia ritos fúnebres celebrados em honra ao seu sofrimento e à sua morte. A grande ferida que ele recebera era mostrada, assim como era exibido o ferimento provocado no Cristo, pela ponta da lança. A celebração de sua ressurreição fora fixada em 25 de março."³ Há a mesma lenda ligada aos nomes de Tammuz, de Zoroastro, de Esculápio. A este último, Ovídio dirigiu as seguintes palavras:

"Saudações, Grande Médico do mundo!
Saudações, poderoso Infante que no porvir
Curará as nações e defraudará o túmulo.
Rápido seja Teu crescimento, Teus ilimitados triunfos
Fazem crescer os reinos e aumentar a humanidade.

Tua ousada arte animará os mortos,
E atrairá sobre Tua culpada cabeça o trovão;
Então morrerás, mas da morada das trevas
Te elevarás vitorioso e serás por duas vezes Deus."⁴

3 - *Metamorfoses de Ovidio* - versão de Addison, citada na *Diegesis de Taylor*, pág. 148.

4 - *Origin of Religious Belief*, Dupius, pág. 161.

Essas palavras poderiam ter sido perfeitamente dirigidas a Cristo e servem para indicar a antiguidade do Ensino do Mistério que, com indissolúvel continuidade, revelou a divindade no homem e lhe mostrou o Caminho de um Salvador. Mas nos tempos antigos esses mistérios eram representados em segredo, e os rituais de iniciação eram somente administrados àqueles que eram considerados aptos a atravessar as cinco grandes experiências do Nascimento até a Ressurreição. A condição ímpar do trabalho do Cristo esteve no fato de que Ele foi o primeiro a representar os ritos cerimoniais e rituais de iniciação inteiros, publicamente, diante do mundo todo, dando assim à humanidade uma demonstração da divindade centrada numa só pessoa, de modo que todos pudessem ver, pudessem conhecer, crer e seguir Seus passos.

As mesmas histórias são relatadas a respeito de Hércules, de Baldur, de Mitras, de Baco e de Osíris, para mencionar apenas uns poucos de um grande número. Um dos primitivos Pais da Igreja, Firmicus Maternus, nos relata que os mistérios de Osíris

guardavam estreita semelhança com os ensinamentos cristãos e que após a ressurreição de Osíris seus amigos se regozijam juntos, dizendo, "Nós o encontramos." Annie Besant põe isso em destaque numa iluminadora passagem:

"Nos Mistérios Cristãos - como nos antigos Egípcios, Caldeus, e outros, - havia um simbolismo externo que expressava os estágios pelos quais o homem estava passando. Ele era levado a uma câmara de Iniciação, e era estendido no chão com os braços estendidos, algumas vezes sobre uma cruz de madeira, outras vezes meramente no chão de pedra, na postura de um homem crucificado. Ele era então tocado com o tirso sobre o coração - a 'lança' da crucificação - e, deixando o corpo, penetrava nos mundos do além, o corpo caindo num profundo transe, a morte do crucificado. O corpo era então colocado num sarcófago de pedra e ali deixado, cuidadosamente guardado. Neste intervalo o próprio candidato se encontrava primeiro atravessando as estranhas e obscuras regiões chamadas "o coração da terra", e em seguida o monte celestial, onde ele se revestia do perfeito corpo da bem-aventurança, agora plenamente organizado como um veículo de consciência. Nele, ele voltava ao corpo de carne, para reanimá-lo. A cruz sustentando aquele corpo, ou o corpo rígido e em transe, se não tivesse sido usada uma cruz, era retirado do sarcófago e colocado sobre uma superfície inclinada, de frente para o leste, pronto para o nascer do sol no terceiro dia. No momento em que os raios de sol tocavam sua face, o Cristo, o perfeito Iniciado ou Mestre, reentrava no corpo, glorificando-o pelo corpo de bem-aventurança que Ele usava, mudando o corpo de carne pelo contato com o corpo de bem-aventurança, emprestando-lhe novas propriedades, novos poderes, novas capacidades, transmutando-o à Sua semelhança. Essa era a Ressurreição do Cristo e, dali em diante, o próprio corpo de carne se achava modificado, e adquiria uma nova natureza."⁵

5 - *Esoteric Christianity*, por Annie Besant, págs. 247, 248, 249.

Assim nós vemos que a história da ressurreição é muito antiga e que Deus sempre sustentou diante da humanidade, através dos Mistérios e através de Seus Filhos iluminados, o fato da imortalidade, como diante de nosso mundo cristão, através da morte e ressurreição de Seu amado Filho, Jesus Cristo.

Todo este problema da morte e imortalidade está atualmente ocupando a atenção de um público muito numeroso. A Guerra Mundial trouxe o fato da morte perante a consciência pública de uma forma nova. Dificilmente terá havido uma Família, em mais de vinte nações, que não tenha sido marcada pela morte, de uma maneira ou de outra. O mundo passou por um processo de morte e, na atualidade, o Mistério da Ressurreição se está tornando um tema da maior importância nas mentes dos homens. O pensamento da Ressurreição está se aproximando e seu significado tem sido a ideia central da Fraternidade Maçônica durante o decorrer do tempos, formando o ponto focal do trabalho do sublime Terceiro Grau. Em íntima relação com esta "elevação" maçônica, pode ser situado um pequeno e pouco conhecido sermão do Buda, no qual Ele ensina a Seus discípulos os "cinco pontos da Amizade" e assim relaciona estes cinco pontos, as cinco crises na vida do Cristo e os cinco pontos da lenda maçônica. Todas essas referências servem para mostrar a continuidade da revelação da qual a Ressurreição (com sua subsequente Ascensão), foi O acontecimento culminante para o Ocidente.

A principal necessidade da Cristandade de hoje é dar ênfase ao Cristo vivo, levantado. Já discutimos demais sobre a morte do Cristo, procurando impor um Cristo estreito e

sectário ao mundo. Alimentamos os fogos da separatividade com nossas divisões cristãs, igrejas, seitas e "ismos." "Seu nome é legião" e a maioria delas é fundada com base em alguma apresentação sectária do Cristo morto e dos aspectos primitivos de Sua história. Unamo-nos agora com base no Cristo elevado - o Cristo vivo hoje, Cristo fonte de inspiração e fundador do reino de Deus; Cristo, o Cristo cósmico, eternamente sobre a Cruz, entretanto eternamente vivo; Cristo, o Salvador histórico, o fundador do Cristianismo, vigiando sua Igreja; Cristo, o místico, o Cristo mítico, representando nos quadros dos Evangelhos os episódios do desenvolvimento, de modo que todos os vivos possam aprendê-lo e segui-lo; e Cristo, vivo hoje em cada coração humano, a garantia da e a aspiração pela divindade, que a humanidade tão constantemente exhibe. Devido à presença do Cristo no homem, a convicção da divindade e da consequente imortalidade do homem parecem ser inerentes à consciência humana. Ela inevitavelmente ocupará cada vez mais a atenção do homem, até que seja demonstrada e comprovada; enquanto isso, foi demonstrado que algo aparentemente persiste além da morte física. O fato da imortalidade ainda não foi comprovado, embora ele constitua uma crença básica nas mentes de milhões, e onde tal crença é universalmente encontrada, deve indubitavelmente haver uma base.

A questão inteira da imortalidade está intimamente ligada com o problema da divindade e do mundo invisível, subjetivo, que parece estar por detrás do tangível e visível, frequentemente fazendo sentir sua presença. Trabalhando, por conseguinte, sobre a premissa do não visto e invisível, é provável que finalmente penetremos nele e descubramos que ele sempre esteve conosco, mas que estivemos cegos e incapazes de reconhecer sua presença. Alguns sempre o fizeram, e suas notas ecoam, fortalecendo nossa crença, alimentando nossa esperança e nos garantindo a experiência final.

Como então reconheceremos a verdade ou realidade, ao encontrá-la? Como saberemos que uma doutrina é de Deus, ou não? É tão fácil cometer enganos, crer no que queremos crer, e nos enganarmos no desejo de ter nossas próprias ideias apoiadas por outras mentes. As palavras do Dr. Streeter têm aqui uma nota definida de encorajamento porque elas indicam requisitos que podemos atender:

"Mesmo o enganar a Si mesmo, a última fortaleza do inimigo, perderá seu poder à proporção que o indivíduo se submeta a certas condições que (sob o ponto de vista dos escritores bíblicos) devem ser atendidas para qualificá-lo para a recepção de uma mensagem autêntica do Divino - seja ao nível do profeta que cria uma era, seja da pessoa simples corretamente dirigida no caminho do dever diário.

"Elas são principalmente quatro:

“(1) Agradar-me-ia ser para a Eterna Divindade o que a própria mão direita é para um homem! A absoluta devoção ou entrega do ser ao Divino. 'Aqui estou, envia-me', dizia Isaías; e quando Cristo dirigiu aos seus primeiros seguidores as palavras "Segui-me", contaram-nos que eles deixaram tudo e O seguiram.

“(2) O autoconhecimento e a consequente admissão de fracasso. A promessa 'Guiar-vos-ei com meu olho' no Salmo acima citado, é dada ao homem que confessou sua iniquidade e desta maneira estabeleceu uma correta relação com Deus. A primeira resposta de Isaías ao chamado divino foi aquele relance de autoconhecimento que traz de volta ao homem uma convicção de inutilidade e pecado: 'Sou um homem de lábios sujos'...

“(3) 'Ficai... até que do alto sejais revestidos de poder' (Lucas, XXIV, 49). Mas esta vida

de poder, um instinto de poder com amor e alegria e paz, somente pode ser vivida continuamente com dificuldade, exceto numa comunidade na qual o contato mútuo, o encorajamento mútuo e a confissão mútua de fracasso são fáceis...

“(4) A entrada em tal vida e tal comunidade envolve alguma medida de sofrimento, sacrifício, ou humilhação. 'E qualquer que não levar sua própria cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo' (Lucas XIV. 27). Talvez não seja por acaso que já no Velho Testamento a promessa 'Teus ouvidos ouvirão uma palavra por detrás de ti, dizendo Este é o caminho, entrai nele', é precedida pelas palavras 'e embora o Senhor vos dê o pão da adversidade e a água da aflição.?’”

É preciso coragem para enfrentar o fato da morte e formular com decisão as próprias crenças sobre o assunto. É um fato estatístico que cerca de cinquenta milhões de pessoas morrem anualmente. Cinquenta milhões de pessoas são mais do que a população inteira da Grã-Bretanha e constituem um grande grupo de seres humanos que fazem a grande aventura. Se é assim, o estabelecimento da verdade da Ressurreição de Cristo e a verdade da imortalidade são de importância muito maior do que o indivíduo possa pregar. Estamos muito aptos a estudar esses problemas quer sob o ponto de vista científico, quer sob o ponto de vista individual e puramente egoísta. A morte é o único acontecimento que podemos prever com absoluta certeza e entretanto é o acontecimento sobre o qual a maioria dos seres humanos se recusa a pensar, absolutamente, até que se tenham de deparar com o fato iminente e pessoal. As pessoas encaram a morte de muitas diferentes maneiras; algumas trazem para a aventura um sentimento de autopiedade e ficam tão ocupadas com o que têm de deixar atrás de si, o que vai acabar para elas, e a renúncia a tudo que juntaram na vida, que o verdadeiro significado do inevitável futuro deixa de prender sua atenção. Outros a encaram com coragem, fazendo o melhor do que não se pode fugir, e encaram a face da morte com uma atitude galante porque não há mais que possam fazer. Seu orgulho ajuda-os a ir ao encontro do evento. Outros ainda se recusam inteiramente a considerar a possibilidade; hipnotizam-se em uma condição na qual o pensamento da morte não encontra qualquer possibilidade de acolhida em suas consciências e não considerarão sua possibilidade, de modo que, quando ela chega, apanha-os desprevenidos; ficam sem qualquer ajuda e se mostram incapazes de fazer qualquer coisa além de simplesmente morrer. A atitude cristã, via de regra, é mais definitivamente uma aceitação da vontade de Deus, com a resolução de encarar o acontecimento, portanto, como o melhor dos acontecimentos, mesmo que assim não pareça, sob o ângulo do meio ambiente e das circunstâncias. Uma firme crença em Deus e Seu predestinado propósito para o indivíduo leva-os triunfantemente através dos portões da morte, mas se alguém lhes disser que esta é simplesmente uma outra forma do fatalismo do pensador Oriental e uma crença fixa num inalterável destino, não o considerariam verdadeiro. Escondem-se por trás do nome de Deus...

A morte pode, todavia, ser mais do que essas coisas, e pode ser encarada de uma forma diferente. Pode-se fazê-la ter um lugar na vida e no pensamento, e nós podemos nos preparar para ela como algo de que não se pode escapar, mas que é simplesmente a que traz as Mudanças. Assim, tornamos o processo da morte uma parte planejada de nosso propósito inteiro da vida. Nós podemos *viver* com a consciência da imortalidade, e isto dará um novo colorido e beleza à vida; nós podemos alimentar a consciência de nossa futura

transição e viver na expectativa de sua maravilha. A morte assim encarada, considerada como um prelúdio para uma experiência de vida seguinte, adquire um significado diferente. Ela se torna uma experiência mística, uma forma de iniciação, encontrando seu ponto culminante na Crucificação. Todas as prévias renúncias menores nos preparam para a grande renúncia; todas as mortes anteriores não passam do prelúdio para o estupendo episódio da morte. A morte nos traz alívio - temporário, talvez, embora finalmente permanente - da natureza corporal, da existência no plano Físico e sua experiência visível. É uma libertação da limitação; e quer se acredite (como milhões o fazem) que a morte seja somente um interlúdio numa vida de firme acumulação de experiência, quer que seja o fim de todas essas experiências (como muitos outros milhões sustentam), não se pode negar o fato que ela marca uma definitiva transição de um estado de *consciência para outro*. Se alguém acreditar na imortalidade e na alma, esta transição pode estimular uma intensificação da consciência; enquanto que, se o ponto de vista materialista dominar, pode indicar o fim da existência consciente. A questão crucial é, por conseguinte: Será aquilo a que chamamos alma, imortal? Qual é o significado da imortalidade?

É urgente hoje que recuperemos alguma forma de fé no mundo subjetivo interno, e em nossa relação com ele. Sobre isto se deverá elevar ou cair o êxito do trabalho e da mensagem do Cristo. Estes são os dias em que tudo está sendo posto em dúvida - e o fato da alma e sua imortalidade talvez mais do que tudo. Este é um estágio necessário e valioso, contanto que continuemos procurando respostas para tais perguntas.

Muitos podem considerar esses "distúrbios morais" como oportunas indicações de uma saída da condição estática em todos os reinos do pensamento humano que marcaram a primeira parte do último século, e que hoje estamos na iminência de uma nova era de valores espirituais mais verdadeiros. Mas as estruturas mais novas da fé e da conduta devem ter seus fundamentos no melhor que o passado tem a oferecer. Os ideais que o Cristo enunciou ainda permanecem os mais elevados jamais dados na continuidade da revelação, e Ele Próprio nos preparou para o afloramento daquelas verdades que marcarão o tempo do fim e a vitória sobre o último inimigo, cujo nome é Morte.

Esta contestação da crença, e esta derrubada com uma esperança inerente deverão continuar até que se tenha ganho segurança, a crença se tenha tornado conhecimento, e a fé, certeza.

O homem sabe, sem controvérsia, que há um objetivo maior do que suas intenções mais medíocres e que uma vida existe que abrangerá seu mais amplo alcance, capacitando-o finalmente a conquistar seu ideal mais elevado, embora somente tenuemente percebido. Uma apreciação da Ressurreição poderá dar uma certeza maior, contanto que tenhamos em mente a longa continuidade da revelação dada por Deus, e nos conscientizemos de que podemos saber pouco por enquanto, além do fato de que os Filhos de Deus morreram e novamente se ergueram, e que por trás desse fato se acha uma causa básica.

Os tibetanos falam do processo da morte como o da "entrada na clara luz fria."⁷ É possível que a morte possa ser melhor considerada como a experiência que nos liberta da ilusão da forma; e isto traz claramente a nossas mentes a consciência de que quando falamos da morte estamos nos referindo a um processo que diz respeito à natureza material, ao corpo, com suas faculdades psíquicas e seus processos mentais. Isto, portanto, pode ser reduzido a uma interrogação quanto a se somos o corpo e nada mais do que o

corpo, ou se a antiga escritura da Índia estava certa ao assinalar que:

"Certa é a morte do que nasceu, e certo é o nascimento do que morre; portanto, não vos deixeis lamentar num assunto que é inevitável... Este senhor do corpo habita sempre imortal no corpo de cada um."8

7 - *The Tibetan Book of the Dead*, por W. Y. Evans-Wentz, pág. 29.

8 - O *Bhagavad Gita*, II, 26, 29, tradução de F. V. Lorenz, Editora "O PENSAMENTO".

Um moderno poeta cristão expressou a mesma ideia nas seguintes belas palavras:

"A morte é para a vida como o mármore para o escultor,
Espera pelo toque que deixa a alma partir livre;
A morte é aquele momento em que o nadador sente
A rápida dor do mergulho na piscina,
Seguida pelo riso onde as borbulhas fluem
Da água dividida e o sol
As transforma em cristal; a vida e a luz são uma S6."9

9 - *The Modernists*, por Robert Norwood, pág. 57, Sócrates.

Poderia aqui ser pertinente indagar que procuramos ver permanecer? Uma análise da própria atitude quanto à questão inteira da morte e da imortalidade pode frequentemente servir para tirar a mente da indefinição e do que é vago, com sua base no medo, na inércia mental e no pensamento confuso. As seguintes questões, por conseguinte, vêm à mente e impõem consideração.

Como sabemos que o processo da morte produz tais definidas modificações em nossa consciência, que demonstrem ser fatais para nós, como seres animados dotados de percepção, e torna fútil todo prévio esforço de pensamento, desenvolvimento e compreensão? A maravilha da Ressurreição do Cristo, na medida em que Sua Personalidade esteve em jogo, consistiu no fato que, depois de ter passado pela morte e novamente se erguido, Ele foi essencialmente a mesma Pessoa, somente com poderes acrescentados. Não poderá ser o mesmo conosco? Não será que a morte simplesmente remova a limitação num sentido físico, deixando-nos com sensibilidades ampliadas e um senso mais claro de valores? Esta vida nos modelou com certas definidas expressões de forma e qualidade e estas, certa ou erradamente, constituem aquilo que é o Ego, aquilo que é o homem real, considerado do ângulo da vida humana. Há algo em nós que recusa a identificação final com a forma física, em que pese o que a ciência e o inexperiente possam nos dizer. Um Ego intuitivo, *substancial* interno, repudia firme e universalmente a aniquilação e sustenta firmemente a crença de que a busca, o objetivo e os valores percebidos e pelos quais lutamos, devem levar a algum lugar, em algum momento, de alguma maneira, e provam seu próprio valor. Qualquer outro ponto de vista peca pela falta absoluta de um inteligente plano na existência e leva ao desespero que S. Paulo expressou nas palavras: "Se nesta vida só tivermos esperança no Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens."¹⁰ Estamos certamente a caminho de algo valioso e dinâmico; de outro modo, a vida é um processo fútil de errar sem destino; de cuidar de um corpo e educar u'a mente que não valem para coisa alguma, e não têm valor para Deus nem para os homens. Isto, nós sabemos, não pode ser o caso.

10 - I Cor., XV, 19.

É a prolongação do valor, daquilo que vale à pena, e a continuação do incentivo

persistente, interno, divino, para progredir, criar e beneficiar os demais que parecem, aos que já alcançaram o ponto onde o pensamento é consecutivamente possível, conter a pista para o problema da imortalidade. A história inteira do Cristo vai provar isto. Ele provou, durante toda Sua vida de consagrado serviço e devoção aos Seus semelhantes que Ele tinha alcançado o ponto, em Sua evolução, no qual tinha algo a contribuir para o bem do todo; Ele alcançara altitude na escada evolutiva e Sua humanidade fora perdida de vista na divindade que Ele expressava. Ele tinha aquilo que representava valor para oferecer a Deus e ao homem e Ele o oferecera sobre a Cruz. Custou-Lhe a vida, fazer Sua contribuição para a fonte do corpo todo, mas Ele o fez. Devido ao valor do que Ele alcançara, e ao valor da *vivência* de Sua contribuição, Ele pode demonstrar a imortalidade. É o valor imortal que sobrevive, e onde aquele valor existe a alma não necessita mais da escola da experiência humana.

Este pensamento dá origem à questão: Que é, por conseguinte, que procuramos ver sobreviver? Que parte de nós consideramos como desejavelmente imortal? Que, em cada um de nós, *exige permanência*? Certamente nenhum de nós procura ver o corpo físico ressurreto, nem estamos ansiosos para nos vermos novamente escravizados e confinados pelo atual veículo limitador no qual a maioria se encontra. Seu valor parece inadequado para a experiência da ressurreição e para o dom da imortalidade. Nem estamos desejosos, certamente, de ver a mesma natureza psíquica, com seu agregado de humores e sentimentos e reações sensitivas à condição do meio ambiente, nos dominar novamente. Igualmente certo, nenhum de nós terá prazer em contemplar a velha ideia de um paraíso açucarado onde passamos nosso tempo revestidos de alvas roupagens, cantando e falando sobre assuntos religiosos. Já ultrapassamos essas ideias, e a elas o Próprio Cristo se referiu, refutando-as diretamente. Ele Se ergueu dentre os mortos e entrou numa vida de serviço ativo aumentado. Os "outros carneiros", que Ele tinha de reunir deveriam ser procurados e pastoreados;¹¹ Seus discípulos deviam ser treinados e ensinados; Seus seguidores deveriam ser guiados e ajudados; o reino de Deus devia ser organizado na terra. E ainda o Cristo erguido se movimenta entre nós, muitas vezes não reconhecido, mas ocupado com a tarefa da salvação e do serviço mundiais. Não há paraíso de paz e repouso e inatividade para o Cristo, enquanto permanecemos não salvos; não haverá nenhum, seguramente, para aqueles de nós que procuramos seguir Suas pegadas.

11 - S. João, X, 16.

Quando a vida de um homem tenha ganho significação, então ele está pronto para trilhar o caminho probacionário e da purificação, na preparação para os mistérios; à medida que sua significação e influência aumentam, ele pode passar, estágio após estágio, através do processo de iniciação, e trilhar o caminho da santidade. Ele pode "nascer em Belém", porque o germe daquilo que é dinâmico e vivo é despertado e ganha potência e significação e deve, por conseguinte, fazer seu aparecimento; ele pode passar pelas águas da purificação e atingir o topo da montanha da transfiguração, onde aquilo que é de valor brilha em toda sua glória." Tendo alcançado aquele momento de experiência elevada e aquilo que ele tem realmente valioso sendo reconhecido por Deus como tal, ele está pronto e só então, para oferecer sua vida no altar do sacrifício e do serviço, e pode volver sua face para subir a Jerusalém, para ser crucificado. É o inevitável fim para aquilo que é de valor. É o subjacente propósito de todo o processo de aperfeiçoamento, já que há, agora, algo que

vale à pena ser oferecido. Mas embora isto possa ser o fim da expressão do valor básico, é essencialmente o momento do triunfo do valor, e a demonstração de sua *imortalidade*. Porque aquilo que tem valor, a beleza divina e oculta que a experiência da vida e a iniciação serviram para revelar, não pode morrer. Ela é essencialmente imortal e deve viver. Esta é a verdadeira ressurreição do corpo. Quando a consciência do valor e do valioso *reconhecimento* do alcance do homem, assim como do que consegue, são considerados, a vida de serviço (levando à morte) e a da ressurreição (levando à plena cidadania no reino de Deus) começam a ganhar em significado. O corpo que agora temos é relativamente inútil; a soma total dos humores e reações mentais aos quais agora nos submetemos não tem valor para nenhum de nós; o ambiente no qual vivemos e nos movemos não tem em si certamente nada que garanta sua infinita perpetuação. Em resumo, uma continuação do eu pessoal em algum céu que seja a extensão de nossa própria consciência individual, e o conceito de uma eternidade infinita vivida com o próprio, não tem, para a maioria de nós, qualquer atração. Entretanto, um aspecto do ser anseia pela imortalidade e pelo senso de infinidade. A "infinita prolongação no tempo da própria carreira" levou a muita confusão de pensamento. Poucos de nós, se seriamente chamados a considerar o problema e responder seriamente, sentiríamos que, como indivíduos, deveríamos exigir medidas para nossa infinita permanência. Um senso de verdade e justiça nos poderia conduzir honestamente à conclusão de que nosso valor para o universo é praticamente *nulo*. E, entretanto, sabemos que há um valor e uma razão por trás de toda nossa experiência de vida e que o mundo fenomênico, do qual somos indubitavelmente parte, vela ou esconde algo de infinito valor, do qual somos também parte.

Procuramos ter certeza de que aqueles a quem amamos e prezamos não se percam. Procuramos compartilhar com eles algum estado de felicidade que tenha em si valores mais verdadeiros do que qualquer que tenhamos conhecido na terra; procuramos prolongar, no tempo e no espaço, o estado familiar que amamos e estimulamos. Desejamos uma compensação pelo que suportamos, e a conscientização de que tudo teve um propósito e valeu à pena. É este anseio, esta crença, esta determinação em persistir, que jaz por trás de toda conquista e que é o incentivo e o impulso sobre os quais baseamos todo esforço. Sócrates assinalou este argumento básico para a imortalidade quando disse que "ninguém sabe o que é a morte, e se ela não é a maior de todas as boas coisas. Entretanto, ela é temida como se fosse o supremo mal... Quando a morte se aproxima do homem, aquilo que é mortal, nele, se assusta; aquilo que é imortal e incorruptível se retira intacto."

Três pensamentos são importantes ao considerarmos este problema de valor, que é tão peculiarmente evidenciado pelo Cristo, e que foi a verdadeira razão pela qual Ele se ergueu novamente. Sua imortalidade se baseava em Sua divindade. Sua divindade se expressava através da forma humana, e naquela forma evidenciou valor, destino, serviço e propósito. Todos esses Ele demonstrou perfeitamente e por isso nem a morte pode retê-Lo, nem as cadeias da tumba impedir Sua libertação.

O primeiro pensamento é que a imortalidade é a salvaguarda daquilo com que realmente nos importamos. O fator sobre o qual pomos ênfase em nossas vidas diárias sobrevive e funciona em algum nível de consciência. Devemos atingir, e finalmente o conseguimos, o que exigimos. Quando nos ocupamos com aquilo que é eterno no valor, então a vida eterna, livre das limitações da carne, é nossa. Dean Inge nos diz que "na

proporção que nós nos podemos identificar com os valores absolutos, estaremos certos da imortalidade." O que realmente nos interessa, então, em nossos momentos mais elevados, quando livres das ilusões da natureza emocional, determina nossa vida imortal.

A questão se apresenta, pois, relativamente ao que ocorre quando o senso de valores está distorcido ou temporariamente deixa de existir. Numa tentativa de resolver esta questão, milhões de pessoas aceitaram a doutrina Oriental do renascimento, que afirma ser o mundo o "vale de fazer-almas", como Keats o chamou, e que ensina que nós voltamos e tornamos a voltar à vida física, até que chegue o tempo em que nossos valores estejam propriamente ajustados e possamos atravessar as cinco iniciações até a libertação. Muito do ensinamento dado nos livros ocultistas e esotéricos está distorcido e fantasiado, mas é evidente ao estudante sem preconceitos que há muito a ser dito sobre a doutrina do renascimento. Em última análise, se se deve finalmente alcançar a perfeição, a questão é meramente de tempo e lugar. O cristão pode crer numa perfeição súbita através do processo da própria morte, ou numa aceitação mental da morte de Jesus, que ele chama de "conversão"; ele pode considerar a morte como a porta para um lugar de disciplina e desenvolvimento a que ele chama de "purgatório", onde se desenvolve um processo de purificação; ou ele pode acreditar que os próprios ajustamentos celestiais são feitos e expansões de consciência têm lugar, que o tornam um homem diferente do que ele era antes. O oriental pode crer que a terra provê adequadas facilidades para o treinamento e os processos de desenvolvimento, e que voltamos e tornamos a voltar, até alcançarmos a perfeição. O objetivo permanece um só. A meta é idêntica. A escola está num lugar diferente e a consciência se desenvolve em várias localidades. Mas isto é tudo. Platão afirmou que:

"Confinada no corpo como numa prisão ... a alma procura sua prístina esfera de pura racionalidade buscando a vida filosófica, pensando no universal, amando e vivendo de acordo com a razão. A vida física é apenas um episódio na eterna carreira da alma, que precede o nascimento e prossegue além da morte. A vida na carne é uma trial provação; a morte, a libertação e a volta ao destino da alma; para outro período de provação, ou para o reino da razão pura."

Em algum lugar, consciente e voluntariamente, devemos aprender a entrar e trabalhar no mundo dos valores, e assim nos ajustarmos para a cidadania no reino de Deus. Foi a demonstração disso que Cristo deu.

O segundo pensamento a ser considerado é que o esforço do homem, sua luta para conquistar, seu senso de Deus, inato e verdadeiro, seu constante esforço para melhorar as condições e para dominar a Si mesmo tão bem quanto o mundo natural, deve ter um objetivo; de outro modo, tudo que vemos acontecendo à nossa volta fica vazio, fútil e sem sentido. Foi este domínio sobre Si Mesmo e sobre os elementos da natureza, e a firme direção de Seu propósito, que conduziu o Cristo de ponto a ponto e O capacitou a abrir a porta para o reino e a erguê-Lo dos mortos, "as primícias dos que dormem."¹²

12 - I Cor., XV, 20.

O propósito deve subjazer à dor. Um objetivo deve ser percebido sob toda atividade humana. O idealismo dos líderes da raça não pode ser sempre uma alucinação. A conscientização de Deus deve ter alguma base nos fatos. Os seres humanos estão convencidos de que a injustiça aparente do mundo provê legítima certeza de um porvir no

qual a integridade do propósito divino seja reivindicada. Há uma crença básica de que o bem e o mal estão em combate na natureza humana e que o bem deve inevitavelmente triunfar. O homem vem afirmando isso em todos os tempos. A humanidade desenvolveu muitas teorias para elucidar o homem e seu futuro, a sua preparação para a vida do além e a sua razão aqui na terra. Com o detalhe destas teorias não nos precisamos ocupar, nem há tempo. Elas são em si próprias prova do fato da imortalidade e da divindade humanas. Ele intuiu a possibilidade última e não descansará enquanto não a atingir. Quer seja a pluraridade das vidas em nosso planeta, conduzindo a uma perfeição última, quer seja a teoria budista levando ao *Nirvana*, o objetivo é o mesmo. Esta última teoria é belamente resumida num livro que trata das doutrinas secretas a filosofia tibetana:

"... Quando os Senhores da Compaixão tiverem civilizado espiritualmente a Terra e a transformado num Paraíso, será revelado aos Peregrinos o Caminho Infinito que leva ao Coração do Universo. O homem, então não mais homem, transcenderá a Natureza e, impessoal, contudo conscientemente em unidade com todos os Iluminados, ajudará a cumprir a Lei da Evolução Superior, da qual o Nirvana apenas o começo."¹³

13 - *Tibetan Yoga an Secret Doctrines*, editado por W. Y. Evans-Wentz, pág. 12.

Aqui temos a ideia do reino de Deus aparecendo na Terra porque a humanidade estará espiritualmente civilizada, e a conquista da perfeição que o Cristo inculcou.

Há também a doutrina da eterna recorrência, na qual tanto Nietzsche quanto Heine acreditavam, com sua ênfase numa existência terrestre, incessante recorrente, de cada unidade de força, até que uma alma tenha evoluído. A opressiva doutrina de nossa sobrevivência como influências perpetuadas na raça à qual pertencemos também foi desenvolvida, dando ênfase a um altruísmo que é admirável, mas é também a negação do individual. As doutrinas cristãs ortodoxas são em número de três e consistem da doutrina da retribuição eterna, da restauração universal e da imortalidade condicional. A estas devemos acrescentar as especulações dos Espiritualistas, com suas várias esferas, correspondendo de algum modo aos mundos sutis, sete em número, dos teósofos e dos rosa-cruzes; e também a extrema teoria da aniquilação, que não encontra muita resposta nas mentes sadias. O valor de todas essas doutrinas consiste em atrair a atenção para o eterno interesse do homem no além, e suas muitas especulações quanto ao seu futuro e à sua imortalidade.

Cristo morreu e se levantou novamente. Ele vive. E algumas pessoas no mundo de hoje não necessitam de provas para este fato. Elas sabem que Ele está vivo e que, porque Ele vive, nós viveremos também. Em nós está o mesmo germe da vida essencial que, Nele, floresceu até a perfeição, superpondo-se à tendência à morte inerente no homem natural. Seguramente, então, podemos dizer que a imortalidade consiste, para nós, de três estágios:

Primeiro, como aquela vivência que nós denominamos de impulso para evoluir, o impulso para progredir, para levar adiante, viver e saber que se está vivo. Este é o incentivo por detrás da determinação do homem em se identificar como indivíduo, com seu próprio Ciclo de Vida, com seu próprio inato propósito e seu eterno futuro.

Em segundo lugar, como aquela consciência dinâmica espiritual que se manifesta, na reorientação para a eternidade e os valores eternos, que é a característica marcante do homem que está pronto a dar os passos necessários para demonstrar sua vida espiritual e agir como um imortal. Então, a ressurreição que está adiante dele e que o Cristo expressou,

é vista como sendo algo diferente do que anteriormente se supunha. A seguinte definição da verdadeira ressurreição, tal como começa a surgir diante dos olhos do homem que desperta para a glória do Senhor em seu próprio coração e imanente em toda forma, encontra lugar:

"A ressurreição não é o levantar dos mortos de seus túmulos, mas a passagem da morte da auto-absorção para a vida do amor altruísta a transição das trevas do individualismo egoísta para a luz do espírito universal, da falsidade para a verdade, da escravidão do mundo para a liberdade do eterno. A criação 'geme e trabalha sofrendo' para ser libertada da prisão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus!" ¹⁴

14 - *The Supreme Spiritual Ideal*, por S. Radhakrishna, Hibbert Journal, outubro, 1936.

O terceiro e último pensamento que deve receber ênfase é o de que somos ressurretos para a vida eterna e nos tornamos da companhia dos imortais ao nos ajustarmos para nos tornarmos cooperadores do Cristo no reino. E quando perdemos a consciência do individual separatista e nos tornamos divinamente conscientes do todo do qual somos parte, que aprendemos a lição Final da vida e "não precisamos mais voltar." É a morte do individual e a perda da consciência pessoal que tememos e nos apavora. Nós não percebemos que quando a visão do reino é nossa, quando a criação inteira brilha diante de nossos olhos, é aquele Todo que nos importa e perdemos de vista nossos eus pessoais.

A ressurreição, portanto, poderia ser definida como a persistência no futuro daquilo que é o divino aspecto, e que está integrado com a vida e a consciência daquela totalidade a que chamamos Deus. Aquela vida e aquela consciência fluem através de todas as partes da manifestação divina, o mundo natural. Os reinos da natureza evoluíram um a um e, ao assim fazerem, expressaram algum aspecto de Sua vida à medida que ela informa e anima Sua criação. Um a um, eles firmemente progrediram da consciência inerte e do ritmo lento e pesado do reino mineral e revelaram sequencialmente mais e mais da divina natureza oculta, até chegarmos ao homem cuja consciência é de uma ordem muito mais elevada e cuja divina expressão é aquela da Divindade autoconsciente e autodeterminada. Das formas automáticas de consciência, a vida de Deus conduziu as formas de vida através da consciência sensível, até a consciência instintiva do animal; depois ela prosseguiu até o reino humano, onde a consciência de si mesmo domina, até os membros mais elevados daquele reino começarem mostrar uma disposição para a divindade. Os tênues, fracos sinais de um reino ainda mais elevado podem agora ser vistos, no qual a consciência própria dará lugar à consciência grupal e o homem saberá que ele é identificado com o Todo, e não simplesmente um indivíduo autossuficiente. Então a vida do corpo todo de Deus poderá fluir conscientemente para e através dele, e a vida de Deus se torna sua vida e ele ressuscita para a vida eterna.

Portanto, a tendência dos assuntos humanos atualmente em direção à síntese, à cooperação, à fusão e à amalgamação, é um sinal do avançado estágio que a humanidade alcançou. É uma poderosa promessa e indica que a ressurreição para a vida, da qual todos os Filhos de Deus, em todos os tempos, deram testemunho, é agora uma possibilidade geral. A humanidade de hoje, como um todo, olha para a vida porque seus valores são reais, sua integridade está sendo firmemente assegurada, e as indicações mundiais (tal como manifestadas através das nações e grupos) são orientadas para a síntese e a cooperação. O atual tumulto mundial é apenas o resultado deste processo de reorientação,

e tem seu paralelo no processo da "conversão" cristã e nos ajustamentos incidentais àquele acontecimento, que usualmente alteram e rearrumam o programa inteiro da vida humana. O programa mundial está assim sendo reajustado e o imediato resultado é o caos. Mas a nova direção está assegurada e nada pode impedir o progresso da entrada da humanidade na vida. Daí a crise mundial - os reajustamentos, a tendência à fusão e à síntese. A nova raça, que é imortal, está vindo à existência, e, entretanto, ela é a mesma raça num ponto novo e mais elevado de realização. A Grande Expectativa então é que o Nascimento na Raça Imortal possa ocorrer aqui e agora, como já foi conscientizado por aqueles da humanidade que se tornaram Divinos.

O reino de Deus caminha para sua consecução. O propósito da vida, morte e ressurreição de Cristo, está na iminência de alcançar consumação. Um novo reino está vindo à existência; um quinto reino da natureza se está materializando e já tem um núcleo funcionando na terra em corpos físicos. Por isso, vamos saudar a aspiração e a luta do tempo atual, pois são um sinal da ressurreição. Compreendamos a sublevação e o caos, pois a humanidade irrompe do túmulo do egoísmo e do individualismo e vem para o lugar da luz viva e da unidade, pois é a ressurreição. Penetremos nas trevas com aquela luz que nós temos e vejamos a humanidade se agitar, os ossos mortos voltando à vida, descartando-se as ataduras e bandagens, já que a força espiritual e a vida jorram na raça dos homens, pois esta é a ressurreição.

Somos privilegiados por estar presentes num momento de grande crise para a raça. Estamos presenciando o nascimento de uma raça nova e imortal. Uma raça na qual o germe da imortalidade irá florir, e na qual a divindade poderá expressar-se através da transfiguração da humanidade. Aquilo que tem valor está vindo à superfície. Sempre esteve ali, mas hoje pode ser visto, anunciando a consumação do trabalho do Cristo e trazendo à realização Sua visão.

CAPÍTULO VII

NOSSO OBJETIVO IMEDIATO: A FUNDAÇÃO DO REINO

PENSAMENTO CHAVE

"Qualquer dado momento da vida deve escolher entre dois deuses, psicologicamente incompatíveis. De um lado, a paz do eremita, o silêncio da floresta, a exaltação do sacrifício, o poderio da simplificação e da unidade, a alegria do abandono de si mesmo, a calma da absoluta contemplação, a visão de Deus. De outro lado, a variedade e a tensão da vida, o sabor de fins comuns, o domínio dos meios, a glória da infinita iniciativa o orgulho da criatividade e da posse de si mesmo. O mundo moderno, como um todo, fez sua escolha. Mas há uma escolha melhor; ou seja, a escolha de ambos. Para a vida de cada um é que ela pode perder-se, de tempos em tempos, na vida do outro. E isto, que é óbvio nas coisas parciais, é verdadeiro - e ainda principalmente verdadeiro - nas coisas totais."

The Meaning of God In Human Experience,
por W. E. Hocking, p. 427

Seguimos o Cristo de Belém ao Calvário e, através da Ressurreição, ao episódio em que Ele desapareceu da vista do mundo tangível e entrou no mundo dos valores subjetivos, para aí atuar como o "Mestre de todos os Mestres e o Instrutor, quer dos anjos quer dos homens." Nosso enfoque das cinco crises em Sua vida pôs muito mais em destaque a importância mundial delas, do que sua significação para nós, como indivíduos. Vimos que houve uma rebelião (muito justa) contra a ênfase posta pelos teólogos do passado sobre o sacrifício de sangue do Cristo; e chegamos à conclusão de que a necessidade do mundo de hoje é do reconhecimento de um Salvador levantado. Registramos o fato de que a singularidade de Sua missão consistiu em que, na "plenitude do tempo", Ele veio fundar o reino de Deus para trazer à existência sobre a terra um outro reino da natureza e assim estabelecer a linha divisória entre aquilo que é objetivo e ilusório e aquilo que é subjetivo e real. Sua vinda assinalou a linha de demarcação entre o mundo das formas ou símbolos, e o dos valores ou do significado. Estamos entrando neste último mundo com grande rapidez. A ciência, a religião e a filosofia estão hoje ocupadas com a *significação* e suas investigações as estão conduzindo para fora do mundo das aparências; os governos e as ciências a eles ligadas - a política, a economia e a sociologia - estão, por sua vez, lidando com ideias e ideais. Mesmo no reino das desordens sociais e das guerras - gerais, esporádicas ou civis - vemos o conflito de ideais divergentes, e não mais guerras de agressão ou em defesa da propriedade. Estas distinções entre o objetivo e o subjetivo, entre o tangível e o intangível, o visível e o invisível, o Cristianismo estimulou porque eram essas as diferenças que o reino de Deus e o reino do homem apresentavam. Cristo veio dar à vida um significado e um valor, assim como o Buda veio esclarecer-nos a respeito dos falsos valores em que nosso mundo moderno se apoia.

Um estudo dos ensinamentos dados anteriormente mostrará que cada ensinamento e cada sofrimento Filho de Deus antecedendo ao Cristo, fizeram duas coisas:

Em primeiro lugar, Ele preparou o caminho para o Cristo, proporcionando o ensinamento que Sua particular época, período e civilização requeria; e em segundo lugar, Ele representou em Sua vida o que os Mistérios ensinavam, o que, todavia, antes de Cristo, estava confinado aos muito poucos que estavam sendo preparados para a iniciação, ou que podiam penetrar, pelo direito da iniciação, nos templos daqueles Mistérios.

Então veio o Buda e falou para a multidão, dizendo-lhe qual era a fonte de sua miséria e descontentamento, e lhe dando, nas Quatro Nobres Verdades, uma concisa descrição da situação humana. Ele delineou o Nobre Caminho Óctuplo governando a conduta reta e deu, na realidade, as regras que deveriam controlar quem trilhe o Caminho do Discipulado. Então, tendo Ele Próprio alcançado a Iluminação, entrou no "Segredo Lugar do Altíssimo", para voltar uma vez por ano, como nos conta a lenda, e abençoar o mundo. Aquele dia da bênção (o dia da lua cheia de maio) é preservado no Oriente como um dia santificado geral e, no ocidente, muitas centenas também o conservam como um dia de recordação espiritual.

Depois, veio o Cristo e apresentou ao mundo e tornou públicos em Sua vida e através dos seus pontos críticos, os grandes processos da iniciação (em número de cinco) que estão à frente de todos os que guardam as regras que Seu grande Irmão estabeleceu. Ele conduziu o ensinamento até o passo seguinte e o tornou acessível às massas. Assim foi perpetuada a continuidade da revelação. O Buda nos ensinou as regras para os discípulos em preparação para os Mistérios da iniciação, ao passo que o Cristo nos deu o estágio seguinte e nos mostrou o processo de iniciação, desde o momento do novo nascimento no reino até o da ressurreição final para a vida. Seu trabalho foi inigualável em seu tempo e lugar, pois assinalou uma consumação do passado e uma entrada em algo absolutamente novo, naquilo que dizia respeito à humanidade, como um todo.

A humanidade tinha também alcançado um estágio único em seu desenvolvimento. A raça se tinha tornado inteligente e a personalidade do homem - física, emocional e mental - tinha sido levada até um ponto definido de integração e coordenação. Isto, numa escala tão imensa, foi inigualável. Houvera personalidades isoladas. Agora, na era de Cristo, vivemos numa época de personalidades. Tão elevado é o nível geral da vida da personalidade integrada que estamos capacitados para sentir que alcançamos uma era em que não há figuras destacadas. Isto provavelmente se deve ao fato de que a média geral do desenvolvimento humano é tão alta que o poder de se destacar de maneira dominante se tornou muito mais limitado. Devido a este desenvolvimento, a humanidade (considerando-a como um reino da natureza) alcançou um ponto onde algo novo pode emergir, como sempre aconteceu em circunstâncias análogas em outros reinos. Podemos produzir, e como uma raça dar nascimento a ele, o próximo reino da natureza, que Cristo chamou o reino de Deus; este é o reino das almas, reino das vidas espirituais, e nele, sem paralelo, emerge o Cristo. Ele é fundador daquele reino. Ele proclamou sua existência e indicou sua natureza. Ele nos deu em Si Próprio uma expressão de suas qualificações e nos mostrou as características do cidadão daquele reino.

Através do exemplo de seu Fundador, a Cristandade também teve uma missão sem paralelo na inauguração da era de serviço. Serviço mundial, bem-estar mundial, interesse

mundial, intercomunicação mundial e a importância do bem geral são todos produtos da ênfase que o Cristo pôs na divindade humana e na fraternidade do homem, baseadas na Paternidade de Deus. Nenhuma outra religião ou era deu tamanha ênfase a esses pontos. Eles ainda permanecem em muitos modos como ideais, mas estão lentamente em processo de concretização.

Cristo conseguiu, pois, através de Sua obra, o seguinte:

1 - Ele exteriorizou os Mistérios de modo que eles se tornaram conhecidos da humanidade como um todo, e não são somente a posse secreta dos Iniciados.

2 - Ele representou o drama da iniciação diante do mundo, de modo que seu simbolismo pudesse penetrar na consciência humana.

3 - Ele nos deu uma demonstração de perfeição, para que não mais discutíssemos sobre a natureza de Deus; contudo, ao mesmo tempo, Ele nos deu a garantia de que nós também somos filhos de Deus e podemos, por conseguinte, alcançar a divindade se seguirmos Seus passos.

4 - Ele nos revelou o mundo do significado, e, na Pessoa do Cristo histórico, nos mostrou a significação do Cristo cósmico, o Cristo mítico, e do Cristo místico no coração de cada homem. Ele revelou a natureza de Deus transcendente e de Deus imanente.

5 - O passado da humanidade culminou n'Ele.; o presente encontra n'Ele sua solução, e o futuro é simbolizado em Sua vida e morte. Por conseguinte, todas as três linhas, do passado, do presente e do futuro, encontram-se n'Ele e Lhe dão Sua significação Ímpar.

6 - Ele fundou o reino de Deus no devido tempo quando o reino humano estava alcançando a maturidade. Ele demonstrou os valores daquele reino em Sua Própria vida, retratando para nós o caráter de sua cidadania e abriu a porta, amplamente para todos aqueles que se ajustassem (através do serviço e da disciplina) para sair do reino humano e entrar no reino espiritual.

7 - Ele elevou-se em Sua Cruz como uma fronteira, um símbolo, e um exemplo de método, entre o mundo dos valores tangíveis e o mundo dos valores espirituais, e nos chamou da morte da natureza inferior, de modo que o Espírito de Deus possa ter pleno domínio.

8 - Ele nos ensinou que a morte deve acabar, e que o destino da humanidade é a ressurreição dentre os mortos. A imortalidade deve tomar o lugar da mortalidade. Por nossa causa, portanto, Ele se levantou dentre os mortos e provou que os laços da morte não podem impedir nenhum ser humano de atuar como um Filho de Deus.

Muitos filhos de Deus passaram pelos Templos dos Mistérios; muitos aprenderam a agir divinamente e, no processo de expressar a divindade, viveram e serviram e morreram. Mas nenhum deles veio no particular período de desenvolvimento que tornou possível o reconhecimento universal que Cristo evocou, nem o intelecto das massas estivera suficientemente desenvolvido para tirar proveito dos ensinamentos deles, em larga escala, até então. Quanto a isso, Cristo e Sua missão foram inigualavelmente importantes. Ele nos ensinou a trabalhar em direção à unidade e a acabar com o isolacionismo e o ódio e a separatividade, dizendo-nos para amar nosso próximo como a nós mesmos. Ele deu u'a mensagem universal em suas implicações, pois o reino de Deus permanece amplamente aberto a todos os que amam e servem e que purificam a natureza inferior, independentemente de credo ou dogma. Ele ensinou a unidade da fé a Paternidade de

Deus e a necessidade, não somente de caminhar com Deus mas de caminhar com amor e compreensão mútuos. Ele deu ênfase à necessidade de cooperação, indicando que se realmente seguirmos o Caminho, poremos fim à competição e a substituiremos pela cooperação. Ele nos instou a viver por princípios, divinos, básicos e fundamentais e a não dar ênfase às personalidades.

Amor, fraternidade, cooperação, serviço, autossacrifício, inclusividade, libertação de doutrina, reconhecimento do divino - estas são as características do cidadão do reino - e estes ainda continuam nossos ideais. Por conseguinte, o problema importante com que a humanidade se depara, hoje, é, precisamente, que precisa ser feito para se alcançar os três principais objetivos que Cristo sustentou diante de nós. Eles continuam como objetivos para toda a humanidade e são assim geralmente reconhecidos, mesmo quando sua interpretação cristã seja ignorada, ou quando o Cristo permaneça irreconhecido. Como iremos aperfeiçoar o ser humano, de modo que sua maneira de viver e sua atitude para com as pessoas e o meio ambiente sejam corretas e construtivas? Como materializaremos na terra aquele estado de consciência, acompanhada por aquela condição de vida, cujo resultado mereceria ser reconhecido como o reino de Deus? Como chegaremos a uma compreensão do problema da morte, com a superação do processo da morte e a conquista da ressurreição? Cristo proporcionou uma resposta clara e um programa para a solução do problema da perfeição humana, o problema de um novo mundo e o problema da imortalidade.

Que a humanidade está no seu caminho para grandes e vitais acontecimentos, é geralmente aceito. No passado, progredimos através de várias civilizações, até o importante presente, e estamos no caminho de realizações ainda maiores. Surge, todavia, a pergunta, se podemos acelerar o processo; se, por uma compreensão correta do Cristo e do Seu ensinamento, poderíamos de tal maneira apressar a matéria que o reino e suas leis pudessem governar mais cedo do que de outro modo sena o caso. Nenhum sacrifício de nossa parte deveria ser demasiado grande, se o Cristo estivesse certo na posição que assumiu e no ensinamento que deu, quanto a natureza do homem. A decisão permanece conosco. A escolha é nossa. Portanto, em última análise, qual é a decisão que temos, de tomar? Que pergunta temos de responder? Cristo disse que o homem é divino. Estaria certo. Se o homem é divino e filho do Pai, então prossigamos na expressão daquela divindade e reclamemos nosso direito congênito. Estivemos ocupados com excessivos pensamentos e discussões sobre Deus, no passado. Deus transcendente foi tanto aceito como negado. Deus Imanente esta na imanência do reconhecimento e, nesse reconhecimento, pode certamente estar a saída para o homem. Somos divinos? Esta é a questão fundamental.

Se o homem é divino, se o testemunho de todos os tempos é verdadeiro e se Cristo veio para nos mostrar a expressão da divindade e fundar o novo reino então a ruptura, hoje, das velhas formas e a generalizada destruição da; estruturas familiares da sociedade e da religião, podem simplesmente ser parte do processo que institui os novos processos da vida e o trabalho planejado de um espírito Vital envolvente. Uma reação ao aparecimento do reino pode correr por conta da inquietação das massas, e a resposta sensível generalizada aos novos ideais pode ser devida ao impacto da força do reino nas mentes das pessoas mais avançadas do mundo. O místico e o cristão podem falar em termos do reino

de Deus; filantropos e filósofos podem falar em termos de comunidade mundial, da nova civilização, da federação mundial de nações, da humanidade como um corpo organizado, da vida comunitária e do internacionalismo e da interdependência econômica e da unidade mundial; mas estas são meras palavras e nomes que diferentes tipos de mentes aplicam ao grande e único fato emergente, de um novo reino na natureza, erigindo-se do reino humano, com seus próprios princípios de Vida, suas leis de bem-estar grupal e sua fraternidade no homem.

No desenvolvimento da consciência humana estamos saindo do necessário estágio do individualismo; temporariamente perdemos de vista as verdades mais profundas, os valores místicos, e a vida Una por trás de todas as formas. Estivemos por demais ocupados com interesses materiais e egoístas. Mas esse foi um estágio necessário, mesmo que demasiadamente prolongado. É tempo de pormos fim ao individualismo egoísta, impedindo que ele continue a ser um fator controlador em nossas Vidas, tempo de começarmos a fundir e unificar os elementos mais profundos do mundo da realidade, com a vida exterior. As melhores mentes da época estão agora apreciando isso e em cada mão está sendo transmitido o chamado para um aprofundamento da vida, um reconhecimento dos processos mundiais e sua integração consciente e inteligente numa ordem mundial que possa ser reconhecida. A atual desintegração mundial está certa e é boa, desde que consigamos compreender por que está ocorrendo e por quê deve ser seguida. A destruição que tem lugar com vistas a uma construção final está certa e é apropriada, mas os planos para a construção vindoura devem ser compreendidos em algum lugar, e alguma ideia deve existir quanto à subsequente reconstrução.

Hoje, o que necessitamos é ver a trilha oculta do propósito que nos tirará do aparente impasse; isolar, dentre as muitas teorias, aquela teoria básica que não somente tem suas raízes no passado, mas que seja passível de aplicação numa maneira nova, em novos termos, por aqueles que estão embebidos com a nova visão. Necessitamos daquilo que o Dr. Schweitzer chama de "...o reconhecimento de que a civilização se fundamenta em algum tipo de teoria do universo, e somente pode ser restaurada através de um despertar espiritual e uma vontade para o bem ético na massa da humanidade."¹ Este despertar já chegou e a vontade para o bem está presente. O ensinamento do Cristo não está obsoleto nem ultrapassado. Necessita apenas ser salvo das interpretações das teologias do passado e tomado em seu simples valor factual, que é uma expressão da divindade do homem, de sua participação no reino que está em processo de ser reconhecido e de sua imortalidade como um cidadão daquele reino. Na verdade, estamos atravessando "uma iniciação religiosa aos mistérios do Ser",² e dela iremos emergir com um senso aprofundado de Deus imanente em nós mesmos e em toda a humanidade. A necessidade desta revalorização está sendo impressa sobre nós, constantemente. Poderia valer à pena, portanto, admitirmos essa possibilidade e considerarmos praticamente nossa relação individual com o trabalho que Cristo expressou e inaugurou, e lidarmos com o problema de nosso aperfeiçoamento individual, para podermos ajudar a fundar o reino e desenvolver aqueles valores que garantirão a imortalidade.

1 - *The Decay and Restoration of Civilisation*, por Albert Schweitzer, págs. 78-79.

2 - *The End of Our Time*, por Nicholas Berdyaev, pág. 105.

Alguém assinalou que nossos problemas atuais são, em grande parte, devidos à falta

de percepção intuitiva por parte daqueles que podem recrutar as massas e conduzir as pessoas adiante. Eles procuram guiar por processos mentais e coações e não por aquela apresentação intuitiva da realidade que as crianças e os sábios conseguem simultaneamente reconhecer. É a visão que se faz necessária, pois "onde não há visão, as pessoas perecem".³ Não nos tem faltado idealismo, nem temos sido demasiado pouco inteligentes. A maior parte das pessoas, ao enfrentar problemas, age com sinceridade, mesmo que sua linha de ação possa estar errada. Mas nosso erro capital foi o fracasso em proceder àqueles ajustamentos de personalidade e sacrifícios que tornassem a realização possível.

3 – Prov.,XXXIX, 18.

As pessoas pedem orientação; exigem liderança correta; esperam ser conduzidas no caminho que deveriam seguir; e, contudo, o tempo todo a orientação, a liderança e a direção lhes foram dadas. Cristo iluminou o caminho e ainda está à espera que O sigamos, não um a um, mas - sob discípulos inspirados - *como uma raça*. Como os filhos de Israel, sob Moisés, devemos partir e buscar a "Terra Santa". Como, então, poderão os que têm visão (e esses são muitos) se prepararem para ajudar na orientação correta da humanidade? Como poderão tornar-se os líderes tão dolorosamente necessários? Aprendendo a se deixarem conduzir pelo Cristo e seguindo a orientação do Cristo interno místico que, inevitavelmente, os conduzirá diretamente a Cristo, o Iniciador. Como aspirantes aos mistérios precisamos aprender, através da obediência, o caminho para a luz disponível, pelo amor, e nos tornando sensíveis à inspiração do Alto. Não há outro caminho. Não temos desculpas genuínas para fracassar, pois outros prosseguiram, e Cristo tornou tudo tão claro e simples.

A obediência ao mais elevado que conhecermos, tanto nas pequeninas coisas como nas grandes, é uma regra muito simples de seguir, por muitos, mas é o segredo do Caminho. Exigimos tanto, e quando uma simples regra nos é dada e nos é dito para simplesmente obedecer à voz da consciência e seguir o brilho de luz que pudermos distinguir, não o consideramos suficientemente interessante para impor pronta obediência. Mas esta foi a primeira regra que Cristo seguiu e, mesmo quando criança, Ele disse que viera ocupar-Se com os negócios de Seu Pai. Ele obedeceu ao chamado. Fez como Deus lhe disse; seguiu, passo a passo, a voz interna - e ela O levou de Belém ao Calvário. Mas ela O levou finalmente ao Monte da Ascensão. Ele nos mostrou o que resulta da obediência e "aprendeu a obediência pelas coisas que Ele sofreu." Pagou o preço e nos revelou o que Deus no homem poderia ser e fazer.

A conquista da perfeição humana não é a simples questão de construir um bom caráter e ser bonzinho e simpático. Há algo mais envolvido nisso. É uma questão de compreensão e de uma nova e regulada atitude interior, orientada para Deus porque ela é orientada para o serviço do homem, em que Deus se está expressando. "Se não amamos nosso irmão, a quem vimos, como podemos amar a Deus, a quem não vimos?"⁴ Esta é a pergunta que faz S. João, o Apóstolo amado, e que nós, até agora, ainda não tentamos responder, como humanidade. A necessidade vital é voltar à simples instrução fundamental que Cristo nos deu e aprendermos a amar nosso irmão. O amor não é um estado de consciência sentimental, emocional. Ele leva em conta o ponto na evolução e o desenvolvimento do caráter, daqueles que devem ser amados; mas, apesar de tudo, é um amor que vê

verdadeiramente e que, porque vê tão verdadeiramente, pode agir sabiamente. É um amor que compreende que o mundo precisa amar e que um espírito de amor (que é um espírito de inclusividade, de tolerância, de sábio julgamento e de visão ampla) pode reunir todos os homens naquela unidade exterior baseada num reconhecido relacionamento interior.

4 - I-S. João, I, 20.

Estamos todos tão prontos a receber amor. Estamos todos tão interessados em ser amados, porque compreendemos, inconsciente, se não conscientemente, que o amor significa serviço, e nós gostamos de ser servidos.

Chegou o tempo em que aquela atitude para com a vida egoísta deve mudar e precisamos aprender a dar amor e não pedir amor, a sair em serviço de todos com quem pudermos entrar em contato cotidiano, sem esperar nem exigir coisa alguma para o ego separado. Quando este espírito (que é predominantemente o espírito de Cristo e daqueles que O conhecem melhor) se tornar mais geral, então veremos uma consumação mais rápida das mudanças desejadas. Teologicamente dissemos que "Deus é amor", e depois O interpretamos em termos de nossos próprios ódios, nossos próprios limitados ideais, nossas estreitas teologias e nossas atitudes separatistas. Reconhecemos Cristo como o grande Servidor da humanidade e O apontamos como o exemplo do que é possível. Mas não estabelecemos um acordo em torno de nenhum serviço geral e aquela qualidade ainda não se tornou o poder motivador na vida do mundo. Ele está motivando a vida mais definidamente do que jamais antes, mas os esforços que estão sendo agora feitos - vinte séculos depois que Cristo nos deixou a ordem de seguirmos Seus passos - somente servem para mostrar como temos sido lentos, quanto está por ser feito, e quão desesperadamente os homens necessitam ser servidos por aqueles que têm a visão e o amor de Deus em seus corações. É óbvio quão pouco amor é usado no mundo, atualmente. O essencial a lembrar é que o motivo pelo qual reconhecemos Deus como um Deus de amor é que nós próprios somos, básica e potencialmente, semelhantes a Deus, em qualidade. Isto, em si mesmo, constitui um problema, pois a menos que o divino em nós esteja de algum modo despertado, torna-se difícil interpretarmos corretamente o amor, e é impossível para as massas dos homens, que estão ainda no caminho de se tornarem humanos e, em muitos casos, mal chegam a sê-lo, compreender o verdadeiro significado do amor.

A compreensão do amor e a expressão do amor são assuntos estritamente pessoais. O amor pode permanecer indefinidamente uma teoria ou uma experiência emocional. Pode tornar-se um fator motivador na vida e algo com que contribuímos para o todo. Se cada um procurasse pensar por si mesmo sobre o significado do amor em sua vida e se todos decidissem dar amor e compreensão (não reações emocionais, mas amor firme, constante e compreensivo), então os nós deste nosso complicado mundo se desfariam e seria mais fácil viver nele. O presente caos e tumulto rapidamente desapareceriam. O amor é essencialmente a compreensão da fraternidade. E o reconhecimento de que nós somos, todos, os filhos do Pai Uno; é piedade e compaixão e compreensão e paciência. E a verdadeira expressão da vida de Deus.

Se o primeiro requisito para o homem que procura preparar-se para os Mistérios de Jesus é a obediência ao mais alto que ele possa sentir e conhecer e o segundo é a prática do amor, o terceiro é o desenvolvimento daquela sensibilidade e atenção interior, por intermédio da qual ele pode chegar à significação e à condição da inspiração. Este não é de

nenhum modo o desenvolvimento da faculdade psíquica como habitualmente entendida; ela está presente, entre os filhos de Deus, de muitas formas, desde a da atenção à voz interna da consciência e do dever (duas das formas mais baixas de inspiração) até aquela elevada conquista espiritual que encontra expressão nas inspiradas escrituras mundiais.

A não ser que haja esta inspiração, não é possível a um homem entrar no templo e estabelecer contato com Aquele que o está introduzindo aos mais sutis processos da iniciação. O primeiro Iniciador é a própria alma, o divino ser no homem, o homem espiritual, que permanece por detrás da cena do homem externo e que luta para controlar e trabalhar através da personalidade exterior. É aquela alma, ou ser, que abre ao homem a porta da inspiração e lhe revela a natureza de sua consciência divina, sintonizando seu ouvido para captar o som daquela "Voz que fala no silêncio" - quando um homem silenciou todas as vozes externas.

A conquista da faculdade da inspiração é essencial para qualquer progresso no caminho da iniciação e pressupõe um desenvolvimento da inteligência que capacitará um homem para fazer as necessárias diferenciações. A verdadeira inspiração não é, jamais, a ebulição do ser ou da mente subconsciente; nem é a libertação, no homem, da torrente de ideias e pensamentos que lhe pertencem - raciais, nacionais ou familiares; não é a sintonização no mundo do pensamento que pode tão facilmente ser feita por aqueles em quem alguma qualidade de ligação telepática esteja desenvolvida. Nem é ouvir as muitas vozes que se podem fazer ouvir quando um homem consegue tornar-se tão extremamente negativo e tão esvaziado de todo pensamento inteligente que os sons, as ideias e as sugestões do mundo dos fenômenos psíquicos muito facilmente se intrometem. Isto acontece, usualmente, quando o padrão de inteligência é de uma ordem relativamente baixa. A inspiração é algo inteiramente diferente. É uma penetração no mundo do pensamento e das ideias que o Cristo ouvia, quando Ele ouvia uma Voz e o Pai Lhe falava. É a resposta intuitiva de u'a mente inteligente, às impressões vindas da alma e do mundo das almas. A fala do reino então se torna familiar para nós. Estamos em contato com aquelas almas libertadas que atuam naquele reino, e as ondas de pensamento e as ideias que procuram imprimir nas mentes dos homens encontram seu caminho na circulação através das mentes sintonizadas dos discípulos do mundo. Isto é inspiração, e esta é a faculdade para a qual os aspirantes em toda parte deveriam começar a treinar e que deve ser alcançada no mundo da vida cotidiana. É um poder gerado através dos processos da correta meditação; é uma expressão da alma, operando através da mente, e assim ativando o cérebro com impulsos puramente espirituais. A inspiração é responsável por todas as novas ideias e pelos ideais em desenvolvimento em nosso mundo moderno. A era da inspiração não passou nem acabou; está presente aqui e agora. Deus ainda fala aos homens, pois este nosso mundo ainda provê adequadas facilidades para o desenvolvimento daquelas qualidades características do Cristo no coração humano, a alma, o filho de Deus encarnado, habitando neste vale de lágrimas, ou como foi chamado, neste "vale de construção de almas."

Mas, para alcançar este contato definido e consciente com a alma, o aspirante tem de aprender a obedecer, através das coisas que ele sofre, e tem também de praticar a tarefa de amar. Não é fácil. Isso exige disciplina, esforço e aspiração incessantes, aquela conquista do ser que significa uma crucificação diária e aquela estreita atenção que nunca tira os

olhos do objetivo, mas que é sempre consciente do propósito, do progresso e de orientação. O maravilhoso do processo é que ele pode ser continuado, aqui e agora, na situação em que nos encontramos, sem exigir o menor desvio do lugar do dever e responsabilidade.

Tal é a meta para o homem que procurar ficar com o Cristo na fundação do reino, assim cumprindo a vontade de Deus. Não há outro objetivo digno da atenção do homem, nem capaz de absorver tanto, todo poder que ele tenha, todo dom e talento que possua e todo momento de sua existência. Hoje o apelo está sendo feito aos Servidores da humanidade, e aos homens e mulheres que irão trabalhar na tarefa de aperfeiçoar o ser para que possam estar melhor equipados para servir aos seus semelhantes e a Deus no homem.

Dizem-nos que quando entramos no mundo dos ideais, "as entre as religiões se tornam desprezíveis e as concordâncias surpreendentes. Há somente um ideal para o homem, tornar-se profundamente humano. "Sede perfeitos." O homem total, o homem completo, é o homem ideal, o homem divino." No caminho da purificação descobrimos como é fraco e falho o homem pessoal inferior; no caminho do discipulado trabalhamos pelo desenvolvimento das qualidades que são características do homem que está pronto para trilhar o Caminho e nascer em Belém, Então conheceremos a verdade sobre nós mesmos e Deus, saberemos, através da conquista, se o que nos dizem é fato ou não. Dizem-nos que "...não se pode corretamente compreender a verdade histórica de documentos tais como os Evangelhos, a menos que se tenha primeiro experimentado em si próprio o significado místico que eles contêm..." Angelus Silesius, do século dezessete, já tinha expresso a atitude crítica inteira relativamente a esta espécie de investigação:

"Embora Cristo tivesse cedo nascido em Belém e nunca
Tivesse nascido em você, então você estaria perdido para sempre;
E se dentro de você mesmo não se tiver novamente apoiado
A Cruz do Gólgota não pode salvá-lo da dor.'"⁵

5 - Citado em *The Way of Initiation*, por Rudolf Steiner, pág. 46,

O autoconhecimento leva-nos ao conhecimento de Deus. É o primeiro passo. A purificação do eu conduz até o portal da iniciação, e então é possível trilhar o Caminho que Cristo palmilhou de Belém ao Calvário.

Nós somos seres humanos, mas também somos divinos. Somos cidadãos do reino embora ainda não tenhamos exigido e entrado em nossa herança divina. A inspiração se derrama todo o tempo; o amor esta atente em cada coração humano. Somente se exige a obediência no primeiro passo e, quando ela é prestada, o serviço, que é expressão do amor, e a inspiração, que é a influência do reino, se tornam parte definitiva de nossa expressão da vida. Foi isto que o Cristo veio revelar; é a Palavra que Ele pronunciou. Ele nos demonstrou nossas possibilidades humanas e divinas e, pela aceitação do fato de nossa natureza dual mas divina, podemos começar a ajudar na fundação e na expressão do reino,

A compreensão deve chegar até nós, de que "a expressão mais alta, mais pura e absolutamente adequada, do mistério do homem, é Cristo, o homem-Deus. Ele sozinho, real e finalmente, coloca a natureza humana na luz correta. Seu aparecimento na história qualifica o homem para se considerar mais do que mera criatura. Se há realmente um Deus-homem há também um Homem-deus, isto é, 'homem' que recebeu a divindade em si

mesmo... o Homem-deus é coletivo e universal, isto é, a humanidade como um todo, ou uma igreja mundial. Pois é somente na comunhão com todos os seus semelhantes que o homem pode receber Deus."⁶

6 - *Wrestlers with Christ*, por Karl Pflieger, pág. 235.

A atitude individual ante o exemplo de Cristo é, portanto, obediência ao comando para que busquemos a perfeição. Mas o motivo deve ser aquele que incitou Cristo a toda a Sua divina atividade - a fundação do novo reino e a conquista daquele estado de consciência numa escala universal e humana, que fará do ser humano um cidadão do reino, conscientemente atuando nele, voluntariamente sujeito a suas leis, e aspirando firmemente à sua extensão na Terra. Ele é o mensageiro do reino; e a elevação da consciência de seus semelhantes, de modo que eles possam transcender a si próprios, se torna sua tarefa autodeterminada. A participação com eles, dos benefícios do reino, e o fortalecimento deles à medida que trilham o difícil caminho até o portão de admissão àquele reino se tornam o único imediato e caro dever. A alma que fez contato com expressão inferior, a da personalidade, lança aquele eu no caminho do Serviço. O homem não pode, então, descansar antes que tenha conduzido outros para o Caminho e em direção à liberdade dos filhos de Deus que caracteriza o novo reino vindouro.

A nova religião está a caminho, e é aquela para a qual todas as prévias religiões nos prepararam. Ela difere apenas nisso que não será mais caracterizada por dogmas e doutrinas, mas será essencialmente uma atitude de mente, uma orientação para a vida, para o homem e para Deus. Será também um serviço vivo. O egoísmo e os interesses egocêntricos serão finalmente excluídos, pois o reino de Deus é a vida do todo englobado, sentido e desejado por todos os seus cidadãos, e trabalhado e expresso para todos os que trilham o Caminho. A iniciação não passa do processo de desenvolvimento, dentro de nós, dos poderes e faculdades deste novo e mais elevado reino, cujos poderes libertam-nos para um mundo mais amplo e tendem a fazer com que o cidadão se torne sensível ao orgânico todo em lugar da parte. O individualismo e a separatividade desaparecerão à medida que aquele reino venha à existência. A consciência coletiva é sua principal expressão e qualidade. É o próximo passo, definitiva e claramente indicado, no Caminho evolutivo, e não há escapatória para esta colocação. Não podemos impedir a nós mesmos de finalmente nos tornarmos consciente do todo maior ou ativamente participando de sua vida unificada. Todavia, é possível acelerar a chegada do reino, e a necessidade do mundo atualmente e a progressiva inclinação dos homens para o mundo das ideias, pareceria indicar que o tempo é chegado, de fazer aquele esforço adicional que precipitará o aparecimento do reino e trará à manifestação aquilo que está aguardando imediata revelação. Este é o desafio com que hoje se depara a Igreja Cristã. A necessidade é de visão, sabedoria e daquela ampla tolerância que verá a divindade em cada mão e reconhecerá o Cristo em cada ser humano.

A proporção que conseguimos alcançar a significação do reino de Deus, começamos a compreender que significa a Igreja de Cristo, e o significado daquela "nuvem de testemunhas."⁷ pela qual estamos tão constantemente cercados. O reino de Deus não é alguma particular igreja com suas próprias doutrinas peculiares, suas particulares formulações da verdade, seu método especializado de governo sobre a Terra e de aproximação a Deus.

7 - Heb., XII, 1.

A verdadeira Igreja é o reino de Deus na Terra, divorciado de todo governo clerical e composto de todos, sem distinção de raça ou credo, que vivam pela luz interna, que tenham descoberto o fato do Cristo místico em seus corações e se estejam preparando para trilhar o Caminho da Iniciação. O reino não é composto de pessoas com mentalidade teológica ortodoxa. Sua cidadania é mais ampla do que isso e inclui todo ser humano que esteja pensando em termos mais amplos do que o individual, o ortodoxo, o nacional e o racial. Os membros do reino vindouro, pensarão em termos da humanidade como um todo; e enquanto forem separatistas ou nacionalistas, religiosamente fanáticos ou comercialmente egoístas, não terão lugar naquele reino. A palavra *espiritual* terá uma conotação muito mais ampla do que a que lhe foi atribuída no velho tempo que agora, felizmente, está acabando. Todas as formas de vida serão consideradas do ângulo dos fenômenos espirituais e não mais teremos de considerar uma atividade como espiritual, enquanto que outra não será. A questão da utilidade do motivo, do propósito e da utilidade grupais, é que determinará a natureza espiritual de uma atividade. O trabalho para o todo; estar ocupado com a ajuda ao grupo; identificar a Vida Una pulsando através de todas as formas e trabalhar na consciência de que todos os homens são irmãos - essas são as qualidades iniciais que um cidadão do reino deverá demonstrar. A família humana é individualmente autoconsciente e este estágio da consciência separatista foi necessária e útil; mas chegou o tempo em que estamos conscientes de contatos maiores, de implicações mais amplas e de uma inclusividade mais geral.

Como se materializará na Terra esta condição do reino de Deus? Pelo gradual e firme aumento do número daqueles que são cidadãos daquele reino vivendo suas vidas na Terra e demonstrando as qualidades e a consciência que caracterizam tais cidadãos; por homens e mulheres, em toda parte, cultivando a consciência alargada e se tornando mais e mais inclusivos. "Qualquer reflexo", diz Dr. Hocking, "Que possa infalivelmente romper as paredes do Ego, descortina imediatamente um infinito campo mundial. Estabeleça um segundo para o meu Uno, e terei dado todos os números."⁸ E ele nos dá a chave do processo que precisa ser cultivado neste trabalho de unidade essencial, dizendo que "...o verdadeiro místico é aquele que se prende à realidade de ambos os mundos e deixa ao tempo e esforço a compreensão de sua união?"⁹ O reino de Deus não está divorciado da vida prática diária no nível dos assuntos do cotidiano. O cidadão do reino é consciente do mundo e consciente de Deus. Suas linhas de contato são claramente delineadas em ambas as direções: ele está interessado, não em si mesmo, mas em Deus e em seus semelhantes, e seu dever para com Deus é cumprido através do amor que sente e demonstra por aqueles que o cercam. Ele não conhece barreiras e não reconhece divisões; ele está vivo - como uma alma - em todo aspecto de sua natureza, através de sua mente e de suas emoções, e no plano físico da vida. Ele trabalha através do amor e no amor, e devido ao amor a Deus.

8 - *The Meaning of God in Human Experience*, por W. E. Hocking, pág. 315.

9 - *Ibid.*, pág. 399.

Um estudo íntimo da história do Evangelho e uma corajosa atenção às palavras do Cristo tornarão claro que as três principais características de Seu trabalho e as três linhas principais de Sua atividade devem ser nossas, também. Essas três são, como vimos, primeiro, a conquista da perfeição e sua demonstração através dos cinco grandes acontecimentos a que chamamos das crises na vida do Cristo, as cinco principais iniciações

do Oriente e das escolas esotéricas; em segundo lugar, a fundação do reino uma responsabilidade que se apoia em cada um de nós, porque, embora Cristo certamente houvesse aberto a porta para o reino, o restante do trabalho permanece sobre nossos ombros; em terceiro lugar, a conquista da imortalidade, baseada no desenvolvimento daquilo dentro de nós que é da natureza do real, que tem valor verdadeiro e que merece por à prova a imortalidade. Este último pensamento exige nossa atenção. Detendo-nos em sua implicação, é tristemente verdadeiro que "...o homem, como ele existe hoje, não é capaz de sobreviver. Ele deve mudar ou perecer. O homem, como ele é, não é a última palavra da criação. Se ele não puder, se ele não se adaptar e às suas instituições, ao novo mundo, cederá seu lugar a espécies mais sensíveis e menos grosseiras em sua natureza. Se o homem não puder cumprir a tarefa dele exigida, uma outra criatura que o possa erguer-se-a." ¹⁰

10 - *The Supreme Spiritual Ideal*, por S. Radhakrishnan, no *The Hibbert Journal*, Outubro, 1936, pág. 33.

Sempre foi assim no plano evolutivo. A vida de Deus construiu por si mesma, veículo após veículo, para manifestar-se, e reino sucedeu a reino. A mesma grande expansão está iminente hoje. O homem, o ser autoconsciente, *pode* diferir radicalmente das formas de vida nos demais reinos porque ele pode avançar na onda da vida de Deus em *plena consciência*. Ele pode participar da "alegria do Senhor" à medida que os alcances mais amplos de consciência se tornam seus; ele pode conhecer a natureza daquela bem-aventurança que é a principal condição da natureza divina. Não há necessidade do fracasso humano, nem de uma ruptura definitiva na continuidade da revelação. Há aquilo, no homem, que pode capacitá-lo a lançar uma ponte sobre a distância entre o reino em que se encontra e o novo reino no horizonte. Os seres humanos que são cidadãos de ambos os reinos - o humano e o espiritual - estão conosco hoje, como sempre. Eles se movem livremente em qualquer dos reinos, e Cristo Mesmo nos deu a perfeita demonstração daquela cidadania e nos disse que poderíamos fazer "coisas ainda maiores" do que Ele havia feito. Tal é o glorioso futuro em direção ao qual o homem está hoje orientado e para o qual todos os acontecimentos mundiais o estão preparando.

A preparação para este reino é a tarefa do discipulado e constitui a árdua disciplina do caminho quádruplo da iniciação. O trabalho do discípulo é a fundação do reino, e a característica primária de seus cidadãos é a imortalidade. Eles são membros de uma Raça Imortal e o inimigo final que irão vencer é a morte; eles agem conscientemente no corpo ou fora dele e não se importam onde estejam; têm vida permanente porque há neles aquilo que não pode morrer, sendo da natureza de Deus. Ser imortal porque os próprios pecados estejam perdoados parece uma razão inadequada para uma mente inteligente; ter vida permanente porque Cristo morreu há dois mil anos não satisfaz ao homem que está consciente de sua própria responsabilidade e de sua própria identidade; viver para sempre porque se é religioso, ou se aceitou certas formas de crença, é uma razão repudiada pelo homem que está consciente de seu próprio poder interno e de sua natureza; basear a própria fé na sobrevivência pela tradição ou mesmo em um senso inato de persistência, não parece suficiente. Sabemos muito sobre o poder e a tenacidade da autopreservação e do impulso criativo de autoperpetuação. Talvez essas duas sejam simplesmente levadas adiante num senso idealístico, quando o homem encara o finito.

Entretanto, há inato na humanidade o senso de pertencer a um outro lugar; há um

descontentamento divino que deve certamente estar baseado em alguma herança natural que é a garantia de nossa origem. Esta progressão em direção a uma vida mais ampla e mais cheia é tanto uma característica humana quanto a tendência normal do indivíduo de promover a vida familiar e os contatos sociais. Ela é, por conseguinte, tão acessível de ser alcançada quanto aquela tendência, e o testemunho dos tempos contribui para isto. A salvação pessoal é, afinal de contas, de pouca importância, a não ser que tenha lugar numa salvação mais geral e universal. Está na Bíblia a promessa de que "aquele que cumpre a vontade de Deus viverá para sempre",¹¹ e nestas palavras temos a chave. Tem havido uma tendência para pensar que, quando Deus criou o homem, Sua vontade de expressão tinha ficado perfeitamente satisfeita. Não há, em absoluto, base real para esta crença. Se Deus não for capaz de produzir algo muito mais perfeito do que a humanidade, e se a vida que jorra através do mundo natural não estiver trabalhando por algo maior, mais apurado e mais belo do que qualquer coisa jamais produzida, então Deus não é divino no sentido em que este termo é habitualmente aceito. Esperamos de Deus muito mais do que isso - grandeza além de qualquer coisa que jamais nos tenha sido demonstrada. Acreditamos que isto seja possível. Nós nos apoiamos na divindade, e temos certeza de que ela não nos faltará. Mas a revelação da perfeição última, seja ela qual for (e não deveríamos limitar Deus por nenhuma de nossas próprias ideias preconcebidas), pode exigir o desenvolvimento, no homem, de poderes e de um mecanismo que o capacitem para reconhecê-la, para participar de sua maravilha e de sua mais ampla esfera de contatos. Nós mesmo poderemos ter de nos modificarmos para expressar o divino tal como o Cristo o expressou, antes que Deus possa prosseguir na manifestação da beleza do reino oculto. Deus necessita da cooperação do homem. Ele apela para que os homens cumpram a Sua vontade. Nós temos encarado isso como um meio de atender ao nosso próprio bem, o que talvez tenha sido uma atitude errada. Podemos erguer-nos e prosseguir no Plano interno, equipando-nos para a perfeição, de modo que Deus possa "ver a obra de Sua alma, e ficar satisfeito."¹² Nós podemos constituir a experimentação crucial de Deus. O germe da vida divina está em nós, mas nós mesmos temos que fazer algo a respeito, e o tempo é chegado em que a humanidade, como um todo, deve aplicar-se à alimentação da vida divina dentro da forma racial.

11 - I. S. João, 11, 17.

12 - Isaías, 53, 11.

É nosso imediato dever, pois, nos interesses do reino cujos cidadãos são imortais, revelar o que em nós é divino, e cujas características possam ser conhecidas pelo senso de valor, pelo atributo da luz e pela natureza de seu amor e do que ama. A necessidade de hoje é a plena expressão do "Homem Oculto do Coração." A revelação do Ego dentro do eu é o que se impõe. É este eu, alimentado, nutrido, depois treinado e desenvolvido, que é o aspecto imortal no homem, e por este eu nós somos responsáveis. Não há como escapar disso, nem há como escapar ao fato de que nós somos parte de um todo, e que somente quando Cristo ganhar o reconhecimento de toda a humanidade e for expresso pela humanidade como um todo, alcançaremos aquilo para que fomos criados - o cumprimento da vontade de Deus, como Cristo a cumpriu. Precisamos transcender ao complexo de inferioridade que surge pela indagação diante de palavras como as da expressão acima: "Como Cristo a cumpriu." Um livro anteriormente citado afirma que esta ideia de um Cristo

peçoal deve ser eclipsada e substituída pelo Cristo como a vida e esperança em todos nós. Somente os inigualavelmente significativos compreendem o verdadeiro significado interno da imortalidade. Aqueles em quem o senso de valores está subordinado aos valores da alma, cuja consciência é a da eternidade, são eternos em seus processos vitais. Precisamos ter isto presente.

Estaremos interessados no todo vital? Será o bem-estar da raça, de real significação para nós? Estaremos dispostos a sacrificar tudo em benefício do todo? Estas são perguntas importantes para o aspirante individual e às quais ele deve responder se pretender compreender claramente o que está tentando fazer. Este processo de dar deferência ao todo foi resumido para nós pelo Dr. Schweitzer, que nos apresenta um quadro maravilhoso do reino de Deus. Ele diz que:

"A civilização, considerada bem simplesmente, consiste em nos dedicarmos, a nós mesmos, como seres humanos, ao esforço de atingirmos ao aperfeiçoamento da raça humana e à realização de todo tipo de progresso nas circunstâncias da humanidade e do mundo objetivo. Esta atitude mental, contudo, envolve uma dupla predisposição: em primeiro lugar, devemos estar preparados para agir afirmativamente para com o mundo e a vida; em segundo lugar, devemos tornar-nos éticos.

"Somente quando formos capazes de atribuir um significado real ao mundo e à vida seremos capazes também de nos dedicarmos a tal ação e produziremos resultados de real valor. Enquanto considerarmos nossa existência no mundo como sem significação, não há sentido nenhum em desejar realizar coisa alguma no mundo. Nós somente nos tornamos trabalhadores para aquele progresso universal, espiritual e material, ao qual chamamos de civilização, na proporção em que afirmamos que o mundo e a vida possuem alguma espécie de significado, ou, o que é o mesmo, somente na medida em que pensamos de maneira otimista.

"A civilização tem origem quando os homens se tornam inspirados por uma forte e clara determinação de alcançar o progresso e se consagram, como resultado desta determinação, ao serviço da vida e do mundo. É somente na ética que encontramos a força diretora para tal ação, transcendendo, como o faz, os limites de nossa própria existência.

"Nada de real valor no mundo é jamais realizado sem entusiasmo e autossacrifício."¹³

13 - *The Decay and Restoration of Civilization*, por Albert Schweitzer, pág. VIII, prefácio.

Nenhum homem incapaz de atingir à consciência dos valores reais estará pronto para a imortalidade que é a prerrogativa dos filhos de Deus. A construção daquela estrutura interior que é o corpo espiritual, é levada adiante pela purificação, pelo aperfeiçoamento, pela meditação e iniciação e, acima de tudo o mais, pelo serviço. Não há outro meio. Os verdadeiros valores pelos quais o iniciado dá sua vida são os do espírito, do reino de Deus, os que concernem ao todo e que não põem ênfase principal no indivíduo. Eles são expressos através da expansão, do serviço e da incorporação consciente ao todo. Eles devem ser incluídos na única palavra, Serviço. Eles se expressam através da inclusividade e da não-separatividade. É aqui que a Igreja, como habitualmente compreendida, encontra seu principal desafio. Será ela suficientemente espiritual para abandonar a teologia e se tornar verdadeiramente humana? Estará suficientemente interessada em alargar seu horizonte e reconhecer como verdadeiramente cristãos todos aqueles que demonstrarem o espírito do Cristo, sejam eles hindus, maometanos ou budistas, ou rotulados por qualquer

nome que não seja o de cristão ortodoxo?

Um outro pensamento básico emerge de tudo que acabamos de considerar. É se estaremos hoje saindo da era da autoridade para entrar na era da experiência ou não, e se esta transição não indica que a raça esteja rapidamente se preparando para a iniciação. Estamos nos revoltando contra doutrinas, tendo muito pouca utilidade para elas e a razão, é o Dr. Dewey quem nó-la dá, é que "...a adesão a qualquer corpo de doutrinas e dogmas baseados em uma autoridade específica significa desconfiança no poder da experiência para prover, em seu próprio movimento evolutivo, os necessários princípios da crença e da ação. A fé em seu sentido mais novo significa que a própria experiência é a única e última autoridade." ¹⁴

14 - Citado em *Realidade e Ilusão*, por Richard Rothschild pág. 320.

É óbvio que isto conota não a uniformidade mas um reconhecimento de nossa unidade essencial.

2

Assim, passo a passo seguimos o Cristo em Sua estupenda tarefa, e estudamos a tarefa em sua unicidade. Ele fez algo de tal significação para a humanidade que somente hoje estamos em condições de avaliá-lo. Estivemos tão ocupados com nossa própria salvação pessoal e, nossa própria esperança no paraíso, que as coisas verdadeiramente inigualáveis que Cristo fez escaparam, em grande parte, à nossa observação. É fora de dúvida que Ele seguiu os passos de muitos dos filhos de Deus que, a seu tempo e em sua geração, serviram, sofreram e trouxeram a salvação ao mundo; que Ele nos deu um exemplo de humanidade perfeita, tal como o mundo jamais vira anteriormente, é igualmente fora de dúvida. O maior dos anteriores filhos de Deus, o Buda, após muita luta alcançou a Iluminação e indicou o caminho para a elevação da humanidade até e através dos portais da iniciação. Mas Cristo foi perfeito, tendo (ousaremos dizer durante algum prévio ciclo de vidas?) aprendido a obedecer através das coisas que Ele sofrera. Também é igualmente verdadeiro que Ele sobrepujou a morte e abriu os portões da imortalidade para toda a humanidade. Mas desde a primeira aurora da história humana, os homens sempre sofreram uns pelos outros uma e outra vez, um aqui, outro acolá, alcançaram a perfeição e desapareceram da presença dos demais. A centelha divina no homem sempre o tornou imortal. Os homens sempre sentiram sua divindade e sempre estenderam suas mãos e seus corações para Deus. Os Filhos do Pai nunca esqueceram a casa do Pai, não importando a que distancia andaram errando. Deus, igualmente, sempre procurou por nós, e de século a século enviou Seus mensageiros como uma encarnação de Sua lembrança.

Mas Cristo veio como um Mensageiro especial. Ele veio fundar o reino de Deus na Terra e instituir uma nova e tangível expressão da Divindade no planeta. Sua missão não fracassou. O reino está agora organizado na Terra e é composto daqueles homens e mulheres, em toda parte, que perderam de vista sua própria salvação individual e esperança do paraíso, porque eles sabem que a não ser que o paraíso possa expressar-se aqui e agora, não passa de uma fútil esperança. Eles estão ocupados com os processos de autoaperfeiçoamento e autopurificação porque procuram servir a seus semelhantes mais eficiente e adequadamente, e assim "glorificar ao Pai que está nos céus." ¹⁵ Eles não estão

interessados no engrandecimento próprio nem em fazer exigências de qualquer espécie - além da extraordinária afirmação de que eles são filhos de Deus, como nós todos somos; eles não falam sobre a iniciação, nem se chamam de iniciados; eles se satisfazem em caminhar entre os homens como aqueles que servem e que são cidadãos do reino de Deus. Eles são os servidores mundiais e seu único interesse é seguir os passos d'Aquele Que andou fazendo o bem e proclamando as notícias do reino. Eles não afirmam que o seu é o único caminho para o reino, mas aos que não conhecem Cristo eles dizem: "Crianças, amai-vos uns aos outros." Eles não condenam os que nada sabem do sacrifício de Cristo na Cruz, mas dizem aos que buscam o caminho; "Leva tua cruz" e segue ao Cristo. A seus discípulos eles trazem constantemente a lembrança de que "se o grão de trigo não cair ao chão e morrer, ele ficará só", e se dedicam ao objetivo do novo nascimento. A grande maioria dos homens e mulheres pensantes, bem intencionados, do mundo, estão hoje indo de Nazaré, na Galiléia, para Belém. Alguns, talvez mais do que se possa avaliar, estão no caminho do Batismo no Jordão, enquanto que uns poucos estão valentemente escalando o Monte da Transfiguração. Um, aqui e ali, pode estar firmemente voltando seu rosto para se dirigir para Jerusalém, e ser crucificado; mas estes são raros. Na maior parte das vezes, estaremos aprendendo, na morte diária do eu, a nos ajustarmos para a iniciação final da Crucificação, e pela constante renúncia de tudo que impede a expressão da divindade, qualificando-nos para aquela tremenda experiência espiritual que sempre precedeu à Ressurreição e que é chamada a Grande Renúncia.

15 - Matheus, V, 16.

Visualizemos claramente em que ponto estamos no Caminho da Evolução. Já teremos postos os pés no Caminho Probacionário, aquele difícil caminho de purificação que é um primeiro passo necessário? Ou estaremos definitivamente no Caminho do Discipulado, sabendo o que estamos fazendo cultivando os valores mais finos e aquelas qualidades distintivas que são o distintivo da divindade em manifestação?

O único incentivo bastante forte (ou que sempre foi bastante forte) para capacitar um homem a trilhar o caminho quádruplo para o Centro do qual a Palavra é emitida é uma conscientização da profunda e angustiante necessidade de nosso mundo moderno da revelação, do exemplo puro e do serviço amoroso. Não há caminho pelo qual este nosso triste e gasto mundo possa ser salvo e as vidas humanas transfiguradas, exceto por uma manifestação do espírito de Deus. Em lugar de esperar que Deus aja e nos envie algum Salvador (Que provavelmente não seria reconhecido, como Cristo não foi) chegou o tempo, e a humanidade evoluiu o suficiente, para que a vida divina dentro dela surja e se eleve para Deus, invocando Sua resposta, Seu reconhecimento, o que temos visto repetido uma e outra vez. Ele deseja concordar. Nós somos Seus filhos e estamos começando a viver divinamente, pensando (como Ele pensa) em termos do todo e não em termos do indivíduo separatista e egoísta. Agora é um tempo de crise em que todos os seres humanos são necessários, e o apelo é feito para cada um fazer aquele esforço adicional para o altruísmo, e para aquele impulso mental na direção da clareza de pensamento que nos transformará, de aspirantes bem intencionados, em discípulos de clara visão, animados por um espírito de amor e boa vontade para com todos os homens, sem restrições de raça, credo ou cor.

Esta vontade religiosa está sendo expressa agora, não voltada para a teologia ou para a formulação de doutrinas e ocupada com sua consolidação, mas para o amor e o serviço,

para o esquecimento próprio, dando o máximo possível para ajudar o mundo. Esta vontade derruba todas as barreiras e eleva os filhos dos homens onde quer que se ache a vontade para ser assim ajudado. E é algo que se está organizando lentamente no mundo de hoje, sendo sua qualidade a da universalidade e sua técnica, a do serviço amoroso. Os homens, em toda parte, estão respondendo ao mesmo impulso espiritual interno que é ilustrado no belo conto atribuído ao Buda. Eis como o relatam:

"Na crença de que Ele tinha atingido o último estágio da perfeição, o Buda se preparava para abandonar a existência no espaço e no tempo finitos, abandonar toda tristeza e sofrimento pela pura existência da bem-aventurança universal e eterna.

"Naquele momento, um mosquito que zumbia foi apanhado por um morcego que passava.

"'Permanece', meditou em silêncio o Iluminado, 'o estado de perfeição em que estou entrando é apenas a perfeição de mim mesmo, uma perfeição inigualável, minha totalidade é uma totalidade inigualável; não sou ainda, então, um ser universal. Outros seres ainda sofrem a imperfeição, a existência e a morte resultante. A compaixão por esses ainda se desperta em mim, quando contemplo o sofrimento deles.

"O caminho da vida para a perfeição Eu iluminei, de fato e na verdade, para eles: mas poderão trilhar aquele caminho sem mim?

"A perfeição inigualável de mim mesmo Eu sonhei, a perfeição de meu próprio caráter e personalidade é apenas imperfeição enquanto um outro ser - um simples mosquito - ainda sofre a imperfeição de sua idêntica espécie.

"Nenhum ser pode alcançar sozinho a bem-aventurança: todos devem alcançá-la juntos, e aquela, a bem-aventurança inigualável própria de cada um. Pois não serei eu em todo outro ser e não será cada outro ser em mim?"

"Com calma e quieta voz em todo ser assim fala o Buda, por sua inspiração para o caráter interno, sua aspiração para a personalidade externa, perpetuamente transmutando este eu no não-eu, cada realidade dependendo da outra, um eterno caminho de vida para trilhar até a perfeição de cada, de todos." ¹⁶

16 – Eros and Psyche, por Benchara Bradford, pág. 355.

Cristo dá ênfase à mesma lição, e seus discípulos sempre procuraram, em seu tempo e lugar, ensinar a lei do serviço.

Algumas vezes parece que os dois extremos viveram na consciência do homem - o notório e ambicioso, e os grandes servidores do mundo. Até então a sequência tem sido: serviço a nós mesmos, a nossa família, aos que amamos, a algum líder, alguma causa, alguma escola de política ou religião. Chegou o tempo em que o serviço deve expandir-se e expressar-se em linhas mais amplas e mais inclusivas, e nós devemos aprender a servir como Cristo serviu, a amar todos os homens como Ele os amou e, pela potência de nossa vitalidade espiritual e qualidade do nosso serviço, estimular todos os que encontramos de modo que eles também possam servir e amar e se tornar membros do reino. Quando isto for visto claramente e quando nós estivermos prontos para fazer os necessários sacrifícios e renúncias, haverá uma manifestação mais rápida do reino de Deus na Terra. O chamado não é para os fanáticos ou para o devoto furioso que, tentando expressá-lo, bloqueou a divindade. O chamado é para os homens e mulheres sãos e normais, que possam compreender a situação, enfrentar o que deve ser feito e então dar suas vidas para

expressar ao mundo as qualidades dos cidadãos do reino das Almas: amor, sabedoria, silêncio, não-separatividade e libertação dos ódios e partidarismo, crenças sectárias. Quando tais homens possam ser reunidos em grandes números (e estão-se reunindo rapidamente) teremos o cumprimento da canção dos anjos em Belém, "Na terra paz, boa vontade entre os homens."